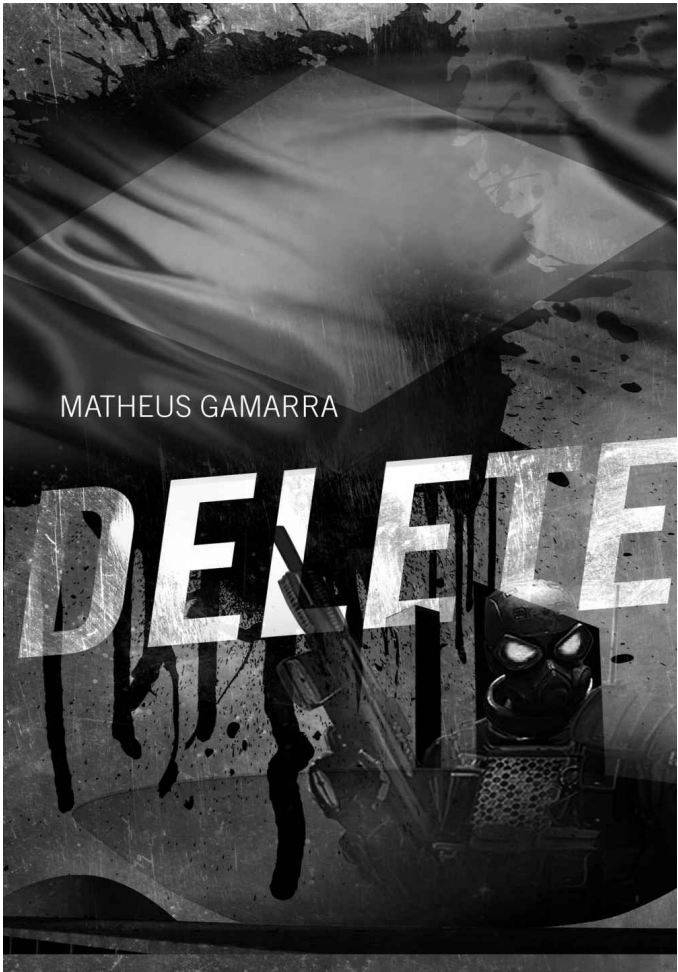


MATHEUS GAMARRA

DE LA FATE





MATHEUS GAMARRA

DELETE

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tavares, Matheus Gamarra Espinola
Delete [livro eletrônico] / Matheus Gamarra
Espinola Tavares. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro :
Ed. do Autor, 2017.
4,5 MB ; ePUB

ISBN 978-85-924010-0-9

1. Ficção brasileira I. Título.

17-11279

CDD-869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.3

DELETE

ISBN: 978-85-924010-0-9

© Copyright:

Matheus Gamarra (2017)

Design de Capa:

Raul Fernandes

Revisão de Texto:

Luciana Bastos Figueiredo

Confecção do ePub:



**Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste
livro pode ser utilizada ou
reproduzida sob quaisquer meios existentes sem
autorização por escrito dos editores.**

DELETE

///29/05/2053

Dan tomou mais um gole da sua xícara de chá e virou-se para sua janela. Do lado de fora, nuvens de fumaça poluída cobrindo o nascer do Sol e enormes prédios cobertos pela sombra de montanhas repletas de árvores enchiam sua visão. Ele estava no andar 34 do edifício Barra3. Voltou o olhar cansado para o escritório, cheio de panfletos e papéis eleitorais.

— “União, força e glória”... — pronunciou em voz baixa. Era o slogan de sua campanha. Olheiras de cansaço cobriam seus olhos. Estava ali havia doze horas, trabalhando incansavelmente e organizando documentos. Dessas doze horas, 5 desde o fim de seu expediente como chefe do marketing. Ele se endireitou à mesa, tentando se concentrar em escrever um último contrato, mas não pôde se conter e despencou, lacrimejando. Quando voltou a si, a gaveta de seu escritório estava aberta, e havia uma afiada faca em sua mão.

— Sarah, você faz ideia do quanto sinto sua falta?! — gritou para o nada.

Soluçou e fez uma breve tentativa de se esfaquear, deixando a lâmina a poucos centímetros de seu pulso. Acabou desistindo e guardando a faca. Respirou fundo e tomou outro gole de café. Abriu outra gaveta e pegou o retrato da filha de quatro anos, que sorria feliz ao ser fotografada abraçando a mãe. Ele tinha que esquecer aquele fatídico dia, por bem ou por mal. Era o aconselhado pelo psiquiatra. Então, tomou o porta-retratos, retirou a foto e jogou-a no chá. Olhou o escritório cheio de cartazes políticos, bandeiras brasileiras, as estantes sobrecarregadas de livros sobre administração, propaganda e liderança. Respirou fundo e bebeu mais um pouco. A foto amassada e molhada entrou em sua boca junto com o líquido, sendo engolida também. Colocou a xícara de volta na escrivaninha e lançou o

porta-retratos pela janela aberta, de onde uma leve neblina da poluição invadia o cômodo. Dan se levantou, de energias renovadas, e se dirigiu à estante para procurar seus remédios. Por um instante, avistou a filha com sua visão periférica.

— Você sabe o que fazer pai — ecoava a voz, apesar da menina não estar ali.

— Estou ficando louco.

///

Os primeiros raios de sol do dia 29 de maio de 2053 bateram nas vidraças e janelas do Barra3. A contagem de votos haviam terminado, e todos esperavam ansiosos para saber o resultado da eleição. Uma multidão de pessoas estava observando o televisor holográfico gigante da praça pública do andar 45, uma das maiores do edifício. O holograma começou a rodar imagens das estatísticas de votos, e a superioridade do “Velho” Luiz (do Partido Nacionalista de Direita) sobre os outros candidatos era clara. As expectativas de todos foram confirmadas. Luiz havia ganhado e iniciaria seu vigésimo primeiro mandato desde 2027. O vencedor apareceu na transmissão discursando ao vivo. Porém, sua voz não era mais com as pessoas lembravam. Estava um pouco rouca, mas não pela avançada velhice. Era como se ele estivesse doente ou algo do estilo.

— Senhoras e senhores, agradeço a colaboração na minha eleição. Juntos, fizemos vinte anos de história e de mudanças, e neste mandato não será diferente. Segundo as pesquisas eleitorais, fui o síndico favorito da Classe Média e Alta desde os anos 2030, e a partir de hoje continuaremos a jornada de privatizações de clínicas estatais e aprimoramento de serviços de transporte, planos que avançamos ano passado. Entre meus projetos,

apresento-lhes o Programa 331, que vai aumentar em 15% a taxa de juros de uso do elevador na cobrança de impostos da Classe Baixa. O dinheiro arrecadado será usado para aprimorar este importantíssimo meio de transporte e investir pesado na caça aos traficantes aguistas, que envenenam a população com águas ilegais e imorais. União da classe média e alta contra a corrupção, tráfico e comunismo, força e glória.

O povo na praça aplaudiu o velho de 77 anos, que tornava-se síndico pela vigésima primeira vez.

///

Samuel era o vice do “velho” Luiz, novamente a pessoa mais poderosa do Barra3. Dan, apesar de não ser o segundo em comando, era tão importante quanto, pois suas propagandas e acordos comerciais eram essenciais para o partido. O síndico ganhara poder inquestionável e irrestrito, podendo desobedecer ordens diretas até do Líder Supremo do Governo Federal, mas apenas dentro do seu edifício de controle. Eram 17 horas em ponto no andar 68, quando Luiz entrou em sua cadeira de rodas fumando um charuto. Era a reunião do partido em seu escritório principal. O velho estava careca, além de ter perdido o movimento de suas duas pernas na Batalha de Santos, em meados de 2037. Seu grupo sorriu quando ele ergueu uma carta.

— Meus caros amigos... — ele tossiu — ... congratulo vocês pelo excelente traba... — Seus assessores se entreolharam enquanto o homem tossia novamente. — Trabalho, perdão. Em especial ao meu preferido, Samuel, que aumentou nossos votos em cerca de 21%. — Dan fitou Samuel com raiva. Admirava muito Luiz, mas aquilo não podia estar certo. Foi ele quem fez praticamente todas as campanhas de marketing para o velho.

— Vem me abraçar, filho. Um dia você vai me suceder. — Samuel abraçou o Velho, e os políticos aplaudiram. O vice olhou para os mesmos,

que sorriram e parabenizaram. Luiz logo começou outro pequeno discurso que Dan ignorou, antes de anunciar:

— Vamos, temos um jantar com o Governador do Sudeste em três horas.

Todos observaram seus relógios de pulso caríssimos e seguiram de volta ao corredor com o Velho. Samuel, no entanto, foi beber um copo de água no bebedouro no canto da sala. Dan foi até ele.

— O Luiz está com o quê desta vez? A tosse dele está ruim demais.

Samuel suspirou:

— Câncer, segundo os seguranças e assessores dele. Só não sei se é terminal. — Dan olhou para o Velho, sendo empurrado em sua cadeira, já distante .

— Supondo que ele morresse... quem iria assumir? — Samuel mexeu os lábios, mas não disse nada ao ver que Dan o encarava com um olhar frio. Em seguida, o vice retomou sua firmeza:

— Eu. Eu vou assumir. Afinal... eu sou o vice. — Dan exibiu um sorriso, apesar de sentir uma raiva profunda por dentro. Um assessor gritou da porta do elevador que a sala seria trancada em poucos minutos, e os dois apressaram seus passos.

///27/12/2053

— Senhores, apresento-lhes o meu novo projeto, o maior da minha vida. — Luiz estava resoluto e ansioso para mostrar sua ideia. Na sala de reuniões luxuosa em um palácio no coração de São Paulo, André, o vice-ditador do Brasil, e Keller, governador do estado do Sudeste, duas figuras importantíssimas do país, observavam os delírios megalomaniacos do Velho.

— Qual? — perguntou André, encostando-se em sua poltrona e ajeitando seus óculos. Keller estava de pé, encostado na parede e de braços cruzados.

— O futuro maior edifício do Rio de Janeiro, com todas as maiores maravilhas tecnológicas da atualidade, o grandioso Prime. — Luiz ligou o holograma, que mostrava um edifício em 3D. Era gigantesco, cheio de detalhes, e transmitia um ar de superioridade.

— Terá praças, centenas de milhares de apartamentos, praias artificiais, cinemas avançados, parques de diversões, apartamentos gigantesco de luxo, trens internos... E tudo privado, construído nos restos da estrutura do antigo Barra3. Senhores, como podem ver, estão olhando para um grande futuro...

— Você vai privatizar um prédio inteiro?! Reformar inteiramente o lar de pelo menos um milhão de cariocas?! Sabe quanto isso vai custar?! Isso é sequer legal?! — perguntou o governador.

— Sim, ainda tenho cinco meses de mandato, e pretendo continuá-lo por meios privados...

— A resposta é não, Sr. Luiz. Empresa nenhuma toparia fazer isso, e mover tantas pessoas de uma só vez seria um problema para a opinião pública — argumentou André.

Luiz respirou fundo.

— Mas será privad...

— Não.

— Não te custará nada! — gritou o Velho, logo tossindo por ter se exaltado.

— Não, Luiz! Não! É uma ideia ridícula! Você não tem mais de 10 bilhões para fazer algo assim! E empresa nenhuma vai fazer essa merda! —

devolveu André.

— Um elevador panorâmico pra todos os setenta andares e uma entrada inteiramente de mármore e vidro blindado?! Caducou?! — perguntou Keller.

Luiz respirou fundo novamente. Eles estavam no Supremo Palácio, uma construção trilionária no coração da grande São Paulo, que era a principal sede do governo, pelo menos oficialmente. André olhava o Velho com desprezo, como se o homem estivesse louco.

— Sim, senhor. — Luiz agarrou seu charuto no bolso e o acendeu, enquanto via André e Keller saírem da sala fazendo piadas sobre a saúde mental do idoso. Se encostou na cadeira de rodas automatizada. Queria continuar discutindo, mas sabia que não conseguiria nada.

///20/01/2054

“Boa noite. Amanhece mais um dia no fronte amazônico, onde a incursão de nossas amadas tropas pela Bolívia tem sido um sucesso. A poderosa Força Aérea Brasileira massacrou uma das bases Amazônicas inimigas, e o nosso triunfante exército se encontra atualmente lutando no norte do Pará e fronteiras do antigo Acre.”

As pessoas do bar comemoraram enquanto assistiam às últimas notícias na televisão holográfica. Samuel tomou mais um chope durante a reportagem que mostrava soldados brasileiros destruindo tropas bolivianas na Amazônia. Seu telefone tocou, era o velho Luiz:

— Oi, chefe — falou alto, para que o barulho das pessoas no bar não fosse maior que sua voz.

— Cadê você?! Acabamos de arrecadar mais vinte milhões para construir o Prime. — gritava o idoso.

— Só temos mais uns meses de mandato, e o André sempre diz não. Vai ser impossível, se liga.

— Impossível o caralho. Quero você aqui em dez minutos!

— Luiz, vai pra... — A ligação caiu. — A conta! — gritou e fez sinal para um garçom.

O holograma mostrava um gráfico e uma repórter falava: “O aquecimento global está absorvendo a água. Outros dois reservatórios nordestinos relataram...”.

Samuel pagou, se levantou e foi embora.

“As mortes causadas pela sede aumentaram em 1,5% no Nordeste. Já no Sudeste, vários especialistas assinaram um manifesto declarando que dois litros e meio grátis semanais para cada família carioca pobre não serão o suficiente...”

///11/03/2054

Um grupo de membros do PND entrou na sala de reuniões de André, que estava analisando alguns documentos em seu minipainel holográfico pessoal. O vice-ditador estava sentado à sua escrivaninha, com um afresco roubado diretamente da Capela Sistina após a Terceira Guerra Mundial atrás dele. Dois robôs de guarda do BOPE o protegiam. André olhou para Luiz, o membro mais importante da comitiva.

— Bem-vindos, Luiz e companhia. Desejam um copo de água cristalina, feita em 2007? Por favor, bebam e saiam sem falar merda e encher meu saco de novo.

Uma empregada trouxe uma bandeja de copos com água até a boca. Luiz ajustou a gravata, regulou a cadeira de rodas automática e se encostou, enquanto o vice e os membros mais importantes do partido ficaram de pé no meio da sala (literalmente apenas Dan e Samuel estavam lá). Os menos importantes esperavam na sala ao lado.

— Sentem-se — disse André, impaciente. Os dois se acomodaram em um sofá no canto da sala. Luiz respirou fundo e começou a falar.

— André, meu caro, consegui o dinheiro. Tenho fundos para fazer o prédio, eu lhe garanto.

— Você e sua história de prédios. Não vou conceder mais reuniões pro seu partidozinho de merda se essa porra continuar! — André socou a mesa com força.

Luiz o encarou, determinado.

— Vai dar certo.

— Fora — disse André. A empregada abriu a porta para a outra sala.

Luiz olhou feio para o líder, mas foi interrompido por uma tosse. E outra. E outra. Logo as tosses deixaram de ser normais.

— Saia! Não faça teatro com essas tosses! — gritou André, nervoso.

Luiz se levantou e pôs a mão na barriga tossindo, enquanto se apoiava na cadeira de rodas. Suas pernas inutilizadas tremiam. Ele estava tossindo sangue. Uma rajada do líquido biológico coloriu a água cristalina que estava no copo do vice-líder, além de voar sobre seu rosto e escrivaninha. André olhou aquilo enojado e fez um sinal para seus guardas robóticos. Logo um deles começou a empurrar o Velho para fora, que resistiu e caiu, vomitando sangue. Samuel se levantou:

— Velho! — E foi derrubado por Dan, que se levantou desesperado para ajudar Luiz e empurrou o outro para passar.

André limpou os óculos sujos de sangue enquanto observava a cena, perplexo. Os partidários apoiaram Luiz, que cada vez menos se sustentava, até cair de cara no braço da cadeira de rodas, fazendo barulho de ossos se rachando. Os assessores entraram para socorrê-lo, mas era tarde. Dan tinha acabado de checar o pulso, e a pulsação era nula. Logo o socorro veio, e alguns guardas e empregados levaram o Velho para o hospital interno do Supremo Palácio, enquanto Dan e Samuel os seguiram correndo.

— Preciso... preciso lavar a cara... — disse Dan, afastando-se dos que corriam e entrando no banheiro, atordoado. Ele foi até a pia, e começou a enxaguar o rosto.

— Você fez bem, papai — disse Sarah, do outro lado do espelho. Ele via a menina e não seu reflexo.

— Obrigado, filha. Mas essa é a última vez que cometo uma atrocidade pra te agradar. — Dan pegou o frasco de veneno e despejou o que tinha sobrado do líquido na pia. Em seguida, jogou o recipiente no lixo e voltou correndo para dar auxílio a Luiz.

///12/03/2054

-Luiz Savro Filho foi um bom homem. Um grande empresário, líder, síndico e nacionalista. Um ícone na história deste país, tenho certeza. Sua esposa e filhos, que descansam com Deus desde 2037, estão acompanhados agora. Pai nosso...-

Dan observou o padre. Era a missa de enterro do Velho, na Capela de São Arnaldo, um local religioso especial no Barra3, pois funerais lá eram muito caros. Era baseado nas igrejas do século XVIII, como as de Tiradentes, a única exceção era o ouro falso. Samuel estava sentado ao lado de Dan.

— Dan, ei, Dan — murmurou Samuel.

— Quê? — respondeu Dan, impaciente.

— Vou assumir o cargo hoje à noite, afinal eu era o vice e membro preferido do partido. Mas não se preocupe, você ainda vai ser o marqueteiro. — Dan sentiu a alfinetada.

— Foda-se. Faz o que você quiser.

— Confia em mim. — Samuel riu levemente.

Dan foi para o outro lado do banco e simplesmente ignorou seu companheiro de partido pelo resto da missa.

///18/03/2054

Dan se sentou na sua cadeira na mesa de reuniões do PND. O partido inteiro estava ali. Estava suando, e o ambiente era muito tenso. Dan fechou os olhos e suspirou, tinha esperanças de ganhar. Suas campanhas de marketing foram as responsáveis por popularizar o partido nas últimas eleições. Samuel, do outro lado da mesa, estava confiante na sua vitória. Dan e Samuel se olharam, com um ar de rivalidade. Um dos membros trouxe um papel e o colocou na mesa. Cada membro assinou seu voto pessoal para quem deveria presidir o partido e ser o síndico do Barra3. O papel foi sendo passado de mão em mão e assinado, até parar na de uma secretária, que prontamente contou os votos e declarou a vitória de Samuel, já mais do que esperada. Todos os 35 membros ali presentes aplaudiram, exceto um. Dan se levantou, gritando de raiva, e socou a mesa com toda a força de seu punho. Os políticos se assustaram, enquanto o chefe do marketing piscava os olhos freneticamente encarando o novo presidente do partido, que se transformava em um demônio na sua visão. Em milissegundos, tudo ficou roxo, e Samuel se tornou uma espécie de monstro gigante de pelo menos dez metros na visão de Dan, que deslizou a mão até o coldre da arma no seu cinto e a ergueu.

— Perder a eleição foi tão bom quanto perder sua filha?! — perguntou o monstro, rindo. A filha de Dan o encarou:

— Pai, você deveria matá-lo. Mate. Mate. Mate.

O monstro riu e agarrou a mesa, prestes a lançá-la, até que Dan o bombardeou de tiros, matando-o. Ao cair, Samuel derrubou o seu inimigo, e ambos desabaram no chão.

— Você tá bem, senhor? — interrogou a secretária, enquanto limpava a mesa. De repente era noite e não havia mais ninguém na sala.

— O quê aconteceu? — perguntou ele enquanto olhava ao redor, assustado.

— Você ficou umas duas horas olhando pra nada, enquanto os outros tão no churrasco de comemoração.

— Eles não me chamaram?

— Você disse que ia mais tarde. Mas vai acabar em meia hora.

Dan fez uma cara de idiota e foi para casa dormir, seu dia tinha sido muito estressante.

///21/03/2054

A vegetação amazônica, apesar de sempre úmida, estava tomada por um leve cheiro de enxofre. Em meio a algumas árvores derrubadas, um tanque de guerra seguia, até parar em meio a um ponto mais desmatado que o comum e cheio de militares. O subgeneral Antony Oliveira desceu do tanque com sua escopeta nas costas. Dois tenentes o receberam, sérios.

— Senhor subgeneral, capturamos vários mapas holográficos que mostram uma espécie de lista de futuros bombardeios a cidades brasileiras — informou um deles.

Antony passou por eles e foi até os mapas sobre a mesa.

— Vamos ver... — Ele olhou a mesa e as marcações da lista e logo voltou a falar: — O próximo será em Belém. Contanto que eles não tentem bombardear fora do Norte tá tudo sob controle. Bom, prossigam a retomada de território. Temos ainda mais 21 quilômetros para reconquistar até o fim das ordens atuais. E não quero decepcionar André.

Os tenentes assentiram.

///23/03/2054

“Assume hoje o novo síndico do Barra3, Samuel Elias Nelson. Ele ficará neste cargo pelos próximos dois meses, e, de acordo com o próprio, continuará com as privatizações de hospitais e clínicas e aumento de impostos nos serviços de transporte, heranças de seu antecessor, Luiz Savro Filho. É com você, Maria”, disse o rádio. Dan escutava sentado em sua cadeira, no seu escritório. Dezenas de papéis estavam jogados no chão. As estantes, abarrotadas de livros e fichários. Sobre a escrivaninha, só o rádio, o prato de almoço vazio e sujo e uma xícara vazia do chá da tarde. A sala estava escura e, perto da janela, alaranjada pelo pôr do sol. Na escuridão, se ressaltavam os olhos de Dan, claros e com muita raiva. Sua mão foi até o rádio e o começou a mudar a frequência.

— Pai, você que devia ser síndico — disse Sarah, atrás dele.

— Obrigado, filha. Quer um doce?

Dan tirou um doce e deu na mão da menina, que se afastou e recusou a guloseima.

— O que eu quero não é um doce. Você sabe muito bem disso.

Dan olhou de novo a mesa, e havia uma faca sobre ela. Do lado da lâmina uma foto de Samuel. O político se levantou, assustado, quando percebeu que a filha, o doce, a faca e a foto haviam desaparecido.

///04/04/2054

— Samuel, você não presta! — gritou um dos secretários, enquanto jogava sua carta de demissão na mesa. Ele e outros quinze políticos emanando agressividade saíram da sala de reuniões.

— Porque fez isso? — Dan perguntou, irado.

— Vou iniciar uma reforma no PND. Estamos perdendo votos, desde a morte do Velho os partidos de centro têm cada vez mais seguidores, não só no Barra3.

— Você... você vai...

— Vou financiar o Projeto 312. Cortar gastos, reformular o partido e tomar decisões que beneficiarão os andares da Classe Baixa — anunciou Samuel, assinando um formulário.

— Mas o que isso tem a ver com demitir 45% do partido?

— São muito de extrema-direita. O PND precisa tomar posições mais centristas para poder se equilibrar, já que o número de pobres está aumentando muito, e logo só os votos das classes Média e Alta não vão servir mais. Talvez isso seja falha até de nossa campanha de marketing.

Dan se levantou.

— Pra mim chega! Você gastou metade do nosso dinheiro financiando transporte público nos andares pobres, cortou boa parte dos gastos de propaganda, jogou a culpa em mim e agora quer financiar aquele projeto de distribuição de água de merda?!

— E qual o problema?

Dan encarou Samuel, indignado por alguns segundos, e foi embora irritado.

///29/05/2054

Dan entrou na sala de reuniões batendo palmas, interrompendo a conversa via web do síndico com um assessor do partido e um representante do governo do síndico do Barra1.

— Meus parabéns, Samuel. Você ganhou a eleição... Não sei como o povo votou em você. Decepcionou seus eleitores. Demitiu 22 funcionários do partido. E agora é o síndico de novo.

Samuel o olhou, nervoso, e fechou o computador.

— Vá se foder Dan. Por que eu ainda não te mandei pra rua? Eu ganhei de novo porque meu plano de tomar medidas populares e agradar a população pobre deu certo. Já era inevitável, a população ia acabar cansando das políticas conservadoras do Velho e ia eleger algum outro partido.

— Você já tentou me demitir, mas desistiu porque não tem ninguém que faça campanhas de marketing tão eficientes quanto eu. Você não ganhou por tomar medidas populares, seu imbecil, você ganhou porque minha propaganda é eficiente, mas não quer admitir que não tem colhões pra conseguir domar o edifício sozinho.

— Tá bom, Dan! Vou ampliar as privatizações de serviços públicos de saúde e aumentar os impostos da classe baixa pra construir novos meios de transporte internos pra Classe Média e então vou acelerar e fazer o Projeto 112.

— A ponte de vidro e o bonde que vão ligar nosso prédio ao Barra1?

— Sim. Mas, assim que terminar, vou retomar as medidas populares. E com licença, vou terminar a reunião que você interrompeu. — Samuel se levantou e saiu da sala fechando a porta num estrondo, deixando o outro sozinho no cômodo.

Dan foi até a cadeira ornamentada vazia do presidente do partido e se sentou nela.

— Samuel, um dia você vai entender que eu estou certo... — disse, olhando para o nada.

///13/07/2054

Samuel cortou a faixa de boas-vindas enquanto vários fotógrafos registravam o evento, e uma multidão de pessoas entrou. Estavam todos no andar 44, sobre uma ponte, com chão, teto e paredes inteiramente de vidro blindado, por onde se podia ver a Baía de Guanabara. Logo abaixo do edifício, o nível da água poluída e suja afogava o que um dia foram prédios e casas de até cinco andares. Um bonde com trilhos por cima do piso envidraçado ligava o enorme Barra3 ao quase tão enorme Barra1. A inauguração de tal transporte era esperada com ansiedade pela população do edifício, que desejava uma nova alternativa de transporte além dos clássicos metrô e trens suspensos entre prédios, que não eram bonitos nem seguros e não possuíam janelas. Outro fator que estimulava o uso do bonde era a grandiosa ponte de vidro, que os cidadãos também poderiam atravessar caminhando se assim desejassem, sem precisar pagar taxa alguma. Samuel pegou o microfone, no alto do palanque improvisado da inauguração, ao lado da entrada da ponte.

— Bom dia, povo do Barra3! É muito bom vê-los aqui hoje. Espero que entendam que o aumento de impostos serviu para fazer este ótimo serviço de transporte, que beneficiará bastante a locomoção entre os edifícios e fará a comunicação diplomática e comercial entre o Barra3 e o Barra1 avançar em níveis nunca antes experimentados, e não para taxá-los. Eu e qualquer membro do meu partido nunca taxaríamos nenhum de vocês por motivos vulgares, especialmente as populações dos andares baixos, que tanto necessitam da ajuda do Estado. Sem mais delongas, declaro inaugurado o Bonde de Transporte entre o Barra3 e o Barra1. O acesso para sua primeira viagem está liberado. Lembrando que a tarifa é de apenas 2,50 reais.

A multidão estabanada invadiu os bondes e jogou o dinheiro nos cobradores automáticos. Alguns optaram por atravessar caminhando, enquanto a maioria se acomodou no transporte pago.

Samuel entrou no terceiro dos quatro bondes e se sentou do lado do condutor, que ligou a máquina. O veículo começou a se movimentar pelos trilhos, enquanto a multidão maravilhada tirava fotos da vista e selfies para postar nas redes sociais. Após alguns minutos, Samuel estava quase adormecendo, quando de repente o seu bonde freou bruscamente e parou.

— O que houve? — perguntou o síndico. O condutor apertava diversos botões e puxava alavancas, mas nada acontecia. Samuel começou a ficar desesperado, o novo veículo falhar logo na inauguração seria péssimo para sua imagem.

— Não quer se mexer... — anunciou o condutor. Ele tentou puxar uma alavanca que abriria as portas para poder verificar a parte elétrica embaixo do bonde, mas nem isso funcionava.

— O que houve? — insistiu Samuel.

— Não sei...

Um abafado barulho de explosão debaixo do trem interrompeu o diálogo. A população começou a gritar e fazer tumulto, assustada, enquanto o condutor tentava usar o microfone para acalmar a todos. Um dos seguranças de Samuel abriu manualmente a porta do condutor, e o síndico desceu para verificar o problema. O síndico correu até um técnico que já checava o motor.

— O que está havendo? Emperrou?

— Parece que teve uma sobrecarga e explodiu ou algo assim... Na verdade eu nunca vi uma falha estranha dessas...

O político se abaixou para olhar o motor, quando avistou um estranho dispositivo preso ao motor. Ele se desesperou mais ainda ao ver números em contagem regressiva no pequeno visor do artefato. Samuel correu até o condutor.

— Acho que tem uma bomba no bonde, você tem que mandar as pessoas saírem, mas tenha calma, por favor!

O condutor se assustou, pegou o microfone e se preparou para falar algo, quando o alarme começou a soar e quase todos os passageiros arrombaram as portas e tentaram sair ao mesmo tempo, empurrando e se esmagando. Samuel, ao ver que todas as pessoas corriam para o lado esquerdo, onde estavam as saídas, pegou o microfone rapidamente:

— Parem! Vocês estão fazendo muito peso, vão derrubar...

O veículo começou a balançar para a esquerda. O síndico viu um fino líquido amarelo escorrendo pela perna do condutor. O bonde ameaçou virar, fazendo as placas de vidro da ponte também tremerem. No mesmo instante, o próprio condutor empurrou Samuel e saiu do veículo junto com as pessoas, correndo por sua vida. O vidro voltou a balançar, ainda mais fortemente. Ao perceberem que estavam quase virando o bonde, algumas

peessoas tentaram subir de volta e ir para lado direito, fazendo-o chacoalhar ainda mais. Samuel ficou parado, estático, e o bonde finalmente virou, esmagando as pessoas que saíam e jogando as que estavam dentro umas contra as outras. Muitas tentavam agora sair pelas janelas quebradas. O síndico se levantou, tonto, e gemeu de dor ao ver que vários cacos de vidro haviam perfurado seu braço. Caiu ao chão de novo quando o vidro tremeu mais uma vez.

Então, Samuel ouviu outra explosão no motor, e foi lançado pela janela, rolando diversas vezes sobre o chão envidraçado. Diversos estilhaços e pedaços de vidro voaram sobre ele e sobre as pessoas que estavam presas dentro do veículo tombado. Alguns segundos se passaram, e ele abriu os olhos. Um pequeno vidro espelhado ensanguentado estava jogado ao seu lado. Samuel olhou a si mesmo. Estava coberto de sangue, e o chão envidraçado abaixo dele também. A batida havia dobrado sua perna direita na direção errada, rasgado seu peitoral e quebrado seu nariz. Ele tentou se levantar novamente, só que sua perna se quebrou de vez e ele caiu sentindo muita dor. Percebeu que a fratura estava exposta, e sua perna estava ligada agora apenas por pedaços de músculo e pele. Em seguida, escutou um estrondo. As rachaduras na ponte cederam, e o bonde caiu na baía levando junto todas as pessoas que ainda estavam dentro dele. As paredes começaram a rachar e pedaços de vidro caíam do teto e faziam buracos no chão. Samuel avistou seu celular jogado, cheio de sangue, mas conseguiu ver o número do chefe de marketing do partido ligando na tela bloqueada.

— Dan, eu sei que foi você — murmurou ele enquanto tentava se arrastar para o Barra3, deixando um rastro de sangue no chão. Escutou algumas explosões, olhou para o lado, e pôde ver os outros bondes tombando com força e rachando a ponte.

Enquanto isso, da sala de reuniões do PND Dan observava calmamente a ponte desmoronar. Ele estava sentado na cadeira do presidente, em frente à janela, tomando um adocicado chá.

— Pai, você fez o certo. Agora ninguém mais ficará no seu caminho — murmurou a filha, atrás dele.

— Eu sei, minha filha.

Ele afagou o cabelo dela, e voltou a olhar a ponte. Em poucos minutos, as paredes se quebraram totalmente, fazendo a recém-inaugurada construção desmoronar na água. Ondas de água e sujeira foram lançadas contra as paredes dos prédios. Dan sorriu, pegou seu celular e ligou para Samuel novamente.

— Caixa de mensagens.

Ele deu uma baixa risada.

///15/07/2054

O microfone foi ligado, o holograma de fundo mostrou uma enorme bandeira do Brasil em 3D e, no canto esquerdo inferior, uma logomarca do PND. Dan respirou fundo e leu o texto pela última vez, para ter certeza de que havia memorizado. O ajudante disse que estava na hora, e Dan sinalizou o início da gravação.

— Cidadãos de bem do Barra3 que estiverem me ouvindo, desde já presto minhas condolências pela morte das 120 pessoas na fracassada inauguração do Projeto 112, que iria construir uma ponte de transporte ferroviário entre o Barra1 e o nosso querido Barra3. Nos últimos dois dias, ajudei a comandar as investigações pessoalmente, e o responsável pela catástrofe não foi ninguém mais ninguém menos que o próprio condutor e possivelmente seus ajudantes. Tanto que eles foram alguns dos primeiros a fugir, quebrando as pernas de nosso antigo e querido síndico Samuel, para em seguida desaparecerem no Rio de Janeiro. Porém, a guarda costeira os localizou e prendeu, enquanto os covardes tentavam fugir em um barco pesqueiro. Acredita-se que fizeram isso para colaborar com a oposição comunista e o tráfico aguista, já que o nosso partido em nossos mandatos sempre se preocupou em combatê-los. Os terroristas foram fuzilados na Delegacia Geral da Polícia Militar do Barra3. Além disso, como Samuel está morto, eu, como líder do PND, assumo a posição de síndico. Darei mais detalhes do meu governo no discurso do dia 19, mas, desde já, digo que me esforçarei em eliminar todos os traficantes aguistas que infestam nossos andares e corredores. Agradeço pela atenção e compreensão, e lhes desejo uma excelente noite.

O assistente interrompeu a gravação, desligou o microfone, fechou os hologramas, e em seguida se sentou em frente a um enorme computador holográfico para transmitir o vídeo para todo o Barra3, pela televisão e redes sociais. Dan se espreguiçou e tomou um último copo de água antes de sair do escritório do PND e caminhar pelos enormes corredores do Barra3 até seu apartamento. Entrou, se espreguiçou, se jogou em sua cama de casal. Logo caiu no sono, enquanto sua filha o olhava, contente.

///21/07/2054

O subgeneral Antony Oliveira vestiu seu melhor terno. Colocou seu chapéu, respirou fundo, e saiu para encontrar André, que tinha marcado uma reunião exclusiva com ele nos arredores de Manaus, às 23 horas. A metrópole estava praticamente vazia por conta dos bombardeios da Aliança da Grã-Bolívia, que haviam destruído 15% da cidade. Ninguém ousava sair de casa, com medo dos aviões.

Ele estacionou em frente a uma antiga mansão colonial a quinze quilômetros da cidade, e saiu do seu autoblindado particular. O local tinha guardas para todos os lados, alguns deles robóticos. Antony entrou pela porta da frente, e se sentou à já arrumada mesa de jantar. A construção era antiga, porém luxuosa. A iluminação do ambiente partia de uma lareira, e todos os móveis pareciam saídos do século XVIII. André logo apareceu, saindo de outro cômodo e carregando uma bandeja tampada.

— E então, Sr. Oliveira? Como foi seu dia?

— Foi...

— Foda-se o seu dia, eu sei que houve bombardeios e que foi horrível.

— Hã... tá.

— Você foi promovido a general do 7º Exército do Norte. — Antony arregalou os olhos. André continuou, enquanto colocava a bandeja sobre a mesa. — Parabéns, general, talvez um dia você sente na minha cadeira de vice-ditador.

— Eu não tenho palavras para agradecer.

— Bom, pra quem destruiu trinta divisões inimigas com somente 18, nem precisa.

— Desde o fim da Guerra Civil, luto para ser um general. E agora consegui. — O militar sorriu, enquanto André servia um cheiroso frango assado.

— A propósito, seu cabelo está todo cinza. Ele não era preto fazia alguns meses, da última vez que te vi?

— Era, mas eu ainda não tinha vindo para o campo de batalha, sabe. Tem as cinzas e tal — explicou enquanto dava a primeira garfada. O vice-ditador serviu um vinho chileno.

— Eu prefiro os vinhos italianos e franceses, mas teremos que nos contentar com este desta vez. Se algum dia você for comer comigo no Inferno, eu te servirei com um vinho de qualidade.

— Perdão, você está me mandando para o inferno?

— Não, não, Sr. Oliveira. Presumo que você ainda não foi informado sobre a existência da Base do Inferno. É uma das nossas bases mais poderosas. Quando a guerra acabar, vá para São Paulo e te levaremos até ela.

— É uma base militar?

— Coma, Sr. Oliveira. Quanto menos você souber sobre isso, melhor será.

— Sim, senhor. — Antony começou a comer com mais voracidade.

— A propósito, o mtivo deeu ter vindo aqui... tem algum leão no zoológico de Manaus?

///15/07/2054

Os alunos observaram um avião se chocando contra um edifício em uma animação holográfica em três dimensões.

— Como podem observar, a primeira Guerra Fria acabou em 1991, mas esse não era o fim do reino do terror, porque em 2001, um avi... — O sinal soou. Os quarenta alunos se levantaram e saíram correndo para o recreio, ignorando o docente. O professor respirou fundo e ajeitou seu óculos: — Livro de história, desligar.

— Bom recreio, professor Águia. — O livro holográfico se desligou.

Águia recolheu seus materiais, olhou um retrato da mãe jogado entre suas coisas, respirou fundo, e saiu da sala, apagando as luzes e trancando a porta. O docente caminhou pelos corredores da escola pública interna no andar 22 do Barra3. Águia se sentou no seu cubículo na sala dos professores. Na sua mesa havia uma televisão digital antiga, de modelo 2031, livros, um computador holográfico de 2044 e vários cadernos. Ele

ligou a televisão:

— Notícias.

O aparelho sintonizou o canal e mostrou um repórter falando:

— Boa tarde, brasileiros. Hoje, durante a Assembleia Geral do Barra3, o síndico Dan assumiu seu novo cargo...

— Pausa... — murmurou Águia, encarando o rosto de Dan na televisão. Ele agarrou um caderno cheio de anotações e começou a rabiscar.

— O que você tá fazendo, Águia? — perguntou Ricardo, seu melhor amigo e professor de geometria.

— Nada... — Águia estava claramente mentindo.

— Pode confiar em mim. Sou seu amigo.

— Tá, tá. Mas não fala pra ninguém. Talvez eu esteja sendo conspirador demais, mas acho estranho que Dan tenha chegado ao poder assim... Luiz e Samuel morreram em seus mandatos, Dan nunca apresentou um atestado de saúde psicológica, há relatos de que uma vez ele ficou horas parado em uma reunião sem se mover... Eu não me sinto bem olhando pra ele... Eu acho que... Ele orquestrou isso tudo. — sussurrou o professor.

— João, no seu aniversário me lembra de te dar um chapéu de alumínio — riu Ricardo, antes de ir para seu cubículo.

///18/07/2054

— Sueca, posso olhar o acervo dos jornais e arquivos? — disse o professor a Alva, uma imigrante da Suécia que tinha chegado ao Brasil durante a Terceira Guerra Mundial, nos anos 2030. Ela estava com pelo menos 60 anos. Apesar de todos saberem seu nome, sempre a chamavam pelo seu apelido, “Sueca”.

— Claro, João. — Ela o guiou pela sua enorme biblioteca, cheia de títulos comuns, alguns que custariam uma fortuna para serem adquiridos e protegidos por mostruários blindados, fichários confidenciais do governo, diversos arquivos e mesas com lâmpadas para ler e tomar café, até a seção dos jornais digitais antigos. O professor se sentou para analisar as matérias de jornais do Massacre do Bonde da Ponte de Vidro por duas horas, mas sua investigação não deu resultados sólidos. Ele respirou fundo e caminhou até o balcão de Sueca novamente.

— Sueca, quanto custa uma olhada na Internet estrangeira? — murmurou ele. Ela se assustou, afinal, a internet estrangeira (não as redes sociais, de livre acesso para todos) só era liberada para o alto escalão do governo e pessoas que trabalhassem com arquivamento de informação do governo, no caso dela.

— Uns 400 reais normalmente... mas, por quê? Sabe que se descobrirem que deixei você ver eu morro, né?

— Estou investigando o Massacre do Bonde da Ponte de Vidro. Tenho convicções para suspeitar que o responsável era... o atual síndico, Dan.

— Mas a perícia comprovou que...

— A perícia não mostrou provas satisfatórias. Só porque o condutor foi um dos primeiros a fugir ele é o responsável? — argumentou João. Sueca pensou por um tempo.

— Você me deixou curiosa, João. Posso te ajudar de graça, mas você terá que me mostrar sua investigação.

— Tudo bem. Eu mostro.

— Venha comigo, liguei o PC e te darei acesso a sites estrangeiros e informações confidenciais do governo, mas quero que saiba que se isso der problema pra mim, você está f...

O professor a interrompeu:

— Certo, certo, Sueca. Entendido.

Os dois seguiram até uma porta de ferro trancada e um pouco oculta entre as prateleiras e estantes, que Sueca prontamente abriu. Ambos entraram, para se depararem com uma enorme e avançada máquina, com um mainframe de pelo menos alguns metros de altura e comprimento. Sueca fez login no computador, e o deixou à disposição de Águia.

Águia observou o computador holográfico, que exibia o menu de iniciação do sistema. O comando de voz foi ativado.

— Computador, mostre-me as notícias sobre o Barra3. — O computador mostrou várias notícias recentes do prédio, principalmente sobre a chegada de Dan ao poder e o desastre da ponte.

— Mostre os vídeos de segurança do Barra1 e do Barra3 nos corredores de acesso a Ponte de Vidro.

O computador acessou o sistema de câmeras de segurança da PM e exibiu em uma das câmeras uma gravação noturna de um grupo de homens usando máscaras e terno entrando ilegalmente pelo acesso de um corredor do Barra1, mexendo nos bondes, e voltando e entrando em um carro, tudo dois dias antes da inauguração. Eles haviam vindo por meio de um carro-de-corredor , tamanho médio e elétrico.

— Zoom na placa.

O professor anotou o número.

— Computador, entre no acesso restrito do site do DETRAN e procure pela placa... “LSM-4957”.

O computador exibiu a identidade do dono do carro. Pertencia a uma mulher chamada Clarissa Lima Lopes, ativista política filiada ao PND e residente do andar 41 do Barra3. Ele anotou o endereço dela e desligou o computador. Foi até Sueca para mostrar o que havia descoberto.

///

Um dos operadores do banco de dados digital do DETRAN rapidamente detectou um acesso inesperado ao documento de um carro-de-corredor de uma moradora do Barra3. Ele rapidamente rastreou o IP e enviou uma mensagem à sede da PM no edifício avisando da verificação sem justificativa.

///25/07/2054

Cinco homens com ternos pretos e máscaras entraram na biblioteca. Um deles estava segurando uma pistola.

— Como posso atendê-los? — perguntou Sueca, um pouco assustada, mas mantendo a calma.

— Interferir na justiça e deixar usuários não autorizados usarem o computador com acesso à web internacional é crime. — Exclamou um deles. Sueca se estremeceu.

— Mas vocês não são da polícia... E não têm provas de que eu fiz isso, vocês nem olharam o computador...

— Vocês dois sabem demais — disse o misterioso homem.

— Agora me diga quem quis usar o computador — ordenou outro dos desconhecidos.

— Foi... — Ela tentou apertar o botão de alarme debaixo do balcão para chamar a polícia, mas antes que conseguisse os homens atiraram nela. A senhora caiu no chão, respirando pesado, enquanto uma poça de sangue se formava ao seu redor e sua visão escurecia.

///

— Como falamos na última aula, a Terceira Guerra Mundial acabou lá pra 2035, iniciando assim a Terceira Guerra Fria. Temos os blocos de influência dos Estados Unidos, da União Asiática e da Aliança Oceânica, que continuam em tensão até hoje. É tipo a primeira e a segunda Guerra Fria, mas com um novo participante... Bom, em 2038 houve o definitivo colapso da União Europeia, com apenas Noruega restando e se recusando a sair. Mas, com metade da Europa coberta por radiação, não foi possível continuar a parceria econômica. Lembrem disso, vai cair na prova. A OTAN agora é o estado policial vigente em toda a Europa, com exceção da Noruega, que não foi afetada pela guerra. Alguns meses depois veio o fim do Mercosul e do NAFTA, considerando que a degradação econômica nos EUA, no México e no Brasil decorrentes das baixas reservas de água, da guerra e da poluição e calor levaram à destruição econômica do continente em geral. No início de 2039 foram criadas novas alianças, como a Aliança Oceânica, formada pela maioria dos países do oceano Índico e Pacífico, e a Aliança Grã-Boliviana, ou Aliança Bolivariana, com Bolívia, Equador,

Colômbia, Peru, Venezuela e Suriname. Esse período de tensão entre blocos, ainda vigente, pode ser chamado de Terceira Guerra Fria. Mais localmente agora, com a descoberta financiamento do tráfico brasileiro de água pelo governo Boliviano, em 2044, iniciou-se um conflito armado com a Aliança e...

Um policial militar entrou na sala subitamente, interrompendo o professor.

— João Águia, venha comigo, por favor. — Os alunos e o professor se surpreenderam.

— Por quê?

— Apenas queremos conversar contigo na delegacia. Estamos... interessados em suas investigações privadas. — O policial sacou as algemas. João se apoiou na sua mesa, suando, enquanto os estudantes observavam a cena, assustados.

— Mas... — Águia lançou rapidamente sua cadeira no rosto do policial, que caiu desacordado, e saiu correndo da sala. O corredor da escola estava lotado, e haviam outros dois PMs no local, com armas e cassetetes elétricos no coldre.

— Ei, ele tá ali, porra! — gritou um dos policiais.

Ambos foram atrás do professor, que correu em meio à multidão. Ele desviou em uma curva do corredor, indo para a saída da escola, com os policiais em sua cola. Teria que passar pelo pátio, então abriu espaço entre a multidão de alunos no recreio.

— Segurem ele, é um terrorista! — gritaram os policiais.

Um inspetor escolar tentou pará-lo, mas foi derrubado pelo professor, que corria em pura adrenalina. Faltava apenas um corredor para sair da escola, e o professor escutou o primeiro tiro. Os estudantes começaram a gritar e se movimentar em pânico.

— Merda, onde eu fui me meter?! — Águia correu para a saída o mais rápido possível. Três novos tiros, um armário ficou pintado de sangue e um zelador caiu no chão com a cabeça estourada. O professor sentiu um desconforto na cintura, estava ferido. Deixou todos seus pensamentos e sensações para trás e permitiu a adrenalina dominá-lo. Mais cinco metros, muitos tiros, as paredes perfuradas por balas, sangue escorrendo pela camisa e calça, uma criança caiu no chão, chorando. O portão de ferro do

centro educacional abriu, Águia passou e fechou a passagem com força, recebendo um jato de sangue. Ele havia cortado a mão de um PM que quase o alcançara acidentalmente, ao fechar o portão. Pegou a arma ensanguentada da mão decepada do oficial e correu pelo grande corredor cheio de estudantes, pedestres e funcionários da escola, até o elevador do andar, passando por uma van-de-corredor escolar, várias portas de apartamentos, estabelecimentos comerciais e entradas de corredores. A população, preocupada com o que acontecia na escola, deixou o estranho homem ensanguentado desesperado passar. Águia apertou o botão para chamar o elevador, enquanto ouvia os policiais correndo e o portão de ferro da escola abrindo. Vários tiros. Ele se escondeu atrás de um carro-de-corredor, esperando o pior, enquanto balas ricocheteavam pelas paredes. O elevador finalmente chegou, o professor respirou fundo e se preparou para entrar, enquanto tiros acertavam as paredes e botas policiais pisavam o chão em alta velocidade. Águia voltou-se para o elevador, pronto para entrar, quando foi surpreendido. Havia três PMs no elevador, erguendo suas armas já carregadas. Ele só tinha uma escolha.

///

Águia estava no elevador, confuso, cansado e ferido. Fora tudo muito rápido. Tinha levado mais balas, não sabia quantas, e seus machucados sangravam bastante. Olhou para o chão, os três PMs estavam mortos e jogados, e saía muita fumaça de sua arma. A música agitada do elevador tornava o momento ainda mais bizarro.

— Eu vou morrer — disse para ninguém, enquanto dava um breve suspiro.

A porta do elevador se abriu, e ele correu até o seu apartamento, já ouvindo sirenes policiais se aproximando e pessoas correndo pelo corredor. Entrou em casa, derrubou e bloqueou a porta com o armário, e pegou uma corda que estava com um gancho amarrado na ponta. Uma vez havia denunciado um traficante aguista que vendia água ilegal e drogas na escola, e era um tanto paranoico por culpa disso. Ouviu uma batida na porta, o som era de um cassetete.

— Você está preso, saia com as mãos para cima e não iremos atirar!
— gritaram os policiais, através da porta bloqueada.

Águia abriu a janela, tossindo por causa ar poluído que voou na sua cara. Avistou o um pouco menor Barra2, em uma distância considerável. Um tiro atravessou a porta e o armário, perfurando uma mesa. Ele lançou a corda, torcendo para que o gancho agarrasse alguma estrutura.

— Abre a porra da porta! — gritaram oficiais fora do apartamento.

A corda prendeu em uma parede do outro lado. Outro tiro acertou a janela. O professor respirou fundo e agarrou a corda, logo pulando pela janela. Foi deslizando e trocando de mão, para não machucá-las, avistando uma antiga rua coberta por água poluída, dezenas de metros abaixo dele. Seu corpo balançava pelo vento e suas mãos queimavam e suavam.

Via sangue pingando da sua roupa e escorrendo pelas suas feridas.

— Corta, corta essa merda! — gritaram do apartamento.

De repente, a corda foi cortada. Águia despencou enquanto lutava para não se soltar. Tiros passavam por ele de raspão. Antes que percebesse mais alguma coisa, o professor bateu com força na parede do Barra2. Ele estava cerca de dezessete metros acima do mar mortalmente poluído, e provavelmente acabara de rachar alguns ossos com o impacto. Começou a escalar a corda, sendo quase alvejado pelos projéteis. Após 2 longos minutos de subida, alcançou a janela de uma das escuras garagens de barcos nos níveis mais baixos do edifício, e se jogou para dentro, quebrando a vidraça no processo. Caiu direto em um iate, em que o dono estava dormindo, sentado em uma cadeira. Pegou um caco de vidro que havia se prendido em sua roupa e foi rapidamente até o homem.

— A chave!

O dono do barco acordou subitamente e deu a chave a Águia, logo sendo derrubado para a água pelo professor. Minutos depois, alguns PMs entraram na garagem procurando pelo fugitivo, e ao não o encontrarem, checaram as câmeras de vigilância. A guarda costeira carioca foi avisada do roubo do iate, mas era tarde demais.

///01/08/2054

Dan se sentou na moderna cadeira de rodinhas do seu novo e luxuoso local de trabalho, o escritório oficial do síndico do Barra3, muito maior que o antigo, e pegou a xícara de café que estava na mesa de trabalho, tomando um gole.

— Crimes! — ele gritou enquanto estalava os dedos, e seu guarda-costas e chefe de segurança entrou na sala.

— Senhor?

— Ligue a TV — comandou o síndico.

O subordinado ligou o televisor holográfico. Um repórter apareceu no holograma: “Os especialistas, no novo estudo, disseram que biomas de 68% da África já são completamente áridos e que quase 47% da população mundial passa sede. Falando agora sobre o Brasil, uma batalha contra os bolivianos, no Acre deixou 15 mil mortos do lado inimigo. O Pará foi bombardeado esta tarde pelos aviões col”... O telefone de Dan tocou, interrompendo a televisão.

— Você precisa vir pra cá agora! — Era o comissário da PM do edifício.

///

O carro-de-corredor oficial do síndico parou, e seu motorista desceu e abriu a porta para o síndico. Dan correu até o comissário da polícia militar do mega-edifício. Próximo dos dois, vários policiais e bombeiros demoliam uma parede, revelando o que parecia ser um túnel interno nas paredes do grande prédio.

— Dan, descobrimos um ponto de tráfico de água.

— Como?

— Nossos espões presentes na Ordem Vermelha encontraram um conjunto de túneis que desviam e transportam água desde a estação de tratamento do prédio até o interior de Minas Gerais, perto da cidade de Juiz de Fora.

— Essa água vai pra onde?

— Acreditamos que é posta em caminhões e transportada pra Bolívia. Ou vendida ilegalmente nos andares inferiores do Barra3.

— Onde ficam os túneis? Esse é o único?

O comissário apontou para o chão:

— Por toda a parte. Há no mínimo quinze deles. Não só no Barra3.

— Ordem Vermelha, sempre a maldita Ordem Vermelha — murmurou Dan.

A Ordem Vermelha era uma máfia poderosíssima da antiga União Soviética que operava no mundo inteiro e que adentrara no Brasil e se estabelecera fortemente aproveitando o caos da guerra civil na década de 2030. Estima-se que era a terceira mais perigosa do mundo, e contava com equipamentos militares avançados em seu arsenal, além de ter quase um monopólio de atividades ilegais dentro do Sudeste do Brasil. Conhecida por fazer operações de tráfico de água e armas internacionais, tinha sido contratada pelo Serviço Secreto da Bolívia para transportar água brasileira ilegalmente para lá, abastecendo a população necessitada. A Bolívia na época passava por uma grande e penosa escassez, e o governo não se importava em quebrar um acordo diplomático ou outro para resolver o problema. Contudo, essa polêmica resolução secreta havia levado à guerra com o Brasil.

— Comissário, você deveria ter visto isso. Como posso confiar em seu efetivo policial se não é capaz de identificar uns simples túneis de tráfico? Há câmeras por todos os 70 andares do prédio!

— Senhor, mantenha isso entre nós, mas Samuel dizia para não registrar nada sobre o tráfico porque a polícia do Barra3 sozinha é incapaz de derrotar essas gangues.

— Samuel é provavelmente o líder mais desprezível e fraco que nosso edifício já teve. Você está demitido — anunciou Dan severamente. Sua filha o observava, detrás do agora ex-comissário, enquanto apontava para o guarda-costas Crimes. — Meu guarda-costas será o novo comissário! — gritou.

— Mas... Mas... — murmuraram em uníssono o ex-comissário e o novo comissário.

— Não questionem o síndico! — exclamou Dan, irritado.

///03/08/2054

Cinco autoblindados de elite da PM aceleravam em alta velocidade pelo túnel principal da Ordem Vermelha. Eram carros militares totalmente blindados e imponentes. Operados por até quatro policiais em cada um, o carro carregava metralhadoras e lançadores de mísseis acoplados em sua frente, traseira e laterais. A armadura tinha quase dez centímetros de espessura, o que contribuía para o nome. O túnel era grande e extenso, inclusive na altura, contando com trilhos sujos no chão do que algum dia poderia ter sido um metrô. A passagem era pessimamente iluminada, com apenas uma lâmpada fraca ou apagada a cada dúzia de quilômetros. A solução para a iluminação era usar os potentes faróis dos veículos policiais. O túnel, além de escuro e enorme, era extremamente úmido e sujo, com sistemas de drenagem quase falhando e lama e água subindo pela pista.

— Capitão Ryan, espero que esteja tendo um bom dia. Sua localização é de 70 quilômetros de distância do Barra3, continue nesse ritmo. — Disse o operador do rádio, com o som da voz coberto por estáticas.

— Qual é o alvo? Por que tomar este caminho? Esta frota de veículos não é o suficiente pra derrubar uma base do tráfico — comentou o capitão, que liderava os carros.

— Vocês estão aí pra caçar os traficantes aguistas, ordens do síndico e do novo comissário. Então, a polícia militar do Barra3 tem que obedecer, militares são assim, obedecem ordens superiores... Hoje é um dia especial, parece que eles levarão grandes cargas de água ilegal, e devem estar em algum lugar por aí nos túneis, duvido que longe.

— Sim, senhor — respondeu o capitão.

— Não pisa na bola dessa vez, Ryan. Eu e a PM confiamos em você.

Os carros avançaram por mais quase 3 horas. Os PMs não conversavam, mesmo que estivessem um pouco entediados, pois aquela situação era tensa. Eles sabiam o perigo que a Ordem Vermelha representava. Os carros seguiram sem descanso, até que ouviram motores de outros carros ecoando pelos enormes túneis. O operador do rádio logo se pôs a falar.

— O radar encontrou sete motores, parecem grandes, pesados... A emissão de gás carbônico detectada é de um motor característico da

Volvou, modelos de veículo que parecem ser de depois de 2046.

— Ou seja, caminhões de carga modernos e pesados, extremamente blindados? — perguntou o capitão, irônico.

— Exato.

Ryan sentiu um calafrio. Seus carros, por mais blindados e cheios de policiais treinados que fossem, não estavam preparados para mais que cinco inimigos.

— Soldados, preparar para o confronto.

Os carros, antes ambientes tranquilos, foram tomados pela agitação dos policiais, que empunhavam as metralhadoras, revólveres e bazucas. À frente, mesmo no escuro podia-se ver as silhuetas dos enormes caminhões de carga, cheios de bandidos e mercenários dependurados nas laterais. Os caminhões eram tão altos que quase encostavam no teto do túnel.

— Atirem em... três... — Os soldados calibraram as armas, enquanto o capitão contava. — Dois... — Eles verificaram seus coletes balísticos. — Um... — Pediram ajuda a Deus e ajustaram os capacetes. — Boa sorte.

Seguiu-se quase mais um segundo de hesitação, então os dedos dos soldados apertaram os gatilhos. O túnel, antes escuro, foi iluminado pelos mísseis e balas que saíam das armas dos autoblandados. Os traficantes apenas olharam para baixo e se jogaram no chão, enquanto um dos caminhões era incendiado pela explosão dos projéteis disparados pelos PMs. Assim que a polícia parou para recarregar as armas, os bandidos revidaram. Em apenas alguns segundos, milhares de cartuchos de bala voavam pelo lugar, enquanto os bandidos se escondiam atrás dos seus caminhões e calibravam suas armas. Dos buracos de bala recém-feitos, começava a vazar água traficada. Os autoblandados iam em direção aos aguistas disparando, até que uma pedra redonda atingiu o vidro de um carro policial e o rachou. Os PMs a olharam assustados. Não, não era uma pedra. Um carro da PM explodiu, e milhares de balas vindas dos bandidos acertaram os policiais, que tiveram de frear para socorrer possíveis sobreviventes do veículo que explodira.

O fogo cruzado era extremamente intenso no túnel, já cheio de chamas, gasolina, sangue, tripas e enormes poças de água e lama no chão. Ninguém sabia mais quem estava perdendo ou ganhando, só atiravam

desesperadamente, esperando que a luz da combustão das armas iluminasse pelo menos um pouco o local. Pessoas feridas caíam no chão, as poças de água ficavam vermelhas, os vidros estavam trincados e lambuzados de sangue. Muito sangue. O capitão Ryan, no topo do seu carro, comandava os policiais, com o fuzil na mão. Odiava fazer aquilo, mas foi obrigado a ser um policial militar por uma loteria de serviço militar estatal. Sua vocação para ser um combatente era inegável, apesar de ele não estar necessariamente feliz com aquilo. Um dos autoblandados explodiu em chamas, um caminhão capotou em cima de aguistas, uma mão em pedaços enfeitava um vidro quebrado e ensanguentado de um dos veículos policiais. Após mais alguns minutos, os tiros foram diminuindo, até os PMs perceberem que estavam atirando no nada. Todos os corpos esburacados dos traficantes boiavam na água lamacenta e sangrenta. Policiais mortos e feridos estavam jogados no chão dos carros blindados que resistiram ao conflito.

Caminhões vazavam muita água e alguns estavam em chamas. Ryan abriu a porta do carro, quase vomitando ao inalar o cheiro dos corpos e pólvora, e caminhou no sangue com seu fuzil, quase sem balas. Dos sete caminhões de água, eles haviam recuperado apenas quatro. A sua rápida contagem também mostrou 26 traficantes e dez policiais mortos. Além disso, dois autoblandados haviam sido destruídos. Ryan respirou fundo, apesar da horrível fragrância no local, e ergueu seu rádio portátil:

— Alvo capturado, aguardando instruções.

///05/08/2054

O professor Águia caminhava lentamente por uma das ruas vazias da velha cidade de Tiradentes. A lua iluminava seu enorme casaco, que cobria vários curativos por todo seu corpo. Maria, sua amiga paulistana, era uma ótima costureira, mas sua habilidade como enfermeira era questionável. As suturas haviam se soltado pelo menos três vezes no tempo em que passara escondido no apartamento dela em São Paulo. Os ferimentos ainda doíam. Era madrugada, e estrelas enfeitavam o céu do interior do ex-estado mineiro. As apertadas estradas eram de pedra e cascalho, e ele pisava sobre elas, indo em direção à igreja dos escravos. O jardim estava podado e as paredes, reformadas, mas a recente e modernizada porta de metal contrastava com o visual barroco da igreja. Entrou, checou seus arredores, para se certificar de que estava sozinho, e trancou a porta. Em seguida, foi até uma tábua de madeira um pouco solta.

— Maria, você disse que eles me aceitariam. Espero que esteja certa — sussurrou para si, e pisou fundo na tábua três vezes, ativando um botão escondido.

Antes que pudesse perceber, a tábua virou e ele caiu em um porão escuro. O impacto em um empoeirado chão o machucou, mas, àquela altura, apenas se esconder importava. Acendeu sua lanterna, o porão era um espaço escuro, seco e vazio, a não ser pelas teias de aranha. As paredes estavam cheias de aberturas para túneis mais escuros ainda. Em cima deles haviam frases de um português antigo e em línguas africanas, que ele não entendia.

— Que merda, acho que só um túnel desses é o certo...

João não tinha mais como voltar para cima. Sua amiga, Maria, que já tivera contato com uma resistência local, havia lhe avisado sobre as armadilhas nas entradas erradas, e o túnel certo era um em português, que dizia... O nervosismo fez sua mente dar branco, o que seria uma situação engraçada e patética em uma prova escolar, mas ali era simplesmente desesperador. Águia se sentou no chão, respirando tão fundo que quase inalava a poeira.

— Chega.

Dos dez túneis, haviam quatro em português. DIALETTO, MORTE, PHARMACIA e ILHÉU. Ele olhou para os lados, sorteou, e entrou

correndo em um. Pegou sua arma, a mesma que roubara da mão decepada, segurou a lanterna na outra mão, e seguiu rapidamente de olhos fechados, esperando o pior. De repente, caiu no que parecia ser uma queda livre na penumbra, sua lanterna sumiu na escuridão e ele sem querer atirou com a arma.

Pela pouca e breve luz do disparo, ele avistou algo que se assemelhava a um túnel escorregador, descendo para algum lugar. Depois voltou à escuridão. Então, sentiu uma aguda dor na mão, largou a arma e tocou a mão dolorida. Havia ali um pequeno furo, que atravessava a mão ensanguentada. Era o tiro que ele tinha dado sem querer. O sangue jorrava loucamente. Águia desmaiou enquanto descia.

///06/08/2054

Dona Oliva estava varrendo seu pequeno apartamento, quando alguém bateu na porta. Ela encostou a vassoura na parede e abriu uma fresta.

— Quem é? — perguntou, com sua voz arrastada de idosa.

— Bom dia, senhora Oliva. — O corredor escuro só mostrava a silhueta de três homens de terno, e o que falava tinha um charuto aceso na boca. — Presumo que não saiba que seu marido, José Luiz Oliva está detido por espionagem dos assuntos privados do síndico.

Ela franziu a testa.

— Ninguém me falou nada... — A cabeça da mulher se enchia de dúvidas, até que ela logo entendeu sua situação.

— Como a lei diz, as prisões de espões e agentes subjetivos devem ser feitas secretamente, e qualquer um que saiba delas deve ser calado.

— Que lei é essa? — questionou a mulher, assustada e confusa.

— A lei foi aprovada pelo síndico no dia 21 de julho. Você tem que deixar seu apartamento.

A mulher deixou escapar lágrimas e caiu aos pés do homem.

— Esperem, não façam isso... Eu não sabia de nada... — Ela começou a chorar.

— E ninguém saberá. Sua passagem para o Uruguai já está registrada. Você tem uma hora para comparecer no Terminal de Ônibus Central e levar seus pertences. — Após esse anúncio, o homem e seus comparsas foram embora.

///

O terminal dos ônibus do Barra3 estava lotado de pessoas. Todas tinham recebido bilhetes de saída para o Uruguai por cometerem o crime de saberem demais. Era uma enorme multidão. Todos conversavam nervosos sobre suas histórias e discutiam sobre o futuro, até que uma voz começou a falar nos megafones. No entanto, ninguém ouvia nada, tamanho o barulho das conversas. Cinco ônibus de 5 andares abriram as portas, e centenas entraram ao mesmo tempo. Umas vinte ficaram de fora.

Entre eles, um homem fazia o papel de uma espécie de líder dos que ficaram, alertando às pessoas para não entrarem. Policiais armados vieram até eles e os levaram para a sala de segurança do terminal. Todos sentaram

em um grande sofá do local, e o “líder” foi levado para outra sala, uma sala de interrogatório. Ele se sentou, nervoso, e outro policial, este calmo e com um charuto cubano na boca, começou a falar.

— Cidadão, porque está fazendo todo esse escândalo?

— Acham que sou idiota, seus fascistas? O Uruguai não iria aceitar tantos imigrantes do dia pra noite eles estão com problemas o suficiente com a Argentina!

— Bom... — O policial não sabia o que dizer. Sabia que aquelas 200 e poucas pessoas não iam para o Uruguai. Não iam para lugar algum. E aquele retardado estava atrapalhando seus planos. Não só os seus, como os da liderança da PM do Barra3 e de Dan. — Vá se foder — o PM murmurou, enquanto disparava na cabeça do infeliz.

A vítima caiu de cara na mesa, enchendo-a de sangue. As pessoas que estavam do lado de fora se levantaram do sofá ao ouvir o tiro, apavoradas, e se apavoraram ainda mais quando o policial saiu da sala atirando em todos. Nos ônibus, ninguém ouvia os tiros, todos ainda conversavam, gritavam ou choravam. Até que sentiram um cheiro estranho, mas não incomum. Dona Oliva se levantou, sentindo-se muito cansada subitamente. Muitos caíram no sono, e o burburinho logo cessou. Ela andou rapidamente entre a multidão que caía no sono até a porta de saída do veículo, só para se deparar com uma fechadura lacrada. Virou-se, sonolenta, e correu até a porta de entrada, também trancada. O ônibus não tinha motorista. Tentou bater contra a janela e quebrá-la. Tentou várias vezes, mas o sono aumentou. Logo ela caiu no chão, enquanto a vida começava a deixá-la.

///

“Para o Caçador.

Jim, eu sei que você tem tido importantes negócios na Ásia Unida, mas o Brasil precisa de você mais uma vez. Parece que os síndicos cariocas surtaram, e quebraram os acordos e tratados que tínhamos. É claro que oferecemos boas quantias de dinheiro para os líderes e tivemos reuniões até com o governador do Sudeste, mas o Gov. Superior não pode fazer nada, pois os síndicos são como subditadores dentro dos prédios. Eu sei que você adora Macau, e nosso contrato não fala nada sobre você ir para onde eu mandar ir, mas eu, sinceramente, não recusaria a oportunidade de vir para

cá de novo. Ainda mais quando você pode ganhar alguns milhões de dólares. Terá a viagem, equipamento, apartamento, segurança da melhor qualidade e direito a ficar quanto tempo quiser. Caso queira vir, vá para o porto do mercado negro na sua cidade. Haverá um iate te esperando pelos próximos 5 dias (a guarda costeira já foi paga) e o próprio líder da Ordem Vermelha no Brasil, o ex-tenente do exército alemão, Johann Fritzerwald, vai recepcioná-lo no Porto de Santos, onde haverá um jantar para explicar suas tarefas no Brasil, que serão principalmente assassinatos de estorvos para nossa empresa. Dali, você será levado para o Rio de Janeiro de helicóptero e será hospedado no Hotel Maximus, de 5 estrelas.

Um abraço, Mikael Saratov.”

///11/08/2054

Tiros atravessaram a janela. A luz avermelhada piscava o tempo todo. Um homem saiu de debaixo da mesa de madeira e agarrou o rádio:

— Alerta vermelho! — Uma bomba explodiu em uma parede perto dele. — Alerta vermelho, alerta...

O alarme de emergência e incêndio tocava no volume máximo por toda a estação. O rádio respondeu cheio de chiados.

— Ei... É a... Estação de comando principal do Sudeste?

— Sim! Enviem... — outra explosão — enviem reforços!

Tiros atravessaram a porta da sala de rádio e comunicação. O muro de proteção ao redor da estação no alto da serra mineira começou a rachar. O tenente-chefe dos traficantes aguistas estava andando rapidamente com dois traficantes prontos para a batalha na trincheira de defesa.

— Wichser, já mandaram os caras da artilharia?! — Os dois saíram correndo.

— Senhor, o avião de defesa tá pronto! — gritou alguém, de longe.

— Decola, scheisse!

Um bombardeiro passou destruindo uma fábrica de munição no centro da estação, enquanto vários bandidos preparavam as armas de defesa do local e corriam desesperadamente. Ouviu-se um barulho ensurdecido e o muro de defesa ficou totalmente rachado. Os guardas da muralha caíram mortos das torres de vigia. O tenente ficou perplexo, e buscou o comunicador:

— Eles passaram do primeiro muro?!

Um vigia no alto da torre de controle respondeu que sim, enquanto uma interferência atrapalhava a comunicação. Um caça da extinta Federação Russa levantou voo e começou a bombardear os invasores do lado de fora do muro. Disparos de artilharia pesada explodiram mais dois caminhões. O tenente começou a correr pela trincheira para o centro da estação.

— Evacuem tudo, evacuem tudo!

Os bandidos, antes atirando e jogando bombas desesperadamente, começaram a pegar as caixas de munição e esvaziar o armazém de água. Carregaram caminhões com caixotes repletos de galões cheios e avançaram por túneis subterrâneos.

Enquanto evacuavam, toda a estação ia pelos ares sob os bombardeios incessantes, e os muros quase não resistiam mais. Alguns membros da polícia militar de elite já escalavam o frágil muro e invadiam, enquanto helicópteros de guerra e aviões do BOPE atiravam em tudo. O caça russo da máfia logo caiu na fortificação ilícita invadida.

— Tenente Fritzerwald, seu blindado está pronto. Para onde iremos fugir? — disse um dos homens da gangue.

O tenente parou um minuto para pensar.

— A PM acabou de detonar nossa estação, então vamos ocupar a cidade mais próxima. Preparem tudo para irmos para Juiz de Fora.

///

O comissário do Barra3, Crimes, saiu do seu veículo blindado. Estava em um acampamento de planejamento na serra, com vista para Juiz de Fora. Os capitães dos três esquadrões de autoblindados do Barra3, Aron, Francis e Ryan, apresentaram-se para recebê-lo.

— Bom dia, comissário. Já faz cinco horas que destruimos a estação principal da Ordem Vermelha. Como o senhor sabe, os delinquentes fugiram e se reagruparam em Juiz de Fora. Já derrubamos o murinho improvisado de defesa da cidade. A PM já está quase pronta para invadir a última capital dos aguistas, Juiz de Fora. — informou Aron.

— Bom. Já faz pelo menos uns dez ou mais anos que eles criaram um estado criminoso dentro do nosso. E Dan acabou de autorizar que sejam punidos por seus crimes — disse o comissário.

— Temos PMs dos três Barras, do Centro1, da Tijuca1 e de vários prédios pela zona sul e norte, além de termos contratado algumas divisões do BOPE. A situação está indo melhor do que pensamos. Em até quatro horas ela será nossa. Eu, pessoalmente, desejo deter o comandante deles — comentou Francis.

O comissário pegou um fuzil que estava posicionado sobre a mesa de planejamento da invasão policial e entrou no seu autoblindado, logo dirigindo para a estação destruída da Ordem Vermelha.

///12/08/2054

O comissário Crimes acordou amarrado em uma cadeira, tinha cortes nos braços e uma ferida de bala nas costas. Estava em uma sala semidestruída e suja, além de empoeirada.

— Bom dia, Herr Crimes — disse alguém detrás dele.

— Quem está aí?! — perguntou, assustado.

— Mein nome é Johann Fritzergald. Ich sou der tenente comandante das forças da estação principal da Ordem Vermelha aqui, além de líder principal das forças no Brasil. — O homem de sotaque recarregou uma arma. O policial começou a suar frio.

— Fritzergald... Ouvi falarem muito de você — murmurou o comissário, tentando manter a autoridade, mesmo aterrorizado. O tenente afiava facas e posicionava ganchos sobre uma mesa de madeira. No teto, um ventilador antigo estava paralisado.

— Como pode ver, deine “poderosa” ofensiva policial à Juiz de Fora foi derrotada. Quase capturamos até um tal de policial Francis ou sei lá. Aber o verdadeiro troféu de batalha é você.

O comissário olhava os arredores e buscava uma saída, mas as lâmpadas estavam apagadas. A única iluminação era um feixe de luz alaranjada que entrava por uma janela pequena perto do teto, com persianas na frente. O tenente terminou de afiar uma faca e colocou-a sobre a mesa.

— Du só precisa me dizer onde será feita die ofensiva reserva, e poderá sair. Caso o contrário...

Ele ouviu o criminoso acender um isqueiro.

— Não vou dizer nada! Nada! — gritou, estressado. Assim que notou que sua orelha estava ficando quente, começou a sacudir-se violentamente.

— Fica quieto, porra!

Ele sentiu o fogo a milímetros de sua orelha.

— Calma! Calma! Eu falo! — gritou Crimes. — A ofensiva reserva, assim que pronta, será pela estação mineral norte, terá menos soldados, mas estará mais bem equipada que a do ataque anterior. Me solta, por favor!

— Vielen danke, comissário.

O tenente empurrou a cadeira para trás, e o comissário, amarrado nela, caiu por uma janela que não havia percebido estar atrás dele. Caiu por alguns metros, atingindo uma espécie de lago ou piscina do lado de fora. Fritzergald observou enquanto o policial afundava na água suja e fria.

///13/08/2054

Um tiro de escopeta na fechadura e a porta desabou com um chute.

— De acordo com as fontes, ele só pode estar aqui... Vasculhem toda a casa, olhem cada canto, revirem tudo, mas achem o comissário Crimes! — gritou o capitão Ryan, cheio de arranhões e com uma faixa ensanguentada no braço. Dezesete PMs de elite entraram fortemente armados.

Após oito minutos, encontraram o comissário jogado em meio ao mato do lado de fora do imóvel, ensanguentado e inconsciente. Próximo a ele, vários pedaços de madeira quebrados boiavam em um raso lago. Apesar de tudo, estava vivo.

///18/08/2054

Fritzerwald corria por um armazém de munição da polícia com um revólver na mão. Parecia já estar correndo há algum tempo, e demonstrava ter fôlego para correr muito mais. Logo atrás, vinham perseguindo-o quatro policiais militares de elite. Um tinha um megafone acoplado ao seu capacete, que usava para gritar:

— Pare imediatamente!

O tenente dos traficantes parou de correr e pulou para detrás de uma caixa de madeira enquanto uma rajada de tiros acertava a parede.

— Sie não sabem onde estar se metendo! — gritou Fritzerwald, enquanto os policiais se aproximavam.

De repente, o traficante se levantou e atirou , matando um policial com um disparo certo. Os outros três oficiais se protegeram atrás de uma empilhadeira motorizada. Mais tiros voaram em direção à caixa. Fritzerwald avançou para outro corredor, voltando a ser perseguido pelos policiais. Em apenas alguns segundos, o criminoso subiu por uma escada, pulou para uma plataforma de metal suspensa próxima do teto e entrou em uma sala de controle de guindastes, enquanto a plataforma e a escada recebiam tiros. Fritzerwald atirou rapidamente no controlador dos guindastes ao mesmo tempo em que recarregou o revólver com a outra mão .

— Licença. — Ele empurrou o controlador morto da cadeira de comando e começou a mexer nos mecanismos do local. Os três policiais passaram correndo pelo corredor, indo em direção à escada, quando uma enorme empilhadeira passou atropelando dois, espalhando sangue e produzindo sons de ossos se quebrando. O policial restante se esquivou, e, sem tempo para lamentar as mortes, avançou para a escada antes que a empilhadeira desse meia volta e também o atropelasse. Entrou sala de controle com a sua metralhadora em mãos, sem olhar para os lados, focando na mesa de comandos.

— Você está pr...

O tenente não estava na cadeira ou em qualquer local visível do cômodo.

— Bu.

Uma faca rasgou o pescoço do último policial, Fritzerwald estava detrás dele. O homem caiu, o pescoço jorrando sangue, enquanto o tenente

ia para o elevador no canto da sala limpando a faca e levando a submetralhadora. Fritzergald entrou no elevador e apertou o botão para ir até o telhado do armazém. Respirou fundo, relaxando, enquanto a música do elevador tocava suavemente. Saiu caminhando sobre o telhado, com a arma em punho. Olhou ao redor. Menos de dez dias atrás aquela estranha e destruída fortificação era não só sua base como também a base principal de toda a Ordem Vermelha no Brasil. Toda a ex-estação principal ao seu redor estava destruída. Prédios em assombrosas ruínas, o chão esburacado, carros queimados e muitos corpos cheios de buracos de bala. O antes imponente muro que superara dezenas de incursões de policiais, milícias e facções inimigas havia sido destruído pelas forças policiais do Barra3 e seus mega-edifícios aliados. O criminoso olhou para trás, pegou a mira de franco-atirador e acoplou ao revólver, puxando do gatilho. Um helicóptero da elite da PM se aproximava velozmente pelo céu, com faróis ligados e as enormes metralhadoras apontadas.

— É, mas isso não vai acontecer — murmurou Fritzergald, enquanto mirava e atirava em direção ao veículo, que estava a pelo menos quinze metros de distância.

O piloto assistiu ao vidro quebrar em sua frente, e a bala entrou na sua cabeça, um pouco acima do nariz.

O copiloto até tentou fazer algo, mas logo outra bala foi disparada contra ele, matando-o também. O alemão respirou fundo, ainda pensando na música do elevador para relaxar, fazendo com que tudo ao seu redor se passasse em câmera lenta. As hélices pararam de girar, e o helicóptero acabou caindo em espiral na direção de uma colina a alguns metros da estação. Depois de colidir, deslizou para baixo em chamas e explodiu ao tocar o solo. O tenente ficou observando, respirando calmamente, quando algo fez um corte em sua mão. Instintivamente, ele derrubou a arma e virou-se para trás. Era o capitão Francis, com uma adaga na mão e uma pistola na outra. O oficial socou o rosto do inimigo com a parte não cortante da faca e gritou:

— Chega! Sabe quantos policiais honestos você e suas putas da Ordem Vermelha mataram?! Sabe quantos, filho de uma cachorra?!

Fritzergald agarrou a mão inimiga que segurava a faca e a tomou de seu inimigo. Revidou o ataque com um soco. Francis ergueu sua arma e

atirou, mas o outro esquivou e lhe deu um forte chute na perna, derrubando-o e cravando-lhe a faca no ombro.

— Eu aguentei você por tempo demais, capitão Francis. Primeiro, foge do cativoiro... E, agora, quer me matar?! — O tenente pisou com força a mão que segurava a arma, quebrando os dedos do inimigo e impossibilitando-o de atirar.

— Argh... você pode me matar... mas nunca vai derrotar o Brasil! O comissário e os outros capitães vão tomar Juiz de Fora de volta, e aí a Ordem Vermelha será só mais uma das gangues que a PM exterminou!

Fritzerwald arrancou a faca do ombro do policial.

— Que pena, né?

O PM levou uma facada no coração e tudo ao seu redor escureceu. O tenente caminhou lentamente até uma espécie de pequena sala de controle no telhado e entrou. O cômodo estava vazio e com todas as luzes apagadas. Ele sorriu levemente enquanto ia até o painel e abria todas as entradas do armazém de armas. Em seguida, olhou pela janela do pequeno quarto e avistou um helicóptero com insígnias da Ordem Vermelha se aproximando.

///20/08/2054

O comissário Crimes abriu o mapa da cidade em cima da mesa. Os outros dois capitães o observavam, um tanto tensos. Na verdade, toda a força policial estava tensa. O comissário, com voz fraca, mancando e de braço enfaixado, dirigiu o olhar aos capitães, e então quebrou o silêncio.

— Ryan, sua equipe vai entrar pelo lado leste do muro. Aron, você e seu time vão entrar pelo túnel de esgoto que leva até o centro da cidade, e tomem cuidado com as minas terrestres. Meu esquadrão entrará pelo portão norte do muro, com as tropas do finado Francis. Lá, provavelmente, haverá três batalhões inteiros dos aguistas. Quando os derrotarmos, iremos para o centro da cidade, onde teremos nosso... “encontro” com o tenente Fritzergald.

— Comissário, quando o encontrarmos, como o derrotaremos? — perguntou Aron. — Ele matou uns vinte PMs sozinho da última vez que atacamos a cidade.

— Conheci ele de perto. É um puta psicopata. E muito forte. Temos que tentar emboscá-lo ou pelo menos cansá-lo o suficiente para que matá-lo fique fácil... Mas, um alerta, preparem-se para o pior quando o encontro chegar. Talvez até para morrer.

— Foi ele que matou o capitão Francis, né? Por que você falou pra gente que ele morreu em um acidente? — questionou Ryan.

— Porque se eu dissesse que Fritzergald matou sozinho Francis e mais uns quinze policiais faz uns dois dias, nossas tropas não iriam querer mais lutar.

Depois da resposta de Crimes, Ryan e Aron passaram para a análise do mapa de ataque.

— Senhor, vamos fazer isso agora? — quis saber Aron.

— Dan disse que temos só mais dois dias para render a cidade ou seremos executados por insubordinação militar — informou o comissário.

///

“Herr Saratov, por favor, precisamos muito de ajuda. Não sei por quando tempo mantereí a cidade. Realmente espero que você não esteja ignorando nossas comunicações propositalmente, isso seria muito mal educado da sua parte... O governador Keller está permitindo que líderes de

prédios com polícias subordinadas ataquem nossas bases em Minas Gerais e pontos de tráfico no Rio, e boa parte das forças já eram! Tivemos que ocupar a cidade de Juiz de Fora, mas acho que se a própria polícia ou o governo não tomarem a cidade de volta... Acho que a população vai tirar a gente daqui a força. Por favor, envie apoio, nem eu acho que conseguirei resistir por mais tempo...”

Mikael Saratov ouvia a mensagem de voz em um inglês com forte sotaque do tenente Fritzergald do seu apartamento de luxo em Moscou, enquanto tomava um conhaque e observava a neve cair do lado de fora e chocar-se na sua enorme janela de vidro ornamentando e blindado. Andou lentamente até o celular holográfico e enviou uma mensagem de voz, falando em alemão:

— Não se preocupe, tenente. Pode falar em alemão. O Caçador está a caminho. Só tente evacuar o máximo de soldados até o início de setembro, e então eu o enviarei com uma escolta especial para tirar você daí. Mas, antes de deixar a cidade, leve com você o máximo de água possível. Vai ser difícil operar sem nossos túneis de tráfico. Resumindo: mantenha a cidade até o início de setembro.

///21/08/2054

Os traficantes aguistas estavam dormindo no dormitório coletivo em um dos albergues locais quando foram acordados bruscamente por sons de tiros do lado de fora do estabelecimento. Logo os alarmes de emergência de toda a cidade foram acionados, Juiz de Fora estava sendo atacada. Helicópteros da polícia voavam baixo, desviando das instalações antiaéreas da Ordem Vermelha e disparando projéteis sobre a cidade. O muro de defesa rachava rapidamente, mas atrás dele havia prédios grandes, com artilharia defensiva posicionada nas lajes já sendo ativada por traficantes desesperados que levantaram apenas alguns minutos antes. Os helicópteros driblaram os projéteis e avançaram, adentrando mais e mais o espaço aéreo da cidade. O capitão Aron estava no banco de copiloto de um deles.

— Siga para o centro da cidade! — gritou.

O helicóptero desviou dos tiros e mísseis e soltou as suas escadas, por onde alguns PMs de elite desceram deslizando para pular no telhado da antiga ex-prefeitura da cidade. O Paço Municipal, seu nome oficial, era uma grande prédio construído no início do século XX. Contava com pelo menos dois andares e estava cheio de faixas e estandartes da bandeira da Ordem Vermelha. O helicóptero pairou no ar ao lado de uma grande janela, maior que as outras. O piloto gesticulou, desejando-lhe boa sorte. O capitão acenou de volta e pulou na vidraça do prédio, caindo dentro da sala do prefeito entre os cacos da janela que acabara de quebrar.

Levantou, engatilhou o fuzil e olhou ao redor. Havia três armários e seis prateleiras, algumas mesas, uma com televisão, e uma escrivaninha cheia de papéis e documentos. O local parecia ter sido abandonado há alguns dias, mas um charuto recém-apagado e ainda com fumaça estava jogado sobre os papéis. Aron caminhou lentamente até a porta e verificou o fuzil, certificando-se de novo que estava pronto para atirar.

— É agora — murmurou, pegando uma granada.

Abriu a porta bruscamente e imediatamente lançou uma granada no hall do prédio, no andar de baixo. Todos os criminosos que estavam em posição defensiva no andar inferior olharam para cima quando ouviram a porta abrindo e correram para as escadarias com suas armas empunhadas assim que perceberam a granada sendo jogada.

Aron voltou para dentro da sala, fugindo das dezenas de balas que vinham na sua direção, e pegou uma dinamite presa ao seu cinto. Os traficantes, assim que chegaram no andar de cima, viram a porta fechar-se e então deram um tiro na fechadura. Só viram a explosão na frente de suas faces, e voaram partidos em pedaços e jorrando sangue pelo lugar. O capitão saiu de dentro de um dos armários, caindo tossindo em meio aos detritos da explosão e fumaça.

— Guten Tag, Herr Aron — exclamou o tenente Fritzergald, entrando na sala com uma máscara de gás cobrindo-lhe o rosto e um revólver na mão. — Ja, ja... vou confessar... eu já estava com saudades da polícia enchendo a porra do saco.

Aron tossiu fumaça e encarou o tenente:

— Animal! Você sabe que vai perder e luta! Luta!

— E vou continuar lutando. Lutando por algo que a polícia do mundo inteiro se esqueceu há muito tempo. Justiça. Água. Depois da guerra devastar Deutschlands, eu me uni às forças de pacificação da NATO. Os horrores que eu vi lá... Você não suportaria, capitão. Toda a sociedade foi tomada pela luta por sobrevivência e pela loucura, uma barbárie triste e infundável. Eu me uni a Krasnyy Zakaz, ou como vocês gostam de chamar, Ordem Vermelha, pra lutar pra consertar o que eu tive que fazer na Europa... Enfim, Ich não faço isso sem propósito. Das justiça só será feita quando todos possam beber água... Se não puder ajudar, não atrapalhe, Herr Aron.

Fritzergald destravou a arma. Aron gritou:

— Me mata! Me mata! — A arma foi apontada. — Outros virão, se me matar. Temos centenas de policiais lutando.

O tenente riu:

— Seu heroísmo não vai me deter. Você é um bom homem, Aron, mas luta pela causa errada. A Ordem Vermelha distribui água para centenas de pessoas com sede semanalmente. Praticamente de graça. E vocês?

— Vocês são assassinos, vocês matam todos que estiverem no caminho de seus objetivos sem questionar! — gritou Aron.

— E vocês fazem o quê?

Um tiro ecoou no ar, os dois se surpreenderam. Aron procurou a origem do som, Fritzergald estava rindo, após ter sentido o impacto do disparo socar suas costas.

— Vocês acham que eu não uso colete?! — Ele se virou e começou a atirar com a pistola. Aron não via praticamente nada pela fumaça, mas ouvia gritos de dor. E de alguém conhecido, provavelmente Ryan.

— Ryan, não! Eu disse que ele era meu... Ele é perigoso demais!

Antes de falar mais qualquer coisa, ouviu barulho de choque altíssimo, estática percorria o ambiente, era uma arma de pulso-eletromagnético muito forte sendo utilizada. Aron observou Fritzergald ser lançado por vários metros de distância, atravessando a vidraça quebrada, até cair na rua quase totalmente destruída pela invasão policial. Tiros cortavam o ar, carros blindados, policiais e criminosos corriam pela calçada, helicópteros pelos céus. O tenente se recompôs, jogado sobre o capô de um carro, e olhou para a prefeitura, cheia de fumaça. Abriu o bolso frontal do colete. Tinha uma granada. Ao mesmo tempo, Aron e Ryan desciam as escadas do Paço Municipal, cobertas de pedaços de corpos e quase destruídas integralmente pela explosão. Ryan carregava o seu fuzil elétrico, cujo fortíssimo poder de eletrocutar podia arremessar qualquer coisa de até 200 quilos com apenas uma descarga.

— Aron, Fritzergald vai fugir se não o confrontarmos logo. — O capitão Ryan tinha levado uma série de tiros no braço e na barriga, todos barrados pela armadura de capitão de autoblindado da PM. — Nós temos que impedi-lo.

Eles pararam de descer as escadas, o hall estava em chamas e cheio de detritos, corpos dilacerados. A porta de saída havia sido totalmente bloqueada por uma pilha de metal queimado.

— Vamos pela saída de emergência. — Eles se viraram.

Uma van blindada cheia de insígnias e armas da Ordem Vermelha parou logo ao lado de Fritzergald.

— Chefe, você está bem? — perguntou o motorista.

O tenente se levantou, abriu a porta do veículo e jogou o motorista para fora.

— Danke, Ich brauche dieses carro — murmurou ele, enquanto se acomodava no banco e ligava os sistemas de armas. Os criminosos passageiros do carro o observaram, com armas empunhadas nas janelas.

— Permissão para atirar, tenente?

— Ja, atirem tanto quanto puderem — ordenou o chefe, enquanto pegava seu telefone. — Agentes no telhado e saídas de emergência da prefeitura, preparar para confronto com elementos fortemente armados. Não poupem nenhum poder de fogo.

///

Aron derrubou a porta de saída de emergência com um chute e atirou em um inimigo que estava do outro lado posicionando uma arma automática no chão. Logo atrás dele vinha o outro capitão, tossindo por conta da fumaça no edifício.

— Rápido! — gritou Ryan, surpreendendo-se com tiros de uma metralhadora vindo na direção deles. Os dois se protegeram atrás da parede de um prédio quase destruído ao lado do Paço Municipal. Aron se sentou no chão, tentando ativar seu comunicador, agora danificado.

— Temos que achar Fritzergald, vou tentar chamar reforços. Ryan, vê se tenta procurar ele por perto ou sei lá.

Ryan assentiu e vasculhou os arredores. Havia um carro blindado vindo em alta velocidade em direção à parede onde os dois oficiais estavam apoiados.

— Aron, acho que encontrei.

Um míssil foi lançado de uma bazuca do carro. Ambos se jogaram no chão e foram deslocados bruscamente pela explosão enquanto a parede voava pelos ares.

— Herr Ryan, Herr Aron, que honra vê-los novamente. Quase senti saudades — exclamou o tenente dos traficantes, saindo do carro com uma AK-2047 empunhada e destravada.

— Johann Fritzergald, tem o direito de permanecer calado ou atirarei! Mãos na cabeça! — gritou Ryan, apontando com sua arma para o criminoso.

— Atira nesse filho da puta logo, cara! — bradou Aron, pegando sua pistola e atirando no inimigo, que abriu os braços gargalhando.

Os tiros não faziam efeito nenhum, as balas chocaram-se contra a farda do exército alemão pichada com símbolos da Ordem Vermelha

extremamente blindada do criminoso e caíram no chão, amassadas. Ryan atirou até ficar sem munição, e, ao ver que não conseguiria efeito algum, guardou a pistola e correu até o traficante com uma faca. Fritzerwald revidou rapidamente, agarrando-o pelo pescoço e o imobilizando. Aron tentava atirar inutilmente, pois já estava até sem munição.

— Saber du o que é blindagem, Herr Aron?! — gritou Fritzerwald enquanto batia no peito com a mão livre. As batidas produziam ecos metálicos. — Quando você atirou em mim, Ich estava com blindagem. Mas o seu amiguinho não está com uma sehr gut. Ou seja... — Ele fez um gesto para seus capangas, enquanto Ryan continuava imobilizado, e a maior metralhadora do carro blindado começou a piscar freneticamente. Aron se jogou no chão, enquanto dezenas de pequenas balas atravessavam o policial imobilizado como se ele fosse um boneco de pano. O tenente jogou o PM inanimado no chão e limpou sua cara suada com a mão, enquanto desembainhava uma arma branca com a outra. Aron tentou se levantar, percebendo que os tiros haviam parado, mas naquele instante uma faca foi cravada fortemente na lateral do seu pescoço, furando uma artéria. O capitão desabou no chão, sangrando e agonizando, tentando impedir o sangramento com uma mão.

— Adeus Herr Aron. Ich sei como é a morte, mein amigo. Ich estava em Hamburgo quando os russos lançaram o ICBM de bombas tsar em Dresden. Apesar da distância, fiquei um mês soterrado nos escombros da mein velha casa, me alimentando com restos de comida podre e com o que sobrara da minha família e do meu cachorro. Foi horrível. Ich deveria ter morrido com eles... Até as forças de pacificação me acharem eu já estava morto. E de certa forma ainda estou. Então, diga para minha família, quando os encontrar, que eu sinto muito por comer seus corpos e sinto saudade, mas não tive escolha. Se Deus existir e for misericordioso, talvez ele me permita ver todos vocês um dia. — Fritzerwald atirou uma granada e pôs na mão do capitão. Aron agonizou durante todo o longo monólogo. — Se você soltar, ela vai explodir. — O tenente respirou fundo enquanto voltava calmamente para o carro, coberto de sangue e sujeira. A porta se abriu, o criminoso entrou e rapidamente se acomodou e ajustou o cinto, tirando um charuto do porta-luvas e acendendo.

— Pra onde vamos, chefe? — perguntou um dos outros no carro.

— Wir... nós vamos para... — escutou algo pequeno e redondo batendo na janela.

Aron se levantou fragilmente para assistir ao veículo dos criminosos explodir em chamas e fumaça. Olhou para Ryan.

— Ryan, você está... — Ele tentou chamar o companheiro, mas ficou sem palavras quando avistou o tenente saindo da fumaça e das chamas, cheio de arranhões, cortes e estilhaços pendurados e cravados por todo o corpo. Metade de seu nariz havia desaparecido, e ele carregava uma faca com lâmina partida pela metade, enquanto caminhava furioso na direção do capitão. A explosão fora tão forte que todos no veículo haviam morrido e a armadura, junto com boa parte da pele do homem, fora quase totalmente pulverizada pelo fogo. Aron olhou para todos os lados em busca de seu revólver, uma metralhadora, escopeta, qualquer coisa que atirasse.

Enxergou o seu revólver, sua mão o apalpou, pronta para agarrá-lo, quando subitamente sentiu uma dor terrível.

Observou sua mão, jogada no chão, e a faca ensanguentada na mão do seu inimigo, pronta para cortar ainda mais. Seu punho mutilado jorrava sangue para todas as direções. Tentou correr ou fugir, mas estava fraco, e foi definitivamente impedido quando levou outra facada no peito. Várias facadas o atingiram sucessivamente, o capitão viu uma penumbra, algo escuro se aproximando, enquanto perdia o sentido de realidade e o frio congelante se apoderava dos arredores. Fritzerwald limpou sua faca ensanguentada e cuspiu em Aron.

— Policial nojento. Du além de lutar por causas erradas é um completo imbecil. Havia chance de du sobreviver se carregasse die bomba por tempo suficiente. Agora morra de uma vez, ja? — O tenente falava com dificuldade, parte de sua língua fora destruída pela explosão. De repente, os dois escutaram um alto ruído, precedido por um breve, porém alto e estridente grito.

— Morre, caralho! — um tiro atingiu o tenente pelas costas, que apenas cambaleou. Ryan vinha mancando, coberto de sangue e sujeira, cheio de furos de bala por todo o corpo e feridas abertas. Havia alguns buracos dos tiros que o atravessavam. Fritzerwald se virou, analisou-o dos pés à cabeça e segurou firmemente sua faca quebrada e ensanguentada.

— Finalmente, Herr... Ryan. O zeit de um de nós dois neste mundo está chegando ao fim. — Sua voz estava fraca. Ryan recarregou a pistola

lentamente, alguns de seus dedos estavam quebrados. O cartucho caiu no chão. O capitão tentou se abaixar para pegá-lo, quando Fritzerwald deu-lhe um soco na boca. Ryan conseguiu segurar uma das mãos de seu inimigo, mas gritou de dor ao sentir a faca sendo cravada em seu olho esquerdo.

— Wir estaremos no mundo dos mortos em etwas minuten, Herr Ryan.

A faca atravessava o olho de Ryan.

— Você primeiro, porra!

O capitão quebrou o braço do tenente com toda a força e deu-lhe um soco na cara. Fritzerwald tossiu sangue, um dos seus dentes restantes caiu. Os dois se encararam por alguns instantes, e então o traficante arrancou brutalmente o olho do policial com a faca. Ryan caiu no chão, em meio de uma poça formada pelo sangue de ambos. Fritzerwald urrou de dor e pisou no pescoço do outro, jogando sua faca com o olho no chão. O policial sentia a fortíssima pressão no pescoço, quando avistou uma pistola suja jogada no chão. De quem era não importava, agarrou-a, tentando respirar desesperadamente, e atirou. Nada. Não parecia estar funcionando. Fritzerwald começou a rir levemente com os pulmões feridos.

— Hahaha... Achou mesmo que ia ganhar?

Ryan sentiu seu pescoço ser esmagado. Então, apertou o gatilho de novo, de novo e de novo. Mas nada acontecia, o click da arma era uma tortura. O tenente sorriu, um sorriso semibanguela e com lábios queimados e machucados. Então, os dois ouviram um estrondo, e logo só havia fumaça. E terra. Fritzerwald estava jogado no chão, gotas de sangue escorreram nos seu rosto. Viu Ryan pegar sua faca, piscou. Quando abriu os olhos de novo, seu inimigo estava com a faca em seu pescoço.

— Ich... eu mereço isso... é minha redenção pelo que fiz in mein mutter... na minha pátria mãe... Deutschlands... a justiça divina chega a todos, Herr Ryan. Esse é o meu castigo. — Ele soltou uma fraquíssima risada. — Quando o seu chegar... você e seu governo serão punidos... está pronto para quando acontecer?

— Não... — outra voz fraquíssima respondeu.

Fritzerwald entoou o hino alemão por alguns segundos antes de sua garganta ser cortada. Ryan se levantou; finalmente respirou fundo e pôde relaxar. Suas mãos trêmulas já soltaram a faca sem ele nem mesmo querer.

Helicópteros atiravam por toda a cidade, construções desmoronavam, as ruas estavam repletas de autoblindados, camburões e tanques, traficantes feridos corriam para se esconder enquanto eram perseguidos por policiais. Ele caminhou por entre as cinzas observando os arredores com o olho restante. Apenas sujeira e corpos. Ele derramava gotas de sangue. Avistou o capitão Aron, mutilado em uma poça de sangue no meio da rua.

Morto. Fumaça ainda saía da pistola que ajudara a matar Fritzergald. Ryan então fechou o seu único olho e desabou no chão.

///

Mikael Saratov foi acordado pelo estridente toque do seu telefone. Um dos subchefes da parte da máfia operante no Brasil estava chamando. O milionário bocejou e então atendeu.

— É bom tem um ótimo motivo pra me acordar nessa hora, camarada... — murmurou em russo, enquanto desativava a função holográfica para só haver voz na conversa.

— Senhor, tenho informações importantes para reportar. O tenente Fritzergald está morto, e metade da força-tarefa já era. Estamos planejando e montando uma nova estação-base um pouco mais para dentro da província de Minas, mas... — o subordinado já ia continuar falando quando foi interrompido pelo líder.

— Johann?! Morto?! Por que vocês não... ah, que se foda. Aquele riquinho militar dos Ribã provavelmente vai dar conta do recado. Nomeie ele o novo líder da Ordem aí no Brasil... E arrume essa base logo. Vou supervisionar pessoalmente. — O mafioso bufou de raiva, já sentindo falta de seu tenente e, acima de tudo, amigo alemão.

— Senhor, uma última coisa! Invadimos um armazém da PM pra roubar munição e armas, e encontramos algo que o tenent... o antigo tenente mandou perguntar o que fazer. Achamos o crânio de Josef Mengele em uma das caixas, possessões confiscadas pelos militares de faculdades por serem consideradas subversivas. O que fazemos com isso? Conseguimos guardar até agora, mas... — o capanga foi interrompido pelo mafioso.

— Eu vou buscar pessoalmente quando for aí. Ah, e... nunca mais ligue pra mim nesse horário. Sabe que horas são na Rússia? — Desligou o telefone.

///29/08/2054

Dan olhou para a filha.

— Espere, eu já volto. — Ele ajeitou a gravata e saiu do escritório. Entrou no elevador e aguardou, usando o celular holográfico. Dois minutos depois, entrou no andar do hospital do prédio e caminhou calmamente entre as filas de espera quase vazias até a secretaria do local.

— Preciso ver o capitão Ryan.

— Parente? — perguntou a moça.

— Não me reconhece? — Ela prestou mais atenção, e ficou vermelha de vergonha ao perceber que se tratava do síndico.

— Sim, senhor, ele está no leito 36. Mas o estado dele é gravíssimo.

— Poupe-me dos superlativos. Eu só quero saber se o meu melhor policial vai sobreviver.

— Hã... eu não sou médica, senhor, apenas... — Ela foi cortada pelo comissário Crimes, ainda com sequelas do combate, que vinha do corredor dos leitos:

— Dan! Veio visitar Ryan? Faz um tempo que ele não fica consciente... aquele alemão maluco acabou com a gente. Ele foi o único capitão que sobreviveu.

— Por isso quero vê-lo. O governador Keller me deu um bom dinheiro por libertar Juiz de Fora, e eu acho que colocar a polícia do Barra3 pra fazer mais operações assim pode nos dar mérito e lucro, além de acabar com o tráfico de água.

— Mas o que isso tem a ver com Ryan?

— Ryan seria ótimo como comissário. Nada pessoal, Crimes. Eu te colocarei como subcomandante e chefe da Polícia Investigativa do prédio. Você sabe como é, talentos como o dele podem dar muita moral para os policiais. — explicou o síndico calmamente.

— Tem certeza? Talvez o Ryan seja bom em ação, mas não em tática e administração — murmurou Crimes, relutante.

— Não me questione — exclamou Dan, calmo e severo ao mesmo tempo. Até a secretária ficou desconfortável com aquele tom de voz.

— Sim, senhor. Eu o levarei até o capit... comissário Ryan — disse o ex-comissário, com a voz um pouco trêmula e gotas de suor escorrendo pela testa.

Os dois agradeceram e se despediram da secretária. Caminharam pelo corredor, passando por macas, enfermeiras, pacientes e cirurgiões. O futuro

comissário padecia em um leito, completamente enfaixado e com soro sendo injetado em suas veias, no canto de uma sala repleta de equipamentos e profissionais.

Dan caminhou até o cirurgião-chefe:

— Onde está Ryan? — O médico olhou um bloco de anotações rapidamente e apontou para o canto da sala. Dan se dirigiu até lá, seguido pelo doutor e pelo ex-comissário.

— Seu estado é grave. Perdeu um olho, parte da cartilagem e... sua pele no braço esquerdo sofreu cortes tão profundos que chegaram no úmero. Além de quebrar o nariz, nove dedos, quatro costelas, o braço esquerdo e ter rachaduras leves em pelo menos mais dezessete ossos. Por sorte não houve nenhum dano cerebral muito forte além do coma involuntário e de prováveis perdas de algumas capacidades motoras durante algumas semanas após a recuperação. — O médico encarou Dan. — Você não vai conseguir falar com ele.

Dan o afastou com o braço e chegou mais perto do leito, observando Ryan por alguns instantes. Crimes se aproximou lentamente do síndico:

— Com todo o respeito, Dan, mas acho que Ryan não pode prescindir... — Dan socou fortemente a face do policial, limpando o sangue que escorreu em sua mão rapidamente no lençol da cama do novo comissário, enquanto todos os outros presentes os observavam, assustados.

— Primeiro... — murmurou, fuzilando Crimes com os olhos — ... eu já disse pra não questionar minhas decisões. Você é um policial militar sob total jurisdição e comando do síndico do Barra3. Segundo, estou sendo até bonzinho demais em deixar você continuar como PM após o fracasso do primeiro ataque a Tiradentes. Terceiro e mais importante, o termo correto é presidir; prescindir significa ignorar ordens superiores, e é exatamente o que você está fazendo, seu animal!

Crimes se levantou, limpando o rosto ensanguentado com a farda.

— Desculpe, senhor. — E deixou a sala sem entender quase nada.

Dan virou-se para Ryan novamente, mas a cama estava vazia. Olhou os arredores, o quarto, as macas, corredores... Tudo estava completamente vazio. As luzes se apagaram, enquanto o síndico procurava a saída, assustado. Então, as luzes se acenderam novamente, mas agora estavam vermelhas. O hospital estava enferrujado e sujo, completamente empoeirado e em destroços. Dan sentiu o desespero bater em suas portas mentais,

enquanto do lixo e sujeira um homem nu e esguio, como se não comesse há mais de uma semana, emergiu, exibindo um perturbador sorriso cheio de dentes amarelados e apodrecidos. Apesar de sua mórbida aparência, aquele ser não era desconhecido para o síndico.

— Não... — murmurou, enquanto aquele humanoide ria e se aproximava rastejando pelos detritos.

— Lembra de mim? — perguntou o ser, com uma voz demoníaca.

— F... f... — tentava pronunciar o aterrorizado síndico, enquanto aquilo chegava cada vez mais perto.

— Fritzerwald! — gritou Dan, vendo a entidade abrindo a boca de uma forma inumana.

— Não... não... eu matei você! Você não é real! — gritou Dan. Fritzerwald apenas riu, enquanto de sua boca saía um braço de uma criança.

— Papai...? — murmurou sua filha, voz ecoava por todo o ambiente.

O braço revelava Sarah, enquanto ela lentamente fazia seu caminho para fora da boca do bizarro ser. Ele acordou de repente, estava sentado em sua cama no seu apartamento, estava de madrugada. Dan estava sozinho em meio à escuridão de seu quarto. Ele se encolheu no canto do quarto, em posição fetal, chorando enquanto sentia a escuridão e a melancolia lhe espancaram com toda a força que a brutalidade do mundo pode ter.

///02/09/2054

O professor Águia acordou com a mão enfaixada. Estava muito sonolento.

— Olha, o estranho acordou — disse uma pessoa.

Seus olhos viam tudo muito escuro e borrado. Havia algumas pessoas ao redor.

— Quem são vocês?

Ele conseguiu enxergar cinco homens negros. Todos armados com armas pesadas e coletes. Suas cabeças estavam raspadas e eles não tinham barba, usavam calças jeans surradas e não usavam camisa, exceto pelos coletes blindados. O lugar era úmido e o teto parecia rochoso. A única fonte de luz era um candelabro de velas perto da cama.

— Somos a resistência. Identifique-se — exclamou um deles.

— Você é um espião anarquista e terrorista dos traficantes de água, não é? — disse uma mulher atrás da cama, cuja presença ele ainda não havia notado.

— Quê? De onde vocês tiraram essa merda? — murmurou o professor. Ela jogou um jornal no peito dele. — Jornal impresso? Vocês ainda leem isso? — viu uma foto sua nas manchetes secundárias e ler o informativo imediatamente. — “Professor de história terrorista é perseguido pela PM em escola.” Eu não sou terrorista, essa notícia é claramente sensacionalista! Acredita mesmo nessa porcaria? — perguntou indignado.

A mulher deu uma risadinha antes de responder

— Todos os terroristas ou anarquistas ou comunistas ou qualquer porra do tipo que você ler no jornal com certeza só são pessoas que sabiam demais e foram vítimas de uma queima de arquivo urgente. Ou que ousaram pensar diferente. Se você não tivesse sido anunciado como um superespião dos traficantes e da puta que pariu eu teria mandado atirar na sua cabeça assim que te encontramos desmaiado em um dos túneis — vociferou a mulher, sentando-se em uma poltrona velha do lado da cama.

— Eu entrei na porta certa, então? — quis saber ele, sorrindo ao lembrar que estava vivo.

— Porta certa? Como assim porta certa? Todas as entradas dão no mesmo lugar. O computador decide quem mata ou não automaticamente quando vocês chegam aqui embaixo. E se ele errar a gente resolve. Vai que é um policial, uai?

— Então, vocês me pouparam por causa desse jornal impresso?

— Não, não. A gente te poupou porque nenhum policial infiltrado é burro o suficiente pra atirar na própria mão. Só depois eu vi o jornal. A polícia e a mídia estão te perseguindo com empenho suficiente para atrair nossa atenção. E, se você conseguiu sair do Rio em um barco roubado, abandonar ele em Santos e chegar em Tiradentes, de alguma maneira você provavelmente tem talento e determinação que podem ser aproveitados.

— Não vim pra lutar junto com vocês. Eu vim aqui pra pedir abrigo. Sou um professor, não um soldado.

— Então é seu dever moral mostrar a todos o certo — disse ela, levantando-se. — Recupere-se e me procure quando se sentir bem. Temos muita coisa pra te mostrar. E até que será útil ter um soldado branco... — Ela e os outros sumiram na escuridão do quarto, seguidos pelo ruído de uma porta de madeira se fechando.

///06/09/2054

Um helicóptero pousou no heliporto do Barra2, o relógio marcava 22:45. O policial encarregado da verificação e registro dos que pousavam ali foi até o veículo. A lua era refletida no vidro do helicóptero, e finas nuvens cinzentas de poluição eram visíveis mesmo na escuridão da noite. O policial conseguiu enxergar, ainda que sua vista estivesse cansada pelo esforço de trabalhar há várias horas no escuro. Havia duas silhuetas de pessoas. O oficial rapidamente ergueu uma lanterna e apertou o botão de ligar, desanimando ao ver que o objeto não emitia luz alguma. Tentou de novo, sem sucesso. Provavelmente a lanterna estava descarregada. Ele foi surpreendido quando o piloto abriu a janela da porta do helicóptero.

— Boa noite. Documentos por favor — exclamou o policial, desajeito, enquanto tentava verificar o problema da lanterna. Ao mesmo tempo, um homem saiu discretamente por uma porta da parte traseira do helicóptero. Ele usava uma roupa de camuflagem automática, um capacete com visor tecnológico e tinha várias facas e pistolas penduradas no colete da roupa tática. Assim que pisou no chão, a vestimenta o deixou invisível, o que o permitiu caminhar até o policial sem ser detectado. Lentamente, ele pegou a chave do guarda, que estava exposta no cinto, enquanto o homem se distraía com o problema da lanterna. O piloto mostrou a documentação correta com uma mão e desligou o motor do helicóptero com a outra. Tentava ganhar tempo com o guarda, que pegou os documentos e perguntou:

— Você teria uma lanterna ou algo com luz?

O piloto estendeu ao policial uma lanterna portátil e esperou calmamente, assistindo ao seu cúmplice conseguir entrar no prédio pela saída de emergência.

Então, ato contínuo, ligou o motor e decolou, atirando no policial com as armas do helicóptero e matando-o quase instantaneamente. O barulho dos disparos e das hélices só foi superado pelos altos ruídos das artilharias antiaéreas do prédio sendo ativadas e dos alarmes tocando. Em menos de cinco minutos, o heliporto já estava coberto por policiais militares e soldados do BOPE. Mas, àquela altura, o helicóptero já estava voando longe dali.

///

O homem camuflado estava no corredor do andar 70, o mais alto do Barra2, esperando calmamente. Seu traje especial o deixara indistinguível da parede bege e detalhada atrás dele. Estava no vão entre uma loja de roupas importadas e um spa para cachorros. Atrás dele e no centro da parede estava um dos elevadores que ligavam todo o prédio, o que era privado e exclusivo para membros da classe alta. O homem respirou fundo e aguardou, observando um grupo de soldados do BOPE passando correndo em direção à saída para o térreo. Logo depois, uma senhora com roupas de pele, bolsa francesa cara e um chapéu parecido com os da era vitoriana saiu de um dos enormes apartamentos do andar e foi caminhando calmamente até o elevador. Era uma mulher de uns 60 e poucos anos, obviamente rica, afinal era o andar 70. Ela entrou no elevador e ele entrou junto sem ser percebido. A senhora estendeu o braço para apertar o botão de destino. Ele ajustou um aparelho acoplado na mão de sua roupa tática, e imediatamente lançou um pequeno dardo amarrado em uma cordinha (ambos com 50 milímetros) no pescoço dela, exatamente na parte da coluna que fazia a ligação do torso com o cérebro. O aparelho sugou uma gota de sangue, e ele guardou a corda e o dardo. Assim que a porta do elevador se fechou, a senhora desabou no chão, sem vida.

///

O relógio exibia 23:02. O elevador privado 2.7 estava interditado pela Polícia Militar e pela Polícia Investigativa. Uma mulher havia sido friamente assassinada, um furo perfeito no pescoço. Um grupo de policiais investigadores entrou na sala da empresa terceirizada que fazia a vigilância do elevador e interrogaram o operador da câmera que chamara a polícia assim que percebera o que ocorrera.

— As câmeras mostram que ela simplesmente caiu no chão morta. Como prezamos pela segurança de nossos clientes, instalamos as câmeras especiais desenvolvidas pela OTAN do ano de 2046 com visão infravermelha, sensor térmico e escutas. E essa câmera térmica mostra que havia alguém com ela no elevador. Não sei se é algum tipo de aparato tecnológico ou um fantasma ou demônio, mas definitivamente fez o furo na coluna e matou a senhora quase que de imediato — descreveu o operador, visivelmente assustado com o que havia visto.

— A câmera não mostra data e horário. A que horas aconteceu? — perguntou um dos policiais.

— Ah, sim. A data está no registro... — murmurou, abrindo o registro de vigilância no computador. — O crime aconteceu às 22:44, o agressor deve estar perto.

///07/09/2054

Estava havendo uma luxuosa festa no andar 63, com as pessoas mais importantes e ricas do Rio de Janeiro, em homenagem à independência do Brasil. Garçons serviam vinho, água cristalina e aperitivos gourmet italianos, enquanto músicos tocavam violinos e casais dançavam no meio do salão. Do lado de fora da festa, um segurança privado estava sentado em sua guarita observando a entrada do salão e assistindo à rede de notícias do prédio, quando viu uma senhora se aproximando, muito bem vestida, vindo pelo corredor. Virou-se para o monitor e se surpreendeu ao ver que era a mulher misteriosamente morta no elevador há apenas uma hora.

— Parada! — Ele ergueu seu revólver, tenso e aterrorizado. A “morta” começou a correr com uma agilidade quase inumana e sacou uma miniescopeta das costas. O guarda reagiu com vários tiros, mas a mulher desviava de todos com uma agilidade impressionante. O barulho de música e conversa era tão alto que ninguém na festa escutou nada. A mulher saltou em cima de um carro-de-corredor frigorífico estacionado perto da entrada, e lançou uma Shuriken. O segurança caiu morto, com a pequena arma fincada em sua testa.

///

Um segurança entrou despretensiosamente na festa, abrindo caminho entre as pessoas que conversavam na entrada e seguindo até o luxuoso salão principal. Lá dentro havia outros dois seguranças, observando a festa ocorrer calmamente. As pessoas não notavam a presença dos três enquanto dançavam ao som dos violinos e comiam caviar, tomando taças de água cristalina importada do norte norueguês e vinho. De repente, dois tiros altos e inesperados, dois seguranças caíram mortos no chão. O segurança que restara se transformou lentamente em um homem asiático forte e com barba branca no rosto, vestindo roupa de camuflagem e lentes de proteção verdes e segurando uma miniescopeta. Várias pessoas ligaram seus celulares holográficos ou pegaram facas que estavam nas mesas enquanto gritavam assustadas. O estranho homem desapareceu no ar. Segundos depois, a porta do salão se trancou inexplicavelmente. Todos entraram em desespero. Um comandante da PM se levantou de uma das mesas, com uma pistola em uma mão e o celular holográfico na outra:

— Acalmem-se! Eu vou pedir reforços! — Uma faca foi erguida em uma das mesas, e voou rapidamente em direção ao peito de um homem armado. Ele caiu morto. Todos se calaram, e uma miniescopeta ficou visível no ar.

— Você podem pegar celulares e armas e morrer; ou podem ficar quietos e viver. Só tenho um alvo aqui — anunciou uma voz robótica calma e ameaçadora ao mesmo tempo.

O síndico havia assistido a tudo de sua mesa, pasmo, com um copo de uísque ainda na mão. Tentava achar uma saída, uma solução, mas era impossível. De repente, a arma flutuante sumiu, e uma faca de cortar carnes foi arrancada da mão de um garçom. O objeto flutuou até o pescoço do síndico.

— Por favor, eu tenho dois filhinhos, não faça...

A faca atravessou seu pescoço, e ele caiu com o rosto na mesa, sujando-a de sangue. Pingos de sangue desciam para o chão e se misturavam com o uísque que caía do seu copo. Um grito uníssono de “Oh” ecoou por todo o salão. Dez segundos depois, as portas se abriram e a PM invadiu o recinto, encontrando pessoas aterrorizadas, mas nenhum sinal do assassino.

///

Diálogo transcrito da entrevista psiquiátrica com Jim Wild, identidade do assassino de aluguel conhecido como Caçador.

Data: 17/04/2048

Propriedade exclusiva do FBI Local: Alcatraz 3

Status do prisioneiro:

Capturado

Foragido

“Bom, estamos na cela 16-7. Começaremos a entrevista psiquiátrica com o interno 3091, Jim Wild, conhecido como o Caçador. Dados... Japonês, descendente de uma família americana e de uma japonesa... Nascido em novembro de 1998. Exames prévios em outros países indicam extrema falta de remorso... Há mandados de prisão em seu nome em vários países, afiliações com várias gangues, principalmente à máfia russa, possui habilidades de luta e combate equivalentes às de um agente do Mossad, além de portar milhões de dólares em dinheiro... Parece que temos um peixe grande aqui...”

“Bom dia, doutor Harrison.”

“Bom dia, senhor Jim. Me diga, o que te trouxe aos Estados Unidos?”

“É engraçado como vocês, psiquiatras fazem perguntas sabendo as respostas.”

“Mas eu quero a sua resposta, não a dos jornais ou a da polícia.”

“Bom, doutor Harrison, você já teve a sorte de ver uma neblina?”

“Sim, todos já vimos. Quer dizer, tinha muita até a metade dos anos 40... O aquecimento e a radiação...”

“Eu já morei em vários lugares diferentes. Beijing, Macau, Tóquio, Bagdá, São Paulo, Caracas... Mas nenhum deles teve uma neblina tão bonita como no Japão.”

“Por que Ji...”

“Caçador, por favor, meu nome é só para os amigos.”

“Caçador...”

“Era um dia... comum em 2034. Mais exatamente... outubro de 2034.”

“Não foi o dia do...”

“Sim, foi aquele exato dia. Eu estava trabalhando como zelador. Era muito pobre na juventude, então fazia bicos para ganhar dinheiro. Era uma megalópole tão cheia que oportunidade e estabilidade eram as únicas coisas que não tínhamos, ainda mais com robôs roubando cada vez mais nossos trabalhos. Como eu disse, era um jovem pobre.”

“Mas o senhor tinha 35 anos...”

“A minha juventude acabou nesse mesmo dia, doutor Harrison. Esse mesmo dia que mudou tudo. Eu estava trabalhando, acho que era meio-dia. Tinha acabado de varrer o chão do corredor de um edifício de escritórios, eu trabalhava lá fazia anos, e ia tomar um café pra descansar. Estava colocando açúcar quando o alarme tocou.”

“E o que você fez?”

“O alarme tocava toda hora, achávamos que era um avião de espionagem da Coreia do Norte, China, ou até de treinamento. Eu olhei pela janela, só de curiosidade. E ali estava, em toda glória, um avião gigante e vermelho, cheio de insígnias da Ásia Unida, sobre Tóquio. Naquela época, ainda era só uma aliança militar provisória, não um país... As nuvens de fumaça da poluição foram afastadas,

e o que parecia uma comporta se abriu. Eu vi um objeto grande caindo, do tamanho de um carro grande, eu acho. Então, tudo foi tomado por uma neblina laranja, que se alastrou pelas ruas.

Vi

as pessoas correndo e caindo mortas. Cobri minha boca e meu nariz, e vi a névoa atravessar a janela e fazer meus olhos arderem. Eu me agüentei para conservar o ar limpo embaixo da minha mão e corri para o almoxarifado, me tranquei nele e em seguida me tranquei no armário. Ali havia uma máscara de gás furreca, óbvio que coloquei. Queria

correr,

salvar minha família, que estava do outro lado da cidade, mas... Fiquei

parado. Se eu tivesse morrido seria muito

melhor,

mas fiquei parado ali por horas... Sempre me pergunto como conservei o ar naquele almoxarifado por tanto tempo. Até que um soldado japonês das equipes de busca veio me

socorrer,

à

noite. Vocês conhecem essa data como o Bombardeio Químico de Tóquio, o que acabou causando a Terceira Guerra.”

“E o que aconteceu depois?”

“Depois de colocar a máscara de gás melhorzinha fornecida pelo exército, eu fugi da cidade em um carro abandonado, e fui embora do país em um barco pesqueiro da casa da minha tia Murasaki, no interior, enquanto o país inteiro colapsava e era invadido.”

“Mas você ainda não respondeu a minha pergunta.”

“Doutor Harrison, foi no dia que minha família morreu por causa da bomba que eu entendi o sentido da vida. A nossa sociedade é falsa. São todos falsos, incluindo você, doutor Harrison. Você acha que é comum, que é normal, mas não é, não é. Você é um animal enjaulado sob a falsa premissa de que deve ser igual aos outros. Todos obedecendo as mesmas regras, mas elas não existem! Você obedece uma regra que não existe! Por que não podemos matar? Por que não estuprar? Por que não destruir? Simples, porque está moralmente escrito que não pode. Porque você é doutrinado! Por causa de uma ‘constituição’! Mas por que foi escrito o que não pode ser feito? Simples, porque os líderes consideraram que é moralmente incorreto. E de onde eles tiraram essa moral? Por que eu preciso obedecer? Eu escolhi nascer com leis? Não! Eu sou um humano, eu sou um ser livre! E eu quero liberdade! Eu não me machuco matando os outros! Então, se não me afeta, por que não posso matar outra pessoa?! Por causa da sociedade? Moral?”

Ética?

Tire

isso pra ver como esses hipócritas se destroem, assim como fizeram com todo mundo que eu conhecia em 2034! Somos animais, somos tão animais como um desses insetos que acasalam e depois matam o cônjuge.

Você

é um psiquiatra criminal, já viu dezenas de casos de assassinos, que as vezes nem são insanos! E se é proibido pelas leis morais, por que soldados matam nas guerras?! Por que nossos soldados estupram mulheres inocentes nas guerras?! Porque é uma guerra? Só porque não é aqui, na nossa terra?! Por acaso as pessoas de lá são tão diferentes assim?! E veja, veja o capitalismo, também é uma guerra, só que entre corporações corruptas e inescrupulosas. Então, por que não deixamos eles terem os próprios soldados e autonomia completa?! Porque elas derrubariam o governo?! A sociedade é uma farsa! Uma farsa, doutor Harrison... Ela não nos deixa fazer o que queremos pelo bem coletivo, mas no fundo todos só pensam no próprio ego, todos querem ser os melhores, até os mais altruístas só querem se exhibir! Então...

matar.

Não é ilegal, ou moralmente incorreto, doutor Harrison?”

“Sim...”

“Este é o sentido da vida. Se beneficiar. Foda-se os outros, eu preciso ser o melhor, o beneficiado; não, o mais beneficiado! O Japão por exemplo... Pessoas se matavam porque tiravam notas baixas na escola, é tudo questão de ser o maior, o melhor! Sabe, a sociedade não existe, é uma farsa. Na selva é assim. Na política é assim. No capitalismo, é assim também. E os ataques atômicos? Lembra da tentativa falha de bombardear Moscou na guerra? Ninguém se importou com a sociedade de lá, queriam se vingar

pela destruição da Alemanha. Eu não sou hipócrita.

Tiraram

meu filho, minha família, minha cidade, e anexaram a porra do meu país.

Eu sou um assassino. E se a sociedade cair?

Você

é um assassino em potencial.

Todos

somos assassinos e ladrões em potencial. Concorda comigo, doutor Harrison?”

“Eu... Eu até poderia concordar só pra te agradar, só que seria demitido no dia seguinte. Caçador... você acha que porque algumas pessoas matam sem remorso todos são assim, mas não são. Seus jogos mentais não me enganam, Jim. A sociedade é necessária. Formigas, lobos, todos vivem em sociedade. E por isso eles vivem aqui desde antes dos humanos. Se não fôssemos sociais nunca teríamos alcançado tudo que conseguimos. O que fizeram com sua família e cidade foi errado, mas nem todos seriam tão maus a pontos de fazer algo assim.”

“Chega, doutor. Você é um caso perdido, assim como todos os seres hipócritas deste mundo. Acha que alguém realmente daria sua vida pra salvar uma cidade inteira se não pudesse ser reconhecido por isso?! Até os mais altruístas só querem ser os melhores no que fazem. E, acredite em mim, já conheci muitas pessoas que se diziam boas, mas não hesitaram em cometer atrocidades quando necessário. Agora, respondendo sua pergunta, eu fui pago para vir matar um estuprador nesta prisão de segurança máxima de merda.”

“Mas você não tinha sido preso por atropelar um senador que estava andando de bicicleta?”

“E você acha que atropelando um ciclista eu estaria aqui? Está bem, também me pagaram para matar o senador, mas, porra, vocês são uns animais, hein? É óbvio que eu não seria pego por algo tão estúpido.”

“Espera, então você...”

“Sim, eu já matei ele, e joguei veneno de rato na comida dos guardas,

Dr.

Harrison. Eu decidi poupar você,

doutor,

porque precisava conversar com alguém enquanto o veneno fazia efeito. Agora, cumpra seu juramento de sigilo de psiquiatra e fique sentado aí enquanto eu fujo.

Talvez

um dia nós nos vejamos de novo.

Você

nunca sabe que dia é amanhã.”

A gravação foi interrompida por um apagão da energia elétrica na prisão, provavelmente intencional, para que Jim Wild escapasse. O doutor Harrison se demitiu após o ocorrido. Encontrar o foragido é uma prioridade máxima do FBI.

///10/09/2054

Belo Horizonte acordou para mais uma manhã de terça-feira. Os bombardeios da Aliança Bolivariana haviam destruído uma pequena parte da cidade nos últimos meses, o que dificultou o acesso à água. Naquele dia, a principal praça estava lotada, caminhões carregando milhares de litros de água chegariam, os mineiros não viam água nova havia dias e estavam muito ansiosos. A situação ficou pior depois que a PM carioca expulsou a Ordem Vermelha, que agora estava praticamente sendo arremessada para fora do Sudeste. A água estatal era caríssima, mas a população não tinha escolha, já que a única força que conseguia providenciar água barata de qualidade havia sido derrotada.

Como esperado, em cerca de vinte minutos, dez caminhões gigantes chegaram pelos viadutos que passavam por dentro e ao redor dos enormes prédios. O governo construíra nos anos 2040 essa inovadora autoestrada suspensa porque as ladeiras da cidade eram muito íngremes e perigosas, o que causava uma taxa altíssima de acidentes. Todos vibraram de alegria ao ver o primeiro caminhão chegando, sucedido pelos demais.

Os veículos fizeram manobras, e estacionaram em uma espécie de acampamento improvisado da PM da cidade. Policiais e servidores públicos começaram a descarregar caixas cheias de garrafas de água. Um dos ministros do governo foi até o local e subiu em um palanque:

— Brasileiros e brasileiras, o Governo Federal sabe que esta província do Sudeste anda precisando de muita ajuda. Nosso povo vem morrendo pelos bombardeios inimigos, mas estamos lutando contra isso e, com o apoio de vocês, lutaremos sempre mais. Com a ajuda dos cariocas, destruímos as bases da Ordem Vermelha, que não vai mais oprimir os mineiros com suas águas ilegais.

Parte da população presente começou a xingá-lo, outros começaram a xingar os que xingavam, e então uma troca de insultos e empurrões começou .

— Silêncio! — gritou um policial militar, que depois atirou em uma pessoa aleatória que estava bradando, e todos pararam de brigar quase automaticamente.

— Agora, podem vir buscar sua água, formando filas calma e organizadamente. Hoje, tivemos uma queda de preço de 2,00 reais, e o litro está custando apenas 15,00 reais — anunciou o ministro.

— Mentira! Custava 11,00 reais o litro! — Um velho se levantou na multidão.

O policial atirou no homem e em seguida estalou os dedos. Nesse instante, fiscais carregando caixotes cheios de galões de água saíram do acampamento e montaram mesas para distribuição, além de içarem uma bandeira do Brasil.

///

Águia ajustou seu binóculo. Sua mão estava totalmente enfaixada, e ele estava usando colete e capacete.

— E aí, novato, preparado para a primeira luta?

— Eu tenho opção? É resistir ou ser executado. — Ele estava falando com Gabriel, o seu principal companheiro e amigo da resistência. Estavam no telhado de um prédio de 37 andares do lado da praça em que ocorria a distribuição de água. Havia outros doze rebeldes ali, preparando suas armas. Um deles começou a falar.

— Bom gente, ali embaixo tem um batalhão inteiro da PM normal. O que nós faremos é pular lá embaixo e eliminá-los, pro povo pegar a água gratuitamente. Dois de nós terão que levar dois caminhões de água ainda não abertos, precisamos pra abastecer o QG em Tiradentes. A gente tem que ser rápido, porque tem um batalhão de retaguarda lá na rua de trás. E esse é de elite, com autoblindado e tudo. Quando a gente derrotar a polícia normal, explodimos aquele prédio ali, que vai cair e bloquear a estrada. E, antes que você queira dar lição de moral de novo, professor Águia, não vai ter gente lá. O edifício está nos estágios finais de construção, e metade dos apartamentos não está pronta. Até eles pegarem o retorno pela estrada suspensa lá de trás ou limparem a bagunça pra passar vai demorar pelo menos duas horas. Mesmo assim, temos que nos preocupar com os helicópteros da PM de elite e talvez até do BOPE, por isso tem uma artilharia antiaérea lá atrás. Quem for cuidar disso toma cuidado, foi caro pra porra. Hã, J, você ataca a polícia fraca, depois foge descendo com seu grupo pelo esgoto. M, você instala os explosivos. E Águia e Gabriel, vocês operam a artilharia. Não faça merda, professor, eu sei que você é novato e inexperiente, mas toma cuidado. E, gente, Laira não quer baixas, tivemos muitas ano passado. Agora vão, vão, os caminhões já chegaram!

Assim que ele terminou sua fala, todos correram para suas posições. Águia ajustou seu binóculo e deu uma boa olhada na praça antes de começar o ataque.

///

Um fiscal estava vendendo uma garrafa de água quando o chão do acampamento improvisado simplesmente explodiu.

— Mas o quê?!

Todos na praça viram água sendo derramada e balas voando pela fumaça e abatendo os policiais. A bandeira da Federação Brasileira foi derrubada, e a bandeira da antiga República Federativa do Brasil foi rapidamente içada no lugar.

— Rebeldes! — gritou o fiscal, enquanto pegava seu revólver.

A multidão saiu correndo, desordenada, ao mesmo tempo em que os policiais atiravam para a fumaça, sem saber de onde os invasores vinham. De repente, um tiro atravessou a cabeça do fiscal e ele caiu no chão. O pessoal da resistência abriu os caminhões e começou a jogar os caixotes lotados de garrafas de água para as pessoas. A sirene de emergência logo tocou na central da PM mais próxima, e os policiais correram para os camburões e autoblindados já carregando suas armas. O guerreiro rebelde M estava carregando um caixote quando o rádio começou a falar.

— M, terminou aí? — Era o organizador da operação.

— Não, tá faltando umas quatro caixas.

— É que a PM já tá vindo. — M suou frio.

— Então manda o J ajustar aquelas porras logo, caralho!

///

Os carros da polícia militar vinham tão rapidamente que levantavam poeira nas estradas suspensas, passando entre os prédios gigantescos. O capitão daquele esquadrão ligou o rádio, enquanto se recolhia no canto de um dos autoblindados:

— Centauro 4, aguardando ordens adicionais. Já enviei os carros para o local.

— Aqui quem fala é o operador 21. Você tem ordens de ir, neutralizar os inimigos e lançar gás lacrimogêneo nas pessoas.

— Afirmativo, câmbio e desligo. — O capitão virou-se para sua tripulação: — Acelerem, vamos!

///

Águia recarregou a artilharia, admirado, como se olhasse uma relíquia.

— Sabe o quanto essa arma é boa? É de 1998, mas continua sendo usada até hoje, mais de cinquenta anos depois.

— Sim, claro... — Gabriel respondeu, muito mais interessado em vigiar os céus em busca de helicópteros que em informações históricas sobre artilharia.

— O quê? Parece que você não se importa! Sabe o quanto essa arma é significativa para a história?!

— Tá, é uma puta arma antiga e boa. E daí? O que isso vai mudar?

— E daí? E daí que é tipo... é tipo a avó da artilharia atual! Daria pra fazer uma tese de mestrado só sobre sua relevância, e você fica aí desvalorizando a coitada! O que você acha que as futuras gerações vão dizer se todos passarmos a ignorar e descartar fatos históricos?! — gritou Águia, já se estressando.

— Novato, não sei se tu percebeu, mas a gente tá no meio de uma puta operação de sequestro de caminhões de água. Não estamos mais na merda da sua sala de aula, a gente tem que estar 100% focado na tarefa — bufou Gabriel. João pegou seu binóculo e voltou a observar as estradas suspensas, ainda um pouco irritado, quando avistou os carros policiais vindo para a praça em alta velocidade. Já ia pegar seu rádio para alertar os companheiros quando um barulho ensurdecido quase destruiu seus tímpanos, fazendo-o derrubar o binóculo. Então, tudo chacoalhou. O chão tremeu, vidros trincaram, paredes racharam e ele caiu.

Atordoado, Águia se levantou para ver a base de um enorme prédio próximo dali envolta por uma horrível nuvem de poeira e rachando cada vez mais. A construção desabou no chão, balançando tudo e destruindo completamente o viaduto suspenso entre os prédios, por onde vinha a PM. O esquadrão de carros blindados ou caiu da autovia e foi destruído ou deu meia-volta antes de cair. O professor se levantou lentamente e ficou admirando a nuvem de poeira subir sob a luz do sol. No plano de fundo, vários e vários prédios, grandes árvores e estradas suspensas entre os edifícios adornavam a cidade, que havia permanecido limpa e quase intacta

pela guerra civil, conservando sua modernidade e beleza histórica ao mesmo tempo. No entanto, a linda Belo Horizonte ainda estava ameaçada por um problema que atingia todo o país. A pouca e cara água potável que restara estava sendo muito mal distribuída pelo governo, que esmagava quem quer que fosse contra com seus tanques, robôs e helicópteros. O devaneio momentâneo do professor foi interrompido bruscamente quando Gabriel gritou:

— Acorda, Águia! Pega a munição, tem helicóptero vindo! — O companheiro vinha trazendo a munição. Águia se posicionou diante da artilharia já carregada e disparou. O barulho foi tão alto que ambos taparam as orelhas com as mãos e fecharam os olhos para se proteger.

Quando abriram os olhos e observaram o céu, ficaram esperançosos. Haviam derrubado um helicóptero da Polícia Militar de Elite. O professor olhou para trás, atraído pelo som de mais hélices. Gabriel começou a girar a artilharia, os dois acompanharam os veículos aéreos chegando cada vez mais perto.

— Por favor, não me diga que esses helicópteros são pilotados — sussurrou João.

— Você se acostuma — disse o outro, enquanto terminava de ajustar a enorme arma. Águia disparou outro projétil, mas o helicóptero-alvo esquivou, fazendo o tiro acertar e destruir parte de um edifício distante. — Merda! — Em seguida, recarregou a arma com dois pesados projéteis, avaliando o céu. O helicóptero estava se aproximando. Não, eram três helicópteros agora.

— Atira! — gritou Gabriel ao terminar de ajustar sua mira, quase prendendo a mão nas ferragens escaldantes da arma. — Você disse que essa merda é muito usada desde o século passado, mas ela é horrível de operar!

— Cala a porra da boca e trabalha! — devolveu Águia. Gabriel voltou a mirar, enquanto ele se recuperava do susto causado pelo que havia acabado de dizer.

O professor olhou para o alto, o sol brilhava nos vidros dos veículos aéreos, que ostentavam enormes metralhadoras e lançadores de mísseis em suas laterais. Sentiu sua alma dizendo-lhe que havia nascido para enfrentar o sistema, que havia nascido para ser um herói, um revolucionário. Mas seus pensamentos foram interrompidos por um novo barulho que quase destruiu seus tímpanos. Mais disparos ao seu lado.

— Avisa antes de atirar! — gritou, com as orelhas doloridas.

Gabriel não parou para devaneios, o ignorou, ajustou a mira, e, com dificuldade, atirou, destruindo metade de um helicóptero. Os outros começaram a dar meia-volta. O professor, triunfante, riu para o companheiro:

— Estamos ganhando.

De repente, o helicóptero que estava destruído pela metade lançou um enorme míssil, que explodiu a gloriosa artilharia de 1998. Gabriel foi lançado para longe, e Águia caiu no chão, ferido, com dores na cabeça e zumbidos no ouvido.

Estamos mortos , pensou quando a fumaça começou a se dissipar. Os helicópteros estavam pousando, e policiais de elite saltavam no teto com fuzis nas mãos. Ele tinha duas escolhas: correr ou enfrentá-los.

///02/09/2054

Dan girou a colher da xícara de chá, sentado em sua cadeira de rodinhas, com os pés na mesa.

— Pai... Fritzergald está morto, não está? — murmurou Sarah, detrás dele. O escritório em que estavam era grande e luxuoso, mas também completamente escuro e solitário.

— Você sabe que está — sussurrou em resposta.

— Não é o suficiente.

Ao ouvir aquilo, o síndico se levantou enfurecido e jogou a xícara no chão, quebrando-a.

— Mais de 500! Mais de 500! É o número de pessoas que já matei porque você mandou! Para! Eu não aguento mais fazer isso!

Dan se viu olhando o nada. Sua filha havia desaparecido. Vasculhou os arredores do escritório, transtornado, procurando-a em todos os cantos.

— Eu não... eu não queria dizer isso... filha...

Lágrimas começaram a brotar dos seus olhos. Ele estava completamente só no escritório escuro.

— Por favor... não me deixe sozinho de novo, Sarah... eu faço o que você quiser! Tudo que você quiser! — gritou, cobrindo o rosto com as mãos e chorando. Alguns minutos depois, avistou-a sentada sobre a mesa e com um prédio de brinquedo na mão. — O que quer que eu faça, filhinha? — perguntou o pai, ainda abalado.

— Pai, onde está a mamãe?

— Os... os bandidos a levaram. Você sabe muito bem disso, filha — respondeu o aturdido pai.

— Fritzergald era só um deles, Dan. Você só será um pai de verdade quando deletar todos deste prédio — murmurou ela, friamente, antes de quebrar o brinquedo do prédio jogando-o no chão, ir embora do escritório e deixar seu pai chorando sozinho de novo.

///10/09/2054

O professor Águia pulou na varanda de um apartamento. Dezenas de balas passaram por ele de raspão. Caiu de pé por sorte e deslizou a porta de vidro com tanta força que quase a quebrou para entrar no apartamento. No seu encaixe, três policiais militares caíram na mesma varanda, um deles de joelhos. Todos com fuzis empunhados. Águia atravessou a sala de estar, derrubando a moradora que estava parada, atônita, e pegou uma faca na mesa de jantar. O vidro da porta da varanda se quebrou com os disparos dos três PMs de elite, que logo invadiram local. Ele pulou na cozinha e se protegeu atrás de um balcão de mármore, respirou fundo e se preparou para o pior. Alguns segundos se passaram e ele começou a estranhar o silêncio dos oficiais. Então, notou que uma pequena granada vinha em sua direção. Imediatamente, correu e se atirou no banheiro. Mesmo assim, seu colete de proteção acabou queimado pelo fogo que se já havia se espalhado pela casa.

Águia se levantou e pela porta do banheiro notou que um de seus inimigos já o tinha na mira. O professor olhou para a faca e lançou-a na perna do policial, que caiu no chão. Trancou a porta do banheiro, respirou fundo e contou até cinco. Observou os arredores. Havia uma janela de vidro quase encostando no teto na parede do chuveiro. Também percebeu que alguns de seus dedos estavam provavelmente quebrados e conseguiu ouvir a primeira batida na porta. Não eram batidas de vizinhos querendo pedir chá, e sim batidas para tentar derrubá-la. Não sabia o que fazer. Outra batida, mais parecendo um chute desta vez. A madeira estava rachada e enfraquecida pelos golpes e pela explosão. Então, ele se lançou pela janela, pois não via mais esperança alguma naquele pequeno apartamento.

Os cacos vieram com ele, alguns o rasgando e fincando em sua pele. Tudo ficou em câmera lenta. Os policiais entrando no banheiro e observando sua queda , os cacos voando ao seu redor, os helicópteros sobrevoando o local, a fumaça da explosão saindo pela janela, o prédio destruído que havia derrubado a autovia suspensa. Enfraquecido, voltou o olhar para o chão e avistou policiais descendo dos helicópteros e carros e atirando nas pessoas que pegavam água ilegal, os poucos soldados da resistência contra-atacando e fugindo.

Não, Águia não podia deixar tudo ficar assim, tinha que fazer alguma coisa. Sabia que o treinamento com Gabriel na base da resistência não havia sido em vão. Olhou para baixo, estava caindo em direção à uma varanda. Alguns já cacos estavam no local que ele iria cair, e balas dos policiais vinham da janela quebrada em alta velocidade.

Isto é o fim? , sua cabeça atordoada pensou. *Não. Ainda não terminei meu trabalho aqui.* Sentiu as costas sendo perfuradas, a dor da queda e duas ou três balas o atingindo. Mas, respirou fundo ele se levantou, mesmo com as costelas fatigadas. As balas perfuravam o chão como se fossem chuva caindo ao seu redor. Uma das lentes dos óculos estava desaparecida, a outra estava destruída e perfurava sua bochecha. Águia sentiu seu sangue escorrer, mas esse era o preço da liberdade. Não apenas a dele, mas de toda uma nação. Era o preço do que era justo. Era o preço da água.

Com algum custo, ele conseguiu abrir a porta da varanda e andar lentamente em direção à cozinha. Sangue lhe escorria pelo corpo. O morador, aterrorizado, ligava para a polícia ainda sentado na cadeira da mesa de jantar.

— Se importa se eu usar sua pia? Estou com sede — perguntou Águia.

O professor se assustou quando a porta da frente do apartamento foi derrubada por um policial militar empunhando uma metralhadora, que logo começou a disparar no morador e no invasor. Águia respirou fundo, tentando aguentar a dor provocada pelas balas ora batendo e ricocheteando ora perfurando seu colete mais que gasto, quase atingindo seu corpo. Assim que o policial parou de atirar para recarregar, ele correu até a cozinha, pegou uma faca que estava em cima da mesa e entrou na geladeira, molhando inteiramente o corpo e destruindo o eletrodoméstico no processo.

— Saia dessa merda de geladeira com as mãos para cima! — gritou o policial.

Como o rebelde não respondia, caminhou até a geladeira e a abriu lentamente. Foi recebido com uma facada na garganta e cambaleou para trás, desabando sentado no chão e apoiado na parede. O sangue jorrava dele. Águia segurou a vontade de vomitar enquanto assistia ao homem agonizar.

— Não, não, você não morreu, morreu?! — murmurou, aproximando-se do policial. O oficial parou de respirar. Águia rastejou rapidamente até o cadáver, colocou seu capacete e pegou a metralhadora que o morto derrubara no chão. Olhou para o colete maltratado que estava usando. Havia sido detonado pela metralhadora, provavelmente não aguentaria muito mais. Gabriel havia dito que ele se acostumaría, mas o sabor estomacal que tocava sua língua e a dor na consciência o faziam repensar essa afirmação. Ele já havia ferido e matado pessoas, mas nunca havia assassinado de forma tão violenta e brutal.

Outros quatro oficiais entraram correndo no apartamento, empunhando seus revólveres ao notar o morador fuzilado caído no chão e os vários buracos de bala na parede. Caminhavam lentamente pelo lugar,

quando viram um homem usando capacete policial mas com roupas estranhas saindo da cozinha com uma metralhadora nas mãos.

— Capitão, o que houve com seu colete? — perguntou um dos oficiais.

O “capitão” respondeu erguendo a metralhadora e disparando, pegando os outros de surpresa. O colete gasto caiu, junto com as centenas de cartuchos que estava disparando. Os policiais foram brutalmente jogados para trás, as paredes foram pintadas de vermelho. Um ainda tentou recuar, acabando por cair de uma janela que estava aberta. O policial caiu em uma altíssima velocidade, espatifando-se em um caixote de garrafas de água na praça, que acabou quebrado e sujo de sangue.

Um dos membros da resistência, “J”, olhou o corpo ensanguentado e olhou para cima.

— Então o novato tá vivo.

///

Gabriel abriu os olhos, estava nos destroços do terraço do prédio. Soterrado por enormes detritos. Olhou em volta, um lado era só concreto destruído, o outro, parte do canhão da artilharia entortado e queimado. Ouviu vários passos, tiros e explosões. Não sabia se vinham de baixo ou de cima dele. Tentou se mexer, sua perna estava presa por um pedaço de metal. Ele percebeu seu revólver, estava preso debaixo de seu ombro, entre os destroços. Foi mexer o braço, não conseguiu. Tentou com mais força e tudo começou a balançar. Quando deu por si, estava caindo com os destroços. Aterrissou em um corredor de apartamentos, cujo teto e paredes

desabavam aos poucos. A parte do terraço atingida pela explosão havia cedido. Os PMs que estavam verificando o teto correram em direção ao barulho. Gabriel pegou sua arma, que surpreendentemente estava tão ileso quanto ele, e mirou na testa do policial mais próximo.

Mas, antes mesmo que Gabriel pudesse atirar, parte do teto cedeu. Ele e o policial caíram com os destroços. Os outros oficiais ergueram as metralhadoras e começaram a disparar. Tiros inimigos vieram em resposta. Gabriel também fez alguns disparos, e foi procurar abrigo atrás de uma pilastra esburacada, logo voltando a atirar. Uma bala atingiu o gatilho de seu revólver, inutilizando-o. Aproveitando-se da cobertura oferecida pela pilastra, Gabriel conseguiu avistar quatro policiais militares de elite pulando do terraço para o andar de baixo. Imediatamente, correu para fugir das balas. Chegou a um corredor onde havia um elevador distante dele poucos metros. De repente, a porta se abriu, revelando um grupo de soldados.

— Merda! — gritou o rebelde ao frear os passos. Tinha que haver uma saída para aquela situação... E havia.

Gabriel pegou a faca de combate presa ao cinto, respirou fundo, e passou-a na sua própria garganta veloz e brutalmente, caindo no chão em seguida. Os policiais se impressionaram, baixando a guarda, e um oficial, ainda empunhado o revólver, foi até o corpo. De repente, a mão do suposto morto fez voar a faca na perna do oficial, que caiu, batendo com a cabeça no chão. O restante do grupo ergueu suas armas.

Gabriel, com a proteção de pescoço arranhada pela facada, puxou o revólver da mão do policial derrubado e pegou a granada no cinto do mesmo, lançando-a no elevador. Um tiro no primeiro, no segundo... Os outros haviam entrado em um apartamento pela parede esburacada em busca de proteção. Então, Gabriel pegou sua faca e cravou-a no pescoço do policial caído, sujando-se de sangue. Seu equipamento de proteção facial já havia desaparecido nos destroços há tempos. Depois disso, ouviu um

barulho ensurdecedor e logo em seguida outro mais terrível. Ele se levantou e olhou pela janela. Um míssil vindo de um de seus companheiros na praça havia derrubado um helicóptero da polícia maior que o comum.

Aquilo estava ficando mais sério. Gabriel respirou fundo, lutando para não deixar a tensão e o medo o tomarem, e preparou o revólver, assumindo uma posição de alerta. Outro problema surgiu em sua cabeça.

Onde está o novato? Sua dúvida interna foi imediatamente respondida quando a porta da escada da saída de emergência se abriu e o “novato” apareceu, completamente ferido e com um capacete policial.

///

Tudo estava um caos. Policiais iam e vinham, tiros e mais tiros, corpos e mais corpos. A resistência estava aguentando o máximo possível. O combate estava suficientemente intenso quando um dos rebeldes começou a gritar:

— Corre! O BOPE tá vindo! — Todos suaram frio. O BOPE era invencível, havia sido tão fortalecido pelo governo que se tornara uma espécie de exército policial, contando com tanques de guerra, aviões e artilharias avançadas. Os policiais, mesmo os de elite, começaram a recuar da rua, a PM de elite, tomou uma rota alternativa com seus carros blindados para chegar à rua de trás. O espaço estava sendo liberado para os soldados do BOPE com roupas blindadas dos pés até a cabeça. Um enorme tanque de guerra russo, modelo 2031, enorme e poderosíssimo, avançava. O canhão principal era ultrapotente, os movimentos eram rápidos demais para um tanque, a blindagem era invencível. Media quase oito metros de comprimento e cinco de altura, além de portar quatro canhões e oito metralhadoras. O motor era abastecido com energia nuclear trazida da usina

subaquática de Angra dos Reis. E o principal, trazia estampado uma caveira em sua frente.

— Bater em retirada! — gritou o comandante da resistência. Seus poucos subordinados já corriam antes mesmo de receber a ordem.

A resistência pretendia usar os destroços do prédio derrubado como rota de fuga, saindo do alcance dos veículos blindados da polícia e descendo no metrô, cujo teto provavelmente havia desabado. Ao mesmo tempo, dois rebeldes já haviam sequestrado e fugido com dois dos caminhões lotados de garrafas de água logo no início do ataque. O enorme tanque de guerra entrou rapidamente na praça, passando por cima de tudo que havia no caminho, incluindo alguns civis que não conseguiram fugir e caixotes de água. Os rebeldes agarraram algumas garrafas de água e correram para o prédio desabado, enquanto a polícia atirava neles. De repente, um míssil atingiu um autoblindado da PM de elite, destruindo-o. Os canhões do tanque voltaram-se imediatamente para o lugar de origem do projétil. Era um helicóptero pousado bruscamente e sem hélices, cujo lançador ainda funcionava. Os blindados da polícia começaram a atirar, e imediatamente duas pessoas saltaram do veículo aéreo. Eram Águia e Gabriel, vestindo roupas de policiais.

— Como você sobreviveu à explosão? — perguntou o professor, enquanto corria.

— Não temos tempo para falar, novato! — respondeu Gabriel, com um olhar estressado.

O tanque atirou com seus quatro canhões no helicóptero, causando uma enorme explosão. O terraço e os dois últimos andares do prédio desabaram em meio ao fogo e fumaça. Águia cobriu sua cabeça enquanto era arremessado pela onda de choque, e apagou.

///11/09/2054

Tudo estava branco ao seu redor, nada além. Mexeu os braços, aos poucos sentindo-os novamente. Doloridos e dormentes, mas vivos. Ouviu um barulho, uma espécie de zunido eletrônico, um “bip”. Sentiu algo perfurando sua veia, sua vista foi clareando.

— Eu estou vivo? — Sua voz estava muito fraca.

Na verdade, só tinha conseguido balbuciar alguns sons. Uma enfermeira foi até ele.

— Você está no hospital. O hospital geral do Barra3. Era essa a pergunta?

— No... on... eu... — Ele tossiu.

— Por favor, agora descanse. Você está fraco, e tem uma cirurgia para implantar um olho biônico em você marcada pra daqui a alguns dias — avisou ela.

— O... olho? — perguntou o policial. A enfermeira não o ouviu, e foi verificar outro paciente. Ele tentou focar o olhar, conseguia distinguir algumas luzes e sombras... Mas, só enxergava com um olho. Não sabia por que. Observou os arredores. Havia flores em cima de um criado-mudo, ao lado de sua cama .

///11/09/2054

Águia acordou. Havia perdido muito sangue, e estava cheio de feridas. Torceu para não estar com nenhuma fratura exposta. Havia poeira para todos os lados, e logo a dor tomou conta do seu corpo. Tentou enxergar alguma coisa, mas tudo estava escuro. Tentou se movimentar e sentiu mais dor, provavelmente sua perna estava deslocada.

— Ei, tem uma coisa ali! — Passos vieram em direção dele. Ele ouviu um revólver sendo engatilhado e avistou a luz de uma lanterna brilhando.

— Equipe de buscas especiais 4.5 da Polícia Militar, aqui é a unidade Toupeira-3, acho que encontrei alguma coisa — informou uma voz feminina para algo que parecia um rádio.

A PM se aproximou e começou a remexer os escombros. Tirou uma pilha de detritos do local com um pouco de dificuldade e de repente seu capacete policial se sujou de sangue. A policial caiu no chão, o vidro de proteção do capacete estava quebrado.

— Mas, o quê?! — perguntou um outro policial na equipe de busca.

Águia levantou e saiu correndo dali, arma em punho. Um tiro passou raspando pela sua cabeça. Entrou em um pequeno túnel no chão formado pelo concreto destruído, afastando-se rapidamente do local. Estava totalmente quebrado, cada segundo correndo tornava sua dor mais insuportável, mas a adrenalina o segurava. Estava correndo sobre ruínas, as ruínas do prédio atingido pelo disparo do tanque. O edifício desabara inteiramente. Poeira e sujeira tomavam conta do local, dificultando e muito

a respiração. Depois de minutos que pareceram horas, parou de correr e se sentou no imundo chão. Parou para descansar e respirar. Com o corpo recostado numa parede rachada, observou o local. Achou um buraquinho ali, olhou através dele. Só conseguiu enxergar o tanque de guerra do BOPE parado na praça e policiais interrogando pessoas algemadas. Nenhum companheiro da resistência. Já era noite, ele não sabia quanto tempo havia se passado.

Pensava em dormir um pouco até a polícia ir embora quando tiros vieram em sua direção. Eram dois policiais da equipe de busca, correndo atrás dele com pistolas na mão. Águia se levantou cambaleando e fugiu, quase caindo no chão mais de uma vez. Avistou uma espécie de porta de apartamento quebrada e entrou, desviando dos disparos. Sua perna com certeza não suportaria muito mais. Estava agora no que provavelmente havia sido um apartamento. Se sentou ao lado da porta, respirando fundo e recarregando sua arma para quando os policiais chegassem.

De repente, uma parede ao seu lado explodiu, derrubando-o ao chão. O tanque estava com todos seus canhões apontados para o professor. Não havia opção. Então, ele rastejou na fumaça para despistar os policiais. Não conseguia enxergar nada, mas não parou de se deslocar. Ele acabou escorregando por uma pequena ladeira, e caiu em outra parte do prédio. Ali não havia fumaça, e notou o que parecia ser um carro destruído, a apenas alguns metros de distância. Com muita dificuldade, caminhou até o carro entrou para se proteger, quase desmaiando. Então, houve uma explosão e o carro entrou em movimento. Tiros voavam perto dele, quase acertando-o. Águia abriu os olhos, o carro e vários destroços estavam descendo rapidamente uma colina, já ao ar livre, sob postes de luz amarela, edifícios novos, prédios antigos e estradas suspensas. Reconheceu o asfalto, com certeza estava na rua. Descia tão rápido que os tiros pararam, mas podia ouvir os motores dos autoblindados sendo ligados na praça. O carro bateu bruscamente na parede de um muro e parou.

O rosto de Águia foi praticamente arremessado contra o volante, que acabou ensanguentado. Tosse e dor. Não conseguia nem pensar. Fora do carro, sentia uma dor extrema na perna e não conseguia mover o braço direito. A resistência tinha um apartamento em um edifício na região mais pobre da cidade. Nem muito perto nem muito longe. Avistou um autoblindado da polícia descendo a rua. Procurou esconderijo atrás de um muro, enquanto ouvia mais e mais carros com sirenes ligadas se aproximando. Chegar até seus companheiros não seria tarefa fácil. Respirou fundo e olhou para onde estava. Parecia o quintal de uma casa antiga e abandonada, de alguma família que se mudara para os inovadores, modernos e espaçosos edifícios e deixara aquela herança histórica do século passado para apodrecer sozinha no chão. Mas não havia tempo para se compadecer com um casarão. Mancou pelo quintal com a grama batendo em seu peito, e se dirigiu lentamente até a casa, onde iria cuidar das feridas para seguir em frente.

///10/08/2049

— Che Guevara? Che Guevara é um terrorista assassino! Como você ousa chamar esse filho da puta de revolucionário?! — gritou um dos alunos. Águia respirou fundo, ajustou seus óculos e caminhou até o quadro holográfico, que exibia imagens de Che Guevara, de Fidel e da Revolução Cubana.

— Como é mesmo seu nome? Jorge, né? Então, Jorge... Che cumpre todos os requisitos para ser classificado como um revolucionário, pelo menos nos primeiros estágios da Revolução Cubana. Ele é um cara que se irritou com o governo autoritário de Cuba e foi lá arriscar sua vida para derrubá-lo. Ele inclusive morreu por seus ideais comunistas — explicou o professor.

— Ele é um terrorista! Ele fuzilou um monte de gente, uns nem eram do governo, até viado ele fuzilou! — retrucou Jorge, enquanto toda a classe assistia ao debate.

— Sim, isso é verdade, ele pode ser um assassino, mas isso não faz dele um terrorista. Vamos pegar um exemplo de terrorista... — O professor foi até seu computador e exibiu uma imagem de Bin Laden no quadro. — Este também é um homem que morreu por seus ideais. Então, por que ele não é um revolucionário, Jorge?

— Porque ele não era petista que nem o Che?

— Não, Jorge. Ele lutou por seus ideais, por mais errados que fossem, mas usou uma tática diferente. Terroristas não visam derrubar o poder ou a cultura vigente por meio de poder político ou até luta armada contra grupos organizados ou governos. Terroristas matam pessoas aleatoriamente para aterrorizar a população e deixar o governo sobrecarregado.

— E qual a diferença?

— Na minha opinião particular, terroristas podem achar ser revolucionários, mas revolucionários não podem se considerar terroristas. Mas, você acha o que você quiser, o senso crítico é seu. Só não ponha na minha prova que Che era petista.

— Você tem razão, professor. O PT era mais terrorista que qualquer Bin Laden

Toda a classe riu e aplaudiu com o comentário.

///22/09/2054

Jim Wild sentou-se no banco da cozinha, em frente a mesa, enquanto observava seu alvo e afiava uma faca.

— Ok, agora eu vou ter que cortar você ao meio — murmurou em japonês, e em seguida cravou a lâmina no peixe morto que estava na tábua sobre a mesa, partindo-o em dois. O comunicador holográfico mostrou o rosto de Mikael Saratov.

— Por que não estou surpreso por você aparecer aqui, Mikael? — disse o Caçador em inglês, enquanto cortava os dois pedaços em outros pedaços ainda menores.

— Eu estava pesquisando sobre o português, você sabe, a língua dos brasileiros, e vi algo interessante... Seu nome no Brasil em vez de “Hunter”, como te chamam aqui fora, é “Caçador”. É um cacófato, Jim. Você é um caçador ou caça a dor? — exclamou Saratov com um sorriso sem graça. O Caçador nem mudou sua expressão facial, apenas continuou cortando o peixe.

— Não sou que nem seus outros tenentes que ficam puxando seu saco, Saratov. Pra mim você é tão importante quanto uma escada. Depois que sobe, você caga pra ela.

— Não seja tão prepotente, Jim. Você também pode acabar tendo que descer a escada — rebateu Saratov, com uma expressão de leve indignação, enquanto o Caçador removia os ossos do peixe.

— Você vai me dar alguma tarefa ou vou ter que desligar o comunicador?

— De onde eu venho, chefes tentam ser gentis com os seus funcionários. Enfim, vim notificar que hoje você tem mais um trabalho, o síndico do Tijuca¹. Parece que a PM de lá está caçando nossos contrabandistas de água, isso é inadmissível. Perdemos dinheiro o suficiente com a morte de Fritzerwald e a destruição da nossa estação.

— Vocês da Ordem Vermelha são engraçados. Se preocupam tanto com o lucro e matar qualquer um que seja problema, mas pra seus clientes dizem que querem a melhor distribuição de água e lorotas do tipo.

— Você é um assassino contratado da Krasnyy zakaz, então é tão membro dela quanto qualquer um de nós.

— Sou um assassino contratado, não um falso moralista como qualquer um de vocês.

— Você é um sociopata genérico, Jim. Apenas isso. A única diferença entre você e qualquer outro é que você se profissionalizou no seu ofício e não virou um desses malucos que entra em escolas e atira em todo mundo ou enterra vinte crianças no quintal. Agora, vá trabalhar, eu conheço pessoas mais interessantes pra perder tempo conversando.

O Caçador desligou o holograma e respirou fundo, enquanto mergulhava um pedaço de peixe no molho shoyu.

///

— Ok, ok. Tá, só não fala isso pra ninguém. Cara, você odeia mesmo a Ordem Vermelha. — comentou o síndico do edifício Tijuca1 ao comunicador preso à sua orelha, enquanto caminhava em círculos de roupão pela sala de estar de seu luxuoso e moderno apartamento. — Não, não, sério, se a imprensa descobrir isso estou fodido, ninguém vai me reeleger. Tá bom. Tá. Qualquer morador do Tijuca que for descoberto vendendo qualquer quantidade de água será preso sumariamente e sem julgamento, tá bom assim? Não... Executado?! Isso é... Tá. Ok. Execução então. Só fica quieto, por favor. — ele desligou o comunicador, tirou da orelha e jogou com força na parede. O aparelho se espatifou.

O síndico percebeu que estava suando e que sua mão tremia. Tentou resistir, mas era mais forte que ele. Correu até o banheiro, abriu o pacote de xampu e tirou a cocaína que estava dentro, formando uma linha de pó no chão. Abaixou-se e começou a cheirar, sentido tudo acelerar e voltar ao seu “normal”. Assim que terminou, encostou-se no armário do banheiro, repleto de embalagens de xampus e condicionadores. O síndico respirou fundo, relaxando um pouco, e então olhou para a porta aberta. Um homem com um bizarro e tecnológico traje estava parado ali. Na sua mão havia uma miniescopeta, apontando diretamente para o rosto do síndico.

— Shhhhh. Se gritar, eu atiro. Comece a cheirar, sem fazer perguntas — disse o estranho homem, enquanto pegava uma das embalagens e jogava todo o conteúdo no chão.

///23/09/2054

Ryan colocou o capacete e o colete blindado. Ainda contava com apenas um lado da visão, seu corpo ainda não havia se acostumado com o olho biônico. Cicatrizes estavam espalhadas por todo o seu corpo. A iluminação daquele grande escritório de comissário da Polícia Militar do Barra3 era fraca, e estava enfeitado com objetos pessoais deixados pelo ex-comissário Crimes.

— Então, comissário, qual será sua primeira operação? Já sabe como dará suas ordens? — perguntou Dan, sentado em uma poltrona no canto da sala com uma xícara de chá na mão.

— Meu serviço obrigatório na polícia era de apenas alguns meses — comentou Ryan, enquanto observava sua mão direita, cheia de cicatrizes, em seguida colocando suas luvas de proteção.

— Você não quer sair da Polícia Militar do Barra3 agora que é comissário, quer? — Dan adicionou uma colher de açúcar ao chá.

— Não. Se você tivesse me oferecido essa oportunidade há alguns meses, eu sairia sem pensar duas vezes. Mas, agora, nego-a sem pensar duas vezes. — O comissário, enquanto colocava a luva de proteção na outra mão.

— É humano mudar de opinião, comissário. Já leu a Bíblia? Até Deus mudou de opinião do Antigo para o Novo Testamento. — Dan tomou um gole do chá.

— Deus nunca mudou de opinião. Ele apenas mandou alguém que poderia espalhar sua mensagem mais claramente, o nosso salvador, Jesus — disse Ryan, ajustando o cinto de coldres.

— Jesus é o seu salvador, não o meu. Meu salvador se foi há muito tempo, comissário — retrucou o síndico.

— A criação sempre pode se arrepender e voltar para o seu salvador e criador. Você ainda tem tempo, chefe. Todos nós temos. — Ryan colocou suas pistolas nos coldres.

— Meu salvador nunca foi meu criador, comissário. E, sinceramente, duvido da sua suposta salvação. Você matou quantas pessoas em Juiz de... — a discussão teológica foi interrompida bruscamente por uma batida na porta.

— Pode entrar! — gritou Ryan, enquanto se abaixava para amarrar os cadarços das botas.

— Senhor, notícias urgentes — exclamou um policial, enquanto entrava carregando um dispositivo holográfico que exibia as últimas notícias do Rio de Janeiro. Um repórter falava enquanto observava seus papéis de roteiro da pauta: “Boa tarde. O síndico do mega-edifício Tijuca1, Leonardo Fayer de Mendonças, foi encontrado morto em seu apartamento. A causa seria um ataque cardíaco em decorrência de uma superdosagem de cocaína. A Polícia Investigativa está apurando o caso e emitirá um relatório oficial ainda hoje, de acordo com seu comissário no Tijuca1. Assim que tivermos mais informações ou fotos do caso transmitiremos”. O policial desligou e saiu da sala.

— Já é qual, o quarto síndico que morre desde o ano passado? — perguntou Ryan, ainda um pouco chocado com a morte.

— Sim, mas não precisa se preocupar comigo e nem fazer orações pra mim, comissário. Não é como se houvesse alguma pessoa ou entidade matando síndicos sistematicamente. É só manter um esquadrão de elite do lado de fora do meu apartamento e escritório que sairá tudo bem. Ah... e aproveite seu primeiro dia de comissário. Só virei com ordens oficiais na segunda-feira, então você tem bastante tempo livre pra reorganizar o departamento.

Dan terminou sua xícara de chá e foi embora da sala, enquanto Ryan se sentava pela primeira vez na sua cadeira ornamentada de chefe da polícia. Ele se acomodou ali e puxou seu celular holográfico do bolso para checar suas redes sociais. Só apareciam notícias do síndico do Tijuca1 e fotos do seu corpo coberto de pó e jogado no chão de um banheiro luxuoso.

///

— Ryan... é... eu vim te cumprimentar — disse Crimes desajeitadamente, entrando na sala do novo comissário.

Ryan estava com um computador holográfico ligado sobre sua mesa, em um navegador com diversas abas abertas, principalmente sites de notícias e da polícia.

— Você veio buscar seu casaco, né? — perguntou Ryan, enquanto fazia anotações no bloco de notas do computador.

— Sim, mas não vim só por isso. Você sabe o que aconteceu com o síndico do Tijuca1, né?

— Eu assisto ao jornal, Crimes. E, sim, estou tão preocupado quanto você. Se Dan morrer com a polícia sob minha tutela, serei responsabilizado.

E talvez até fuzilado, junto com você — murmurou o comissário, enquanto analisava as fotos da cena do crime.

— Não exagere. Não acho que nos matariam por causa disso. E ainda tem chance de ser tudo coincidência — comentou Crimes, usando um tom calmo.

— Isso tudo não é coincidência, cara. Eu só não achei o link ainda. Olha. O síndico do Barra2 foi assassinado por uma espécie de assassino fantasma, que não foi captado nem pelas câmeras. O síndico do Tijuca1 teve uma overdose. E ainda esse ano tanto o Velho Luiz morreu de câncer como o síndico Samuel morreu naquele acidente bizarro na ponte de vidro — enumerou Ryan.

— Aquele acidente? Foi o condutor, lembra? — Crimes sentou-se na poltrona no canto da sala. Ryan abriu uma nova página e entrou no site da Polícia Investigativa, logo inserindo suas credenciais e procurando arquivos do caso.

— Todos os dados do caso foram deletados pelo comissário da PM anterior — informou Ryan, enquanto olhava a tela holográfica, frustrado.

— Nem todos. O comissário anterior da PM ainda está vivo. Podemos interrogá-lo. — Crimes se levantou da poltrona com uma epifania contagiante.

— Duvido que ele vá falar.

— Eu sei pedir com educação. Assim que tiver informações, eu volto para te avisar, cap... comissário Ryan.

— Só não o torture, Crimes.

— O mundo não é um conto de fadas, Ryan.

///

Ryan tomou um gole de água enquanto olhava para os sites jornalísticos e da polícia pela vigésima vez. Os olhos abatidos e tensos se aliviaram e se animaram quando o comunicador portátil apitou. Ele atendeu imediatamente. Uma projeção holográfica em 3D do rosto de Crimes foi exibida ao vivo.

— E aí? E aí? — perguntou Ryan, quase sem fôlego pela ansiedade.

— Não se anime. Quando bati na porta do apartamento ele nem atendeu, deve ser por causa da farda, então eu arrombei. Fui rápido o suficiente pra ouvir o tiro e miolos espirrarem no meu rosto.

— Merda! — Ryan socou a mesa. — E agora? O que a gente faz, Crimes? — Ryan estava quase entrando em desespero.

— Calma, comissário, calma. O canalha se matou tão rápido que nem deu tempo de apagar qualquer evidência. É só olhar o aplicativo de mensagens mais usado no celular que descobriremos pra quem ele trabalhava. Eu vou conferir e já retorno para aí. — Crimes desligou a chamada e guardou o comunicador no bolso, enquanto observava o cadáver do antigo comissário jogado no chão e coberto de sangue.

Sentou-se na cama do ex-policia, pegou sua arma, de onde ainda saia fumaça, e limpou suas digitais com um pequeno lençol, jogando-a no chão em seguida, ao lado do corpo.

Ninguém investigaria aquilo sem que ele soubesse e aprovasse, então a situação não era séria o suficiente para ter que despejar pólvora na mão do falecido. Levantou-se da cama e caminhou até o criado-mudo no canto do quarto, pegando o comunicador holográfico que ali estava e jogando-o pela janela. Saiu do apartamento calmamente e reativou a conexão à internet do seu celular. Foi embora dali assobiando.

///

Ryan estava lendo os sites jornalísticos pela vigésima oitava vez quando Crimes entrou no escritório com um papel na mão e um cheiro horrível de sangue.

— Encontrei isso na escrivania dele — avisou o chefe da Polícia Investigativa no Barra3, depositando o objeto na mesa e se sentando na poltrona do canto. O papel continha apenas alguns números e palavras em russo, além de uma estrela vermelha grafada:

Красный заказ

Krasnyy Zakaz

Ryan sentiu como se Fritzergald houvesse voltado dos mortos e lhe dado uma surra. Só as lembranças do terror que passara em Juiz de Fora lhe deram ânsia de vômito. Levantou-se com dificuldade enquanto todas as memórias voltavam à sua cabeça como se fossem um filme. até o pequeno banheiro conectado ao escritório e se trancou lá, enquanto Crimes observava a cena da poltrona sem saber como reagir aos incômodos sons de um homem vomitando violentamente e gritando de desespero ao mesmo tempo. Dois ou três minutos depois, os ruídos de vômito pararam, e o barulho da descarga e o da pia foram ouvidos. Então, a porta do lavabo foi aberta, e Ryan saiu de lá pálido, porém empenhado.

Crimes levantou-se imediatamente da poltrona

— Só pra deixar claro, eu não vi nem escutei nada.

— Teremos que enfrentar a Ordem Vermelha de novo, Crimes. Eu... eu achei que eles tivessem sido destruídos em Minas Gerais. — Ryan ainda estava em choque.

— A Ordem está tão funcional quanto sempre esteve. Eles são globais, comissário. Dominam a Europa abandonada e a habitada, a Rússia, a América do Sul... E o comando deles está na Rússia, não no Brasil. Fritzergald era só um comandante regional. Por mais horrível que ele seja, tem assassinos muito piores lá — explicou Crimes, sentando-se de novo na poltrona. O comissário da PM caminhou até a cadeira de sua escrivaninha e sentou-se, olhando para o papel de novo com seu único olho bom.

— Tanto o síndico da Tijuca¹ quanto o do Barra² estavam aderindo ao plano de combate à O.V. do Dan. Encontramos o link — apontou Ryan, olhando para Crimes, que apenas assentiu e olhou para o teto.

— E o que podemos fazer? Uma divisão policial de um só megaedifício não pode destruir uma máfia internacional.

— Ninguém falou em destruir a Ordem Vermelha. Não podemos destruí-la, mas podemos despejá-la do prédio. E se ela não estiver no prédio, não poderá matar Dan. Crimes, Fritzergald morreu e as células brasileiras da Ordem ainda estão se reorganizando. Quem quer que esteja fazendo isso é de fora e recebe ordens de fora — concluiu Ryan, enquanto abria uma das gavetas da escrivaninha e tirava uma chave.

— E como uma chave vai solucionar isso? — perguntou Crimes.

— O único jeito de se comunicar com a Ásia é por rádio, comunicador holográfico ou carta. Eles têm uma internet diferente da nossa, só deles — exclamou Ryan, enquanto desligava o computador.

— E?

— Vou pra sala de comunicações, ué. É só rastrear a última transmissão holográfica da Ásia pra cá.

///

A sala de comunicações era como um dos enormes computadores dos anos 1950, com centenas de fios, cabos e várias antenas. O enorme mainframe era conectado a uma tela holográfica em cima de uma escrivaninha. Ryan tocou algumas teclas holográficas. Uma gravação foi se formando.

— Ouvir.

“Ser... Esp... V... Doz... n...”

O ruído ainda não era satisfatório. Ele ajustou algumas programações.

— Espera... “64648172-21” — Aquele era o código criptografado para a transmissão de um holograma hipercomplexo.

— 64648172-22. Exibir.

A imagem era retransmitida de vários localidades diferentes: Buenos Aires, Sacramento, Tromsø, Moscou e a Sidney canadense. Mas Ryan sabia a origem real do áudio. Leu o código do áudio rapidamente e falou no microfone:

— 7171256959... 113.12-22. Descriptografia e exibição.

O megacomputador começou a descriptografar, testando centenas de milhões de chaves ao mesmo tempo. Ryan fazia anotações sobre o orçamento de seu novo cargo enquanto o computador trabalhava. Logo foi captada e mostrada uma série de pixels e bits em 2D. Ele teclou e tudo se juntou. Era a imagem de Mikael Saratov, ou pelo menos alguém muito parecido com ele, um pouco borrada e com pixels faltando.

— Som detectável.

Ele ouviu a gravação, cheia de chiados e vozes robóticas de reconstituição.

— Caçador... Cacófato... Jim... Sociopata... Trabalho... Síndico... Tijuca... — murmurou enquanto anotava tudo no celular. Foi tudo o que ele pôde ouvir. Ryan tentou buscar mais respostas, mas havia muitos chiados e falhas, então qualquer esforço extra mostrou-se inútil. E além do mais, ele sabia que já tinha o que precisava e com quem provavelmente Saratov falava. Só precisava agora rastrear qual comunicador holográfico recebera a chamada e sua última localização.

///24/09/2054

O carro parou no pedágio sob a luz do luar, um fraquíssimo poste de luz que piscava e a neblina da serra. Um policial rodoviário recebeu-o.

— Documentação do veículo, por favor. — Um rottweiler saltou na janela do carro rosnando e babando.

— Rex! — gritou o policial, puxando o cachorro pela coleira, bravo.

— Ele está estressado? — perguntou o motorista, com um estranho sotaque estrangeiro. O policial abriu a parte de vidro de seu capacete blindado, revelando um rosto cansado do trabalho noturno, exalando cheiro de café.

— É que não trouxeram a ração semanal ontem, e ele tá com fome. E acho que também não vão trazer hoje. Esses entregadores são um saco, pior ainda no interior. — O cachorro rosnou para o motorista, que entregou os documentos para o oficial.

— Para, Rex, que saco! De qualquer forma, boa noite... ou madrugada. — O policial devolveu o documento, ativou um botão e a passagem do pedágio se abriu. — Cuidado lá em Minas. Tá tendo uns atentados terroristas...

— Claro, boa noite. — O carro acelerou e Jim Wild ajeitou seu chapéu Fedora um pouco para trás, deixando os cabelos grisalhos da testa à mostra. Precisava resolver alguns assuntos na base da Ordem Vermelha, e então voltaria para o Rio. Ligou o rádio e mudou da estação de música clássica para a de notícias:

— Boa noite, agora são 2:40 no horário de São Paulo. Vamos para o resumo das notícias de ontem, dia 23, e em seguida seguiremos para nosso quadro de debate noturno sem partido sobre política internacional, também exibido ontem mais cedo, às 16:30. O síndico do mega-edifício Tijuca1, no Rio de Janeiro, foi encontrado morto. A perícia anunciou tratar-se de uma overdose de cocaína. Ao norte, as tropas brasileiras tomaram uma fortificação venezuelana instalada a 38 quilômetros de Manaus, sem muitas baixas. O vice-ditador declarou que o uso de andróides de combate gigantes ajudou muito na batalha. Houve retaliação, com bombardeios de aviões colombianos e venezuelanos destruindo algumas edificações da parte industrial de Manaus. Fora do Brasil, o preço da água nos Estados Unidos e territórios da OTAN sobe em 2%, devido ao aumento de juros nas

exportações escandinavas. Debateremos mais sobre isso no programa de política internacional que será reexibido agora. Boa noite.

Jim sintonizou o rádio de novo na música clássica.

///

— Jim Wild, mãos na cabeça!!!

A porta foi arrombada e diversos policiais militares de elite entraram no apartamento 167 do Hotel Maximus carregando fuzis. Percorreram todo o quarto em menos de um minuto, mas não encontraram nada demais. O comandante entrou logo depois de seus subordinados, e ativou seu comunicador acoplado ao capacete:

— Comissário Ryan, sem nada interessante à vista, o que devemos fa... — A fala dele foi interrompida bruscamente quando uma nuvem de fumaça vermelha se espalhou em milissegundos pelo ambiente e tiros de uma metralhadora extremamente rápida acertaram os policiais. Um armário no canto do quarto estava se transformando em uma espécie de arma.

— Protejam-se! — gritou o comandante, se jogando no chão. Os outros se jogaram atrás das paredes e móveis do quarto, enquanto tiros passavam pela porta e acertavam o corredor. Um deles ativou o sensor térmico do capacete e gritou:

— É automática... O sensor térmico não mostra ninguém! — Os tiros cessaram após alguns segundos.

— Deve ter sido uma metralhadora automática. Verifica aí, Pedro — solicitou o comandante, jogado no chão ao lado da cama. Um dos policiais que estava do lado de fora entrou no apartamento para verificar, empunhando um fuzil a laser. Todos os outros saíram rapidamente ali de dentro, deixando-o só. Segundos depois, ouviram um alto grito.

— Quê?!

Então, houve um estrondo e mais gritos do homem. Os policiais trocaram olhares assustados. Um deles preparou uma granada e o comandante pegou o seu revólver. Um pouco de fumaça vermelha começou a sair do quarto de hotel. O silêncio era torturante. Do nada, a parede desabou, e tudo ficou confuso para os oficiais. Barulhos altos e mecânicos ocuparam o ambiente, os PMs se arrastaram pelos destroços até sair do alcance da fumaça, tossindo e ativando as máscaras de gás dos capacetes altamente tecnológicos. O comandante ativou seu comunicador e tentou ligar para Ryan diversas vezes, caindo na caixa de mensagens.

Desistiu de tentar quando avistou um de seus companheiros ser arrastado para dentro da fumaça vermelha novamente. Correu até o elevador, ligando para o quartel do Barra3:

— Esquadrão 18 da polícia militar de elite, batalhão do Barra3... — ele foi interrompido quando ouviu um grito agonizante e um claro som de osso quebrando.

— Informe sua situação, agente. — O operador de rádio da delegacia do Barra3 quase perdeu a comunicação por conta dos muitos chiados e gritos altíssimos do outro lado. — Está tudo bem?!

— O esquadrão foi abatido — respondeu o comandante, enquanto corria desesperadamente na direção do elevador. Ouviram-se tiros e mais coisas quebrando. — Reforç... — o operador ouviu um golpe, ossos se quebrando e algo sendo brutalmente rasgado, um barulho do que parecia vir de algo robótico. E a comunicação caiu.

///

Ryan desceu do carro blindado na ponte tripla que ligava três enormes megaedifícios e o enorme hotel 5 estrelas. Vinham com ele outros quinze PMs de elite, também descendo de autoblindados ou camburões, além de duas viaturas da Polícia Investigativa e o comissário da PI, Crimes.

Empunhando armas carregadas, todos analisavam o enorme hotel de cima a baixo, preparando-se para entrar. Crimes ativou seu megafone, virando-se para os outros policiais:

— Gente, temos ocorrências de um inimigo, um inimigo... desconhecido, que de alguma forma eliminou um esquadrão inteiro de oito soldados. Agora somos 24, temos mais chance. Sabemos que ele saiu do quarto do Caçador. Sim, o superassassino de aluguel, ou seja, esperem o pior.

Os policiais verificaram suas armas mais uma vez, por garantia . O armamento era de tecnologia de ponta, vindo da OTAN e da Rússia. Entraram em fileira no hotel, vasculhando cada canto do lugar. O enorme hall parecia ter sido abandonado às pressas. Os hóspedes, recepcionistas e carregadores de mala haviam sumido e os quartos e entradas de funcionários estavam todos com as portas abertas. Aquilo seria um deserto ideal, a não ser pelos barulhos do teto rachando e som de algo pesado

andando. Um policial particularmente corajoso foi cautelosamente até o elevador e apertou o botão. A porta foi aberta, o elevador estava amassado, coberto de sangue e quebrado por dentro. Além disso, um policial estava preso pela cabeça em um buraco na parede do elevador. Seu capacete estava partido, metade invadia seu crânio. A roupa blindada estava amassada, os ossos, quebrados e retorcidos, e ele estava coberto de sangue e vísceras. O policial que chamou o elevador tirou o capacete e começou a vomitar. Ryan caminhou até a entrada do elevador, dando uma boa olhada “naquilo” enquanto segurava o estômago. Crimes, como se não se importasse com a cena horripilante, caminhou até lá normalmente e ativou seu capacete com visor especial da Polícia Investigativa:

— Pelo que parece, este homem foi golpeado por algo muito forte. Tipo uma bola de demolição... Um soco forte o suficiente para derrubar um elevador com capacidade para trinta pessoas. Ryan, checa o sensor térmico, por favor. Tem ainda alguém no hotel?

Ryan ajustou seu capacete e observou o teto e os arredores com o visor térmico:

— Não... não vivos, pelo menos.

Houve um rápido apagão e o teto rachou..

— Então só pode ser um fantasma, um vampiro, um demônio, ou pior... um robô de batalha — elucubrou Crimes, enquanto alguns PMs faziam o sinal da cruz.

///

Dan observou a paisagem da janela, as montanhas, o mar imundo cobrindo as antigas ruas, os enormes prédios e as volumosas nuvens negras e cinzentas de poluição. Ao longe, podia ver diversos carros policiais saindo do Barra3 com sirenes ligadas, seguindo pelas pontes até o grandioso Hotel Maximus. Por maior que fosse, o hotel ainda era um anão se comparado aos mega-edifícios vizinhos, responsáveis por abrigar toda a população carioca.

— Estes ilustres prédios não são nada diante do que será o nosso legado, pai — disse sua filha, atrás dele. Ele se virou para ela, olhos úmidos, enquanto tomava um gole de chá.

— Sarah... por que você faz isso? — perguntou, olhando para a menina à sua frente.

— Não questione o síndico, pai. Você mesmo diz isso.

Ele olhou para a xícara. Não havia mais chá ali. O recipiente estava repleto de sangue. Dan jogou-a longe, quebrando-a e molhando todo o escritório de chá, enquanto encarava a filha, horrorizado.

— O que foi, Dan? — perguntou ela, confusa, indo até ele.

— Chega, Sarah! Chega! Isso tem que parar! Fritzergald, Samuel, Luiz, todos eles já eram, já matei! O que mais você quer?! — gritou, lançando para a filha um olhar desesperado.

Ela o encarou, ainda mais confusa.

— Dan, do que caralhos você está falando?

Ele sacudiu sua cabeça, vendo sua secretária recuar lentamente.

— Roberta... é... — ele tentou explicar, enxergando pânico no rosto da moça.

— Eu... eu vou chamar a polícia! — ela gritou, pegando o comunicador holográfico e correndo até a saída. Dan voltou-se para a filha, parada no meio da sala, apontando para a secretária:

— O que você está esperando, pai?

Ao ouvir isso, ele correu rapidamente até a mulher que fugia e a derrubou no chão com um chute, antes que saísse do escritório. O barulho dos ossos das pernas da moça quebrando ecoou pelo local. Em seguida, o síndico fechou todas as portas com chave, enquanto ela chorava de dor no chão.

— Desculpa, Roberta. Eu preciso obedecê-la ou a perderei para sempre. — justificou ele, derramando uma fina lágrima. Ela o encarava, horrorizada, implorando misericórdia. Logo o chão estava coberto por uma rajada de sangue. Dan colocou a pistola sobre a escrivaninha e se sentou, pegando outra xícara para continuar tomando chá enquanto observava o cadáver da moça jogado no chão.

— Viu, pai? É isso o que acontece quando você questiona o síndico. Ou você obedece ou perde tudo o que ama. Considere isto como um batismo de fogo — disse a filha às suas costas, com um tom repreendedor.

Dan se encolheu na cadeira, sentindo a escuridão do escritório o engolindo.

— Não importa. Só não posso te perder.

///23/09/2054

O dono do Hotel Maximus estava no escritório, verificando documentos, quando percebeu uma respiração que não era dele. Havia outra pessoa na sala. Olhou ao redor. Jim Wild estava encostado no canto da sala, com um copo de água na mão.

— Cala a boca, não fala nada. Estou sendo gentil e passando para te avisar. Vou colocar um drone de ataque no meu quarto, então não fique no hotel a partir de agora.

— Espere... você quer colocar um drone no meu hotel?! Eu vou avisar a polícia!

— Ele só irá atirar nos PMs, ou quem chegar muito perto. E eu sei que você tem dinheiro pra reparar os estragos.

O dono do hotel ainda estava resiliente.

— Não me parece um bom plano... Essa merda nem faz sentido!

O Caçador se aproximou lentamente do homem, com um olhar mórbido.

— Você tem escravos trabalhando na lavanderia e usa a sauna pra vender água com a Ordem Vermelha. Quer mesmo encher a porra do saco? Eles já sabem que estou hospedado aqui, descriptografaram minhas comunicações com Saratov. Eles já estão vindo. E eu não gosto de gente enchendo meu saco e tirando a paz do meu trabalho.

///24/09/2054

Ryan se lançou ao chão, desviando dos tiros. Uma estranha e espessa fumaça vermelha cobria todo o recinto. O visor do robô era enorme, e cartuchos vazios escapavam por buracos em volta de seu corpo. Crimes apertou o botão de análise do capacete, captando rapidamente as informações da máquina de combate enquanto se protegia atrás do balcão do hotel. O capacete logo exigiu o relatório:

“Drone de guerra americano, modelo Martyn E-2046. Equipado com emissor de fumaça de coloração variada, três metralhadoras automáticas embutidas, raios laser e elétricos nas mãos, quatro braços mecânicos, detectores térmicos, elétricos e genéticos, duas pernas, mira de franco-atirador embutida, hélices de voo embutidas e dois minilançadores de mísseis nas costas. Abastecido com gasolina ou energia nuclear. 3,2 metros de comprimento e 3,8 de altura. Fraquezas detectadas: tanque de combustível na parte traseira do robô danificado e lançadores de mísseis parecem desativados. Relatório completo.”

O comissário da PI ativou seu comunicador no capacete e ligou para o BOPE imediatamente. A máquina ergueu suas mãos mecânicas de três dedos e golpeou uma mesa com um policial, destruindo-a no processo. A fumaça vermelha espalhava-se rapidamente, deixando todos desconcentrados. Os policiais buscavam manter-se unidos, mas alguns simplesmente desapareciam.

— Ryan, você está bem?! — gritou Crimes, atrás do balcão.

Tiros vieram na direção de Ryan, que também foi procurar abrigo atrás do balcão.

— Sim. Isso me lembra de quando eu brincava de revólver na escola.

Parecia mais fácil naquela época... Você não era machucado de verdade.

O drone agarrou o balcão e o lançou no comissário da PM, que rolou no chão, danificando a roupa blindada. Outro policial se levantou de sua cobertura com um lançador de mísseis equipado e atirou no robô, que quase caiu para trás com a explosão e reagiu abrindo as mãos mecânicas e lançando um laser, cortando o policial ao meio.

Ao assistir à morte de seu subordinado, Ryan se enfureceu:

— Chega! Chega, porra!

Ele correu por trás do drone e saltou sobre suas costas, agarrando-se em uma fiação exposta. O monstro mecânico girou descontroladamente, tentando derrubar o policial, que atirou nas costas do robô até ficar sem munição. Crimes seguiu os barulhos para localizar os dois entre a fumaça e preparou seu fuzil. A blindagem do robô foi perfurada pelos tiros, revelando o tanque de gasolina. O robô finalmente lançou Ryan para longe, recuando e sumindo na fumaça. Um PM levantou-se do chão e empunhou um lançador de granadas na direção do som da criatura mecânica. Crimes fazia o mesmo com seu fuzil.

Ryan tentou se mexer, dolorido, e ativou o visor de seu capacete para ver quantos policiais ainda estavam com seus sinais vitais ativos. Dos 24, apenas 16. Sua verificação foi interrompida quando uma enorme mão mecânica atravessou a parede atrás dele e o agarrou, levantando-o como se fosse um boneco. O drone ativou as hélices e levantou voo, atirando mísseis para abrir caminho pelo teto. Ryan pôde ver outro policial na outra mão do robô, lutando para se soltar. O robô destruiu vários quartos até chegar ao terraço do prédio. Lá em cima, soltou os dois homens bruscamente no telhado e pousou. A máquina partiu o policial ao meio enquanto Ryan recuava, escapando do sangue que respingava sobre ele.

Então, um lançador de granadas caiu à sua frente. Sem pensar duas vezes, o comissário pegou a arma e começou a atirar. O robô foi jogado para trás com a força das explosões e caiu pelo buraco no telhado. Crimes, no hall, estava com o fuzil preparado, apenas esperando um som que indicasse onde o robô estava na fumaça para fuzilá-lo. Assim que viu o drone atingindo fortemente o chão e espalhando a fumaça vermelha, atirou como se não houvesse amanhã. Os tiros incendiaram o tanque de combustível. Logo o robô foi coberto pelas chamas e explodiu.

Crimes sentou-se no chão, no meio da fumaça, respirando fundo, extremamente cansado. Ele sabia que se em algum momento tinha sido uma boa ideia perseguir o Caçador, aquilo tudo foi uma prova de que uma mudança de decisão poderia ser, e muito, necessária.

///01/10/2054

Os arranha-céus se erguiam até alturas fora do alcance da visão. Entre eles, casas de até cinco andares com uma arquitetura característica que prevalecera por séculos exibiam sua glória. No entanto, ruas, prédios e casas estavam apodrecendo lentamente, com suas estruturas profundamente danificadas pela radiação. A torre Eiffel podia ser vista desde longe, com a bandeira e as cores da OTAN no seu topo e suas cores a decorando nas luzes ao longo da enorme estrutura.

— É a primeira vez que visita Paris, governador Keller?

— Não. Eu vim em outubro do ano passado.

— É impressionante o que houve com este lugar, Napoleão nunca adivinharia seu legado... Sabe, nós, russos, apesar de detestarmos o baixinho francês sabemos que devemos respeitá-lo. Respeitar o inimigo em vez de subestimá-lo é fundamental para a vitória.

O carro passou por uma das altíssimas pontes do rio Sena. Imundo e tóxico. Do outro lado da ponte, uma catraca os parou. Da guarita saiu um policial com roupa blindada e o brasão da OTAN estampado no peitoral hiperprotegido.

— Bom, Keller, a nossa situação está preocupante. No Rio e em Minas especialmente — continuou o motorista, enquanto abaixava o vidro do carro. — Fala inglês? — perguntou Mikael Saratov, dirigindo-se ao policial da guarita, sem tirar a mão do volante.

— Sim. Papers, please. — pediu o policial, enquanto ativava e usava o visor de seu capacete para identificar o motorista.

— Eu tenho passaporte diplomático — informou Keller, erguendo um papel envolto em plástico e estampado com o brasão brasileiro.

— E você? Você não está no sistema, como chegou em Paris?! Documentos agora! — exigiu o policial, impaciente, olhando para o motorista.

— Krasnyy Zakaz.

O policial se afastou em questão de segundos, a catraca foi aberta e o carro pôde passar para a outra parte da cidade.

— Era bom quando o mundo era menos autoritário? — perguntou o governador do Sudeste brasileiro, claramente mais jovem que o outro.

— Sempre foi autoritário. A diferença é apenas o quão visível esse autoritarismo é. Quando eu era criança, na União Soviética, tinha um

departamento pra fiscalizar até piadas. Fiscalizar piadas! Eu e meus amigos driblávamos isso com cacófatos. Sabe o que são cacófatos, né? — Saratov olhou pela janela, a Torre Eiffel estava ali, entre as casas e a sombra dos edifícios, arranhada e enfraquecida pela radiação.

— Com todo o respeito, você fala pelos cotovelos, Mikael. E não, eu não sei o que são esses cracrófatros — respondeu Keller.

— Cacófatos, não cacrófratros. Por exemplo, olhe o carro na vaga da Bundóvsky. Sacou? Vagabunda, vaga da Bundóvsky. Fazíamos cacófatos completamente sem noção e todo mundo ria, sem poder censurar. — Saratov riu. — Bom, agora que já estamos fora do alcance de policiais... — O mafioso estacionou no beco entre duas casas de arquitetura tradicional parisiense, logo atrás de dois edifícios, e desligou o farol. O carro desapareceu nas sombras dos prédios. — Vamos discutir logo o assunto principal, sem mais piadas idiotas com cacófatos. Eu mantinha uma força de milhares de homens no Sudeste brasileiro, mais especificamente em Minas Gerais... — o tom de voz dele ficou mais grave. — E fico me perguntando... Quem ordenou que a Polícia Militar dos edifícios do Rio de Janeiro, que deveria estar vigiando edifícios no Rio de Janeiro, os atacasse?

— Posso garantir que não estou por detrás disso. Parece que a água traficada estava incomodado os síndicos recentemente, e por mais que a PM ou a PI sejam designadas para vigiar os prédios, nada na lei as impede de ajudar em combates em outras regiões. Eu sabia que você me chamaria em outro país pra isso, e não pra fazer piadas de cacófatos, então já trouxe a legislação impressa pra comprovar o que estou dizendo, se necessário. — O governador entregou para o motorista um fichário com todas as partes da Constituição Federal de 2038 que provavam seus pontos.

— É, Keller... Eu tive que enviar meu melhor agente para matar os síndicos, mas eles não param. Quero resolver logo isso, então poderemos fazer de duas maneiras. — Mikael abriu o porta-luvas, cheio de cartões de crédito de vários bancos. — Cada um desses tem desconto de 65% em todas as compras, e limite de até 45 milhões de dólares. Essa é a forma como nós dois temos resolvido nossos problemas ao longo dos últimos sete, dez anos? Enfim, você sabe como o jogo funciona.

Keller observou os cartões, brilhantes mesmo no escuro.

— Mas eles são síndicos, Mikael... Eu não interfiro nas decisões deles. Não posso fazer nada, no máximo tentar convencê-los — argumentou

o governador.

Saratov tinha um olhar intimidador.

— Bom, nesse caso, podemos usar a outra alternativa. Eu não a recomendaria *por cada* parte que você valoriza na sua pele.

— Eu ouvi esse cacófato disfarçado de piada, Mikael — avisou Keller, não se deixando intimidar.

— Cacófato, Keller! E olha que eu não sou nativo do Brasil.

///04/10/2054

Havia fumaça para todo lado. Pequenos objetos redondos rolavam no chão, entre pés desesperados, espalhando o gás para todos os lados.

Águia arrancou um de seus curativos, revelando uma casca ainda vermelha.

— Acho que já melhorou — decidiu, arremessando as ataduras usadas numa lixeira próxima como se fosse uma bola de basquete.

— Você não deveria fazer isso. É muito cedo — repreendeu Gabriel.

Os dois estavam em frente à vidraça de apartamento no alto de um dos maiores prédios de Belo Horizonte, observando ao fundo a praça que atacaram havia apenas um mês. Estava encoberta por gás. Policiais da tropa de choque batiam nas pessoas com cassetetes elétricos; granadas de som, além de balas verdadeiras e de borracha, voavam para todos os lados. Dois prédios do local ainda estavam em ruínas. Aquele que havia sido derrubado foi removido, e em seu lugar foi erguido um acesso para as estradas suspensas. Dessa vez, no entanto, o tumulto não era por conta de ataques de rebeldes ou terroristas. Era uma manifestação popular de alguns setores da Classe Baixa para protestar contra a água cara. Havia milhares de pessoas lá, segurando faixas e cartazes e cantando em coro, enquanto eram fortemente contidas e atacadas pelos oficiais. Os poucos policiais que se uniam aos revoltosos ou se recusavam a agredi-los eram fuzilados ali mesmo por seus companheiros. Das janelas dos altos prédios, pessoas de classes mais privilegiadas gritavam e xingavam os que protestavam, chamando-os de “vagabundos” ou “petistas”.

— Ei, vão ficar aí perdendo tempo?! Temos trabalho a fazer! — era Lara, a líder da resistência da Capela dos Escravos de Tiradentes. Águia olhou para ela.

— Não podemos esperar a poeira baixar? É muito ce...

— Não! A vida deles não espera, novato! — Ela saiu dali, seguida por seu guarda-costas.

Estavam em um apartamento de luxo, pertencente à um homem rico que só existia no papel. O lugar era usado pela resistência para fabricar armas caseiras, pensar estratégias e outras coisas. Não dormiam lá sempre, apenas quando estavam em Belo Horizonte.

///

Gabriel abriu uma porta e entrou no que deveria ser uma espécie de depósito de lixo na planta original do prédio. Agora ali havia uma mesa

cheia de facas, seringas, foices, cutelos e martelos, de tamanhos variados. No centro, uma cadeira, com um homem amarrado. Ele usava uma roupa sem blindagem da polícia militar, e estava sem o capacete.

— Boa noite, capitão Marco. A polícia já veio te resgatar “em algumas horas”? — perguntou Gabriel, olhando seu relógio de pulso. O policial capturado podia perceber que aquele braço era estranho mesmo na iluminação precária.

— Você sabe que estou aqui faz... dias. Vários dias. Então, vai se foder. Não, eles não chegaram. Me mata logo que eu não vou falar nada.

Ele mostrou um sorriso amarelo e sarcástico, com dentes podres e rachados. Sua voz era especialmente irritante e arrogante. Provavelmente uma provocação proposital. Gabriel suspirou.

— Eu não vou te torturar ou matar, só quero conversar. Você não come nada há quanto tempo, capitão?

— Um dia. Seus amigos macaquinhos vieram ontem, lembra? — Ele deu uma risada irônica, tentando irritá-lo com a piada racista. — Eu tô com fome, babuíno.

Gabriel pegou um tomate.

— Antes de comer, você vai responder minhas perguntas. Onde estão os tanques de guerra do BOPE? Precisamos da localização da garagem em que estão guardados.

— Eu não sou do BOPE, além disso, é segredo de estado. — O policial ria.

— Você quer mesmo ficar com fome?

— Eu faço parte da Elite. Não do batalhão de operações especiais. Não há nada sobre eles que eu possa te contar, então, para de perturbar.

Gabriel respirou fundo.

— Eu não queria fazer isso, mas você não me deixa escolha... — Ele pegou o martelo.

— Eu não sei de nada. Nada. Na... — O capitão levou uma martelada no rosto, que o fez tossir e cuspir um dente quebrado banhado em sangue. — Tá, acho que vieram de Roquefort... Base Roquefort, a principal do BOPE no Brasil, Estado do Nordeste, lá no sul baiano.

Gabriel guardou o martelo.

— A comida é sua. — Ele colocou o tomate sobre o colo preso.

— Revolucionário de araque... — O homem riu, pegando o tomate com o pouco espaço livre que sua mão tinha e comendo. — Lá é vigiado 24

horas. Robôs, tanques, armas de radiação, elétricas, artilharia, autoblindados... Você nunca vai chegar lá. — Ele começou a gargalhar, cuspidando pedacinhos de tomate na cara do outro. — E quando te acharem, vão descobrir essa porra, e me tirar daqui. E aí eu mesmo vou matar você!

A porta foi fechada, e só se ouviam risos abafados pela parede do apartamento. Gabriel não estava bem e não estava com nem um pouco de vontade de suportar alguém o irritando. As explosões e tiros o haviam esgotado. Observou o próprio braço: parecia muito de plástico, por mais que fosse uma prótese de metal.

///12/10/2054

— Não.

A resposta chocou todos na sala.

— Você realmente não tem ideia de onde está se metendo. A Ordem Vermelha é uma das maiores organizações de tráfico de água, contrabando e atividades criminosas do mundo. E o Caçador é um dos melhores assassino deles, se não o melhor. — O governador empurrou um dossiê sobre o Caçador para seu interlocutor.

— Não me interessa. Eu não vou parar as investigações. O contrabando da Ordem Vermelha é um estorvo para todos os cariocas, e se eles me colocaram no governo, é porque não querem mais problemas. — Dan jogou o dossiê no chão, encarando o governador.

— Ele tá falando sério? — cochichou um síndico carioca para outro.

— Primeiro, você nem foi eleito. Além disso, a PM do Barra3 causou milhares de perdas à Ordem. E eles vão se vingar. — Keller se levantou e se virou janela enquanto falava. Nuvens de poluição cobriam São Paulo, envolvendo os enormes prédios e edifícios, que, mesmo gigantes, eram pequenos perto do Supremo Palácio. — Você não quer isso, quer, Dan?

— Eu quero que eles venham mesmo. Porque eu não vou perdoá-los. — Dan terminou a xícara de chá que estava tomando e se levantou, furioso. — E quanto à esse tal Caçador, eu não tenho medo.

Os síndicos, assessores e políticos se entreolharam, enquanto Dan se levantava e deixava a sala de reuniões.

— Qual o problema dele? — perguntou um, em voz baixa.

— É uma longa história... e todos que poderiam contá-la estão mortos. Mas, pelo que sei, envolve a família dele.

O governador se sentou e suspirou.

///

Dan se acomodou no assento de passageiros do seu helicóptero particular. Tinha um copo de chá do Starbuckos nas mãos. O crepúsculo caía, e a cidade começava a iluminar-se. Tomou alguns goles, por mais energético que o chá fosse, ajudava-lhe a acalmar-se. Em seguida olhou pela janela. Desviando das nuvens de poluição que atrapalhavam a visão, contemplou a enorme São Paulo em baixo dele, pensando em como a cidade era grandiosa e poderosa, substituindo a antiga e corrupta Brasília, que fora um antro de corrupção desde os tempos de sua construção até o

fim dos dias da Nova República. A destruição daquele lugar na guerra civil servira-lhe bem para retribuir o que ele fizera com o país por décadas. Entre os grandiosos prédios da cidade, um bairro se destacava, com megaedifícios, enormes palácios e construções faraônicas. Era chamado de “Nova Brasília”.

Bem no centro estava o Supremo Palácio, com mais de um quilômetro de área e várias torres, a principal delas com mais de 800 metros de altura. No topo estava o famosíssimo salão do losango, o apartamento oficial do Ditador brasileiro, que raríssimas vezes o deixava, e preferia governar seu país através de seus súditos e a partir um local confortável. A torre era muito atraente, o enorme losango amarelo chamava a atenção. O círculo no meio era a vidraça do ditador, que supostamente podia observar toda a capital de lá. Aquele losango representava a bandeira brasileira. Dan, assim como toda a população, lembrava-se de como os impostos na época da construção “daquilo” ficaram altos. Ele se questionava (internamente, é claro) se a Nova Brasília realmente compensava. Quando acordou dos seus devaneios, o helicóptero já estava se afastando da cidade. Já havia bebido a metade do chá do copo da Starbucks.

— O copo está meio cheio ou meio vazio, pai? — perguntou sua filha, no banco de trás.

— O copo está morto, Sarah. Está morto como minha alma — murmurou Dan em resposta, observando a imensidão da cidade se afastar.

///11/10/2054

O jato atravessou o céu em altíssima velocidade, fazendo com que as folhas das milhares de árvores abaixo dele balançassem.

— Alvo encontrado. — O piloto preparou as armas do avião, que se aproximava rapidamente do destino. Em seguida, ativou o rádio e se comunicou com a central. — Aguardando instruções. — Entre as árvores, ele via um enorme conjunto de prédios. Uma autêntica selva de pedra.

— Destrua nove edifícios e faça o reconhecimento das defesas antiaéreas, ordens do Bolívar. — respondeu a central, em espanhol. O caça diminuiu a velocidade conforme se aproximava do centro da cidade.

— Si, señor.

O piloto começou a atirar, mirando nos maiores edifícios que apareciam em sua frente. Alguns dos prédios tentavam contra-atacar com fracas defesas antiaéreas, enquanto outros se limitavam a tentativas de rápidas e ineficazes evacuações e pedidos de ajuda ao exército.

Logo as sirenes de emergência estavam soando por todos os cantos da metrópole. O jato atirava raios laser, que atravessavam as paredes dos edifícios e acertavam o que estivesse no interior, causando explosões e destruição.

Alguns dos prédios no local já estavam completamente abandonados, pois a cidade já era atacada brutalmente por aviões estrangeiros havia anos. O piloto avistou um objeto voador aproximando-se no radar.

— Antiaéreo inimigo detectado — informou o computador, enquanto o piloto suava em pura tensão ao ver um helicóptero cheio de canhões aproximando-se e atirando mísseis teleguiados. Ele socou um botão, e os contra-mísseis foram lançados, explodindo a maior parte dos projéteis que o helicóptero lançava. O avião foi chacoalhado violentamente.

— Asa esquerda atingida. Dano de 15%.

O piloto viu a asa em chamas pela escotilha, e acionou o comando das metralhadoras traseiras. Raios laser lançaram a hélice do antiaéreo pelos ares. O piloto do helicóptero ativou os propulsores, conseguindo manter-se voando ao custo de muito combustível. Em seguida, lançou mais mísseis. O caça revidou, devolvendo com mais contra-mísseis.

— Alerta, estoque de contra-mísseis baixo — informou o computador interno do avião, em espanhol.

O piloto estrangeiro respirou fundo para aliviar a tensão e focou em sua missão, atingindo outro prédio com as metralhadoras de laser. Do topo

de um edifício, quatro mísseis foram lançados em sua direção.

— Mierda.

Ele mergulhou no vão entre os prédios, enquanto acabava com sua munição. O helicóptero veio logo atrás dele, mas era questão de tempo até o combustível dos propulsores acabar. A janela do jato rachou graças a um tiro vindo de um autoblindado da Polícia Militar estacionado na rua.

— Computador, informe de situação.

O computador mostrou estatísticas na tela ao lado do radar. Outro barulho, mísseis o seguiam. O piloto virou o avião, fazendo-os atingir um edifício e derrubá-lo. O helicóptero começou a baixar ainda mais a altitude, afastando-se do atacante. visivelmente com os propulsores menos ativos, e o piloto do caça sorriu, triunfante.

— Preparar metralhadoras e alto-falantes.

O caça se aproximou do Edifício Empresarial Torre do Norte, uma enorme construção, com 58 metros de altura, no centro da cidade responsável por abrigar centenas de escritórios e o banco principal de Manaus. Uma pequena comporta abriu-se no exterior do caça, e um megafone saiu dela.

— Buenas noches, Brasil!!! — A voz ecoou na cidade, e o piloto agarrou o controle manual da metralhadora de laser. Uma enorme rajada de raios laser saiu do avião e voou em direção ao centro do prédio. Em seguida, o piloto lançou seu maior míssil contra o edifício. As pessoas nas ruas que saíam dos prédios e se dirigiam desesperadamente ao metrô se abaixaram e cobriram os ouvidos. A explosão foi ouvida a quilômetros de distância, e escombros voaram atingindo prédios, pessoas e carros por toda a cidade. A onda de choque se espalhou rapidamente, quase derrubando o avião e destruindo toda a fiação elétrica próxima, além de causar um tremor monstruoso. Todos os alarmes da cidade tocaram ao mesmo tempo, e as luzes da rua começaram a se apagar. Os postes foram arrancados do chão com a explosão, e em instantes metade da cidade não tinha energia. O colossal edifício desabou lentamente, esmagando dezenas de pessoas e destruindo os prédios vizinhos.

— Inimigos detectados.

Pontos vermelhos apareceram no radar. O piloto preparou as metralhadoras traseiras e mergulhou entre a fumaça formada pelo prédio

destruído. Um caça brasileiro estava a apenas alguns metros dele, atirando e avariando o avião. O invasor apertou o gatilho e tiros acertaram o caça brasileiro, que fez uma manobra e desviou. De repente, barulhos de hélices.

— Ativar proteção contra he... — Ele interrompeu sua fala ao ver um robô com hélices nas costas se prendendo ao avião, perfurando as paredes com tentáculos mecânicos com brocas nas pontas. — Barreira, barreira elétrica!

Uma enorme onda de choque percorreu o avião e eletrocutou o robô, que foi lançado para longe. De repente, disparos vindos de uma metralhadora automática romperam as janelas do caça. O piloto pôde ver a lua cheia, linda sobre a cidade escurecida. Vários helicópteros vinham de todas as direções; ele teria que arriscar. Apertou o controle do veículo e ativou todas as blindagens, pois já estava passando por cima do porto, bem equipado com defesas antiaéreas governamentais e privadas. Virou o caça e mergulhou no imundo e malcheiroso Amazonas. A água do rio era imunda e malcheirosa, e o mercúrio e os outros metais pesados ali presentes danificavam a estrutura do avião. Fumaça saía da tela do computador de bordo e do motor, a água invadiu a cabine e os sistemas, molhando seus pés, mas não havia outra opção. Cruzou o leito do rio na maior velocidade possível, e saiu produzindo ondas gigantes que deslocavam os grandes navios de carga que navegavam ali naquele momento. Os helicópteros o haviam perdido, porém, dois caças apareceram na floresta, disparando raios eletrificados e lasers. O jato foi atingido, e o piloto começou rapidamente a perder o controle. Todos os sistemas pararam de funcionar, e ele limitou-se a fazer o sinal da cruz. Balas vindas das defesas do porto estouraram completamente uma asa.

O caça despencou em queda livre e desapareceu na escuridão das árvores da mata amazônica.

///12/10/2054

A tela exibiu dois repórteres sentados a uma mesa, com um globo azul girando ao fundo.

— Boa noite, Brasil. Nas notícias de hoje... — começou o âncora.

— Bombardeio da Aliança Grã-Boliviana à Manaus mata cerca de 2.560 pessoas, corta a energia da cidade e derruba a Torre de Norte, destruindo a sede do principal banco da capital estadual — completou a outra âncora.

— O dono do Hotel Maximus, preso há quinze dias por ligações com a máfia Ordem Vermelha é encontrado estrangulado e ferido na sua cela no Rio de Janeiro. Ele sobreviveu, mas acredita-se que isso foi uma tentativa de queima de arquivo.

— Base amazônica brasileira no oeste do Amazonas é capturada pela Aliança Grã-Boliviana.

— Autoridades da força de pacificação da OTAN na Alemanha anunciam que Berlim estará 100% habitável em 48 anos e será recolonizada.

— Aliança da Oceania fecha novos acordos de comércio com a maior organização de indústrias com trabalho-escravo africana, o Clemente.

— Aliança Grã-Boliviana avança sobre a província do Amapá, ameaçando a capital do Estado do Norte.

— Cinco traficantes da Ordem Vermelha capturados em Juiz de Fora são executados no Barra3, no Rio de Janeiro.

— Cineasta brasileiro Rene Vettori, diretor do filme ganhador do Oscar sobre uma família que tenta sobreviver no norte devastado da Europa após a guerra, se aposenta no norte da antiga Itália.

— Estados Unidos anunciam que de agora em diante cidadãos canadenses terão os mesmos direitos legais de cidadãos americanos. Isso e muito mais n...

O caçador desligou a TV holográfica. Ele olhou pela janela, era a grande São Paulo. Seus arranha-céus mergulhados em nuvens de fumaça negra. A maior cidade em toda a América Latina.

Abriu a janela, observando os carros atravessando as ruas. Diferente do Rio de Janeiro, São Paulo não estava inundada pelo oceano imundo, mas por ar imundo. Jim pegou uma nota fiscal, era uma passagem agendada para

às 19:00. Ele tinha duas horas. Saltou e se agarrou no parapeito, estava pendurado na janela, no andar 44 de um prédio. Rapidamente, lançou uma corda com arpão no terraço de outro edifício e começou a escalar. Estava invisível, ninguém sabia de sua existência no céu escurecido pela noite e pela sujeira. Só se podia ver prédios e prédios, e entre eles, o gigante palácio cinza com o losango reluzente no alto de uma torre, o Supremo Palácio. Colocou a máscara de gás para não absorver a poluição tóxica, ativou a lanternas de iluminação, e preparou novamente a corda com arpão. Atravessou a cidade lançando a corda e escalando, saltando de telhados em telhado, até se aproximar do palácio. De longe, podia ver as luzes acesas de um helicóptero parado em um dos heliportos do palácio. Quando já estava bem perto, notou que havia robôs vigiando a sede do governo a partir de telhados vizinhos. Interrompeu o avanço, observando os guardiões mecânicos. Eram mais perigosos do que ele pensava, teria que ter cautela.

///

— Aqui é o helicóptero oficial do síndico do Barra3. Solicito que saia de sua atual posição. — O radar do piloto só mostrava um OVNI no caminho para o Barra3. — Por favor, solicito sua retirada. — Nenhuma resposta. O homem parou o helicóptero e mudou de transmissor: — Base aérea de São Paulo, aqui é o helicóptero do síndico do Barra3, piloto Régis Silva, informo que há um objeto voador não identificado na minha rota que se nega a responder. Estou próximo de Guarulhos. A poluição não me permite contato visual bom. Solicito ajuda.

— Helicóptero 17/95-B3RJ, é sua identificação? — respondeu uma moça.

— Sim, senhora.

— Vamos mudar sua rota e enviar um veículo de verificação. Nenhuma informação sobre o objeto?

— É quadrado. Só sei isso. Está longe.

— Está bem. Mantenha distância de pelo menos três quilômetros e saia do local, siga a nova direção aérea que enviei para seu radar.

— Ok. Câmbio e desligo.

O helicóptero voltou a voar, mantendo uma distância de cinco quilômetros do OVNI, que foi desaparecendo no radar.

///

— Base aérea de São Paulo, helicóptero 17/95-B3RJ. Aqui é o piloto Régis Silva. Helicóptero do síndico do Barra3.

— Senhor Régis, você já ligou às 19:36, correto? — Era a mesma moça, mas sua voz estava um pouco estranha e apressada.

— Sim, senhora. Mas, meu problema não foi resolvido. Aproximadamente às 20:12 eu o vi no radar novamente, e agora, às 20:15, ele está se aproximando. Está mais rápido que um helicóptero normal. Eu estou obedecendo a regra dos três minutos.

— Parece que o senhor está levando um síndico do Rio, não?

— Sim, senhora, eu já disse isso. E estou preocupado com a possibilidade de um ataque de organizações terroristas, bolivianas ou do tráfico. Por favor, envie reforços.

— Não temos nenhum meio de fazer a verificação. Nossos drones estão no Amazonas Ocidental para rastrear aviões inimigos, e nossos pilotos estão de folga.

— E o que eu faço, então?

— Eu recomendo que o senhor fuja. — A mulher desligou.

— Controle de tráfego aéreo de merda...

O piloto acelerou ao máximo e acionou um alerta sobre o objeto no radar.

///

O relógio do computador do helicóptero mostrava 20:23. O radar não parava de apitar. O piloto já havia tentado contatar a base duas vezes, mas parecia que a atendente não havia gostado muito dele ou algo do tipo, e o OVNI estava agora a menos de um quilômetro. Ele ativou o rádio de novo, tentando desesperadamente fazer contato.

— Base aérea de...

Tudo começou a balançar.

— O que está havendo?! — gritou o síndico, deixando o chá derramar sobre o estofado do banco.

— Acalme-se, senhor Dan! Está tudo sobre controle! — O piloto tentava parecer calmo, mas na verdade estava desesperado.

O radar apagou, as luzes ficaram vermelhas, o sinal de alarme foi tocado. Um robô quadrado, com hélices e duas metralhadoras nas laterais estava voando rapidamente e disparando no helicóptero.

— Mayday! — anunciou o piloto no microfone.

O tanque de gasolina começou a vazar. O síndico não pensou duas vezes quando viu o piloto levar um tiro e cair no chão. Agarrou o paraquedas, colocou, e se jogou pela porta, no céu escuro da noite. De longe, flutuando no ar, assistiu ao helicóptero cair, soltando fumaça. Lembrou-se da época em que ele brincava de paraquedista da Segunda Guerra Mundial, invadindo a Normandia ocupada pelas forças alemãs. Mas, na vida real era bem diferente. Ele se lembrou da Guerra Civil de 2036, de que tinha apenas 14 anos quando pegou a primeira metralhadora, e saiu pelas ruas em chamas, atirando nos soldados republicanos. Dos tanques de guerra passando pelas praças, os edifícios desmoronando, os Arcos da Lapa em chamas, o Cristo Redentor explodindo. E, depois, em 2038, durante a reconstrução do país, lembrou-se de ter marchado com os militares do novo exército brasileiro no centro da cidade, enquanto a cidade era alagada pela fusão das calotas polares e toda a população trabalhava em conjunto para erguer os enormes edifícios. Nem todas as partes do Rio foram alagadas ou destruídas, mas a população simplesmente achou que viveria melhor e com

mais segurança nos prédios. Dan ocupou-se dessas memórias enquanto se aproximava do chão lentamente.

///14/10/2054

— E então a base aérea de São Paulo não atendeu mais — concluiu o piloto, completamente cheio de faixas e cicatrizes. Seu braço esquerdo havia sido simplesmente destruído, e a marca da bala no seu pescoço ainda era visível.

— Diga, senhor Régis, o que esse suposto robô voador fez? — perguntou o policial, fazendo anotações em um tablet holográfico e fumando um charuto cubano.

— Ele se aproximou, muito, e atirou no meu pescoço. Eu caí e apaguei, e depois só lembro de quando acordei no hospital.

— Interessante. Mas, seu depoimento está com inconsistências. Não houve nenhuma chamada para a base aérea de São Paulo vinda de seu helicóptero naquela noite. Você está preso por irresponsabilidade no comando de veículo. Conversarei pessoalmente com o síndico no Barra3. Seu veredito será entregue até a próxima segunda-feira, eu atuarei como seu juiz, de acordo com a lei federal, isso se nenhuma autoridade superior decidir te julgar antes. Até lá, você permanecerá encarcerado na contenção da delegacia do andar1. — anunciou o policial, guardando o tablet e se levantando.

Mesmo algemado, o piloto começou a se movimentar violentamente, balançando a mesa da sala de interrogatório.

— O quê? Mas eu liguei, sério, porra! Eu falei com aquela mulher duas vezes, aí ela desligou! Eu fui atacado! Eu juro! Eu sou inocente!

O policial sacou um cassetete elétrico e golpeou a face do interrogado.

///17/10/2054

— Hoje de manhã o síndico Dan Nunes, do mega-edifício carioca Barra3, discursou no auditório principal do prédio. É a primeira aparição pública do síndico desde o acidente de helicóptero que quase o matou. Recebemos permissão para gravar exclusivamente seu discurso. — exclamou o repórter. O telejornal exibiu Dan, discursando em um auditório lotado:

— A missão do meu governo foi sempre trazer justiça, usando tudo da política do Velho Luiz que funcionou com algumas coisas funcionais a mais da minha. Desde que assumi não apenas o Barra3 quintuplicou seus combates aos traficantes de água quanto nosso sucesso incentivou diversos síndicos a seguirem nosso modelo. No entanto, este combate mais que necessário gerou inimigos. Inimigos perseguidores e poderosos, que estão por trás de uma conspiração para matar o máximo de síndicos possível. Eu, como sobrevivente de uma tentativa de homicídio, posso atestar isso. Todos os que tentaram perseguir a máfia Ordem Vermelha estão sendo fatalmente atacados. Mas isso irá mudar. Eu pessoalmente abri um inquérito na Polícia Investigativa, e quando pegarmos qualquer responsável anunciarei. Traficantes de água são uma praga que deve ser combatida. Eles trazem água ilegal para nossos corredores, prejudicando a economia e o PIB ao não pagar impostos e a saúde pública, com a água muitas vezes contaminada. Toda a água comprada deve ser fornecida pelo estado de acordo com a lei 1302/17 de 2038. Além disso, irei destruir completamente a Ordem Vermelha não só no Barra3 como em todo o Rio de Janeiro e talvez todo o Sudeste até o final do meu mandato. Muito obrigado e boa manhã.

///19/10/2054

— Boa tarde. São 16:34 no horário de São Paulo. O piloto sobrevivente e suspeito do atentado ao helicóptero do síndico do megaedifício Dan Nunes foi achado morto na sua cela. A Polícia Investigativa prometeu esclarecer melhor o caso assim que terminar de analisá-lo.

///22/10/2054

— Sete funcionários públicos corruptos afiliados à Ordem Vermelha foram fuzilados na Nova Praça XV, no Centro1. O comissário da Polícia Militar do Barra3, responsável pelas execuções, concedeu uma entrevista coletiva logo após o ato. — A televisão holográfica exibiu Ryan falando sobre o ocorrido enquanto tentava sair da praça com outros policiais: “É, foi Dan que mandou matar eles. Hã, o que ele disse? Ah, não, não. Eu não gosto muito da pena de morte... Oi? Ah, capturamos eles com ajuda da PI do Barra3. A gente procurou nos documentos da base destruída perto de Juiz de Fora. Eu preciso ir... Sim, meu olho biônico já tá funcionando”. Então, a imagem mostrou o comissário abrindo caminho entre os jornalistas e se afastando.

///23/10/2054

Ryan ajeitou sua camisa social e sentou-se no banco da igreja, observando o altar, entre diversas outras pessoas. O pastor abriu sua Bíblia e ajustou seu microfone.

— Irmãos, hoje eu gostaria de conversar com vocês antes da pregação sobre uma praga que se espalha por nossa sociedade, pior que a viadagem ou as religiões satânicas de “origens africanas”. Ontem, sete bandidos foram fuzilados no centro da cidade, e vocês não têm noção do quanto eu fiquei feliz com isso. Esses filhos de Satã são uma praga, um estorvo para a nossa sociedade moderna, vendendo água ilegal e corrompendo toda a sociedade, incentivados por filhos de Satanás ainda piores, que em vez de gastar um dinheirinho a mais na água legal financiam essas organizações horríveis. Irmãos, eu condeno esses filhos do capeta a queimarem na brasa do inferno! — gritava o pastor.

Toda a igreja aplaudiu.

— Além disso, irmãos, é uma honra ter na nossa humildíssima e pobre igreja o próprio comandante da Polícia Militar que levou os bandidos ao inferno. Por favor, irmão Ryan, venha aqui dar umas palavrinhas para seus irmãos. Ah, antes que eu me esqueça, lembrem-se de conferir nossa lojinha santa. Temos camisetas da salvação, tijolos da reconstrução, água de Israel e areia trazida do túmulo de Cristo Rei. Tudo por um preço camarada de 300 reais. — anunciou o pastor, encarando o comissário, com um sorriso no rosto. Toda a igreja se virou para olhá-lo também.

Sentindo-se coagido, ele se levantou e foi até o altar. Pegou o microfone do pastor e se voltou para o público.

— É... oi. Honestamente, eu não sabia que vocês iam querer conversar comigo, então... é... foi uma honra ter comandado a execução desses terríveis inimigos do Brasil e... eu me orgulho a cada dia de servir o meu país e principalmente ao Barra3, sério, é um orgulho muito grande e... dane-se, quem estou querendo enganar?! Como vocês conseguem se orgulhar de comemorar a morte de um ser humano?! Eu nunca quis matar uma pessoa, nunca quis entrar pra polícia, fui escolhido na loteria do serviço militar do estado. Se tivesse me tornado comissário e tivesse ficado mais tempo conduzindo aqueles malditos autoblindados eu já teria rescindido meu contrato há muitos anos! De fato, eu estava só esperando o prazo do serviço obrigatório acabar. E além disso, que tipo de merda vocês

têm na cabeça? Se Jesus estivesse vivo, ele iria defender homossexuais, ele iria defender as minorias e religiões de matriz africana, ele iria defender os bandidos que estavam na cruz ao lado dele! É só ler esse livro que está aí na mão de vocês, ele impede uma prostituta de ser apedrejada, ele perdoa um bandido que ia ser executado! Vocês falam tanto que Satanás é o inimigo, mas são todos iguais a ele, são todos iguais a esses bandidos sendo executados na praça, são... são... vocês não são cristãos.

Ryan jogou o microfone no chão e foi embora da igreja, enquanto todos ao redor o xingavam.

///24/10/2054

— O que é isso, José Henrique? — perguntou a esposa, entrando no quarto e vendo as malas sobre a cama. Crimes a olhou, surpreso, terminando de dobrar algumas roupas.

— Querida... você e as crianças precisam... precisam ir embora do Rio... do Sudeste. Eu estou arrumando as malas de vocês e já arrumei uma casa boa, como você sempre quis, lá no Panamá.— explicou o comissário da PI, enquanto fechava o zíper de uma das bagagens.

— Mas, por quê? Pode me explicar o que está acontecendo?! Por que você vai nos deixar ir embora e não vai vir com a gente?! — gritou ela, completamente assustada pela ideia.

— Escuta. Tem um puta assassino, chamam ele de Hunter ou Caçador ou sei lá. Ele já matou vários síndicos e pode vir atrás de mim ou de vocês, então é melhor vocês irem. Estarão mais seguros lá, e...

Ela o interrompeu.

— Como assim? Se é mais seguro pra mim e pras crianças, por que você vai ficar então, porra?! Já disse que não gosto quando você mente pra mim. — Ela estava irritada.

— Querida, isso...

— Não venha me chamar de querida! Você está nos mandando pra longe pra ficar com aquela sua vagabunda lá, porque você é um escroto que não sabe manter um casamento e...

Crimes a interrompeu com um violento golpe de cassetete elétrico na face. A mulher caiu no chão, com lágrimas escorrendo do rosto que queimava pelo choque. O oficial a fitou sem nem mudar sua expressão facial.

— Cala a boca, vaca. Estou mandando vocês irem embora porque coisas violentas se aproximam desta cidade, e só eu e o síndico sabemos disso. Então, vá. Fuja com as crianças. Eu me encontro com vocês quando meu serviço obrigatório terminar.

Ele a encarou. Ela se levantou.

— Vou embora. A única coisa violenta aqui é você.

Ela pegou as malas e saiu do quarto. Crimes se sentou na cama, observando a mulher indo arrumar os filhos. Um sorriso se estendeu sobre seu rosto.

///26/10/2054

— Nível dos reservatórios de água em toda a América Latina baixou em 0,5% segundo o Núcleo de Pesquisas da América Latina. O governo federal declarou que, no entanto, a pesquisa não inclui o Brasil. Mais informações após os comerciais.

///29/10/2054

Jim estava comendo em um restaurante de comida japonesa quando seu comunicador portátil tocou. Ele atendeu e o holograma exibiu o rosto de Saratov, que estava visivelmente enfurecido.

— Sem piadas de cacófatos desta vez? — perguntou o Caçador, enquanto mastigava uma pequena porção de peixe com arroz.

— Por razões que desconheço, você não retornou o meu pagamento até agora. Errar é normal, mas eu quero meu dinheiro de volta! — avisou Mikael.

— “Por razões” é um dos cacófatos mais comuns do português. Esperava mais de você — comentou Jim, mergulhando um pedaço de peixe no molho verde ardente.

— Foco, Caçador! Se você não vai cumprir seu trabalho, então devolve a “por razões” do meu dinheiro! — gritou.

O Caçador nem mudou sua expressão facial:

— Mikael, você ainda não sabe? Eu sou um caçador, não um assassino qualquer. Eu espero o momento certo, e então, só então, ataco. Nunca saiu pra caçar? Se o cervo escapar da mira, você o segue lentamente e espera o momento oportuno.

— O problema é que não estamos caçando um cervo. Estamos atrás de um síndico mongoloide que está fodendo nossas operações. E a cada passo que ele dá fora da mira perdemos muito dinheiro.

Jim comeu o último pedaço do peixe.

— Você contratou um caçador. Se quiser um assassino comum, arrume outra pessoa. Há só um porém. Eu sei que tem outros além de mim, mas todos no Brasil morreram em Juiz de Fora, e ninguém além de mim topa enfrentar o louco do Dan. Você depende de mim. Então, seja bonzinho e desligue por razões que acabei de falar — disse o Caçador, enquanto o holograma era desativado por Mikael.

///30/10/2054

— Mãos na cabeça! — gritaram os policiais, entrando em fileiras no “Baile do Andar 13”, que tocava funks dos anos 2020 em volume extremamente alto, enquanto luzes piscavam no escuro e pessoas dançavam loucamente, muitas sob efeitos de psicotrópicos. O DJ e os seguranças da balada rapidamente ergueram suas armas, bem a tempo de serem alvejados nos ombros e caírem no chão. Ryan vinha entre os oficiais, entrando no apartamento-balada com seu carro-de-corredor blindado e de sirenes ligadas. Os seguranças foram rapidamente algemados, e o DJ começou a ser espancado pelos policiais. O comissário da PM pulou do carro, posicionou-se atrás das caixas de som e ajustou o fuzil, mirando no DJ. Um dos policiais rapidamente atirou nas tomadas das caixas de som, interrompendo a música. Logo todo o som do baile era dos oficiais gritando ordens.

— Cadê a água? — perguntou Ryan, fitando o DJ, que apenas apontou para uma das caixas de som com uma expressão clara de desespero.

Um dos PMs chutou a tal caixa. Imediatamente, um painel de madeira caiu, revelando que a alta caixa de som era apenas uma entrada disfarçada para uma série de apartamentos de escritórios abandonados, agora cobertos com caixotes cheios de galões de água sem os selos obrigatórios de identificação da água do governo. Ryan sorriu enquanto colocava seu fuzil de volta nas costas e pegava o celular, enviando para o grupo de rede social usado pelos principais policiais e o síndico do Barra3 uma simples mensagem:

Encontramos o armazém principal deles.

///02/11/2054

Dan colocou o bule de chá sobre a mesa, ao lado do bolo de fubá. Estava no apartamento oficial do síndico, em um dos andares mais altos e luxuosos do prédio. O seu relógio de pulso marcava 15:45.

— A minha bisavó sempre fazia uns bolos assim para mim quando eu era criança. Espero que você goste também, Sarah — disse ele, enquanto se sentava na cadeira ao lado da cadeira da filha.

— Está se sentindo culpado por alguma coisa, pai? É raríssimo que você cozinhe pra mim — comentou ela, encarando-o.

— Só quero te agradar, filha — explicou ele em resposta.

— Você sabe como me agradar, pai. — Ela se levantou e caminhou em direção à saída do apartamento.

— Aonde você vai?! Você não pode sair sozinha! — ele gritou, enquanto gotas de suor escorriam de sua testa e suas mãos tremiam. A menina tocou a maçaneta.

— Tá, tá! Eu faço! Ainda esse mês começa! Eu prometo! Só não foge de mim de novo, por favor... — Dan choramingou. A filha assentiu e foi para o quarto dela.

O síndico serviu chá na xícara e levantou-se com ela na mão, olhando as enormes vidraças de luxo com vista para toda a Barra. Olhou o céu. Havia um avião passando entre as nuvens cinzas. Tomou um gole do chá, quase engasgando quando a aeronave explodiu em chamas.

///

— Hoje à tarde, dois síndicos cariocas faleceram na explosão de um avião que ia em direção a São Paulo. O governador Keller, do Estado do Sudeste, declarou que isso não é uma coincidência e afirmou estado de guerra, autorizando os síndicos cariocas a usar toda a força policial necessária para deter o tráfico, incluindo batalhões e tanques do BOPE dentro de mega-edifícios. Os comissários do Barra3 afirmaram que a ação, caso realizada, será muito maior do que a tomada das estações de tráfico ou a retomada de Juiz de Fora na província de Minas Gerais, que deixou mais de mil mortos. O síndico do Barra3, Dan Nunes, marcou uma coletiva de imprensa para amanhã à noite.

///04/11/2054

A multidão havia ocupado completamente o andar do escritório de Dan e seu partido no Barra3, impedindo-o de sair. Eram centenas de pessoas, carregando cartazes com o símbolo da Ordem Vermelha, visivelmente apoiando a organização. A maioria delas vinda dos andares mais pobres. Os primeiros repórteres já estavam chegando no local quando todo o corredor foi tomado por gás lacrimogêneo e os elevadores e escadas de acesso tancados. Imediatamente, as pessoas entraram em desespero, enquanto as câmeras das emissoras de televisão captavam policiais com capacetes de proteção e máscaras de gás correndo entre a fumaça e espancando os manifestantes com cassetetes elétricos.

Dentre os vários policiais que atacavam os manifestantes estava Crimes, ostentando sua farda de alto comando. Um dos jornalistas, cobrindo o rosto com a camisa e lutando para respirar o mínimo possível, gravava a cena para uma grande emissora. Crimes veio entre a fumaça, seus olhos visíveis atrás do capacete e da máscara, e, sem nem titubear, ergueu sua pistola e deu um tiro certeiro na cabeça do repórter. A câmera que ele usava caiu no chão, trincando a lente, enquanto o comandante atirava em outros manifestantes.

Ryan pausou o vídeo, exibido holograficamente pelo arquivo da câmera no seu computador. Crimes estava assistindo a tudo da velha poltrona da sala do comissário da PM.

— Então, Crimes... Por que você fez isso? — Dan tinha uma expressão de nojo e irritação.

— Deu vontade. Achei que tinha proibido a divulgação do vídeo. — Crimes outro deu de ombros.

Ryan respirou muito fundo, sacou uma caneta e fez uma anotação em um pequeno papel.

—Eu achei a câmera jogada no chão antes. Por mais que você seja comissário da PI você ainda é subordinado a mim quando se trata da PM. Estou emitindo uma advertência final para você, considerando que já há duas no seu arquivo por violência doméstica. Não quero que esse incidente se repita — avisou Ryan.

— Sim, comissário.

Ryan deu o papel a Crimes, que assentiu e se levantou e se dirigiu à porta.

— Sinceramente... quem é você? — perguntou o comissário da PM.

— O mundo não é um conto de fadas.

— Não é porque nós não queremos que seja.

— Nós nunca iremos querer.

Crimes exibiu um leve sorriso e saiu.

///06/11/2054

Sarah saiu do quarto no meio da madrugada, com os olhos cheios de olheiras. Dan estava fazendo um barulho irritante há algumas dezenas de minutos, o que não a deixava dormir. Assim que saiu, viu que o seu pai estava martelando uma tábua de madeira na porta, visivelmente sonolento.

— O que está havendo, pai? São duas da manhã. Eu tenho escola amanhã.

— Nada demais, filha. Nada demais. É só uma precaução — explicou ele, enquanto posicionava uma tora de madeira diante porta, entre duas superfícies que a apoiavam. A partir daquele momento, só seria possível abrir a porta por dentro, e se a tora estivesse levantada.

— Isso não faz o menor sentido, pai. Tem um esquadrão da PM de Elite vigiando o corredor. Do que você está com medo?

— Eu fiz o que você pediu. Só estou aliviando as consequências. —

///08/11/2054

O governador Keller estava no meio de um momento íntimo com sua esposa no seu apartamento de luxo no Supremo Palácio quando o comunicador holográfico apitou. Atendeu a chamada sem ativar a função holográfica.

— Espero que tenha um bom motivo para me interromper — exclamou o governador, com uma voz severa.

— Espero que tenha um bom motivo para ME interromper — devolveu Saratov do outro lado da linha, e com uma voz muito mais imponente que a de Keller.

— Sr. Saratov? Não sabia que era você. Desculpe-me. — O político se sentou na cama para conversar com o mafioso.

— Na última vez em que nos encontramos, você afirmou que iria me ajudar a conter esses síndicos malucos. E, no início dessa semana, você declarou pra imprensa que ia apoiar eles. Eu falei “Bom, ele está mentindo, não irá realmente abrir uma investigação ou algo do tipo”. Ledo engano. Eu vi os arquivos. Você abriu um inquérito. Você realmente está se virando contra nós. — Mikael estava escondendo sua fúria com uma voz gentil, o que só o deixava ainda mais intimidante, isso sem contar o sotaque russo.

— Bom, eu posso explicar isso melhor, é que...

Saratov o interrompeu

— Você sabe o que fazer. Não esqueça do que conversamos. Por cada parte da sua pele. Entrarei em contato em breve. — A ligação foi encerrada. Keller respirou fundo. Sua esposa sentou-se do lado dele, preocupada.

— O que foi?

Ele se virou para ela.

— Só um velho amigo.

///09/04/2048

Era apenas um dia comum em um dos corredores do Barra3. Exceto pelo fato de que uma turma de policiais militares de baixo escalão estava no meio do corredor e pela fila gigante em frente à eles. Era uma revista geral nos documentos de cada pessoa que fosse em direção a um corredor específico.

— Documentos — disse um dos policiais a um homem na fila.

— Aqui estão... — respondeu o homem. O policial pegou o documento, vistoriou e o deixou passar.

O professor Águia entrou na fila, relutante. Quem não passasse por ela não podia entrar no corredor, justo o que dava para seu apartamento. E tudo o que Águia queria era voltar para casa após um longo dia de trabalho.

Outra pessoa passou pela fila. Ela mostrou os documentos, eles analisaram, ela foi autorizada a passar.

— Documentos.

A vez do professor estava chegando.

— Eu acho que não tenho — murmurou um homem algumas pessoas à frente.

O policial abriu o capacete, revelando um rosto cansado e irritado.

— O comando suspeita de que um meliante ligado ao tráfico de água mora nesse andar. O senhor tem que nos apresentar a sua documentação, ou será levado à delegacia para registro e verificação de antecedentes — explicou o oficial.

O homem na fila começou a verificar seus bolsos, visivelmente nervoso.

— Aqui estão.

Os policiais fizeram a verificação e o homem passou.

— Documentos.

Águia já tinha checado seus bolsos duas vezes. Estava com identidade e tudo. Faltavam duas pessoas.

— Documentos.

Agora havia apenas uma pessoa na frente dele.

— Documentos. — era uma senhora idosa.

— Eu esqueci — respondeu ela.

— De acordo com a lei, você tem um minuto para encontrá-los. Senão um de nós te escoltará para a delegacia.

Ela começou a revirar a bolsa, deixando objetos caírem no chão.

— Trinta segundos.

Ela tirava e colocava coisas, assustada.

— Acabou. Vá para a fila provisória, de lá te escoltarão para verificação geral na delegacia do andar 1. — O policial apontou para a fila em frente à um elevador de uso exclusivo policial. Ela ainda estava revirando a bolsa. — O que está esperando?! Anda! Temos ainda pelo menos mais trinta pessoas para revistar para o nosso turno acabar, e você não está ajudando! — esbravejou o policial, balançando a mão em fúria.

Outro policial, que estava olhando a fila provisória, se virou e começou a encarar a velha.

— Por favor, só um minuto... — disse ela, com uma voz aterrorizada, derrubando ainda mais coisas da bolsa no chão.

— Chega. Vá ou terei que usar a força. — O PM pegou um cassetete e apertou um botão. Correntes elétricas começaram a dançar no objeto.

— Você tem que me deixar passar! Eu sou protegida pelo Estatuto do Idoso! — gritou a mulher, lacrimejando.

— Você está presa por obstrução da ordem pública! — O policial a golpeou no rosto com o cassetete. Sua bolsa caiu no chão, e ela cambaleou para trás. O professor viu uma gota de sangue escorrendo no rosto da idosa, queimado pelos choques elétricos. O outro policial a derrubou no chão com outro golpe elétrico, e os dois começaram a chutar e bater com os cassetetes na senhora caída, formando uma pequena poça de sangue ao redor dela. O professor não conseguiu se conter, e gritou o que no fundo todos na fila tinham medo de dizer.

— Ei, vocês realmente acham que uma mulher idosa sem um documento é um perigo potencial gravíssimo?! Vocês estão procurando um traficante, não uma senhora! Vocês são uns covardes! E batendo nela vocês só atrasam a porcaria da fila!

Os dois policiais pararam o espancamento e se viraram para ele com ira nos olhos, erguendo os cassetetes elétricos ensanguentados.

— O senhor tem direito a permanecer calado, tudo que fizer ou disser poderá ser usado contra você na sua sentença. — anunciou um dos oficiais, erguendo uma pistola de balas de borracha e atirando várias vezes.

///10/04/2048

— João Águia... um nome bem... bem incomum. É genérico e único ao mesmo tempo — comentou o oficial, acendendo um charuto cubano.

— Não fui eu que escolhi. Eu prefiro que me chamem de professor Águia. Na escola me chamam só de prof. ou Águia.

— Seus pais não eram nada criativos. João? Sério, só João? É tipo chamar seu filho de Pedro, José, todo mundo tem esse nome. Coloca um menos incomum tipo Tiago ou Vicente ou William.

— William é um nome bem genérico em inglês na verdade... Você é do esquadrão Nina ou do esquadrão Mancha por acaso?

— Os esquadrões dos policiais preguiçosos? Eles já não existem mais, eram esquadrões só com os piores policiais que cuidavam só de violência doméstica ou...

— Ou pequenos furtos e vandalismos até seres desbancados em 2043. Eu sou professor de história, amigo. Podemos ir logo ao que interessa?

— Claro, não estamos aqui pra falar de futilidades. O caso é que você acusou uma autoridade da polícia militar de... — o policial investigativo passou um dedo no holograma que exibia informações — de covardia.

— É que...

— E quando ele tentou te controlar, você pulou em cima dele, dando-lhe golpes, até ser detido pela taser do companheiro da vítima.

— Vítima? Eu só falei a verdade, e quando percebi ele estava atirando em mim com balas de borracha! — Águia riu, e o policial o encarou, incomodado.

— Ele estava seguindo ordens. Se quer criticar alguém, faça uma queixa formal no escritório de algum assessor do síndico ou na corregedoria da PM.

— Seguindo ordens ou espancando idosos até a morte?

— Andar com documentos é uma lei, João.

— Olha, me desculpe, mas se você tiver pelo menos um pouco de cultura, você vai saber que idosos se esquecem das coisas com mais facilidade, os neurônios não funcionam mais tão bem! E ela era só uma velha, isso é uma puta injustiça! — Ele golpeou a mesa.

— Acalme-se, João... Não precisamos chegar no nível da violência... — O policial tocou no holograma, ajustando algumas configurações, e desligou o dispositivo preso à mesa que gravava o interrogatório. — Há

outras formas de resolver este problema. Você sabe como funciona, eu sou o capitão daquele esquadrão, então eu sou o responsável por te julgar e prender ou executar. Eu posso te ajudar, Águia, mas só se você me ajudar a te ajudar.

///27/10/2054

O governador Keller entrou na enorme sala, escura e cinzenta, mobiliada com mesa e cadeiras no centro. Lá estava o gerente do Hotel Maximus, sentado numa cadeira e algemado à mesa. À sua frente, em pé, estava a diretora-geral da Polícia Investigativa do Sudeste, Armen Camargo, uma mulher durona e bonita de uns trinta e poucos anos. Keller estava cansado da investigação, que já levava bastante tempo, e as ameaças de Saratov com certeza não o deixavam feliz. Mas, se parasse as investigações o vice-ditador provavelmente o investigaria. Além disso, ele estava lidando com Dan, que tinha uma fama um tanto questionável e talvez até assustadora dentro da elite política. E agora, após dias de busca, eles finalmente conseguiram encontrar o gerente do Hotel Maximus. Algo que certamente melhoraria bastante a investigação sobre o Caçador.

— É a última vez que vou perguntar, José, e me responda direitinho agora. — rosnou Armen. O homem estava suando, nervosíssimo. — Como ele enfiou aquele robô lá dentro?

— Já disse que não sei! Eu só aceitei o suborno... Não sou o encarregado do elevador, o cara da sala de máquinas é que é!

— Você sabe que a câmara não se desligou sozinha. E o encarregado do elevador morreu no ataque. Se ele fosse responsável, teria fugido, que nem você! Então, seja uma criança boazinha e confesse! — Ela deu-lhe um soco.

— Tá! Tá! Eu vou dizer tudo que sei... ele chegou, pagou propina e entrou no elevador com umas mala grande... — O gerente falava de forma rápida e destrambelhada, além de gaguejar às vezes. Keller observou o visor no capacete policial da mulher, que mostrava se as frases ditas pelo interrogado eram verdade ou não, de acordo com o seu nervosismo e linguagem corporal.

— É só isso? Ninguém mais sabia nada?! Como é que cabia um robô de sei lá quantos metros em uma mala?!

— Não! Não! Eu juro! É tudo que sei!

O visor ficou vermelho. Mentira. A policial pegou um cassetete eletrificado e o golpeou no rosto, deixando-o com sérias queimaduras.

— Chega... por favor... — pediu o homem, chorando.

— Confesse! — Ela o golpeou com mais força. A nova queimadura derreteu partes do rosto, exibindo músculos.

— Acho melhor você falar pra ela... — aconselhou o governador, recostado na parede.

A mulher apertou o cassetete, mais correntes elétricas se formaram.

— Espera, espera... eu estou me lembrando... — O gerente cuspiu sangue. — Ele não me pagou nada... meu chefe ligou dizendo que era pra deixar o cara entrar... — disse o interrogado em evidente pânico.

— Preciso saber mais! Datas, nomes, horários, tudo!

— Dois dias antes, eu não lembro o nome do hóspede e do quarto... — Ele viu as correntes se intensificando. — Jimmy Wilson... ou algo assim... ele carregava uma mala gigante, tivemos que levar no elevador de carga mais forte, eu não sei mais... — Outro golpe.

— Quer mesmo ir pra casa? — perguntou a policial. O gerente apalpou seu nariz, e sua mão se encheu de sangue, cartilagem, carne e pele derretida.

— Tá bom! O chefe mandou eu sair do hotel e evacuar todo mundo uma hora antes do incidente, com exceção dos hóspedes do andar do maluco! Eu não vi mala nenhuma nem ninguém, não conheço o cara do robô! Isso é tudo que eu sei! Deixa eu ir, por favor... eu tenho filhos... quero vê-los de novo... — implorou o homem, coberto por queimaduras e lágrimas. O capacete exibia a cor verde. Armen o encarou, olhou para o teto e voltou-se para ele:

— Você morreu no atentado.

A policial guardou o cassetete e pegou seu revólver.

— Vocês... vocês... não! — gritou o interrogado.

Um disparo ecoou na sala.

— Armen, não precisava matar ele... — murmurou o governador, suspirando em seguida.

— E deixar ele espalhar que interroguei ele? O que você quer, hein, Keller?

— Eu quero esse filho da puta preso antes que as coisas piores pro meu lado — sibilou ele.

— O Caçador?

— Sim, o Caçador. E você vai receber uma ajuda na investigação. Eu chamei o FBI.

— Os ianques? Estava tudo sob controle, Keller! Não preciso de ajuda alguma!

— Você sabe que não dá conta do cara sozinho, Armen. E aliás, a senhorita tem até janeiro pra prendê-lo, ou eu mesmo assinarei sua demissão.

Keller saiu da sala, fechou a porta com um estrondo e saiu caminhando pelo corredor. Seu telefone soou. Era o seu secretário.

— O que foi, Inácio, vai esperar eu falar? — perguntou o governador, estressado.

— O senhor Saratov ligou, e mandou agendar uma reunião para daqui a dois dias em Joanesburgo. Parece que é uma discussão de negócios ou algo do tipo — informou o secretário.

— Ele quer que eu vá pra África?!

— É o que parece.

— Bom. Mande preparar um avião rápido. E comida enlatada e garrafas d'água também.

— Sim, senhor.

///28/10/2054

O dono do hotel Maximus estava em seu quarto, praticando xadrez sozinho, quando a porta foi arrombada.

— Você está preso!

Cinco oficiais da PI entraram no local apontando revólveres.

///

— Bom, Jair, não tem jeito de mentir. Interrogando seu gerente e outros funcionários, descobrimos que você aceitou subornos de Jim Wild, assassino de aluguel ligado à Ordem Vermelha, para deixar ele colocar um drone de ataque no hotel, e os resultados dessa sua corrupção foram várias mortes de policiais.

Armen o encarou, esperando respostas.

— Senhora... eu não sabia de nada. — O proprietário do hotel estava suando.

— Então, por que o dinheiro usado na reconstrução do hotel está vindo de uma conta secreta da Ordem Vermelha, com depósitos de Tobyas Ripper, uma das identidades falsas do Caçador? Desculpa, esqueci de te contar que já conversamos com o seu contador. — ela questionou.

O dono do hotel olhou ao redor, consternado, pensando em como sair daquela situação.

— Podemos resolver isso de um jeito informa...

Ela o agarrou brutalmente pelo pescoço. Parecia ter sangue nos olhos.

— Não queira me subornar. O Caçador matou dezenas de pessoas, pessoas muito mais importantes que você ou a sua pousadinha de merda. Então me diga, o que você sabe?

Jair estava apavorado.

— Eu... eu...

Algo quebrou a lâmpada da sala, tudo ficou escuro, e Armen sentiu os cacos de vidro caindo nela.

— Que porra?!

Ela ergueu sua pistola, com a lanterna forense embutida ligada. Jair estava sendo estrangulado por uma pessoa com uma armadura blindada e quase transparente, irreconhecível e visível apenas pela luz especial da arma. Sem pensar duas vezes, Armen apertou o gatilho. Um, dois tiros. A figura estranha pegou algo e uma fumaça suspeita preencheu ao ar. A policial levou a mão à boca, evitando inalar, quando uma forte explosão à lançou contra a parede. Com a cabeça doendo muito e algumas queimaduras leves, ela enxergou um enorme espaço destruído: chão, teto, parede,

formavam uma grande abertura. Através da “nova janela” podia-se ver São Paulo, iluminada pelo sol, mas um pouco escurecida pela poluição que a cobria. A luz solar entrava no recinto e mostrava as paredes da sala pintadas de sangue. O dono do hotel estava jogado no chão, tossindo, e a estranha figura, que parecia não ter sido abalada pela explosão, o ergueu pela perna, onde cravou uma faca ligada à uma corda.

— Não, por favor, tínhamos um acordo... Não! — implorou o homem, antes de ser lançado. A pessoa na armadura transparente pegou a mão da policial e forçou-lhe a segurar a corda. A mulher imediatamente foi arrastada em direção ao buraco, mas se segurou na beirada, enquanto a armadura transparente observava a cena desde o lado seguro da sala.

— Filho da puta! Nós vamos te encontrar, e eu mesma vou te castrar, seu veado do caralho!!

A figura foi até a beirada e ergueu seu pé para pisotear a mão da diretora e derrubá-la, quando o alarme de emergência tocou. O capacete da armadura foi aberto e viu-se uma tela, onde apareceu a foto de Jim Wild sorrindo. Depois disso, o invasor seguiu calmamente até a porta e saiu da sala.

Armen tentou subir com a corda, para salvar o dono, que balançava de um lado para o outro no ar, batendo contra a parede do prédio. Após muito esforço, sucesso. Lançou uma perna, deu uma espécie de pulo e conseguiu cair dentro do prédio, esforçando-se ao máximo para não derrubar o homem.

— Não vou aguentar mais! — gritou ele, vendo a faca avançar do tornozelo até seu pé, cortando tudo de modo extremamente doloroso.

— Não terminei o interrogatório — grunhiu ela, e começou uma tentativa de puxar a corda. Então, ouviu um grito agonizante, e a corda ficou bem mais leve. Jair cuspiu sangue e viu que a faca havia chegado ao seu pé, que foi cortado ao meio. Agora ele estava em queda livre para a morte, jorrando sangue pelo ar enquanto despencava. A policial correu para a beirada, assistindo ao homem desaparecer entre os enormes prédios e a neblina cinzenta e suja.

///01/11/2054

—Notícia urgente. Ontem, cerca de 22:12, um helicóptero do Exército de identificação EN[2053]-LQF-1012 pousou para abastecer em um posto de reabastecimento militar robotizado no sul da província de Minas Gerais. Porém, de acordo com fontes oficiais, ele parou de dar sinal no radar e responder no rádio após cerca de três minutos. Uma equipe de verificação foi até o local às 23:05, mas o posto estava com sua energia cortada. Quando ela foi restabelecida e os oficiais encontraram os robôs de abastecimento destruídos e a equipe do helicóptero morta, além de um bizarro alto-falante que tocava incessantemente uma música obscena e banida há anos chamada “Bonde de Orgia de Travecos”, um claro escarnecimento aos soldados falecidos neste infeliz e monstruoso crime. Porém, o helicóptero simplesmente desapareceu. O Palácio Supremo emitiu um comunicado informando que qualquer um que tenha informações que resultem na sua localização será recompensado com dez mil reais, e qualquer informação ou ajuda que leve à captura dos vis perpetradores deste ato será recompensado com cinquenta mil reais.

//04/11/2054

Policiais entraram no apartamento, que havia sido surpreendentemente deixado com a porta destrancada. O capitão da equipe respirou aliviado. Foram meses de busca e finalmente haviam conseguido o endereço da Resistência da Capela, um apartamento em um dos maiores edifícios de luxo em Belo Horizonte. Uma câmera de vigilância de uma estrada suspensa próxima havia captado diversas vezes um grupo de pessoas negras armadas observando a cidade pelas janelas do domicílio, e aquele prédio estava registrado em nome de um único cidadão branco, o que fez a PI deduzir que se tratava da Resistência da Capela, pois ela formada quase que só por negros e era a única célula criminosa perigosa ainda ativa em Belo Horizonte, a não ser pela Ordem Vermelha, que só operava em locais pobres e usava sempre roupas com foices e martelos ou estrelas vermelhas ou brancas. O comandante do grupo da PI designado para aquela investigação examinou a porta com o seu capacete de alta tecnologia:

— Intocada faz catorze dias.

Ele entrou no local. Os policiais avançaram pelo domicílio procurando qualquer atividade suspeita. Os cômodos pareciam abandonados e as janelas estavam empoeiradas. Os móveis ainda estavam lá, mas não havia armas ou sinais da resistência, a não ser por ocasionais panfletos e pôsteres.

— Parece que ninguém passa aqui faz anos... — comentou um policial.

O capitão analisava tudo ao redor com seu capacete, confuso, quando viu um enorme pôster glorificando soldados brasileiros na parede.

— Por que eles têm um pôster desses se são contra o Brasil? — perguntou.

— Talvez sejam apenas contra o militarismo e não contra o Brasil... — comentou outro policial.

— Você sabe muito bem que eles são maus e não querem nada além da destruição e anarquia, soldado — exclamou o capitão, observando o pôster de perto. Em seguida, ergueu sua adaga e fez um grande corte no papel, revelando uma porta.

— Está intocada faz 16 dias... — informou um policial, após verificar a porta. — E trancada. — Ele tirou a mão da maçaneta.

O capitão se aproximou e escancarou a porta com um chute. Foi revelada uma sala pequena, com uma mesa vazia, cadeira, e um PM de elite

amarrado à ela, morto e em decomposição avançada. Os policiais se aproximaram enquanto ativavam as máscaras de gás embutidas nos capacetes. O capitão examinou o defunto com sua mão enluvada. Assim que encostou um dedo no cadáver, um “click” foi ouvido.

— Merda.

Em poucos segundos, todos os oficiais eram pedaços de osso e carne queimada voando pelo recinto.

///07/11/2054

O operador de comunicação ligou o rádio.

— Aqui é o controle de tráfego aéreo da base Roquefort. Exijo uma identificação. — Um helicóptero de guerra estava visível no radar, aproximando-se cada vez mais. — Você tem doze segundos para responder ou será abatido. — O homem direcionou sua mão para o painel de comandos e olhou através da enorme janela da Torre de Controle. Um helicóptero visivelmente grande se aproximava. — Identifique-se agora ou será abatido — repetiu o operador. Luzes vermelhas começaram a aparecer nas laterais do veículo. — Canhão, derrube o helicóptero. — O teto da Torre se abriu e um enorme cano saiu dele. De repente, as luzes avançaram: eram raios laser.

O vidro da janela foi rompido, os operadores se jogaram ao chão e os computadores e máquinas rapidamente estavam destruídos. O canhão mirou na direção do veículo aéreo invasor, exibindo uma luz amarela na ponta.

Enquanto isso, o operador foi rastejando até a escada de saída, quando os raios atravessaram a base da construção, que foi logo coberta de rachaduras e começou a cair. Neste exato momento, o canhão de defesa disparou um tiro que poderia destruir qualquer helicóptero, mas errou o alvo devido à inclinação da torre. Logo o helicóptero invasor respondeu, lançando uma rajada de raios laser e explodindo o canhão, os operadores e a torre em si. Todos os alarmes da base soaram, e outros dois helicópteros foram vistos levantando voo em meio à luz da lua. De repente, uma onda elétrica saiu do helicóptero invasor e varreu todo o lugar. Os helicópteros de defesa caíram e as luzes da base apagaram.

— Pelo que o capitão da PM capturado disse, um 65% dos tanques do BOPE de todo o Sudeste e Nordeste estão aqui, sem contar os caveirões daqui. Vocês vão ter que passar pela segurança principal, que já está em alerta. Dali, vocês sairão das fortificações e entrarão em um complexo de instalações. Uma delas é onde eles guardam a maior parte dos tanques. Entrem lá e capturem um tanque, depois explodam a instalação de controle, libertem todos os prisioneiros e tomem o lugar quando ficar tudo um caos. Eles terão recuperado a energia até lá, então, sejam rápidos. Lembrem, tomem o lugar! Boa... sort... — Laira parou de falar, pois o piloto havia dado o sinal da invasão.

A porta se abriu e pelo menos vinte rebeldes de paraquedas e fortemente armados saltaram ao ar. O céu era iluminado pela luz dos tiros e da lua. Logo os invasores caíram no meio das fortificações, tiraram os paraquedas e começaram a correr. Havia um mastro à frente deles com a bandeira do Brasil: um fundo branco, um losango amarelo, e o círculo no centro do losango completamente branco, sem estrelas. Tiros e mais tiros cruzavam o ar. Águia estava com medo, mas não se importava, então apenas seguia em frente em meio aos outros. Já que uma hora ou outra morreria, então que fosse por uma boa causa. Rastejou no concreto, enquanto três companheiros seus caíam em poças dos próprios sangues.

O professor lembrou de Sueca, a bibliotecária do Barra3. Ela sempre fora sua amiga, não apenas uma companheira qualquer para conversas históricas, mas uma companheira na hora de discutir qualquer informação, por mais proibida que fosse. Seu computador com acesso a sites confidenciais e estrangeiros servira para saciar a curiosidade dele inúmeras vezes. Lamentavelmente, na última vez ele não tinha dado tanta sorte. E o pior, tampouco sabia o que acontecera com sua velha amiga. Tudo isso, desde a perda da sua rotina pacata até a insurgência por causa de sua maldita curiosidade. Por causa de seu maldito senso de justiça, altruísmo até dizer chega. Águia afastou os pensamentos e rastejou entre o arame farpado, vendo os amigos que tentavam correr serem alvejados. Soldados com armaduras blindadas do BOPE avançavam atirando com escopetas e fuzis. Ele nunca tinha pensado naquilo e agora a ideia não lhe saía da cabeça. Por que justamente na sua investigação sobre Dan o haviam descoberto se ele usara o computador de Sueca? Ela nunca denunciaria um amigo tão leal. Ele se lembrou de quando estava assistindo à TV na sala dos professores. Afastou os pensamentos novamente e se levantou, com alguns cortes e arranhões, e rapidamente abriu uma porta.

Havia entrado em uma torre de vigia ou algo do tipo. Ele se escondeu atrás de um caixote de munição enquanto tudo acontecia do lado de fora e analisou os arredores. Dali provavelmente precisaria pegar o acesso subterrâneo da base e ir caminhando entre os túneis de ventilação ou algo do tipo até a instalação dos tanques. A essa altura provavelmente não haveria ninguém, todo mundo estava combatendo os invasores e tentando restaurar a energia lá fora. Abriu uma porta, passou por um pequeno corredor e então desceu as escadas que levavam ao subterrâneo. Das

paredes pendiam estandartes de uma caveira negra atravessada por facas e revólveres. No centro do crânio, acima do nariz, o losango amarelo com círculo branco do Brasil ditatorial. Caminhou pelo túnel subterrâneo, empunhando sua submetralhadora. Lembrou-se de novo do Barra3. Só havia outro professor ali, na sala dos professores. Era seu companheiro de trabalho, o professor Ricardo de geometria, também um de seus amigos mais próximos. Águia até comentara sobre sua investigação com ele. Tropeçou bruscamente quando a ficha caiu. Um de seus melhores amigos o havia denunciado.

///02/11/2054

Ele olhou para baixo. Seu nariz, decepado e ensanguentado, estava jogado em uma bandeja.

— Confesse! — Ela fez outro corte no seu rosto com a lâmina.

— Eu não sei mais nada, ele simplesmente chegou com um chapéu Fedora, mostrou os doc... — murmurou ele, fragilizado.

— E você não percebeu que eram falsos?! — ela gritou.

— O cachorro da guarita latiu, mas eu ignorei. Estava cansado de trabalhar.

— E ainda criticou o governo, né?!

— Não, eu não...

— Checamos a gravação, você reclamou do suprimento de ração!

— Mas eu não recebia ração pra ele fazi... — Armen ergueu a faca e enfiou profundamente na garganta do PM, até que saísse do outro lado. Ele babou sangue e sua cabeça caiu para trás. Ela respirou fundo:

— Checamos os vídeos de segurança do pedágio. O carro era um Fyat 2044. Já olhamos a placa, foi adquirido por um empresário em 2049. Esse mesmo empresário foi preso por colaborar com a Ordem Vermelha em setembro, no Centro1.

Armen olhou para o agente do FBI. Ele acendeu um cigarro.

— Ótimo. Envie seu pessoal para interrogá-lo. Eu vou enviar os meus agentes para rastrear a placa.

///29/10/2054

Keller deu uma tacada. A bola de golfe percorreu o ar e caiu no buraco.

— Boa, governador. — Mikael pegou o taco do outro. — Como você deve saber, eu não te chamei à África à toa. A OTAN estava enchendo o saco, então eu aproveitei minha casa em Joanesburgo... — Ele guardou o taco e caminhou em direção ao carrinho.

— Você é tão hipócrita, Saratov... Finge ser defensor dos humildes e vendedor de água acessível, mas, em vez de distribuir água de graça, constrói uma mansão gigante em um país em que 96% da população passa fome e sede — acusou Keller. Já era noite, hora de parar de jogar.

— Você não pode falar de mim. Você que me deixa pegar o dinheiro pra financiar isso... Quem é pior? Quem faz ou quem deixa fazer? — Saratov caminhou até o carrinho de golfe e abriu a porta para o outro antes de continuar. — Bom, temos que conversar. Você disse... acho que faz mais de um mês... que a perseguição carioca ia cessar. Estou esperando até agora, tovarishch.

— Eu mandei os síndicos pararem, praticamente todos concordaram, mas Dan não quis — respondeu o governador, dando de ombros.

— E o ditador? — perguntou o líder da máfia.

— André fala que essas coisas são perda de tempo e que está mais preocupado com a guerra contra a Aliança Grã-Boliviana — explicou Keller, entrando no carrinho de golfe.

— Estou perguntando sobre o ditador, não sobre o vice dele — disse Mikael, guardando os equipamentos de golfe na traseira do veículo.

— O ditador? Não consegui nem marcar uma reunião. Você sabe, é difícil — respondeu o governador do Sudeste, enquanto o mafioso sentava no banco de motorista.

— Keller, Keller... Dê um jeito de parar Dan. Por cada parte da sua pele.

— Isso é uma ameaça disfarçada de cacófato?

— Se a carapuça servir...

///05/11/2054

Keller estava sentado, lendo uma revista digital, em um quarto de luxo de um hotel 5 estrelas em Vitória. De repente, ouviu um barulho alto. Não sabia dizer o que era. Se assustou, mas achou que não era nada e voltou a ler.

Alguns minutos depois, outro barulho. Podia parecer paranoia, mas correr riscos não era sua intenção. Colocou o tablet holográfico na poltrona acolchoada, levantou-se, e foi rapidamente verificar se a porta estava trancada. Conferiu o olho mágico, e sombras pareciam dançar perto da sua porta. Suou frio. Nesse momento, a porta do elevador abriu, tinha certeza. Não viu, mas ouviu. Alguém saiu, empurrando alguma coisa pesada e metálica. E estalos, provavelmente uma arma carregada. Começou a ofegar. Jim Wild, o Caçador o havia encontrado.

Ativou as trancas extras e posicionou uma cômoda contra a porta. Depois foi até a janela se acalmar, observando o céu nublado e escuro contrastando com a cidade viva e iluminada, cujas luzes dos mega-edifícios refletiam nas águas que haviam tomado conta da cidade capixaba. Respirou fundo, passos e barulhos de algo sendo arrastado no corredor soavam cada vez mais altos. Keller estava muito nervoso. Foi até o lavabo, pegou uma toalha, molhou e esfregou na testa suada. O que quer que estivesse sendo arrastado, já havia alcançado a metade do corredor. Fechou a porta do banheiro, andou em círculos, foi até a sala, sentou em cima do tablet. Suspirou, levantou, pegou o aparelho e sentou de novo. Seus olhos passaram pelos textos e imagens que saltavam da tela, mas não absorviam nada. Ele só ouvia os passos.

Um barulho. Aquilo tinha parado frente à sua porta. Tomado pela adrenalina, jogou o tablet no chão, pegou sua escopeta no armário, removeu a cômoda, abriu a porta rapidamente e apontou para o seu perseguidor. Um hóspede parado ali perto e uma funcionária que empurrava o carrinho de comidas olharam para ele, aterrorizados. Keller fechou a porta, envergonhado.

///10/11/2054

O corredor estava escuro. Ryan carregava o fuzil com mira a laser, mas sabia que não aguentaria muito mais. Desde a operação contra a Ordem Vermelha, há alguns meses, seu corpo não o atendia tão bem. Os músculos ainda estavam lentos, apesar de todo o tratamento. Seu olho biônico, por mais funcional que fosse, estava longe de ser tão bom quanto um de verdade. As dores o matavam. Mas, agora ele era um comissário, e seu lugar era ali, na guerra. Fazia muito tempo, seu pai havia lhe dito: “Nós às vezes queremos ser alguma coisa, mas temos que ser outra”. E, de fato, ele tinha sido escolhido para ser um policial militar no seu serviço obrigatório.

Andou sob a escuridão do estreito corredor, cujas lâmpadas haviam sido reduzidas a cacos. Respirou fundo ao pisar em algo líquido, e, mesmo no escuro, enxergou aquela poça vermelha junto a um corpo cheio de buracos, jogado no chão. Não sabia se era um traficante ou um PM. Mesmo assim, esticou a perna e o ultrapassou, para logo continuar sua rota. Seria um civil? Ele estava em algum corredor no andar 14, um dos piores andares do Barra3. Praticamente toda a força da Ordem Vermelha e das suas gangues afiliadas tinha sido levada para o edifício. Como Dan permanecia vivo? Deu um passo, o chão rachou e um buraco se abriu. Uma parte da parede ao seu lado caiu, revelando um quarto com um cadáver decomposto cheio de moscas, esmagado pelo telhado da habitação. Saltou o buraco e continuou, voltando para a escuridão do corredor. Passou ao lado de um autoblindado destruído. Ele estava a apenas alguns instantes do elevador blindado de uso restrito policial quando uma bomba estourou em algum lugar e as luzes do elevador apagaram.

— Merda... — murmurou, quase tropeçando com o susto. Seu comunicador portátil começou a tocar.

— Ryan? Cadê você? — perguntou Crimes, enquanto tossia entre as palavras.

— Andar 14, em algum corredor bem fodido ... Tá tudo destruído. Tudo — respondeu Ryan, olhando ao redor.

— Como você chegou aí? A gente precisa da sua divisão no andar 17, uns sessenta traficantes ocuparam metade do lugar e estão construindo

umas fortificações. Os elevadores de transporte dos carros-de-corredor foram derrubados. E tá uma poeira ferrada pra todo lado.

Ryan encostou-se na parede esburacada, ouvindo o outro falar.

— O chão quebrou, eu cai aqui embaixo. Será que é mesmo uma ideia boa ter todas essas explosões aqui dentro? A população vai ficar brava, e o prédio pode não aguentar...

Crimes riu ao ouvir o que Ryan acabara de dizer.

— Esse prédio cair? Duvido, cara, é concreto, titânio e aço puros! E aliás, a guerra é só na Classe Baixa, quem liga pra Classe Baixa?! Agora vem ajudar aqui em cima, vou mandar uma equipe te trazer de volta.

///12/11/2054

Milhões e milhões de litros de água passando por aquelas mãos. Jim Wild estava sentado à mesa da principal sala de jantar do Supremo Palácio. Estava “hospedado” lá já havia nove dias, enquanto a polícia o perseguia loucamente por cada canto do país. A presença do FBI havia piorado seu trabalho significativamente, e sua liberdade de atuação fora muito reduzida. Então, ele se escondeu no local que ninguém esperava, no edifício-moradia do ditador. Em um dos inúmeros megaquartos de luxo que não estava ocupado. E, por mais que estivesse ali há algum tempo, havia visto ministros, empresários, síndicos e políticos no geral, mas não havia visto o ditador andando pelo palácio uma só vez. Seu disfarce naquele período era um terno com um crachá de “administrador-chefe secundário de funções secundárias”, uma função que ninguém sabia o que significava mas que parecia importante o suficiente para estar no palácio. Além disso, ser supostamente um indivíduo importante dava-lhe a vantagem de não falar com civis, podendo argumentar que estava atrasado para alguma reunião importante ou algo do tipo. Mas aquele era um dia especial, afinal, era o aniversário do governador Keller. Ele usava o seu melhor terno e um bigode branco ao estilo Stalin, que cobria quase toda a sua boca. Saratov tinha-lhe dito na semana anterior: “Não ando tendo bom contato com Keller. Ele claramente está com medo, e nenhum dos meus informantes faz a menor ideia de onde ele foi, só sabemos que ele está no Sudeste, em algum hotel ou base militar pelo estado, administrando tudo pela Internet. Mas confirmamos a informação de que ele voltará pro seu aniversário, que será nesse dia 12. Vai lá e assuste ele. Somente assuste, assuste do modo ‘porcada’, você sabe do que estou falando, já fez isso outra vez. Mas não o mate. Eu e ele ainda temos muito a negociar”.

O Caçador estava preparado. Visitara há alguns dias as estreitas vielas do bairro chinês paulista e havia adquirido o composto químico de que precisava. Agora, estava sentado à mesa. As taças de vinho e champanhe, além de várias garrafinhas de água eram praticamente uma decoração de tão abundantes. Os homens naquela mesa... Milhões e milhões de litros de água e toneladas de dinheiro passavam por suas mãos diariamente. Uma mensagem de texto e a pessoa que eles desejassem não acordaria mais. O Caçador pegou um frasco e com um rápido gesto lançou o líquido contido nele no prato de Keller, que estava sentado do outro lado

da mesa conversando com algum outro político aleatório. As caixas de som começaram a tocar música clássica pela sala. Todos conversavam alegremente, exceto o “administrador-chefe secundário de funções secundárias”, que ficava isolado no seu canto devorando os quitutes franceses. Em nenhum momento, qualquer um dos que festejavam percebeu que aquele homem que não falava com ninguém era bizarramente idêntico ao Caçador. Jim guardou o frasco vazio em um bolso de seu paletó e relaxou os músculos, aproveitando a melodia e se servindo de um pouco de vinho. A música estava realmente boa, tanto quanto o Casillero del Diablo que estava tomando.

O aniversariante pegou uma colher especial de uma bandeja verde e despejou um *escargot* sobre o seu prato, sem notar as estranhas gotículas que já estavam ali. Jim sentiu seu estômago embrulhando e o suor escorrendo. Não por piedade, mas sabia que a cena que viria em seguida seria nojenta. Rapidamente, terminou o vinho, enquanto o Keller levava uma colherada do viscoso animal até a boca. Enquanto o Caçador esperava, um pouco apreensivo, um pedaço da comida francesa deslizou pela garganta do governador. Jim respirou fundo e se concentrou na música e no seu prato ao perceber que o aniversariante coçava levemente a garganta e assumia uma expressão de incômodo. Mesmo assim, seguiu conversando com um político idiota.

O assassino cortou mais um pedaço do seu alface, juntou com o tomate e engoliu, querendo aproveitar a refinada salada o máximo que pudesse antes da festa ir pelos ares. Keller foi ficando vermelho, o sangue estava subindo para sua cabeça e o ar foi bloqueado nos seus pulmões. Ele pegou um copo d’água e olhou para a mesa. Todos conversavam alegremente e não percebiam sua dor, a não ser o estranho administrador isolado de olhos puxados e bigode esquisito.

— Tudo bem? — perguntou o vice-ditador, desde sua cadeira ornamentada, ao notar o rosto avermelhado do aniversariante.

— El... — O governador cuspiu sangue.

— Amigos, a festa foi ótima, mas eu tenho que ir. — Jim se levantou, chamando a atenção para si. Mesmo assim, metade das pessoas ali ainda

não o tinham notado e continuaram a conversar. O Caçador continuou: — Keller, procure-me o quanto quiser, mas lembre-se, lembre-se de que se hoje for o dia da caça, amanhã será o dia do Caçador. Ah, e você ingeriu uma variante líquida de gás mostarda. Boa sorte.

Ao ouvirem o nome do Caçador, todos da mesa ficaram apreensivos e notaram o homem em pé.

— No meu aniversário... — murmurou Keller, enfraquecido, com tristeza e raiva.

O assassino já tinha caminhado até a janela mais próxima e saltado. André se levantou empunhando um revólver e ligando para o serviço médico do palácio, enquanto caminhava rapidamente em direção aos guardas do lado de fora da sala. Ao mesmo tempo, Keller agonizava na sua cadeira, sua pele estava pouco a pouco sendo coberta por horríveis escoriações e bolhas amarelas. Todos ao redor logo estavam vomitando o que haviam acabado de comer ou indo embora correndo, tal a morbidez da cena. O governador do Sudeste sentia a dor lhe invadir, paralisado pela agonia e tentando respirar. As horríveis escoriações chegavam até seu rosto. Primeiro, as feridas e bolhas amarelas quase taparam sua boca e nariz, depois subiram aos seus olhos, queimando quase completamente um deles. André voltou com um médico e dois paramédicos carregando uma maca. O anfitrião da festa, antes elegante e cordial com os convidados, agora estava jogado na cadeira, gritando e chorando de dor. Seu terno estava encharcado de sangue e pus, uma bolha estourou soltando o líquido biológico amarelo e pedacinhos de carne sob a poltrona e mesa, com pequenos pingos voando na cara dos convidados que ainda não haviam fugido. Em menos de cinco minutos ele já estava irreconhecível, parecendo um morto-vivo. Keller desmaiou pela falta de ar enquanto era colocado na maca e os paramédicos faziam uma traqueotomia emergencial. André olhou o aniversariante, contemplando o quão perigoso o Caçador poderia ser.

///

O Caçador corria pelos enormes e luxuosos corredores do Supremo Palácio, enquanto vários pequenos drones voadores vinham disparando lasers detrás dele. André tinha ativado o protocolo de defesa do local,

tornando-o instantaneamente uma fortaleza. Mas, isso não importava para Jim. Ele só tinha que sair dali imediatamente. Desviou dos disparos das máquinas voadoras e seguiu na direção do seu quarto. No entanto, a porta estava selada com grades do sistema de emergência. Em cerca de três segundos, recalculou a estratégia e avançou pelo corredor, indo em direção à janela mais próxima, que também estava selada. Jim pegou o extintor de incêndio ao lado e jogou o conteúdo nos drones, que se chocaram no ar ao tentarem desviar e atiraram uns nos outros, causando uma pequena explosão . O Caçador aproveitou o momento e novamente foi até a porta do quarto, tirando de baixo do terno e ativando uma pequena serra circular com lâminas de diamante e começando a cortar as barras metálicas. Ao entrar no quarto, ouviu os passos dos soldados correndo pelo corredor. Então, rapidamente pegou uma solda no canto do quarto e selou a porta para ganhar tempo. Quando os policiais finalmente conseguiram entrar encontraram apenas uma janela aberta, com barras de proteção seladas, e um quarto vazio com o lençol da cama bagunçado.

///08/11/2054

A madrugada tinha começado. O medo tomava conta das veias do professor enquanto ele passava agachado pelos tubos de ventilação, perguntando-se se algum companheiro seu havia sobrevivido à frustradíssima invasão. Porque diabos acharam que atacar o BOPE seria fácil? O plano tinha falhado ridiculamente, e provavelmente o helicóptero havia sido derrubado pelos mísseis de defesa. O duto de ventilação em que se arrastava era escuro, nojento, úmido e cheio de insetos, além de extremamente desconfortável. Afinal, havia sido feito para a passagem de ar de ventilação, e não de professores revolucionários sem noção do perigo. Tinha cerca de um metro e meio de diâmetro.

— Alguém na escuta? — disse a voz de Laira no rádio, bem menos imponente do que o normal.

— Você está viva? — perguntou Águia, sussurrando.

— Não, sou um fantasma, porra. Minha perna está presa nas ferragens. Preciso de ajuda. Caímos perto de um prédio oval gigante, acho que uma garagem de tanques, Roquefort é bem maior do que pensávamos. Novato, você que deu as informações dessa base pra gente, sabe alguma coisa que possa aju...

— Vou tentar chegar pra ajudar. Mais alguém tá aí, vivo?

— Espera...

Uma explosão, seguida de chiados na comunicação. Certamente algo ruim havia acontecido. Ele acelerou, atravessando rapidamente o duto. Mas, sair se arrastando sem cuidado acabou sendo um ato imbecil. De repente, o chão cedeu e o professor caiu de costas sobre uma mesa de madeira. Sua queda tinha espalhado um monte de lápis e canetas, além de esmagar um computador holográfico e lhe dar um leve choque.

— Ora, ora, vieram me fazer uma visitinha...

O professor ficou perplexo. Quem estava sentado era provavelmente um oficial do alto escalão do BOPE. A armadura que usava era tão tecnologicamente avançada, blindada e tática que parecia um robô de combate. Sobre o capacete com máscara de gás embutida e vidros de proteção, um quepe embutido no capacete com o losango amarelo brasileiro gravado demonstrava muita autoridade.

— Mais um desses filhos da puta rebeldes. Vocês não tem vergonha?! Destruíram nossa torre de comunicações. Não sabem como elas são caras? — O soldado se levantou. Era um homem alto e extremamente forte. No peito da armadura havia várias medalhas de ouro em formato de losango penduradas.

A princípio, Águia observou a figura como se estivesse vendo um fantasma. Então, sem saber o que fazer, cuspiu na roupa do inimigo, que sacou uma faca com o símbolo da caveira do BOPE.

— Aqui é faca na caveira, porra!

Uma facada, a visão do professor ficou avermelhada e uma gota de sangue saiu da sua boca e pingou na mesa. Sem alternativa, ele girou e se jogou no chão, enquanto o oficial dava outra facada, desta vez acertando a mesa. Águia se levantou. Viu a barriga cheia de sangue e seu inimigo tirando a faca da mesa e pegando uma espécie de pistola do coldre. Correu para a porta, sentindo as mesmas dores que tinha desde a ação em Belo Horizonte. Estava com a mão na maçaneta para sair daquela pequena sala, quando ouviu um choque. Ao olhar para trás, conseguiu ver brevemente o taser na mão do soldado antes de cair no chão, inconsciente.

///

Seus olhos, apesar de cansados, abriram-se. Estava em um quarto completamente branco e quadrado, com paredes de aço. Havia uma porta de aço, também branca, caixas de som, um alçapão fechado por fora no teto e um minúsculo ralo no chão. Águia sabia o que era aquilo tudo. Em suas pesquisas históricas na biblioteca do Barra3, junto a Sueca, encontrou arquivos sobre uma base militar republicana, construída antes da Guerra Civil. Não se lembrava para que servira antes dela, mas, durante o combate, tornou-se uma espécie de fortaleza republicana.

No final de 2043, foi modernizada e ampliada pelo governo, servindo de base de operações do BOPE no sudeste e nordeste. Aquela cela era quase impossível de ser destruída, tinha proteção até contra bombas. Segundo o arquivo, jamais houve qualquer fuga bem-sucedida dali. Mas já fazia anos que ele tinha tido acesso a essas informações, e provavelmente já estavam datadas.

Olhou para a portinhola no teto. Uma tampa foi aberta, e um tipo de pão úmido e gosmento caiu. Era horivelmente nojento, mas era o máximo

que podia ter naquele momento.

///11/11/2054

Ninguém. Fazia um monte de dias que não via ninguém. Águia bateu a cabeça na parede, tentando se acalmar. A solidão daquela cela, sempre branca e iluminada, estava realmente perturbadora. Sentia que ficaria louco em poucos dias. Não saber se os companheiros da resistência e se até mesmo Sueca estavam bem era ainda mais perturbador. E não conseguia dormir bem. Estava sempre claro. Claro demais. As comidas eram péssimas. Apenas pedaços de pães e, às vezes, sobras de feijoada. Mas ele merecia aquilo, não merecia? Afinal, além de ser um “espião conhecedor de segredos de estado”, era oficialmente um terrorista. Parou de bater a cabeça e se torturar. Ele não ia ficar ali para sempre. Sabia que alguém o resgataria. Ou pelo menos tinha essa esperança. Surpreendentemente, nesse exato momento, uma voz soou no alto-falante da cela:

— Prisioneiro número 4477, levante-se do chão. Você ainda não preencheu seu formulário de detento.

Águia se levantou e encarou a caixa de som.

— Vão me mandar pras áreas de trabalho escravo do campo ou não?!
— gritou.

— Do quê está falando, prisioneiro 4477? Do quê você sabe prisioneiro 4477? — A voz no alto-falante ficou visivelmente apreensiva e irritada ao mesmo tempo.

— De tudo. — respondeu Águia, firmemente.

— Você vai receber um formulário, uma folha em branco e um lápis. Preencha tudo o que sabe. Não minta. Pra cada mentira ou omissão você receberá uma sessão de tortura de duas horas.

///14/11/2054

Águia sentou-se na cadeira da mesa da sala de interrogatório. Ele estava preocupado com seus companheiros da resistência, era possível que eles houvessem morrido ou tivessem sido capturados. Tinha muita vontade de perguntar sobre eles, mas suas perguntas provavelmente não seriam respondidas e ele seria punido.

— Prisioneiro 4477, olhe para a câmera! — disse o guarda atrás dele, enquanto acendia um charuto cubano. Sua fala rígida foi seguida por um golpe de cassetete na cabeça do detento. Águia fixou seu olhar na câmera, posta no outro lado da mesa. Os vidros refletiam seu rosto, com um sangramento nasal e uma ferida acima da sobrancelha, além de uma barba descontroladamente grande. Um retrato bem diferente do professor que dava aulas no início do ano.

— Prisioneiro 4477, pode me ouvir? — chamou uma voz de um rádio em algum lugar. Águia demorou pra responder.

— Responde, desgramado! — Levou outro golpe.

Desta vez respondeu.

— Sim... sim... eu ouço — murmurou o professor.

— Talvez você me conheça. Meu nome é Dan — exclamou a voz.

— O síndico? — perguntou Águia.

— É claro. Você se meteu em uma bela enrascada — riu o síndico.

— Dan, você me dá repulsa. Enganou todos no prédio, matou centenas, tudo só para... — O professor desabafava quando o outro o interrompeu.

— Para chegar onde eu cheguei? Primeiro, eu só fiz isso pra agradar uma pessoa de que gosto. E, segundo... veja o mundo no passado, professor... Crises econômicas, protestos, partidos políticos lutando por poder, pobreza material e ética. Tudo isso por culpa da divergência entre diferentes líderes e seus partidos. Divergência criada pela liberdade de expressão, a maior ameaça ao estado moderno. Nós evoluímos no século XX, carros, aeronaves e a conquista do espaço. E tudo gerado pela ditadura, curas para males considerados incuráveis, criadas pelos nazistas. A ida ao espaço pelos soviéticos totalitários. O sistema que eu instalei no Barra3 não é o mais democrático do mundo, mas ele funciona. Estou corrigindo as falhas dos meus antecessores. Repressão dura ao tráfico de água, mais Polícia Militar e menos discussão política interminável e que não leva a

nada. Professor, eu criei... eu criei um governo modelo. Minha filha lembrará de mim no futuro com orgulho enquanto admira o Barra3... Ou melhor, o Prime — exclamou Dan, com um tom de grandiosidade.

— Dan, você pode fingir ser um ditador, mas é só um síndico de mega-edifício corrupto e triste que não sabe cuidar bem de uma filha. E você matou Samuel. Eu tinha provas. Estava apenas esperando o horário escolar terminar pra ir denunciar você e a sua quadrilha. Mas, aí, você mandou seus cachorrinhos de guarda atrás de mim.

Águia encarou a câmera. O tom de voz de Dan se encheu de ódio:

— O quê?! Você não entende! Eu preciso fazer isso, se eu não fizer ela vai embora de novo. Eu preciso de Sarah, eu preciso dela e vou fazer qualquer coisa por ela. Eu achei que tinha matado todos. Mas não importa. Aquela velha da biblioteca, lembra dela? Ela sobreviveu. Nós a prendemos depois que foi localizada em um quarto do hospital geral, mas a liberamos no final do mês passado com uma condição. Ela deletou tudo sobre mim. Está tudo limpo. Aquilo da ponte foi um acidente causado pelos mesquinhos maquinistas. Dan nunca teve filhos e nem esposa ou problemas mentais. E você, professor... Foi preso na Base Roquefort. Junto com aquela corja de rebeldes, que massacrou centenas de policiais e soldados no Brasil inteiro. Aqueles soldados nos quais vocês atiram, trabalhadores honestos e honrados, com filhos e netos, selecionados em loterias do trabalho ou serviço militar, geralmente, não por opção. Mas pra você isso não importa. Você mata eles. Mata o sustento de suas famílias. Mata tudo que eles construíram. Mata seres humanos que apenas estão seguindo ordens. E você vai ficar aí até apodrecer; velho, louco e esquecido.

— Dan, às vezes você fala como se o Barra3 fosse perfeito. Sem inocentes sendo assassinados por tropas de choque. Sem crime. Sem esgotamento de água e comida na região pobre ou separação de classes sociais por andares. E a total falta de liberdade. Mais de 400 opositores seus desapareceram misteriosamente desde o início do seu mandato — disse o professor.

— Falta de liberdade e morte são males necessários para o que preciso fazer. Ainda não entendeu, professor? Faço isso pelos que amo. E, veja, eu estou lutando para acabar com o crime organizado. Enquanto o governo não faz nada, eu envio centenas de policiais para combater a Ordem Vermelha e seus capangas. Eu ordenei que meus homens destruíssem tudo, até o mínimo resquício dela. E, ao final da operação, qualquer resto de pobreza ou separação entre classes acabará, e só sobrá uma classe. Eu sou como Augusto César. Entro em uma cidade de pedra e saio de uma capital de mármore. E, professor... você sabe demais. Guarda, por favor, dê um jeito nele — ordenou o síndico.

— Sim, senhor.

As mãos enluvadas e metálicas do policial agarraram firmemente o pescoço do interrogado, que desmaiou em poucos segundos.

///16/11/2054

Águia estava sentado no chão de sua cela, quando ouviu um som no alto-falante:

— Águia, pode me escutar? Foi difícil pra porra hackear esse lugar, então é melhor poder me escutar! — Era Gabriel, seu companheiro de resistência. O professor pegou um pequeno bloco de notas e uma caneta que estavam no chão e começou a escrever. Uma câmera saiu da parede, olhando o bloco mais de perto.

“Não posso falar, podem me castigar. É uma punição por eu ter tentado fugir pelo alçapão no teto.”

— Ok. Qual é seu estado? — perguntou o alto-falante.

Águia arrancou a página do bloco e começou a escrever em uma nova.

“Estou aqui no campo, na ala de prisioneiros de segurança máxima. Tenho pouco tempo para falar, a qualquer momento eles podem verificar a cela.”

— Vou ser rápido então. Sabe o que aconteceu com o resto do pessoal? Eu tava no QG, e, como o helicóptero de vocês nunca voltou, eu fui tentar descobrir o que tinha acontecido. Depois de hackear a base, achei a câmera da sua cela. Sabe o que houve?

“Quando eu saí do paraquedas, fui direto para uma guarita, entrei em um túnel e depois em um tubo de ventilação, onde me capturaram. Mas, enquanto eu ia correndo para o túnel, vi que quase todo mundo tinha morrido. Laira me disse pelo rádio que tinha caído com o helicóptero perto de uma espécie de garagem ou prédio oval.”

— Ela está viva?

Águia pegou outra página.

“Não sei.”

— E o que houve com você? Está em um estado deplorável. Parece que não toma banho há semanas!

“Eu preciso que me faça um favor. Vá para o Barra3 e encontre a Biblioteca Geral, ela é de uma amiga minha, uma senhora de idade. Investigue tudo sobre este campo do BOPE. De lá poderemos manter contato, ela vai arrumar um jeito de falar de lá pra cá. Ela sempre arruma.”

— Mas você sabe de mais alguma coisa?

“Meu papel está acabando. E eu só tenho uns dias até minha execução. Eles não avisaram quando vai ser. Vai lá!”

A câmara voltou para a parede e em seguida a voz de Gabriel sumiu.
Águia pegou os papéis escritos e começou a rasgá-los.

///17/11/2054

“Ontem à noite, peguei o trem-bala RJ -SP. Atravessei a região metropolitana que conecta as duas metrópoles e desembarquei na estação geral carioca. Estou dando uma descansada e tenho uns trabalhos, mas , assim que puder , vou aí te visitar, ok? Tive sorte de chegar ontem, hoje a lei marcial começou. Em breve nos veremos.”

Keller desligou o tablet holográfico, após ouvir a mensagem de voz. Deu um leve sorriso, apesar do movimento ser doloroso.

///13/07/2049

— Feliz aniversário, filha! — exclamou Dan, sorridente. Ela sorriu.

— Pai, minha festa já acabou!

— Quatro anos, já... Por que tem que ser tão rápido?

A garota já tinha ido correndo brincar com algum presente, em algum outro canto do apertado apartamento. Dan também não esperava nenhuma resposta racional da filha. Sua esposa saiu da cozinha com um leve sorriso.

— Acabei. Aquele escondidinho pra hora que meus pais chegarem vai ser ótimo...

— Sua comida sempre é, amor.

Dan sorriu.

///

— Dan! Dan!

Sua esposa o acordou gritando. Ele tinha enchido balões o dia inteiro para a festa, o que havia sido cansativo, e sem querer havia dormido no sofá.

— Que foi, amor? Deixa eu dor... — Ela estava visivelmente preocupada. — Aconteceu alguma...

— Sim! A Sarah falou que ia buscar meus pais no elevador, e ela foi sozinha!

— Mas é pertinho, é menos de 5 minutos...

— Ela não aparece faz vinte minutos! Desculpa, eu não prestei atenção quando...

Dan se levantou e saiu correndo em direção à saída do apartamento.

///

Dan vestiu sua jaqueta de qualquer jeito enquanto corria pelos corredores sujos e vazios em direção ao elevador. Debaixo da roupa havia um revólver, que ele guardava consigo desde a Guerra Civil. Desespero e medo tomavam conta de sua cabeça. Já era de noite, e as luzes estavam quase todas apagadas. Cerca de 70% delas eram desligadas por volta das 23 horas para economizar energia.

Dan ouviu vozes vindo do corredor do elevador.

— Não atirem, ninguém precisa sair ferido.

Ele correu mais ainda, já com a arma na mão. Logo chegou ao corredor do elevador, e, para sua surpresa, havia dois policiais e dois homens armados, que mantinham sua filha e sua sogra como reféns. Olhou o chão, seu sogro estava morto e jogado, completamente baleado, ao lado

de um outro bandido com um corte na garganta e um furo no peito. A mão do sogro segurava um canivete.

— Sarah! Você está bem?! — Dan ergueu sua pistola na direção dos sequestradores.

— Pai!

Ela olhou para ele. Todos se assustaram.

— Deixe-me ir e ninguém mais vai morrer! — gritou um homem, que segurava a sogra desmaiada, e que pelas roupas parecia ser o líder.

— Renda-se Fritzerwald, você já tem mandato de prisão! Fugir não adianta nada! — gritou um policial.

— Nada disso precisava acontecer! Das culpa ist toda de vocês! — Ele aproximou ainda mais o dedo do gatilho.

— Solte minha filha, seu merda!

Dan atirou no outro homem, que segurava sua filha. Ele caiu no chão, com um buraco sangrento no pescoço. A garota se soltou rapidamente e foi correndo em direção a Dan.

— Was?!

Fritzerwald se virou para Dan e instintivamente deu um tiro na sogra. O alemão ficou horrorizado com o próprio ato, mas respirou fundo e ergueu a arma. Dan atirou nele, e os policiais começaram a fazer o mesmo. Fritzerwald se lançou para o lado, desviando das balas, e em seguida atirou de volta. Um policial caiu com a perna sangrando e urrando de dor, o outro não teve essa sorte e caiu com os miolos estourados. Poucos segundos depois disso, Fritzerwald já tinha fugido. Dan estava perplexo. Não sabia o que dizer para sua esposa. A culpa pela sua irresponsabilidade o golpeou fortemente. De repente, Sarah o abraçou. Ele olhou para ela, ambos estavam chorando.

— Calma... — murmurou Dan, antes de ver que havia um rastro de sangue de onde ela tinha vindo.

— Papai... eu vou morrer? — Dan olhou bem nos olhos úmidos da filha. A voz da menina era fraca. E em instantes seus olhos se fecharam.

— Não morra, filha... Sarah, por favor... — Ele a abraçou, em prantos.

— Dan? — chamou a esposa disse, com a voz cansada após ter vindo correndo. — Dan... O que aconteceu?! Os meus pais! Sarah! — Ela caiu de joelhos chorando.

— Eu fiz tudo o que eu pude. Eu juro, Gina. Mas... — ela observou o cadáver de Sarah.

— Meu bebê! Sarah! Por que ela Dan?! Como você deixou ela morrer?! — A mulher o encarou enquanto as lágrimas escorriam dos olhos de ambos.

— Eu... eu... eu não pude fazer nada! — Ela foi até o cadáver de um dos policiais e pegou uma arma. Dan tentou se levantar para impedi-la.

— O que você vai... Não! Não...

O som do tiro ecoou pelo corredor. Mais um corpo desabou no chão. Dan fechou os olhos. Cerrou o punho. Respirou fundo. Então, socou o piso com toda a sua força. Raiva, tristeza, sede de vingança. Tudo isso ele sentiu ao mesmo tempo. Toda a sua família estava morta.

///20/11/2054

O Barra3 estava em destaque, foi manchete nos principais sites de notícia de toda a internet por todo o mundo. Explosões, chamas, balas perdida, fumaça. O local estava em uma verdadeira guerra civil, e Gabriel não tinha a menor ideia de como chegar lá. Todos os acessos ao prédio haviam sido fechados, e seria bem difícil invadi-lo com um aparato policial enorme presente no local. Os primeiros andares, tipicamente pobres, sujos e apertados, estavam em guerra e todas as pontes de acesso haviam sido fechadas. Todos os moradores do prédio que tiveram condições fugiram nos primeiros dias de confronto, mas uma grande parcela deles foi forçada a ficar no meio do fogo cruzado, principalmente os das áreas mais humildes. Gabriel caminhava em um dos viadutos que ligavam os colossais edifícios, passando por um monte de barricadas, corpos e veículos destruídos. Afortunadamente, os conflitos naquele dia eram dentro do prédio, e não nos arredores. A entrada pelo viaduto estava selada com uma enorme porta de aço, com o símbolo da Polícia Militar. Provavelmente, o único jeito de entrar seria pela cobertura, que provavelmente estava desprotegida. Ele precisava de algo que voasse. Precisava de um balão. Balões eram indetectáveis, além de 100% silenciosos. Esse seria o melhor jeito.

///21/11/2054

Crimes abriu a porta do escritório lentamente. A sala estava completamente escura, e Ryan cochilava sentado na cadeira de sua escrivaninha, com o computador holográfico na mesa ainda ligado.

— Comissário Ryan? — murmurou.

— Ah... Oi, Crimes. Desculpa, eu acho que acabei dormindo. Esses últimos dias têm sido uma bagunça... — disse Ryan, bocejando.

— Eu vim te chamar. Tem outro ponto de resistência forte em um complexo de apartamentos no andar 12, e precisamos de você pra liderar o ataque — informou Crimes.

— Sabe... isso está estranho. Por que a Ordem Vermelha está gastando tantos recursos no Barra3? Seria muito mais barato simplesmente sair e se reorganizar em outro lugar. É como se eles quisessem ser destruídos — argumentou Ryan.

— Fique à vontade se quiser debater com eles até eles irem embora. Te encontro no andar 12.

///23/11/2054

Tiros pra todos os lados. Ryan respirou fundo. Já era o dia 23 de novembro. E ele estava nesse tiroteio sem fim desde o início do mês. Da sua cobertura protegida contra disparos, avaliou o ambiente.

Um grande salão, estilo século XIX, feito para grandes eventos, andar 10. Provavelmente, fora planejado para ser um ponto importante na construção do megaedifício durante o fim dos anos 2020. Mas, logo que o prédio foi inaugurado, a decadência tomou conta de todo o andar, transformando o bonito salão primeiro em uma igreja neopentecostal, depois em um baile funk e finalmente em um ponto de encontro dos traficantes de água do Barra3. Agora, além de decadente estava praticamente destruído. Autoblindados entravam lá atirando, corpos apodreciam no chão, paredes caíam, coisas explodiam, buracos de bala para todos os lados. O comissário da PM respirou fundo e deitou-se no chão, olhando os tiros voando pelo teto. Já se arrependia de não ter saído da Polícia Militar quando Dan conversara com ele naquele dia.

Simplemente não aguentava mais, fora selecionado para o trabalho de policial em uma loteria estatal do serviço militar obrigatório, poderia ter saído logo depois que voltou de Juiz de Fora por causa do coma. Ser um policial não era seu objetivo de vida. E atender a Dan ou aos conselhos de Crimes não parecia mais algo tão correto. Então, Ryan decidiu que não ia ser mais um desses policiais ou bandidos que morreriam pelo governo ou por Dan. Rastejou até um enorme autoblindado, que quase não cabia no andar, e entrou pela traseira. Havia vários policiais controlando os canhões e disparando, e Crimes estava sentado a uma mesa fazendo alguma coisa em um computador holográfico. Assim que viu Ryan, Crimes fechou o computador e perguntou cordialmente:

— Que foi, comissário?

— Pra mim chega. — O comissário da PM colocou ferozmente suas armas sobre a mesa. — Eu estou saindo.

— Espera, você vai... — Crimes estava claramente chocado.

— Não me interessa. Eu estou indo embora. Assuma o cargo se quiser. Você não se importa mesmo com o bem-estar dos cidadãos. — Ryan

se virou e caminhou em direção à escotilha de saída.

— Mas, e Dan? Quem vai te substituir? Você não pode simplesmente sair assim! Temos que ser leais a Dan, é nosso trabalho! — gritou Crimes.

— O problema é que você só é leal a Dan e seus chefes, e não é a mais nada. Nem a sua esposa, nem a lei e nem a Deus. Tchau, Crimes.

O oficial ficou olhando o ex-companheiro sair e desaparecer em meio à fumaça. Poucos instantes depois, uma enorme explosão veio do lugar para onde ele tinha ido, provavelmente causada por uma granada. O comissário da PI então pegou a arma de Ryan e ativou seu comunicador holográfico.

— Dan?

— Sim, estou ouvindo. Comissário Crimes? — disse Dan, do outro lado da linha.

— Ryan foi embora. Pra sempre pelo que parece — informou o comissário.

— Espera, o que houve com o... não...

— Sim, senhor. Tem grande chance.

— Ele falou pra quem deixou o cargo?

— Sim, senhor. Ele falou que eu seria um ótimo comissário da PM e seria extremamente competente.

— Deixe-me ver aqui nos dados... José Henrique Crimes, casado, 37 anos... Não há nada de errado na sua ficha, apesar de Juiz de Fora e violência doméstica. Ok, acho que você pode assumir de novo, você tem sido um bom chefe da PI mesmo... Mas, lembre-se, sempre siga as minhas ordens, ou colocarei outro no seu lugar. A prioridade máxima é destruir a Ordem Vermelha, custe o que custar. Boa sorte, comissário. — Dan desligou.

Crimes suspirou, sentindo o cheiro de pólvora e sangue no ar, e em seguida pegou seu telefone de novo e chamou outro número. Um homem usando uma máscara de gás pintada de caveira, quepe e um traje blindado apareceu.

— Boa tarde, assessoria do diretor-geral do BOPE do Sudeste.-

— Senhor, eu sou o comissário da PI e PM do Barra3. A situação com a Ordem Vermelha está ficando realmente séria. Nossos suprimentos vão logo acabar, a munição...

— Tudo bem. Precisam do quê?

— Tudo. Tudo o que puderem trazer. O síndico está disposto a pagar pela ajuda.

— Ok. Devido a um pequeno problema com rebeldes em Minas Gerais e na Bahia teremos um pequeno atraso, mas, assim que normalizarmos a situação, enviaremos pessoal e equipamento. Informarei o diretor e o governador, e se eles aprovarem, entrarei em contato. Caso eles aprovem, creio que chegaremos aí daqui a dez ou quinze dias.

bandidos, Fritzer, a Ordem Vermelha, todos os meus inimigos desta droga de mundo. E agora você também. E ainda faltam muitos, muitos mais. Minha filha quer isso, eu só vou parar quando ela quiser. Não é um jogo de poder, Jim. É um jogo de vingança. Bandido bom é bandido morto. — Dan viu Sarah fazer um gesto de aprovação no canto da sala. Os olhos do assassino de aluguel se encheram de raiva, mas sua boca parecia demonstrar um estranho tipo de diversão.

— Parado, Dan! — gritou Keller, com um traje blindado que deixava de fora apenas seu rosto repleto de cicatrizes, apontando uma metralhadora. — Ou eu fuzilo os dois. Jim Wild será morto por mim.

— Como você sabia que ele vinha para cá? — perguntou Dan, perplexo.

— Desde que ele fez isso comigo eu o tenho seguido. Consegui descriptografar uma mensagem de texto enviada do celular dele para um contato neste prédio, e então cheguei aqui pelas câmeras de vigilância. Você foi descuidado, Jim — observou o governador.

— Você não vai me matar hoje, Keller. Nenhum de vocês vai. — O Caçador riu, mesmo estando praticamente rendido no chão.

— Ninguém vai morrer hoje, Keller! — exclamou Armen, com duas submetralhadoras nas mãos, entrando pela extremidade oposta da sala. Atrás dela, vinham dois agentes do FBI fortemente armados. — Jim Wild será levado à justiça pelos crimes contra as federações brasileira e americana. Rastreamos seu comunicador holográfico, também usado como rádio naquela sua viagem de carro em Minas. Não esperava isso, né, Jim?!

— Sua animal, se você o prender, ele vai fugir! Quantas vezes ele já não fez isso?! E aí ele vai matar cada um de nós! Eu mesmo acabo com isso.

Dan destravou sua pistola, quando de repente o Caçador deu-lhe um chute, fazendo-o cambalear para trás. Dan ainda apontava a arma, mas o matador rapidamente ergueu a mini-escopeta contra o síndico.

— Chama eles, papai... — murmurou Sarah, do canto da sala.

— Esperem! Eu não dei licença pra nenhum iaque filho da puta operar aqui no Barra3! — Com a mão livre, Dan apertou um botão em seu cinto, ativando um chamado de reforços.

Em poucos instantes, quatro policiais militares de elite entravam na sala e apontavam poderosas armas contra todos. Um movimento errado e todos morreriam. Eles ficaram assim por vários segundos, até que uma

enorme explosão vinda dos andares mais baixos fez todo o prédio estremecer.

— Droga, não agora! — gritou Dan.

Todos logo se deram conta de que eram várias explosões em sequência nos andares inferiores, fazendo com que o chão, teto e paredes fossem cobertas por rachaduras e buracos. Os agentes do FBI e os policiais correram em direção à saída da sala para se reorganizarem e chamarem mais reforços, mas um pedaço enorme de concreto caiu sobre a saída e bloqueou a passagem, deixando o Caçador apenas com Armen, Keller e Dan .

— Eu mato! — gritou o governador, atirando na barriga do criminoso, que apagou instantemente.

— Filho da puta! — Dan atirou contra Keller, que se jogou atrás de um grande amontoado de escombros que estava ao seu lado. O síndico não perdeu tempo e partiu para finalizar o governador. Armen respirou fundo e se dirigiu calmamente ao corpo do Caçador enquanto os outros brigavam como crianças. Ela se abaixou, observando a cara do homem que tinha incansavelmente perseguido por semanas. Tinha cabelos grisalhos, olhos asiáticos e uma barba rala. Era ele. O Caçador havia sido abatido, e não preso por ela. Nunca teria a ascensão profissional e o reconhecimento nacional ou até mundial que tanto queria. A raiva a tomou. Ela ergueu suas armas e correu até os homens. Dan e Keller se golpeavam incansavelmente, já completamente machucados. De repente, o governador foi derrubado no chão por uma série de tiros das submetralhadoras de Armen.

— Armen, não se meta nisso! Minha filha vai odiar saber que você interrompeu esta luta livre! — gritou Dan.

Ela estava com tanta raiva que ignorou a bizarrice que o síndico acabara de dizer e deu um tiro de raspão nele também, arrasando seu terno caro e sob medida italiano e o derrubando no chão, além de lhe provocar uma leve ferida na barriga.

Do nada, uma faca veio por trás e encostou no pescoço de Armen.

— Desculpe, madame. Vocês são burros demais pra me capturarem... Esquecem que eu sempre uso colete. Eu nem sequer estava sangrando! — Jim cortava lentamente a agente enquanto falava, finalizando

com um último golpe, rápido e letal. O corpo dela caiu em cima de Dan e o manteve preso no chão.

— Sabe, o meu ditado brasileiro favorito é... — começou o Caçador, observando Keller se levantar com dificuldade.

— Hoje é dia de caça e amanhã... — recitou o governador, ficando de pé e pegando sua arma.

— E amanhã, do Caçador. Então, não tente me caçar novamente... Pelo seu próprio bem. — Jim brandiu sua poderosa mini-escopeta e atirou contra o governador, que foi lançado em alta velocidade na direção de uma janela e caiu.

— Você matou o governador Keller?! — perguntou Dan, ainda preso no chão e perplexo.

— Aquele traje tem uma blindagem excepcional. Talvez ele tenha morrido, talvez não. De qualquer jeito, duvido que ele venha me encher o saco de novo. E, Dan... eu poderia matar você agora, Dan Nunes, mas... seria muito fácil, e não estou muito no clima. Seria melhor esperar uma ocasião mais especial. Aliás, eu poderia dizer pra não me caçar, mas você é completamente louco e vai me caçar de qualquer jeito. Então, sei que uma hora ou outra vou te matar, se você mesmo não fizer isso antes. Pode jogar seu próprio jogo por enquanto..

O Caçador foi embora caminhando pela sala completamente destruída como se nada tivesse acontecido. Dan respirou fundo. Ele só conseguiu sair de debaixo daquele corpo horas depois, quando Keller enviou uma equipe de busca.

///22/11/2054

Encontrar um balão provou-se uma tarefa mais árdua e longa do que esperado, mas não impossível. Gabriel entrou pela janela aberta de um apartamento no Barra3. Seu braço artificial estava falhando. Ele suspirou. Poderia ser um cidadão normal da Classe Baixa, trabalhando igual a um escravo para ter água. Mas, não. Era um rebelde, que quase morria dia após dia para lutar por uma utópica liberdade. Aquilo valia a pena?

Saiu do apartamento, que estava completamente abandonado, e foi caminhando pelos corredores até topor com uma delegacia. Era impressionante como as paredes estavam danificadas. Certamente aquela “miniguerra” nos andares pobres ainda mataria muitos milhares. Entrou no apartamento da delegacia e olhou ao redor. Estava cheia de policiais conferindo relatórios holográficos e fazendo registros. Um ou dois oficiais estavam levando criminosos para a sala de interrogatório.

— Com licença, poderia me informar onde está a Biblioteca Geral?
— um PM olhou pra ele.

— No andar 25... Mas, você não deveria ir lá. Dizem que os andares perto dos pobres estão caindo aos pedaços.

Gabriel agora só precisava de armas.

— Obrigado.

Ele ergueu seu revólver silenciado e atirou na testa do PM, que caiu de cara na mesa. Quando os outros se viraram para olhar a cena, tiros já estavam atravessando seus corpos.

Gabriel andou até o arsenal dentro daquela delegacia e pegou várias submetralhadoras e mini-escopetas. Colocou as armas e um uniforme de um policial militar de Elite dentro de uma grande mala de evidências da polícia. Uma hora ou outra seria necessário usá-las, afinal. Agora iria descansar da jornada até o Barra3 por um tempo e então iria até Sueca.

///23/11/2054

Sueca estava quase terminando de escrever um documento no computador atrás do balcão, quando olhou para a porta de entrada da biblioteca. Havia um homem negro, carregando uma maleta e com um casacão, caminhando lentamente até ela.

— Você é a Sueca, né? — sussurrou ele quando chegou no balcão.

— Me chame de Alva. E não, eu não faço mais o trabalho sujo de antes.

Ele se aproximou ainda mais ao rosto dela.

— Meu nome é Gabriel. Não tenho sobrenome, venho de um lugar que não existe oficialmente. Sou da Resistência da Capela, você deve saber quem somos. Precisamos de você, Alva.

A idosa se afastou e abriu o vidro do botão de emergência:

— Não vou falar de novo!

— Espera! Águia precisa de sua ajuda. Ele disse que só você pode ajudá-lo.

— João está vivo? — A bibliotecária afastou a mão do botão lentamente. — O que aconteceu com ele?

— Foi preso em Roquefort, a base de tanques do BOPE. Preciso de seus arquivos, informações e equipamento para contatá-lo — explicou Gabriel.

— Bom, como se trata do professor, terei que abrir uma exceção... Mas, não será de graça.

— Sim, eu já esperava isso.

— Primeiro, preciso que desative as câmeras daqui. Para fazer isso, vá até o Centro1, invada o Controle de Câmeras Municipal, e desligue todas as câmeras desta biblioteca.

— Tenho quanto tempo?

— Até eles escutarem nossa conversa. Estão me vigiando desde que fui baleada.

— E depois? Mais alguma coisa?

— Depois te falo. Agora, vai.

///25/11/2054

“ Aten çãõ passageiros, o Expresso Trans Carioca est á partindo para o Centro1 em apenas 5 minutos. Guardem seus bens pessoais com zelo. Nota semanal: Devido aos conflitos, a Companhia Expresso’ s RIO estarã deixando de fazer viagens de volta ou ida ao Barra3.”

O Caçador olhou para o alto-falante, que emitia uma musiquinha irritante dos anos 2030. De repente, o teto emitiu um flash de luz vermelha e entãõ a iluminação voltou ao normal. O Caçador conhecia aquele flash. Era o scanner que detectava foragidos. Nãõ funcionaria com o caçador de qualquer forma, ele estava camuflado como um homem de trinta anos, inocente e aleatõrio. Detestava usar a roupa de camuflagem por DNA, deixava tudo fácil demais, mas naquele caso nãõ tinha outro jeito.

“ Aten çãõ passageiros, viagem autorizada” , a voz do maquinista soou nos alto-falantes. O Caçador olhou para a enorme janela da estaçãõ. Era o andar 32 do Barra3. O que antes foi um dos cinco mega-edifícios mais importantes da cidade agora estava praticamente caindo aos pedaços.

Explosões, rachaduras nas paredes, tiroteios em todo canto. Alguns diziam que o prédio ia desmoronar a qualquer momento, mas Jim achava isso tolice. Já vira coisas muito mais frágeis passarem por diversas explosões e continuarem inteiras. Incluindo ele próprio. O trem logo partiu pelos trilhos suspensos de aço e metal, de onde se podia ver toda a cidade. Os enormes edifícios, montanhas, água imunda afogando as antigas ruas, a poluição no céu; um cenário que era lindo de tãõ horrível.

Olhou para o alto das montanhas. Entre a fumaça estava o que um dia fora o Cristo Redentor, que agora era apenas um monumento acidentalmente destruído durante a Guerra Civil.

///26/11/2054

Era uma escura madrugada. Gabriel estava indo para o Centro1 em um barco a remo. Apenas as luzes dos mega-edifícios iluminavam as águas cariocas. Depois de virar em mais um canal que havia sido uma rua, Gabriel avistou seu destino, imponente e com o título de maior mega-edifício do Rio desde 2029. Seu plano era simples: entrar na garagem de barcos, subir até os andares restritos no elevador de serviço e achar o Controle de Câmeras Municipal. Um plano extremamente fácil de imaginar e horripilantemente difícil de realizar. Gabriel respirou fundo, pensando que aquele passeio a remo dava uma sensação profunda de tranquilidade, por mais fedido que fosse. A água era suja e quente, e ele tinha que desviar dos telhados e antigos postes de luz o tempo todo. Desde a segunda metade do século XX sabia-se que a água ia subir de sete a vinte ou mais metros ou mais quando as calotas polares derretessem, mas, ninguém se importou. De repente, o bote parou, o passeio havia acabado.

Gabriel saiu do barco, afundando as botas na água poluída, e seguiu pelas pilhas de entulho, guiado pelas luzes dos prédios. Ao final da rua, o solo foi tomado por água novamente. Entrou em uma casa, coberta até a metade pela água, e andou no que parecia ser o andar superior. O local estava cheio de baratas e madeira podre, mas isso não impediu Gabriel de seguir andando, subir ao sótão por uma escada e pular no telhado de telhas velhas por um buraco feito pelo tempo. Entre todos os prédios no horizonte, a luz do Centro1 se ressaltava, cada vez mais perto. Para acomodar o prédio, a Praça XV havia sido transformada em um canal que ligava a garagem de barcos, cuja entrada era a antiga Catedral Nossa Senhora do Carmo. Ele respirou fundo e seguiu em frente.

///

— Onde caralhos você estava?! — perguntou em russo Mikael Saratov.

— Eu estava resolvendo uns probleminhas que não são da sua conta. Quero voltar pra Macau. Já faz uns três meses que estou no Brasil, e está todo mundo me caçando aqui. Até o FBI tá enchendo o saco. Não vai brincar com cacófatos? — Jim respondeu em russo, acomodando-se melhor na cadeira de plástico.

— Você é ousado, Jim. Não vamos te conceder o transporte ainda. Tenho mais dois objetivos no Sudeste brasileiro, e aí te permito voltar pra

Ásia. E não, estou irritado demais pra brincar com cacófatos — rosnou Saratov, enquanto tomava um copo de vodka.

— Diga, Mikael.

— Mate o Ribä. Depois darei o segundo.

— Espera, você quer que eu mate o líder da Ordem Vermelha no Brasil? Isso é interessante. Por quê?

— Sim, mate-o. O líder da Krasnyy Zakaz no Brasil, Fritzergald, morreu, você já sabe. Ele era sensato. Mas Ribä... Não tivemos paz e tempo para nomear um novo líder de verdade, então contratamos um mercenário e estrategista do Oriente Médio. Só que esta guerra absurda contra a PM está matando todos os nossos homens. Parece que Ribä quer continuar o mercado de água no Barra3, mas o maluco do Dan não vai deixar. Milhares estão morrendo, andares inteiros estão desmoronando. Desde o início do mês eu mandei ele cancelar as operações no mega-edifício, mas ele não quer. E temo que nenhum outro membro da Ordem além de você tenha coragem pra arrancá-lo do poder. E mais, metade dos nossos soldados no Brasil já foi perdida desde que Fritzergald caiu. As coisas não podem continuar nesse ritmo.

— Ribä estará morto em dois dias, Saratov. — O Caçador desligou o holograma.

Ele estava escondido em um contêiner abandonado nas docas do Centro1. Levantou, abriu uma pequena escotilha e saiu discretamente. Já eram nove da manhã, e ele precisava descobrir a localização dos túneis secretos usados pela Ordem Vermelha que ligavam o Brasil exterior ao Barra3 e os outros mega-edifícios. Certamente, seu alvo estaria lá. Ele sabia que existiam pelo menos cinco, dos quais dois já eram dominados pela PM. Havia duas formas de descobrir a localização: uma era ir até uma velha amiga informante e a outra era ir até o Centro Brasileiro de Estudos de Subsolo em Vitória, no antigo Espírito Santo, que foi contratado para fazer o mapeamento dos túneis que serviriam de metrô do Barra3, mas que nunca foram realmente transformados em metrôs.

///

Um soldado do BOPE estava andando por um corredor, com pistola no coldre e um copo de café vazio na mão. O lugar era todo branco e cinza, e cheio de estandartes do Brasil, do Ditador e da Polícia Militar e Exército, mas não havia nenhum outro policial. O soldado encheu seu copo numa

máquina de café sobre uma mesa encostada na parede e seguiu pelo corredor até chegar em um outro cômodo, uma sala escura, com dois robôs sentados em cadeiras vigiando uma enorme tela cheia de câmeras e uma mesa cheia de teclas e botões. O guarda se sentou numa cadeira no canto da sala e leu pela quadragésima terceira vez o formulário de regras das câmeras pendurado na parede, enquanto bebia o café.

— Alerta, alerta! — gritou um robô desde sua cadeira. O guarda olhou para ele. Tinha ordens de chamar o técnico se houvesse problemas.

— O que houve?

— Suspeito na câmera — informou o robô, apontando pra uma das câmeras na enorme tela. Uma pessoa com casaca preta e capuz corria pelos corredores. O guarda verificou as filmagens. Constatou que a pessoa havia pulado a janela e parecia que estava seguindo o corredor de caminho do Controle de Câmeras Municipal. O guarda checkou as gravações externas, esta pessoa havia escalado até o andar por um guindaste abandonado no porto e nocauteado dois guardas. Imediatamente, o soldado pegou o telefone e ligou pra outro ponto de vigia de câmeras.

— Vocês não viram?! Tem um maluco invadindo!

Não houve resposta. Tentou ligar para a delegacia, também sem sucesso. Provavelmente, o sinal telefônico havia sido desativado pelo invasor ou algo parecido. O soldado jogou o copo no chão, carregou sua arma, e partiu em disparada para o Centro de Controle, acompanhado pelos robôs.

///05/09/2054

Águia estava assustado. Agora fazia parte da resistência contra a ditadura. Sabia que a maioria das revoltas não davam certo, mas precisava tentar pelo menos. Ele estava sentado em sua cama, no dormitório do lugar. O quilombo era bem maior do que imaginava, tinha um refeitório, um arsenal, uma sala com computadores holográficos e uma “sala de confraternização”, com uma árvore no meio. Ao que parecia, nenhum governo havia conseguido descobrir o lugar. Na árvore havia registros, recortes de jornal e fotocapturas de manchetes de sites de notícias, relatando todas as ações do grupo, desde a criação e participação em revoltas contra a Coroa Portuguesa até os “atentados terroristas” na prefeitura de Belo Horizonte em 2049. Era um grupo revolucionário que vivera escondido lutando contra governos opressores ou gangues durante séculos. Mesmo quando o Brasil vivia épocas de república, a resistência continuava ativa, caçando políticos corruptos e personalidades racistas.

— Então, você é o novato? — perguntou um homem negro, entrando no pequeno quarto do professor.

— É, parece que sim — respondeu Águia.

— Eu fui escalado pra ser o seu novo parceiro. Meu nome é Gabriel. Sem sobrenome.

— Prazer. João Águia.

— Então... você sabe atirar?

— Na verdade não...

— Vem comigo, eu te ensino.

///

Em uma parede da Sala de Confraternização havia portas. Uma levava para uma saída, que segundo os rebeldes, ficava detrás da igreja. A outra, Águia não sabia.

— Gabriel, o que é que tem nessa porta? — perguntou Águia.

— Bom, digamos que você será treinado lá. Mas não é um treinamento comum. Como você sabe, este local já foi ocupado por várias resistências ao longo dos anos. Primeiro, contra os portugueses, depois, contra a Regência, em seguida, contra donos de escravos, e então, contra cangaceiros, integralistas e separatistas. Lutamos com Vargas e enfrentamos a Ditadura Militar. Depois de 1989, focamos nossos esforços em latifundiários, milicianos, quadrilhas e tal. Acho que em 2014 paramos de

novo, mas a antiga chefe, a mãe de Laira, reativou o lugar durante a Guerra Civil. Laira agora é nossa líder.

Gabriel abriu a porta. Era uma sala escura e oval. Águia entrou.

— O que diabos é isto?

— É nosso modo de treinar. Chamamos de STA. O porquê eu não sei. Sabemos que foi construído pela CIA em 1970 e alguma coisa, eu acho. — Gabriel deu a seu companheiro uma pistola. — Você vai precisar.

— O quê?!

Antes que ele pudesse perceber, Gabriel fechou a porta, e o chão começou a girar. Luzes se acenderam.

— Bem-vindo. Estamos te escaneando — disse uma voz robótica em inglês. — O seu treinamento começará em dez segundos.

Águia respirou fundo, olhando a arma pesada em sua mão. De repente, o chão se abriu, e ele caiu sob um túnel escuro, descendo cada vez mais. A temperatura aumentava gradativamente. Águia foi lançado para o lado, parecia que estava percorrendo milhares de quilômetros em segundos. Então, se deu conta de que estava envolto em uma cápsula de vidro. Não sabia quando havia entrado naquilo, mas estava lá. A cápsula tinha rodas que deslizavam sobre trilhos no túnel, como se fosse uma montanha-russa. De repente, uma janela se abriu. Armas começaram a atirar, balas vinham de todos os lados. Águia sentiu o chão. Alvos saiam do chão e das paredes, ele estendeu seu braço e começou a atirar. No início não acertava nada, mas, depois, começou a acertar algo. Sentiu uma pequena e inofensiva bala de plástico o acertando e então as luzes se acenderam. Estava deitado na sala oval, com a pistola ainda na mão e balas plásticas para todo lado.

— O que diabos?

— Simulação terminada. Próximo treinamento em dez segundos — avisou o computador.

///26/11/2054

Gabriel olhou para o teclado e a imensa tela à sua frente.

— *Bem-vindo ao Controle de Câmeras Municipal. Identifique-se.*

Gabriel tentou se lembrar de alguma senha que ele vira em Minas Gerais, mas não lembrava de nada.

— Mãos na cabeça — disse o soldado do BOPE, atrás dele, apontando para a nuca do rebelde.

— Não quero te matar — devolveu Gabriel.

— Você não...

O policial foi interrompido quando dardos saíram da prótese de braço Gabriel e acertaram o pescoço dele, em seguida caindo no chão. Gabriel se abaixou e pegou um pano do bolso.

— Dentro disso, tem um pó que vai te salvar de morrer envenenado com os dardos. Tudo que você tem que fazer é me dizer a senha.

— Seu filho da puta!

— Essa é a senha? Vamos, você não quer morrer, quer? — Gabriel usou um tom convincente.

— Caveira8459 — soltou o guarda.

Imediatamente, a tela começou a exibir um buscador.

— *Digite o prédio, corredor, numeração e apartamento da câmera e microfone que procura.*

Gabriel foi até o teclado e começou a digitar, quando o soldado, ainda no chão, o interrompeu.

— Você vai me dar esse antídoto ou não?!

— Não tem antídoto nenhum. Nem veneno.

— Traíra de merda! Vai se foder!

O policial se levantou em um movimento rápido e tentou pegar a arma no coldre. Gabriel foi até ele e começou a empurrar o dardo mais profundamente no seu pescoço. que revidou com um soco na barriga do revolucionário. Depois de alguns golpes, Gabriel foi jogado contra a tela, que rachou e balançou.

— Foi ser espertinho, agora vai virar comida do capeta — esbravejou o policial, com sangue escorrendo dos furos no seu pescoço. Gabriel começou a rastejar, tentando fugir.

— Tá fugindo de quê?! — O soldado estava furioso.

— Adeus — disse Gabriel, ainda no chão.

A imensa tela caiu sobre o policial, eletrocutando o homem, que já urrava de dor. O rebelde se levantou, saiu da sala e vasculhou o corredor. Dois robôs estavam apontando armas a laser. Não havia lugar para fugir além da sala de câmeras, que também não possuía saídas. Gabriel estava encurralado. Ele levou as mãos ao rosto, esperando os tiros. Esperou, esperou e se virou para os robôs.

— O que estão esperando? — perguntou, confuso.

— O chefe mandar atirar. — responderam os dois, em uníssono, com suas vozes eletrônicas.

— Ah... tá... — balbuciou Gabriel, indo embora.

///27/11/2054

O Caçador abriu a porta e entrou. Ele usava um terno e levava apenas um revólver desta vez, escondido debaixo do paletó. Passou por duas senhoras conversando em uma mesa cheia de livros e copos de café.

— Você viu que destruíram o Controle de Câmeras Municipal? — disse uma delas.

— Vi, minha Nossa Senhora, essa Ordem Vermelha tá sem limites — respondeu a outra.

Jim passou direto, indo até o balcão da biblioteca.

— Sr. Wild, está sumido — comentou a bibliotecária.

— É, são tempos difíceis. Não vejo a hora de voltar pra Ásia... Queria ter passado aqui antes — respondeu o Caçador, falando em sueco e olhando a parede cheia de rachaduras. — Como vocês ainda aguentam ficar nesse prédio? Ele pode desmoronar do jeito que está.

— Muitos estão indo embora. Eu só não vou por causa desta biblioteca. Passei vinte anos coletando livros em leilões, sebos e mandando mercenários, incluindo você, a lugares devastados buscar livros. E você sabe bem que não vou abrir mão disso, aconteça o que acontecer. E, sinceramente, duvido que o Barra3 caia ou algo do tipo — comentou Sueca, em sueco, sorrindo.

— Então, velha amiga, preciso de ajuda. Informação.

Ela o encarou.

— Neste ano, eu levei alguns tiros na barriga por dar informações. É melhor me dar um bom motivo pra eu te ajudar, Jim.

— Por mim? Pelos velhos tempos?

— Humm... talvez. Posso abrir uma exceção. Mas, antes eu tenho um compromisso. Só espera até amanhã, ok? Quando eu terminar, eu te aviso pela internet e nós conversamos.

— Seja rápida, por favor.

///

Gabriel entrou na biblioteca e foi até o balcão.

— Já destruí o Controle — sussurrou ele.

— Eu percebi. As câmeras se desconectaram do meu computador — respondeu Sueca.

— E então? — Gabriel estava impaciente.

— Vá até a terceira seção, poesia britânica, lá tem uma porta. Entre. — Ela passou-lhe uma chave.

///

Havia uma enorme tela, um teclado e um controle de voz. Gabriel digitou: “Base Roquefort”. Em poucos instantes, dezenas, talvez centenas de informações começaram a aparecer na tela.

— Não é assim que funciona. Vai ler por anos e perderá tempo valioso. Tempo que pode usar pra resgatar nosso amigo em comum — disse Sueca, entrando atrás dele. Ela caminhou até a tela e começou a digitar. — Você quer se infiltrar lá e salvar seus amigos, não é?

— Isso.

Sueca passou um tempo digitando.

— Encontrei algo interessante. Um funcionário de limpeza de Roquefort está tirando férias com sua família no Barra3. Deixe-me ver... Está no hotel do andar 32. Você vai ter que ir na escada, sabe como é, derrubaram o elevador.

— Qual quarto?

— Parece ser o 12, mas não tenho certeza. Agora vai lá, rápido. Depois vai pra Roquefort, não se preocupa com sua parte do acordo agora não.

Ele saiu imediatamente. Sueca já estava desligando o computador quando ouviu uma voz familiar.

— Lutando contra o governo, Alva? Interessante... — disse o Caçador, entrando na sala.

— Você não tinha ido embora, seu safado? — disse ela, com um tom meio irritado.

Ele riu.

— Não sei... Bom, preciso de informação. E não quero ir até Vitória.

— Mesmo assim, não será grátis. Você vai me fazer um favor. — Ela o encarou.

— E o que seria esse favor?

— Andei pensando... Depois que terminar seja lá o que você está fazendo, quero que tire meus livros desse prédio. Eu estou planejando a compra de uma nova biblioteca, longe daqui. Tem lugares na França, Itália e Escandinávia que não estão tão radioativos, então... Mesmo se o prédio não cair, agora é perigoso guardar livros aqui.

— O que você quiser. Agora, onde estão os túneis da Ordem Vermelha? Onde estão os acessos?

///

Gabriel entrou correndo no hotel e foi até o balcão.

— Boa tarde, senhor. Deseja fazer uma reserva ou um check-in? — disse o balconista.

— Eu... — Gabriel se lembrou que não tinha pensado em nada. — Eu quero o quarto 12.

— Ele está ocupado. Se quiser posso te vender uma estadia no 16 ou no 25.

Gabriel saiu dali, ignorando o balconista e correu até a entrada do corredor dos quartos.

— Segurança! — gritou o balconista, apertando o botão de alarme.

O rebelde correu o mais rápido que pode, até chegar à porta número 12, e pegou seu revólver.

— Abra a porta! — gritou.

— Quem é? — disse uma voz cansada.

Gabriel mirou e atirou na fechadura, a porta se abriu instantaneamente. Ele entrou, apontando pro velho zelador, e empurrou um armário para bloquear a porta, onde alguns seguranças já estavam batendo.

— Eu quero seu cartão de acesso, da Base Roquefort, rápido!

O velho correu até um criado-mudo e começou a abrir várias gavetas, até pegar o cartão.

— Aqui está, agora vá embora, por favor!

Gabriel abriu a janela, passou para o outro lado e começou a andar pelo parapeito, tentando chegar em outra janela, até alcançar um vão perigoso. A visão era assustadora, e o ar estava bem poluído no dia, o que o fez tossir e quase se soltar. Olhou pra cima, havia uma janela aberta. Saltou, agarrou-se no parapeito, e conseguiu entrar por ela. Era um apartamento comum e estava vazio. Ele deu um tiro na fechadura da porta e saiu em disparada, passando por pessoas assustadas e carros-de-corredor.

—Parado aí! Solte a arma!—gritou um policial na multidão.

Sirenes começaram a soar, pessoas gritavam e corriam. Gabriel tomou a direção da saída de emergência. Havia uma caçamba de lixo e escadas, ele se jogou na grande lixeira e prendeu a respiração.

Poucos segundos depois, três policiais entraram.

— Cadê ele?!

— Ele fugiu pelas escadas. Eu subo, vocês descem!

Gabriel soltou a respiração, esperou um pouco e saiu do lixo. Voltou ao corredor, misturando-se à multidão e desaparecendo.

///

Gabriel deitou no chão do heliporto do Barra3. Queria descansar e, como nenhum helicóptero ousaria se aproximar do mega-edifício no meio daquela bagunça, aquele era o lugar sem vigilância mais seguro. Deitou-se ao lado da mala de objetos roubados da polícia. Não dormia bem fazia dias, tinha que salvar a resistência, e estava muito cansado. O sono chegou, ele apagou.

///28/11/2054

Omar Ribã era um árabe mercenário contratado pela Ordem Vermelha. Sim, ele tinha (supostamente) matado cem policiais em um dia quando tentaram prendê-lo só com um revólver descarregado. Sim, ele era o líder na Ordem Vermelha do Brasil. Sim, era filho de um barão do petróleo árabe bilionário. Sim, fora treinado em estratégia com seis exércitos diferentes. Sim, o cara era foda. Mas isso não era nada para Jim Wild.

O mercenário estava sentado em uma cadeira de uma instalação dentro dos túneis, ignorando a guerra ao redor e saboreando um quibe. O Caçador olhava tudo no seu disfarce de garçom. Não tinha sido difícil se infiltrar no local, enfiar uma faca na nuca do garçom verdadeiro e vestir sua roupa. Levava uma pistola debaixo da calça, carregada e pronta pra atirar. De repente, a escuta na boina vermelha em sua cabeça começou a falar. Ele pensou que era algum aviso de alguém da Ordem, mas escutou uma voz familiar.

— Caçador, não mate ele.

Jim quase caiu para trás. Quem estava falando era Dan. Ele caminhou devagar até a cozinha, onde o cozinheiro já estava no chão cheio de facadas, e começou a sussurrar.

— Dan, o que diabos?!

— Esse prédio é meu, Wild. Eu sou um Deus aqui. Eu sei de tudo. E sei que você está prestes a matar Ribã — explicou Dan.

— Eu não quero saber como você me alcançou, Nunes. Eu não me importo também. Mas diga-me, por que quer que ele sobreviva?

— Não mate-o e ganhará tudo que quiser, porque eu lhe darei. Até anistia ou dinheiro.

— Sinto muito, Dan. Eu não confio em você e quero mais que você se foda.

O Caçador arrancou a escuta do seu chapéu e colocou no cano do revólver.

///

Dan estava sentado em uma sala cheia de computadores da polícia. Tinha hackeado as comunicações da Ordem, e estava tentando convencer Jim a deixar o Ribã vivo. Mas fazia alguns segundos não conseguia escutar nada. De repente, escutou o que pareciam ser passos e depois, nada. Colocou a escuta no som mais alto possível, encostando o ouvido na caixa

de som e esperou... O som de um tiro. Dan tirou a escuta enquanto soltava um grito de dor.

///

Jim voltou, olhando fixamente para as costas Ribä, que ainda comia o mesmo quibe. Ergueu sua pistola e atirou.

///

Jim acendeu seu holograma. Estava sentado a uma escrivaninha de um escritório abandonado do Barra3.

— Ribä está morto — anunciou.

— Agora eu finalmente poderei retirar os meus homens do Barra3, presumo — concluiu Saratov, claramente feliz.

— Tanto faz. Qual é o próximo alvo? — perguntou Jim.

— É um... — a transmissão foi subitamente interrompida. Saratov desapareceu, e uma voz cheia de chiados e falhas de comunicação começou a falar.

— Você não obedeceu o que minha filha quis, Caçador. — Era Dan. A imagem 3D do síndico apareceu, com muitas falhas, no holograma.

— Vai me encher o saco agora, síndicozinho de merda? — bufou Wild.

— Você criou seu próprio jogo, Wild. Questionou o síndico.— Dan riu, de leve.

— Eu não sigo ordens de ninguém. Nem mesmo do meu chefe. E muito menos de você.

— Mas deveria ter seguido.

— O que você quer, Dan? Você não quer tanto matar os traficantes? Por que queria Ribä vivo?! — perguntou o Caçador, irritado.

Dan riu.

— Você não estará vivo para entender. A primeira divisão do BOPE chegou. E eles estão indo aí fazer uma visitinha.

O Caçador jogou sua máquina holográfica no chão, pisou nela, destruindo-a, e pegou o revólver.

— Não é hoje que eu vou morrer, Dan.

Ele seguiu em direção à saída de emergência e correu para subir as escadas. Se quisesse ver seu chefe de novo deveria abandonar o Barra3, ou o síndico o encheria o saco. Ouviu um barulho, sirenes policiais, a porta de emergência do andar de cima se abriu. E a porta de emergência do andar de baixo também.

— Os sensores térmicos apontam que o mau elemento está nesta escada. — Ouviu um policial dizer.

///

Era manhã. Gabriel acordou com o barulho de um helicóptero pousando. Se assustou, era um helicóptero altamente blindado do BOPE. Levantou-se, pegou a mala e se escondeu atrás de um carro-de-corredor que parecia abandonado. Soldados do BOPE começaram a descer carregando equipamentos de guerra, junto com dois autoblindados e um grande tanque de guerra de modelo asiático.

Como aquilo sequer caberia nos corredores? Um soldado com armadura ainda maior que os outros, quepe e comunicador embutido no capacete e que tinha uma enorme faixa amarela ao redor da armadura começou a dar ordens. Gabriel saiu sem ser visto e correu para escadas da saída de emergência.

///

— Os sensores térmicos apontam que o mau elemento está nesta escada — avisou um policial militar de elite. Nesse exato momento, Gabriel desceu correndo com a grande mala na mão e deu de cara com quatro PMs de elite.

— O que houve cidadão, porque está correndo na escada de emergência? — questionou um deles.

— Eu... eu...

Gabriel foi interrompido.

— O sensor térmico o detectou como um criminoso! O meu visor diz que é rebelde, um dos capelães de BH!

Os policiais sacaram suas armas, o rebelde voltou a subir correndo, perseguido pelos agentes da lei. O Caçador passou por detrás dos PMs distraídos e entrou de volta em um dos corredores.

///

Gabriel entrou num corredor comum de um andar de classe média, com vários apartamentos, carros-de-corredor, um guarda ou outro e algumas lixeiras e mesas, além das pessoas. Não parou para pensar, apenas correu, empurrando quem quer que bloqueasse sua passagem. Os policiais o seguiram. Um chegou a atirar, mas errou.

Gabriel dobrou a esquina, onde havia um pequeno carro de limpeza. Ele sacou o revólver e apontou, o motorista saiu rapidamente. Quando os policiais viraram a esquina, foram surpreendidos por dezenas de disparos da

submetralhadora de Gabriel, que estava em cima do carro acelerando na direção deles. A mala de equipamentos furtados estava no chão, escancarada. Um oficial caiu ferido, os outros ou se protegeram ou se jogaram ao chão, atirando de volta. A prótese de Gabriel foi atravessada por duas balas, e outra passou por seu ombro de raspão. O rebelde urrou de dor e perdeu o controle do carro, que capotou atropelando uma pessoa que fugia do caos e o policial ferido que caíra no chão. Ele se levantou, agarrou o oficial como escudo, e foi se distanciando do acidente.

— Cessem fogo ou atiro!

O cano de sua arma estava na cabeça do ferido. Os três PMs de pé apontaram seus fuzis e abriram fogo sem piedade. O policial-escudo caiu morto no chão, e Gabriel correu entre as pessoas desesperadas, sem perder tempo. Tinha levado algumas balas e estava muito dolorido. Já tinha sido baleado diversas vezes, mas a resistência na Capela dos Escravos sempre podia ajudar e curar suas feridas. Dessa vez não havia Capela. Procurou pela metralhadora na sua roupa, tinha deixado cair na fuga. Então, ergueu o revólver, ainda correndo. Chegou em uma esquina e virou em outro corredor, também tumultuado por pessoas em pânico. A polícia estava na sua cola. Seu ombro, braço e barriga estavam doendo. Ouviu o som de tiros. Só havia uma saída. Pegou sua única granada, tirou o pino e jogou no chão.

Em seguida, correu para uma janela aberta e saltou. Os PMs chegaram.

— Cadê o veado?! — gritou um deles, vasculhando a área, nervoso.

— Eu a... — um outro ia responder, quando ouviram um estouro.

Todos ao redor foram lançados ao ar e destroçados em vários pedaços. Pendurado pelas mãos no parapeito da janela, do lado de fora, Gabriel aproveitou para pular de volta. Em seguida, escapou no meio da multidão em pânico. Se sentia mal por ter explodido vários inocentes, mas não tinha tido escolha. Havia chegado o momento de fugir do Barra3.

///

Sentado a uma mesa em um restaurante no corredor, Gabriel olhou o cartão que conseguira obter. Já tinha livre acesso para a Base Roquefort. Poderia se infiltrar e libertar Águia e qualquer outro rebelde que estivesse preso. Olhou ao redor, o corredor tinha rachaduras, luzes queimadas e buracos de bala. O síndico só poderia estar louco para seguir com aquela

guerra sem sentido. Mas, isso não tinha importância. Agora era hora de fugir daquele lugar infernal.

Ele poderia usar um barco, um helicóptero ou alguma outra coisa. Isso, um helicóptero! O BOPE estava ali de qualquer forma. Pagou o café que estava tomando e partiu em direção às escadas. Sua mala, submetralhadora e um de seus dois revólveres já eram, ou seja, ele precisaria entrar no veículo aéreo escondido.

///

Havia fumaça para todos os lados. Os traficantes de água estavam perdendo milhões de reais e seu maior ponto de venda do Rio. Apesar disso, a maioria dos bandidos não entendia por que tanto sacrifício, se era mais fácil simplesmente sair do prédio e recomeçar em outro lugar, longe de Dan. Por outro lado, todo o Rio, e principalmente o Barra3, tinha um histórico de policiais fracos e forçados a trabalhar por um tempo determinado após terem sido escolhidos no serviço militar obrigatório.

PMs também não ganhavam muito bem, sendo facilmente corruptíveis. E o pior, os policiais que reclamavam das condições de trabalho desapareciam ou eram presos em poucos dias. O conflito entre a polícia e o tráfico parecia não ter fim. Crimes estava sentado no banco de trás de um autoblindado, refletindo sobre tudo aquilo, quando o comunicador holográfico tocou, mostrando a imagem do síndico do Barra3.

— Comissário Crimes, está aí?

— Sim, senhor.

— A primeira divisão do BOPE chegou. A ordem é: Fique atento no que vou falar, comissário.

— Estou escutando.

— Atirar em todos os que não sejam policiais do andar 3 ao 14 — disse o síndico.

Crimes ficou boquiaberto.

— Desculpe-me, mas é sério isso?! Você surtou?! — Crimes estava quase gaguejando.

— Obedeça. Não me faça questionar sua lealdade. — Dan estava firme na decisão.

— Sim, senhor. — Crimes desligou o holograma, suando frio. Em seguida, pegou o microfone: — Senhores, atirem em todos os que não forem policiais, do andar 3 ao 14. Isto é uma ordem expressa do síndico, e

quem desobedecer será fuzilado. — Ele desligou e ficou admirando o nada. Aquilo foi extremamente chocante e bizarro. Olhou seu relógio, 16:00.

///

Jim Wild chegou na estação de trem-suspensão entre prédios do andar 13. Era o mais barato e menos seguro, e só fazia viagens de ida. Apesar do andar 13 inteiro estar caindo aos pedaços, a estação continuava surpreendentemente de pé. Jim deixaria o Barra3 e retomaria suas comunicações com seu chefe. Assim, poderia finalmente voltar para Macau. Atravessou um largo corredor e olhou a bilheteria. De acordo com uma placa presa na cabine, estava fechada devido a lei de proibição de saída e entrada imposta por Keller ao Barra3. Tinha que haver um jeito de sair. Ele poderia saltar as catracas. Não parecia haver nenhum policial no local, apesar da multidão de civis. Ele corria em direção à catraca, quando escutou:

— Ei, você aí, pra quê tá correndo? — Dois PMs de elite saíram de dentro da bilheteria. — O transporte tá fechado.

— Eu estava indo... pegar uma moeda minha que escorregou do meu bolso — respondeu o Caçador, tentando não ser identificado pelos PMs.

— Não. Circulando — ordenou um deles.

De repente, uma igreja interna do andar começou a soar as badaladas. Um dos policiais pegou seu comunicador holográfico, que estava tocando, e pareceu falar com um superior. Jim notou que o oficial muito provavelmente estava recebendo ordens. O Caçador não havia ido embora ainda, e estava com receio de que alguma câmera o tivesse visto e seus operadores estivessem avisando o policial.

Mas, aconteceu algo pior. Completaram-se 16 badaladas. Os PMs começaram a cochichar. Um estendeu sua mão até o coldre da submetralhadora. O Caçador fez o mesmo com a pistola debaixo de seu moletom, prevendo um tiroteio. De repente, um som de metralhadora foi ouvido no andar. Gritos e mais gritos, multidões correndo. Sem poder evitar, Jim se virou na direção do tumulto, distraído-se, quando ouviu o *tlinc-tlinc* de uma arma muito próxima sendo destravada. Então, se lançou ao ar à esquerda, sacando sua pistola e atirando, enquanto as balas do PM

tentavam inutilmente alcançá-lo. Ele bateu com o ombro no chão, e os dois cadáveres dos policiais caíram do seu lado.

Ao se levantar, Jim assistiu a uma cena de autêntico caos: tiros de PMs cortando o ar, gente correndo para todos os lados e gás lacrimogêneo se espalhando rapidamente. Ele pegou o capacete com máscara de gás de um dos PMs abatidos. Dezenas de pessoas estavam pulando as catracas da estação do trem-suspense. A força policial tentava impedir a ação atirando. Ele seguiu na mesma direção, apontando seu revólver e atirando aleatoriamente. Assim, a polícia não desconfiaria que ele não era um policial. Pulou uma catraca, quando sentiu uma dor nas costas. Olhou para trás, havia um civil enfiando uma faca nele.

— Você acertou uma parte não vital, inútil — disse o Caçador, ignorando a dor.

O atacante não teve tempo de ouvir, outro PM o fuzilou com uma AK-2047. Jim acelerou o passo, atirando em qualquer direção, quando avistou os trilhos suspensos e um trem inativo. Havia dezenas de pessoas forçando a entrada, empurrando umas às outras, quebrando portas e janelas. Outros tentavam correr pelos trilhos, mas a maioria caía ou era alvejada.

Então, sua munição acabou e Jim dispensou a arma.

— Por que parou de atirar? Está questionando ordens?! — esbravejou um PM de elite atrás dele.

— Já me deu bom dia hoje? — O Caçador saltou no policial, que não teve reação, e o derrubou no chão. Em seguida roubou-lhe a submetralhadora, o comunicador e a pistola, e se levantou rapidamente.

— Quem é você, filho da puta?! Acha que vai me ganhar me derrubando no ch...

Uma multidão de pessoas passou por cima dele, esmagando-o vivo. Jim analisou o comunicador. Era o equipamento de PM de elite, isso significava ele podia chamar o carro-de-corredor da polícia mais próximo pelo modo remoto. Imediatamente, ativou um veículo que estava no corredor à esquerda, que veio em velocidade máxima, atropelando quem estivesse no caminho. Um barulho ensurdecador. A população desesperada tinha superlotado o trem, que estava descarrilhando lentamente. Era algo tão ensurdecador e assustador que os policiais pararam de atirar momentaneamente.

De repente, o Caçador sentiu uma dor terrível na perna, pior do que a que já estava sentindo, e caiu. Havia uma faca cravada nela.

— Achou que ia ganhar, né, esperto?! — Era o PM de elite, assustadoramente vivo. Seu capacete estava totalmente desfigurado, o visor de proteção haviam quebrado, um de seus olhos fora perfurado e vários dentes estavam destruídos ou pendurados.

O Caçador caiu no chão, sangrando, e o policial começou a chutá-lo e a pisá-lo. Então, sirenes. O carro que ele havia chamado. O policial foi atropelado e lançado aos ares, jorrando sangue. Jim se arrastou até o veículo, abriu a porta e entrou. O carro estava coberto de sangue e tripas, sabe-se lá quantas pessoas havia atropelado no caminho. Uma multidão começou a tentar quebrar os vidros, balas atravessaram as janelas. Jim se ajeitou no banco, sangrando, sua perna estava muito dolorida. Ele se esforçou, pisou no acelerador e seguiu em direção aos trilhos, passando por cima de quem estivesse no caminho. Destruiu as catracas e passou na frente do trem. As rodas do carro se encaixaram perfeitamente nos trilhos, e ele acelerou, deixando aquele caos do Barra3. Jim acelerava enquanto aos poucos perdia os sentidos...

///

O Caçador abriu os olhos, um barulho ensurdecedor. Ele estava no carro, o cinto o havia segurado, avistou um trem, a traseira do carro destróçada. Estava semiacordado, não entendia muito bem o que estava acontecendo. Estava voando. O carro voando. Divisou prédios, trilhos suspensos. O trem que havia lançado seu carro para o alto. Estava sobrevoando a cidade. Sob nuvens de poluição, avistou o Corcovado, destruído na guerra civil, além de diversos edifícios e montanhas. Apreciou a vista por alguns instantes e então a loucura recomeçou. Jim estava caindo a uma velocidade incrível.

Ele já havia passado por situações parecidas. Soltou o cinto rapidamente e se lançou pela janela destruída. Estava sendo socado com toda força pelo ar e puxado com toda força pela gravidade. Ia cair em uma antiga rua alagada. Preparou uma posição de mergulho, que talvez o salvasse, e fechou os olhos. Em segundos, ouviu seu carro bater em algum prédio e explodir, e depois água voar para todos os lados. Abriu os olhos, tinha sobrevivido. Nadou para o segundo andar de alguma casa que havia sobrevivido aos vários metros de inundação. Só então se lembrou de sua

hemorragia na perna. Rapidamente tirou o paletó e colocou ao redor da ferida, evitando que mais sangue fosse derramado.

///

As hélices começaram a rodar, o helicóptero começou a subir. O espaço era enorme, parecia um avião de carga. Dentro, havia uma garagem cheia de tanques, artilharias e drones de combate. Um piloto bebia água de um pequeno cantil. Saindo do esconderijo atrás de um caixote, Gabriel pegou uma adaga e atacou o piloto. Água e sangue começaram a vazar pelo pescoço do homem. O copiloto se virou e rapidamente ergueu uma pistola, mas o invasor lançou a lâmina, que penetrou a testa e o cérebro do soldado. Gabriel se sentou, soltando o corpo no chão. Os pilotos já haviam ativado o voo automático para a Base Roquefort. Gabriel avaliou os defuntos. Seria uma viagem fedida.

///29/11/2054

A noite estava particularmente escura naquela madrugada. Não havia lua. Além disso, estava caindo um temporal terrível. Tudo isso dificultava bastante a dirigibilidade do helicóptero, que balançava muito, principalmente por estar no piloto automático. As nuvens que desapareciam revelaram as planícies secas do sertão baiano. Era o Nordeste. No vasto “nada” arenoso, luzes começaram a piscar. O helicóptero foi diminuindo velocidade e perdendo altitude. Uma voz surgiu no rádio:

— *Por favor, diga seu código de pouso.*

Gabriel olhou para os lados procurando algum papel em que houvesse qualquer informação, nada.

— *Eu repito, diga seu código de pouso.* — A voz do outro parecia mais impaciente.

Gabriel preparou rapidamente seu paraquedas.

— *Tempo esgotado. Você será abatido.*

O rádio apagou, e uma luz vermelha e cintilante saiu da torre de controle reformada em direção ao helicóptero. O motor desligou bruscamente, fumaça saiu das laterais e o alerta de pane apitou. Os corpos e objetos começaram a flutuar. Gabriel se soltou do cinto, estava caindo em alta velocidade. Ele se jogou pelo para-brisa, sem contar que fosse blindado. Sua testa bateu com toda a força no vidro e seu sangue se espalhou, um ferimento havia sido aberto.

“Colisão com a terra em 10... 9...”, o computador começou a falar, em meio aos sons de pane. Gabriel estendeu a mão e apertou o botão que soltava o para-brisa, adrenalina bloqueava sua dor.

“7... 6... 5...”

O vidro coberto de sangue se soltou e ele pôde sair. O paraquedas se abriu, enquanto o helicóptero caía e se despedaçava no chão, curiosamente sem explodir. Gabriel avistou a base do alto. Uma entrada superprotegida, torres de controle e observação. Atrás, dois prédios colossais e uma enorme redoma de vidro branco blindado. Provavelmente o maior hangar do BOPE. Um desses prédios era a prisão. O outro era a fábrica de armas. A Base

Roquefort, além de grande para cima, era grande para baixo, com inúmeras instalações subterrâneas.

///30/11/2054

Águia pegou a coxinha, sua refeição diária, quando não havia pães nojentos ou cenouras cruas disponíveis, e a lambeu. Estava pior do que a do dia anterior. Sua rotina se resumia a falar sozinho, desenhar nas paredes com o caldo quase inexistente da comida, fazer suas necessidades no bueiro e dormir no chão. Constantemente, ele se perguntava se isso tudo era melhor do que aceitar o sistema calado. Perguntava-se como os outros prisioneiros sobreviviam, pois ele já não aguentava. Os que estavam ali há vários anos deveriam ter enlouquecido há muito tempo.

Sentiu o aroma e o gosto, queria apreciar sua refeição lentamente. Então, deu uma, duas, três mordidas. Antes que pudesse pensar, a comida acabou. Depois de comer, foi até a porta de aço e espiou pelos cerca de dois milímetros que havia entre a porta e o chão. Gabriel não iria chegar nunca. Ele voltou e se sentou no canto da cela. De repente, a porta branca se abriu. Com uma roupa de zelador, Gabriel entrou.

— Sem tempo para explicações, professor. Vista esta roupa.

O “zelador” sacou uma roupa de zelador e uma máscara de gás e lançou-as para Águia. Ele se vestiu rapidamente e os dois saíram.

— Como é bom poder falar com alguém sem estar sendo interrogado — comentou Águia no corredor cheio de portas e câmeras. Ele mostrou suas mãos com unhas arrancadas para o amigo, que fez uma expressão de nojo.

— Precisamos voltar para a Capela. Com sorte os policiais não descobriram nossa localização interrogando alguém. Lá conversamos. Agora, vamos ser rápidos — alertou Gabriel.

— Não vamos procurar Laira e os outros? — perguntou Águia.

— A essa altura estão mortos e enterrados. Ou cremados. O foco tem que ser voltar pra Tiradentes, nos esconder por lá até as coisas acalmarem.

— Peraí, a resistência vai acabar?

Eles entraram no elevador do fim do corredor das celas.

— Não necessariamente. Se a PM ou mesmo o BOPE não tiver achado nosso QG principal, então não. — Ele suspirou, apertando um dos botões do elevador.

— E o que faremos agora?

— Vamos afanar um TT-25. E sair correndo.

— Você disse que vamos roubar um tanque?! — gritou Águia.

— E sair correndo.

///01/12/2054

O Caçador acordou em uma sala pequena e clara, deitado em uma maca. Havia médicos o examinando e um PM de elite na porta, empunhando uma escopeta. Um agente do FBI entrou e disse em inglês:

— Monitorei sua atividade cardíaca, mercenário. Você é nosso. A CIA vai se morder de inveja.

— Quê? — Ele falou em japonês, não estava pensando muito bem. Olhou para o lado, estava recebendo soro na veia. Obviamente, estava em um hospital.

— Você está preso por homicídio, participação em tráfico de água, furto, homicídio, extorsão, homicídio, assalto à mão armada, chantagem, homicídio, sequestro, tortura e... eu já falei homicídio? Acabou, Caçador. Temos provas de pelo menos 240 homicídios praticados por você nos EUA, nos territórios da OTAN e nos países sul-americanos subordinados à América. E esses são apenas os que sabemos. — O agente soltou uma risadinha.

— Qual é seu nome, americano? — perguntou o Caçador, em inglês.

— Eu não diria meu nome a você nem a pau! — O agente saiu da sala rindo.

— Não precisa dizer. Tá no seu crachá — murmurou o Caçador, em japonês.

///

Um médico entrou na sala, checkou os aparelhos e anunciou em tom alegre:

— Você está quase tendo alta! O seu sangue já está praticamente estável. Faltam apenas seis horas de recuperação, e aí eu dou o aval e você será levado aos EUA pelo FBI.

— Eu não deveria ser preso no Brasil? — perguntou Jim.

— Os papéis dizem para te entregar ao FBI. Agora, prepare-se para ser sedado uma última vez. Vou fazer uma última sutura na sua perna só pra ter certeza de que o movimento do avião não vai soltar os pontos. — O médico colocou um frasco de líquido junto ao soro.

— Eu tenho compromissos no Brasil. E onde estou? Ei, não! — Wild sentiu um fluido entrando em sua veia, e desmaiou.

///28/11/2054

— Fracasso! Isso foi um fracasso! — gritou Yago Chakz, o quase novo diretor da Polícia Investigativa do Sudeste, logo após analisar uma série de relatórios sobre o caso do Caçador. Keller olhou para ele, sentado do outro lado da sala. Desde que fora alvejado pelo Caçador, Keller estava muito mais frio e rude que o normal. Dois agentes do FBI também estavam na sala, encostados na parede.

— Armen era uma boa mulher, uma ótima soldado, Keller, e graças a você ela está morta! E vocês, ianques incompetentes, fugiram da PMzinha desse síndico idiota. — Ele jogou uma caneta na mesa com força.

— Acalme-se, Yago. Você não é diretor da Polícia Investigativa ainda, faltam alguns dias ainda, e se ficar estressadinho desse jeito nem policial mais vai ser — aconselhou Keller com uma voz fria.

— Nós o estamos investigando. Temos dados de que ele está em um escritório vazio do Barra3, operando lá desde ontem. Sabemos que, desde o desastre aéreo, Dan quer vingança, e colocou Wild como prioridade para ser morto pelo BOPE e pela PM de Elite. Ele ordenou uma emboscada no tal escritório — informou um dos agentes do FBI, em um português com forte sotaque estadunidense.

Keller se levantou de sua poltrona no canto da sala e foi embora, aborrecido e xingando em voz baixa. Yago olhou para agentes:

— Keller está muito chato, acho que os sentimentos dele foram embora junto com a pele. Vamos fazer um acordo. Eu autorizo vocês a levarem o Jim pros EUA quando vocês o capturarem, isso se vocês o capturarem. O governador vai ficar bravinho, e ele pagar uma grana em troca de ter o cara. Metade pra mim, metade pra vocês. O que acham?

Os agentes se entreolharam e assentiram.

— Ótimo. Trago os papéis amanhã — disse o futuro chefe da PI.

///30/11/2054

Um soldado do BOPE vigiava o galpão da Base Roquefort. Ele escutou passos e se virou para trás. Nada, e não parecia haver ninguém. O protocolo dizia para checar as câmeras a qualquer sinal de anormalidade, mas ele ignorou a instrução. Os andróides de vigilância da sala de câmeras já estariam em histeria coletiva caso vissem uma mera pedra se mexendo, certo? Nada com o que se preocupar.

De repente, escutou o estrondo da escotilha de um dos TT-25 se fechando, e se assustou. Se ele deixasse qualquer intruso escapar, seria executado. Agora, imagine um que fugisse com um tanque! O soldado correu desesperado até a origem do barulho e tentou abrir as escotilhas laterais, mas não conseguiu, o intruso as havia bloqueado. Foi aí que o soldado correu para sua mesa e soou o alarme. Os portões foram fechados, e soldados de outros setores da base vieram imediatamente. O soldado se virou novamente para o tanque, a tempo de ver os canhões duplos mirarem na sua cabeça. Ele recebeu uma saraivada de balas, e caiu morto no chão.

///

— E agora, o que faremos? — perguntou Águia, soltando comando das armas.

Gabriel ia responder algo planejado e cauteloso, mas ouviu os tiros do BOPE. Imediatamente, pisou fundo no acelerador e o TT-25 avançou violentamente e atravessou a parede de vidro blindado do galpão, com uma batida assustadoramente chocante. Os soldados chegaram correndo, mas o tanque já estava se afastando pela base.

— Segure-se, Águia. Vamos atravessar Roquefort inteira.

Gabriel acionou a velocidade máxima. Tudo o que estava pelo caminho foi atropelado. O professor só conseguiu fechar os olhos e apertar no gatilho da metralhadora, tentando ignorar que estava matando várias pessoas e quase se matando no processo. Tudo balançava e tremia. Gabriel sentia a adrenalina no sangue, e Águia sentia as calças se molharem cada vez mais. O professor escutou explosões, gritos e de repente o tanque estava rodopiando. Eles tinham trespassado uma gigante cerca elétrica e estavam caindo em um barranco. Os dois se seguraram firme nos assentos, até o tanque cair em terreno plano e estabilizar a posição. Então, Gabriel voltou a acelerar e fugir. Águia olhou para o campo. Ele acertara algo inflamável

com os disparos, pois as paredes da prisão estavam caindo e dezenas de prisioneiros estavam escapando ou simplesmente despencando. Os soldados atiravam em todos que viam, fugitivos ou não.

— Próxima parada... Tiradentes — anunciou Gabriel. O professor respirou fundo, enquanto o tanque desbravava as areias do sertão.

— Como você sabia tanto sobre a base? — perguntou Águia.

— Sueca. Ela me contou. Lá no Barra3.

— Ah, então ela está viva. Tinha quase certeza de que ela ia se safar. Eu meio que te mandei às cegas pra me salvar lá, estava desesperado. — Ele olhou de novo para Roquefort pelas câmeras do tanque, já a quilômetros deles. Havia muita fumaça subindo e os tiros e explosões podiam ser vistos mesmo com a distância.

— Eu faria o mesmo, professor. Mas ela disse pra eu fazer um serviço pra ela, e que quando ela decidir qual serviço é esse eu ficarei sabendo.

— Isso é coisa de vocês, não vou me meter... E como está o Barra3?

— Todo cheio de rachaduras, com PMs e o BOPE em todo lugar, lei marcial, quem estiver na rua leva bala, um mercenário assassinando gente por aí e a Ordem Vermelha querendo ver o circo pegar fogo.

— Meu Deus... Eu falei pra não votarem no Samuel...

— Descanse, professor. Subir a serra será exaustivo, e acho que vai ter muito PM nos procurando. E aliás, tem um chuveiro ali atrás. Vai lá. Faz quanto tempo que você não toma um banho, porra?

///01/12/2054

O Caçador acordou com o som de tiros. Alguém estava atirando pelo hospital, e ele estava sozinho no quarto. Não havia tempo para pensar, ele arrancou os tubos do seu corpo e levantou rapidamente. Tiros, muito parecidos com os de rifles de assalto norte-americanos. Ele avaliou a janela, muito alta e com grades. Teria de sair pela saída de emergência. Vasculhou o corredor. Vários pacientes saindo correndo de seus quartos. Gritos e mais gritos, até que ele identificou um em árabe. Jim já visitara o Oriente Médio diversas vezes. Ele já havia matado vários alvos importantes para organizações terroristas muçulmanas e antiterroristas, mas cansou do clima horroroso e foi pra outro lugar. Seu conhecimento mediano de árabe traduziu os gritos. “Onde está o Caçador?!” “Caçador, apareça!” “Revele-se, covarde!”

Ele sentiu o suor escorrendo em sua testa. Não tinha arma nenhuma, e nem sabia como estabelecer contato com Saratov de novo. Sentiu algo quente em seu pescoço. Não demorou pra identificar o entorno do boca do cano da velha e destrutiva AK-47, embora ela estivesse cheia de modificações.

— Caçador... afinal, encontramos. — disse um dos árabes em um inglês de analfabeto com retardo mental.

— O que querem? — grunhiu Jim.

— Você matar Omar Ribä. Família Ribä quer punição sua. — O Caçador olhou para o fim do corredor. Havia um elevador cuja porta abria-se naquele instante. — Ribäs querer cabeça de Jim Wild. — O homem completou. Um grupo de mercenários árabes uniformizados e blindados saiu do elevador, passando por cima dos cadáveres dos agentes do FBI.

///03/12/2054

“Boa noite. Sejam bem-vindos ao Jornal Federal. Alerta à população: Ontem à tarde, o Batalhão de Operações Especiais conseguiu acabar de vez com o incêndio terrorista que destruiu 23% da Base Roquefort. Cerca de 60 prisioneiros e terroristas perigosíssimos escaparam. Todo o Nordeste está em toque de recolher por pelo menos seis dias, até a situação ser controlada.”

Sueca desligou o rádio. Fazia dias que ela não recebia notícias de Gabriel ou Jim. E a base do edifício Barra3 estava em frangalhos. Ela afundou em sua cadeira do seu quarto, localizado literalmente em uma das sessões da biblioteca com plaquinha de “Somente Funcionários”. Como se houvesse algum além dela. Bom, já teve outro além dela, seu irmão, mas ela preferia não pensar nisso. Já era umas duas da manhã, mas ela não conseguia dormir. Foi até a cozinha e pegou um copo de café quente, lia um jornal pra passar o tempo.

Expurgo Começa Hoje — 02/12/2054

Após o acidente da Base Roquefort, o BOPE quer se precaver cada vez mais contra terroristas. O Diretor Estadual do BOPE do Nordeste se encontrará com o Diretor do Sudeste, devido a indícios indicarem que o ato fora protagonizado pela célula terrorista Resistência da Capela, grupo que incrivelmente protagoniza atos desses toda vez que alguma república falha e corrupta cai, algo típico de milícias anarquistas sem maturidade ou benevolência. Nunca antes um membro do grupo foi capturado vivo ou a localização da quadrilha localizada, mas nossos heroicos homens do governo mudaram isso. Se for provada a participação dessa gangue, então a culpa pela destruição cairá ao criminoso fugitivo da base João o Águia e outro “capelão” cujo nome oficial não é conhecido. Além disso, o BOPE e a PM anunciaram que qualquer suspeito de ser um “capelão” em Tiradentes ou em qualquer parte de Minas Gerais será executado. O expurgo de milicianos começa hoje.

Sueca quase cuspiu sua bebida. Ela precisava encontrar Águia e Gabriel antes do BOPE encontrar o esconderijo em Tiradentes. Ela se vestiu e saiu rapidamente do apartamento secreto na biblioteca.

///04/12/2054

O Caçador acordou. A dor da coronhada ainda tilintava em sua cabeça. Estava deitado sobre um saco de dormir, em um local muito escuro e amplo. Parecia em movimento. Ele se levantou, só havia caixas e um jipe velho. Nem janelas havia. Divisou algo parecido a uma porta. Se ele estivesse em um veículo poderia pular e fugir. Havia algumas trancas, que ele começou a forçar. Depois de muito esforço, conseguiu quebrar a última e abrir a porta. Ele levou uma rajada de vento na cara e saiu voando para fora do avião. Era um caça de cargas asiático bastante avançado. O Caçador sentiu que estava à beira da morte, quando parou de cair do nada. Ele estava preso pelo pé por uma corrente de aço ou titânio. Então, começou a escalar a corrente de volta para o avião. O principal era segurar a respiração o máximo possível, ou a pressão explodiria seus pulmões e ouvidos. O vento quase dilacerava sua cara. De repente, algum mecanismo de dentro do avião começou a fazer a corrente subir, e, em poucos instantes, ele já estava dentro do conforto e segurança do avião, cuja equipe fechou as portas novamente e ativou as trancas secundárias.

— Da próxima vez fique parado, animal. — Ouviu o piloto dizer pelas caixas de som.

///05/12/2054

Gabriel estava almoçando na mesa improvisada dentro do tanque. Eles tinham parado o veículo por alguns rápidos minutos para comer, e depois voltariam a andar.

— *Corpo estranho detectado* — anunciou o computador de bordo.

Águia correu para as câmeras, havia um homem, totalmente maltrapilho e fraco, andando em meio à areia. Ele parecia desidratado, à beira de morte. O professor apertou o botão para abrir a porta.

— Surtou, Águia?! Pode ser furada! — gritou seu companheiro.

— O radar não detectou nada. E ele está em um estado de quem vai morrer em segundos — argumentou Águia.

O homem “zumbi” se aproximou e entrou sem pedir licença

— Ó, Deus, obrigado! Muito obrigado! Por favor, água!

O homem se sentou em um banco, quase desmaiando. Tinha a roupa rasgada de um prisioneiro de Roquefort. Ele estava sem alguns dentes, os poucos cabelos eram completamente brancos, uma barba muito crescida e todo o corpo dele estava queimado pelo sol. Gabriel deu um dos quatro copos que eles ainda tinham armazenados para o velho, que bebeu o líquido em milissegundos.

— Você veio sozinho da base até aqui? — perguntou Águia.

— Sim... sim... não sei como aguentei este deserto sem vida... estou com fome... por favor, tem alguma coisa? Qualquer coisa... — Gabriel lançou-lhe um pequenino pedaço de pão.

— Antes que você fique, saiba que somos uma resistência. Você só fica conosco se cooperar.

O velho encarou Gabriel.

— Sabe quem eu sou, jovem?

— Na verdade, não.

///16/07/2036

— Olá, Sr. Roquefort. Presumo que não saiba o motivo de termos lhe convocado.

Raul se sentou em uma cadeira de rodinhas em frente a um homem de terno atrás de uma mesa.

— Não, eu não sei, mas está consumindo meu tempo. O que vocês querem?

— Como sabe, estamos em uma guerra. Lamentavelmente, as coisas não andam muito bem para o lado republicano, com os fascistoides conquistando cada vez mais espaço na pátria. Com os recentes e devastadores ataques, teremos de arrumar mais espaço para nossos soldados.

O convidado pegou um cartão e colocou na mesa.

— Se querem que eu use a Empreiteira Roq. Construções e Projetos para construir alguma base ou robô gigante, contatem alguma secretária ou diretor e principalmente os acionistas, não chame o dono diretamente.

— Senhor Roquefort, infelizmente não há meios ou capital suficiente nas nossas mãos para investir nos seus projetos. Nossa situação é desesperadora, e as tropas fascistas estão subindo Minas Gerais e o Espírito Santo. Há rumores até de que unificarão São Paulo e Rio de Janeiro em um grande estado do Sudeste. Os números deles já chegam a ser 20% maiores que os nossos.

— Eu estou pouco me fodendo para essa guerra ou a crise hídrica, com todo o respeito, republicano. Atualmente, o “novo governo” cobra até menos impostos que vocês. Só permaneço na região da república porque sei o que houve com a França após o fracasso da União Europeia e o golpe de estado da OTAN. Além disso, não trabalho de graça, seja pra quem for.

O homem de terno respirou fundo, desanimado.

— Não o chamamos para contratá-lo ou pedir ajuda. Estamos em uma guerra, não em uma brincadeira, e PRECISAMOS de defesa e ajuda. Tentamos ser diplomáticos, mas o senhor só pensa no próprio lucro. Infelizmente, vou mandar minhas forças entrarem nos seus projetos e transformá-los em fortes.

— Que projetos? — perguntou o empreiteiro. O engravatado republicano ergueu um papel.

— O Parque de Diversões do Futuro, a Usina de Energia Solar Roquefort e a Vidrolândia Roquefort. Usaremos o primeiro para abrigar

munição e tanques, o segundo para gerar recursos energéticos, e a Vidrolândia para ser um forte, ou talvez até uma base. Guardaremos nossos soldados, prisioneiros de guerra, munição, defesas e veículos lá.

O Sr. Roquefort se ergueu, furioso.

— Vocês enlouqueceram?! Esses são meus projetos! Minhas obras! Não vou deixar seus guerreiros malucos empilharem corpos lá! Como um pai poderá levar sua filha para a montanha russa voadora sabendo que antes havia caixas de munição nos carrinhos?!

— Por favor, senhor Roquefort, acalme-se. E além disso, não foi um pedido. Nossos soldados já entraram.

Roquefort tentou controlar a própria raiva, tremendo. Ele pegou o seu smartphone.

— Retire-os imediatamente. Ou vou explodir minha usina e o parque, com todos os seus retardados dentro. Eu tinha preparado a autodestruição para caso os fascistas invadissem eles, mas terei que usar em vocês!

O republicano quase caiu no chão.

— Senhor, há crianças e funcionários nesses lugares! Abaixar esse celular ou chamar...

O dedo do homem deslizou na tela. O republicano fez uma expressão de horror. No mesmo instante, ergueu sua arma, escondida na mesa, e deu dois tiros no sujeito.

///13/11/2037

Raul Roquefort se sentou a uma mesa novamente. Mas, desta vez estava totalmente diferente. Não usava mais seu terno italiano, e sim, uma roupa de presidiário. Seu cabelo e barba tinham crescido e tomado toda a sua face. Do outro lado da mesa, estava sentado um homem de meia-idade, com um terno militar e quepe na cabeça. O losango brasileiro, com fundo branco e círculo vazio, enfeitava a parede do cômodo. O militar começou a falar:

— Sr. Roquefort, bom dia! Você foi chamado para discutir sua prisão no novo governo do nosso ilustre ditador.

— Podem fazer o que quiser, eu já destruí tudo o que tinha. Eu odeio todos vocês! — Raul bateu sua cabeça na mesa com raiva.

— Acalme-se, Raul. Não há motivo para estresse. Os comandantes analistas do seu caso consideraram sua ação supostamente terrorista como um ato de confronto ao terrível regime republicano. Você destruiu tudo para não ter que se entregar a mãos distópicas.

— É? Eu...

— Mesmo assim, o Sr. matou 350 operários na usina e 442 inocentes no parque, apesar de 80% dos presentes terem sido evacuados na hora da explosão. Porém, seu ato que causou a morte de 863 soldados republicanos merece ser aplaudido. Por isso, nós não aplicaremos a pena capital em você, e o deixaremos em prisão perpétua.

— Não... não... não! Me matem! Eu não quero mais viver! Me matem logo! — Raul se levantou e deu um chute na cadeira, derrubando-a. O militar nem mudou sua expressão facial.

— Senhor, acalme-se. A decisão foi tomada. Não há como alterá-la agora.

Raul caiu no chão chorando.

— Por que estão fazendo isso? Eu só queria...

— Você será encarcerado na Base Roquefort, a antiga Vidrolândia, assim que a reconstrução acabar. Você terá liberdade de escolher entre trabalho forçado nas partes subterrâneas ou a cela solitária sem contato com ninguém.

Raúl se levantou.

— Solitária. Para sempre — sentenciou Roquefort.

///06/12/2054

O Caçador olhou pela pequena janela do avião em que estava, o piloto liberara as poucas que haviam na área de cargas serem exibidas ao Caçador quando ele encheu o saco o suficiente. Estava pousando em meio a um deserto que não parecia ter nenhuma pista de pouso. O piloto começou a falar no microfone:

— Passageiros, acomodem-se. Estaremos pousando no Hangar Privado da Família Ribä.

Jim olhou pela janela novamente. Em meio a areia, uma gigantesca entrada secreta se abriu, revelando uma pista de pouso. Estava cheia de outras enormes aeronaves, muitas da Força Aérea dos EUA e da OTAN. Além disso, aviões estavam sendo carregados com barris de petróleo no hangar, onde mercenários árabes circulavam por todos os lados.

///

— Levanta! — Um mercenário pegou Jim pelo pescoço e o tirou do avião. Do lado de fora havia pelo menos vinte outros homens para vigiar o Caçador, altamente treinados e armados. Wild contemplou a grandeza do hangar, até que um soldado o apressou com um empurrão, forçando-o a andar. Eles passaram por vários aviões cargueiros até chegarem a um caminhão pequeno e blindado, com uma só caçamba. Dois mercenários abriram as portas e outro colocou um saco na cabeça de Jim. Ele foi jogado lá dentro, e as portas se fecharam atrás dele. Em seguida, sentiu o motor roncar, acordando o caminhão e fazendo-o se movimentar lentamente.

— Masa’u Al-Khair, Jim Wild — disse o motorista, em um alto-falante interno.

— Al-Khair Anuir — respondeu ele, meio irritado.

— Você errou. É Al-Khair Na-Nur. — O motorista riu. Jim logo percebeu que aquele era do tipo engraçadinho. — Quando o chefe falou que eu ia levar um dos assassinos mais perigosos do mundo, eu me caguei. Eu sou um motorista particular, não a porra de um motorista carcerário. Mas, tudo bem, não é a primeira vez que corro risco de vida com alguma carga. — O motorista riu mais.

— Primeiramente, você está acompanhado? — perguntou o Caçador.

— Eu não vou dar mole pra você não, matador. Tem dois caras aqui na frente, e outro carro blindado na escolta.

— É “autoblindado”, motorista. Carros superblindados, com metralhadoras giratórias e lançadores de mísseis, além de quatro operadores

fortemente armados. Você deveria saber o nome, pra um transportador de carga...

— Fica tranquilo, Jimmy. Eu não levo essas paradas aí não. Eu sou motorista particular do chefe, não transporto nada. Você é só uma exceção à regra.

— Afinal, onde caralhos eu estou?

— Você sabe, Arábia Saudita. Mas também pode chamar de “colônia dos Estados Unidos”, como preferir. Eles mandam em todo o Mundo Islâmico desde as invasões e anexações aos países muçulmanos nos anos 2000, 2010, 2020... Depois da revolução de 2035, cortamos laços e aí eles atacaram depois que a guerra global acabou.

— Eu tenho mais de cinquenta anos. Sei disso tudo.

— Mas, você não me contou. O que que você fez pra deixar o chefe tão bravo?

— Meu deus, você não sabe o nome dele não? Você só fala chefe.

— Não podemos falar o nome dele, né, mano?

— Sim, Ron — disse um soldado com voz entediada e irritada.

— Mas, enfim, Caçador, diz aí o que tu fez. — O motorista voltou a falar.

— Eu matei um membro da família Ribä. Um mercenário muito bom, que trabalhava pra Ordem Vermelha. A mando da própria Ordem Vermelha.

— Ordem Vermelha? A máfia russa de contrabando de água?

— Sim. Acho que algum cara da família dele não gostou, e me trouxe pra cá.

— Ah, o chefe tem doze filhos. Tinha, hoje só tem dez. O outro eu conhecia, ele morreu graças a uns terroristas malucos, em um atentado “contra os Estados Unidos” na mansão. O chefe depois criou uma organização de mercenários pra trabalhar pra ele, e caçou um por um, enforcou, fuzilou... Matou todo mundo.

— Acho que ele quer me matar também, então.

— Deve ser. Boa sorte.

O caminhão parou. Eles haviam chegado ao destino.

— Ah, e Ron, antes de eu descer... Podemos conversar só mais um pouco? Quero adquirir mais cultura antes de ir pro inferno.

///

O Caçador sentou-se em uma poltrona, dentro de uma gigantesca sala de estar. Havia aquários com peixes já considerados extintos e água cristalina, uma espécie de exibição de riqueza em tempos de escassez. Um homem gordo e careca, usando um esplendoroso terno cheio de pedras preciosas e joias no formato da meia-lua islâmica entrou na sala, com um ar sério. Jim estava todo preso em correntes, e haviam quatro guardas na sala o vigiando.

— Diga logo o que quer, Ribä — disse Jim, em inglês.

— Vejo que sabe o nome da minha família... Somos muito importantes, afinal... Somos magnatas do petróleo. Temos mais de trinta bilhões de dólares na conta, além de muita, muita, muita água. E eu sou o patriarca, o líder deste grande império — exclamou o senhor, erguendo os braços.

— Foda-se. Eu não me importo com você ou seu dinheiro. Eu quero saber o que vai fazer comigo — retrucou o Caçador, em um tom seco.

— Olha só para você, um dos maiores mercenários do mundo se entregando... Esperava mais de você, Jim. Agora, respondendo, você sabe muito bem que matou um dos meus filhos. Isso é ruim pro nosso nome e reputação. Nos faz parecer frágeis. — O bilionário encarou o assassino.

— Já terminou? Que bom, porque fui pago pra aquilo. Não tenho nem metade da culpa.

— Acalme-se, Jim. Você tem duas opções: me dizer quem te pagou... ou morrer brutalmente.

— Não sou traíra. Isso vai contra minha dignidade.

— Você acha digno matar pessoas?

— Pessoas são nada mais que meros objetos. Manipuláveis, como um instrumento. Andam e carregam coisas, como robôs ou carros. Pensam e calculam, como computadores. Pra mim, a única diferença de quebrar um e quebrar outro é ficar sujo de sangue em vez de óleo ou poeira e peças.

O magnata do petróleo tirou uma pistola de ouro do bolso.

— Serei mais direto, Caçador. Diga quem te pagou. Ou. Morra. Pensando como você, você é tão objeto quanto qualquer humano.

— Claro que sou. Mas sou um objeto bem mais inteligente que você.
— Jim riu.

— Como? — Ribä destravou sua arma.

— Não contrato traíras.

O Caçador apontou para o lado com o braço cheio de correntes, e se protegeu. No mesmo instante, um caminhão entrou desgovernado pelas vidraças da mansão. Todos os guardas encostados na parede foram esmagados pelo peso. O patriarca Ribã tentou se virar e correr, mas foi atingido pelo veículo e lançado dentro de um aquário destampado. Ron saiu do caminhão com um machado e partiu a corrente que prendia o Caçador.

O magnata emergiu sua cabeça da água, enfurecido:

— Que porra é essa, Ron?! Eu confiei em você para ser meu motorista particular! — Ele tentou sair, mas escorregou para o fundo pelo seu peso. Jim correu até o aquário, pegou a tampa jogada do lado e a fechou com as correntes que acabara de tirar de si. O ricaço começou a bater inutilmente na parede, tentando sair e soltando bolhas pelas narinas.

— Não solte bolhas, Ribã. Está acabando com seu oxigênio — alertou Jim, do lado do aquário.

— Desculpa, chefe, cê não paga faz dois anos. Sempre vai ser semana que vem... — disse Ron, meio cabisbaixo. O alarme começou a tocar.

— Não fique aqui, jumento! Corra, pegue todo o dinheiro que puder na mansão! Logo os guardas vão entrar metralhando! — gritou o Caçador, tirando suas últimas amarras.

Ron correu para fora da sala, adentrando a mansão. Jim olhou para o lado, e viu o bilionário batendo uma última vez no vidro do aquário. Em seguida, escreveu na areia do fundo: “MEUS FILHOS VÃO TE MATAR”.

— Vocês, Ribã, são engraçados. — O Caçador pegou uma pistola de um guarda que teve o crânio esmagado pelas rodas e foi embora da sala. Escutou a porta principal, do outro lado da mansão, abrindo.

— Aqui, japa! — A voz de Ron chamou-o, vinda de uma escada que levava ao subsolo. Jim desceu as escadas correndo, até chegar em um pequeno corredor com uma porta de aço, que abria com impressões digitais.

— Merda, vou ter que subir e arrancar a mão dele...

— Eu sou o motorista particular principal deles, acho que as minhas digitais funcionam. É o mesmo sistema pra destravar as portas dos carros. — Ron encostou seu dedo na porta, que abriu.

— Você tem sorte. Nunca vi um sistema de segurança tão desleixado. Se estivéssemos em uma história inventada esse seria o Deus ex-Machina mais patético, preguiçoso e idiota jamais escrito, no qual o autor provavelmente teria escrito antes de dormir ou completamente embriagado e despreocupado em inventar uma explicação decente, mas como estamos na vida real, falhas de segurança acontecem — comentou o Caçador. A porta revelou um enorme cofre com barras de ouro, enormes reservatórios de água, joias e documentos confidenciais da família. Os dois entraram e fecharam a porta do cofre por dentro.

— É muita grana, mano... — O motorista ficou abismado.

— Sim, mas para abrir essas coisas precisamos de chave. — O Caçador olhou para um armário totalmente eletrificado, que precisava de um código para ser aberto.

Dentro havia inúmeras pastas e folhas, com documentos e informações secretíssimas, provavelmente sobre a família Ribã, os governos americano e europeu e a espionagem industrial do mercado do petróleo e água.

— Eles são muito burros. Chaves cibernéticas são muito ultrapassadas. — Jim foi até o chão e removeu uma placa falsa do piso, que deixou à mostra os fios que ligavam o computador ao armário. Ele começou a mexer ali sem nem usar luvas.

— Você sabe mexer nessas coisas? Sem luva?!

— Sim, já precisei fazer isso para alcançar meus alvos.

Eles escutaram batidas na porta de aço. Haviam guardas tentando entrar.

— Não se preocupe, esse modelo de porta é resistente, não vão entrar com facilidade. Nem uma bomba derruba ela — avisou Jim, enquanto rasgava um fio. A eletricidade do armário foi cortada.

— E agora? A gente num tem chave — lembrou Ron.

— Pegue uma barra de diamante e risque o vidro, Ron. — O motorista pegou uma barra e lançou no armário, o que obviamente não funcionou.

— Eu disse pra riscar, seu animal.

Jim se abaixou, pegou o diamante, riscou o vidro e abriu o armário. Em seguida, pegou os arquivos.

— Nestas folhas há bilhões de dólares... Muito mais que todo esse dinheiro e barras de ouro e... Aquilo é um Alcorão gigante de ouro?! Ah... tanto faz, vamos. Há uma saída por aqui?

— Eu nunca entrei aqui — respondeu o motorista.

O Caçador sentou-se em uma pilha de barras de ouro olhando os papéis e pensando no que fazer. Ele ficou sua atenção em um papel verde.

— Não acredito nisso...

— No quê? — perguntou Ron, curioso.

— Eles estão testando o projeto Delete nos funcionários. Em vocês. Depois te conto mais disso.

Jim foi até um computador que parecia ser o principal, consultou o papel e inseriu uma senha. A localização de rastreamento via satélite de todos os funcionários apareceu na tela holográfica, informando os sinais vitais, informações pessoais e o que estavam fazendo naquele exato momento. Satélites da família bilionária mostravam imagens em tempo real e indicavam a localização de cada um dentro de um prédio com uma seta sobre a planta do local. O Caçador começou a clicar nos guardas e apertar o botão “Delete” no teclado. As informações começaram a sumir e as localizações no mapa também.

— Existe um líquido semelhante à água com chips menores que uma célula, que podem ser controlados e monitorados via satélite. Se ativados, eles emitem um choque capaz de matar uma pessoa por dentro. É um projeto da OTAN, ainda em desenvolvimento, mas há empresas testando-o em funcionários, principalmente nos Estados Unidos. E os Ribã são uma delas. Devem ter colocado na comida ou água de vocês.

— Espera... você disse... — Ron viu sua foto aparecer na tela, assim como o lugar em que estava.

— Desculpe-me, Ron, mas não trabalho com traíras.

O Caçador apertou o “Delete”, e o motorista fez uma expressão de horror. Em seguida, começou a se contorcer e espumar, até cair morto no chão alguns instantes depois.

— Agora, com licença, tenho informações valiosíssimas pra vender.

Ele pegou os papéis, abriu a porta e saiu do cofre. Todos os guardas que antes tentavam entrar agora estavam mortos, com saliva saindo da boca e olhos derretidos, em alguns casos.

///17/12/2054

Depois de um longo caminho cheio de desventuras, Jim Wild entrou no seu antigo e bagunçado apartamento na velha e suja Bagdá, um dia grandiosa, mas agora apenas desorganizada e decadente. O lugar estava abandonado e com aluguel atrasado fazia anos, mas a cidade era tão turbulenta que ninguém havia percebido. Poeira, teias de aranha e sujeira para todos os lados. Era perfeito para a discricão que precisava. Fechou a porta de madeira podre, que quase emperrou, e ligou seu velho computador na tomada que ainda não tivera a energia cortada por alguma razão que Jim desconhecia. Aquele computador era antiquíssimo, sua tela nem era holográfica.

— Anda logo... — Ele apertava repetidamente o botão “ligar”. Uma tela superplana, de tecnologia do fim dos anos 2020 se ergueu. Ele tirou a sujeira do teclado e acessou a internet, ativou o Tor, logo entrando na *Deep Web*, *Dark Web* e em seguida na *Mariana’s Web*, mais especificamente no mercado de venda de informações e sabotagem industrial. Teclou para um velho conhecido chinês que estava online:

— Olá, Han. Ainda trabalha com informações? — perguntou o Caçador em inglês.

A figura de um homem com máscara de gás apareceu na tela.

— Hoje e sempre. Você não é muito disso, Caçador, e está parado há anos. Achei que tinha deixado esse ramo.

— Não deixei, só passei a matar mais do que roubar informação. Mas o que achei... Han, você nem imagina...

— O quê? Coisa de banco ou megacorporação?

— Todos os segredos da família Ribä, segredos dos EUA, coisas do mercado de água... petróleo...

— Onde está, Caçador? Comprarei tudo. Quanto quer?

— Você avalia e diz o preço, mas chuto que é pelo menos mais de quarenta milhões. — Ele começou a folhear os documentos. — Além disso, tem coisa do Projeto Delete e da... — o Caçador viu uma carta do síndico Dan para um dos Ribä.

— Da...? — perguntou o chinês.

— Dan... Só um momento.

Carta do síndico Dan

Correio oficial do mega-edifício Barra3

Barra3, Rio de Janeiro, Sudeste, Brasil

Ribä, você está cumprindo sua parte, não se preocupe. Sim, também estou consternado pela possibilidade de Saratov colocar o Caçador pra te matar. Você é um grande guerreiro, seria bastante difícil substituí-lo.

Bom, nosso acordo segue de pé . Voc ê manda todas as forças da Ordem Vermelha disponíveis e eu também da minha tropa, até o Barra3 estar em ruínas. Eu vou pagar o dobro de todo o prejuízo da Ordem e você receberá um apartamento de luxo do sonho do meu ex-superior , que tornarei realidade. A planta do projeto Prime já est á at é pronta. Um abraço.

Dan N Outubro de 2054

///01/12/2054

A sala estava iluminada apenas por uma lâmpada velha e fraca, que desligava e ligava sozinha o tempo todo. Havia dois membros da equipe médica do BOPE ali, e uma mesa com vários instrumentos cirúrgicos e de tortura. Outro soldado entrou na sala, com avental e proteção impermeável na boca, e se aproximou de uma mulher que estava amarrada com correntes de aço enferrujadas em uma cadeira velha e de madeira.

— Doutor Gregório, ela ainda não quer responder a nada.— avisou o soldado ao doutor da equipe médica.

— Vamos aumentar a potência do desfibrilador em 3% — respondeu o médico, enquanto mexia nos botões do aparelho. — Agora, Laira, é melhor responder. Onde fica o esconderijo da Resistência da Capela? Sabemos que fica em Tiradentes, um amigo seu confessou, mas aí ele morreu de overdose. Onde está? — ele perguntou gritando.

A mulher sorriu com os dentes quebrados, e cuspiu sangue. O soldado deu um urro de raiva e começou a eletrocutá-la, ao mesmo tempo em que um dos médicos verificava uma máquina portátil que exibia os sinais vitais dela.

— Ela vai entrar em coma se continuar assim. Precisamos usar outra coisa — sussurrou o doutor.

— Espera... eu vou... dizer... — Ela respirou fundo. Estava visivelmente cansada, quase desmaiando.

— Então onde está? — perguntou o soldado, impaciente.

— No seu rabo! — Ela começou a rir.

O soldado olhou para os doutores.

— Chega dessa merda... — Ele pegou um bisturi na mesa e cortou o pescoço da mulher.

— Acalme-se! — gritou um doutor tentando segurá-lo, enquanto o outro médico pegava um pano para tentar estancar a hemorragia, mas já se afogara no próprio sangue.

///06/12/2054

— Mas você não disse por que quer se unir a nós, Raul. — observou Gabriel, vendo o velho resgatado.

— O BOPE me tirou Vidrolândia, meu grande parque de diversões e meu museu de vidro... Tiraram de mim... Isso eu já disse. Mas, agora, o lugar já era. Contratem quem contratar para a reconstrução, nunca mais vai ser a mesma coisa que era antes.

— Fomos nós que fizemos isso, sem querer. A culpa não deveria ser nossa? — perguntou Águia, quase levando um soco de Gabriel.

O ex-empreiteiro claramente ficou um pouco desconfortável e nervoso ao ouvir aquilo, mas respirou fundo e se acalmou.

— Nada teria acontecido se o BOPE tivesse me libertado. Se esse maldito país tivesse me libertado... Militares, democratas, republicanos, BOPE, ah... foda-se! — gritou o velho, jogando uma chave de fenda violentamente na parede do tanque. Ele estava sentado sobre uma bancada, montando algo que parecia ser um explosivo.

— O que é isso? — Águia quis saber.

— Você vai ver... Vou destruir eles, assim como eles fizeram com minhas obras. Isto será um explosivo caseiro muito potente, eu fazia essas coisas nos meus tempos de rebeldia adolescente. É algo muito retrô e, mesmo assim, eficaz. Vocês por acaso teriam uma bicicleta?



///09/12/2054

Tiradentes estava literalmente cercada pelo BOPE. Um muro de concreto e aço havia sido erguido ao redor da cidade, e uma autêntica sub-base foi montada no lado de fora, com vários tanques de guerra e helicópteros, além de robôs de combate. Todos os civis já tinham sido expulsos, e todas as casas e prédios estavam sendo vasculhados de ponta a ponta. Havia uma fileira de dez tanques na entrada da cidade, fiscalizando rigorosamente cada deslocamento. Os soldados estavam cumprindo suas funções normalmente quando escutaram uma voz de um homem velho falando em um megafone, um pouco distante:

— Vão pegar Tiradentes para vocês, que nem a minha Vidrolândia, não é?!

Os soldados não faziam ideia do que a voz do idoso dizia. A maioria deles era jovem e não viveu a Guerra Civil, então nem sabia o passado da Base Roquefort. O operador do maior tanque da fileira respondeu através do alto-falante do veículo:

— Por favor, se você for um rebelde, petista, anarquista ou apenas um provocador, renda-se, e poderemos garantir uma perpétua sem tortura para você.

— Hahahahaha! Você é muito engraçadinho! — respondeu a voz em um tom irônico.

O operador do tanque lançou um detector térmico no ambiente, e rapidamente identificou uma bicicleta manual se aproximando. Em seguida, avisou os companheiros pelo rádio para, e os dez tanques viraram seus canhões para a bicicleta, que ainda não aparecera, pois parecia estar descendo ou subindo uma ladeira.

— Criminoso, desmonte da sua bicicleta e coloque suas mãos na cabeça — gritou o operador de outro tanque.

De repente, do meio de uma mata perto da entrada, um velho bem gordo com aparência decadente surgiu pedalando, com várias armas presas à bicicleta. Ele continuou até estar a cerca de vinte metros dos tanques, já na estrada principal. Parou e desceu com as mãos na cabeça. Um tanque disparou um tiro sônico, que atingiu o homem e feriu sua audição e

sentidos, causando sua queda e fazendo-o perder a consciência. Alguns soldados saíram de um tanque e o colocaram em uma maca com ataduras.

— Transfiram-no para a Delegacia Geral do BOPE do Sudeste, rápido! Talvez ele tenha informações dos capelães — ordenou um sargento da cabine de entrada para a cidade. Os soldados o colocaram em um helicóptero e decolaram.

///

A Delegacia Geral do BOPE era o principal centro de comando do batalhão especial em cada estado. Raul fora transferido para a delegacia do Sudeste, no Rio de Janeiro, que ficava em um edifício perto do Ilha1 e do Ilha2, na Ilha do Governador. Os soldados do BOPE haviam agilizado o interrogatório, na pressa de encontrar o esconderijo da Resistência da Capela e terminar logo com aquilo. O velho que estava na bicicleta foi levado a uma sala de exames médicos, ainda na maca.

— Este é Raul Roquefort. Ele é um fugitivo da Base Roquefort. Ele era o empreiteiro que construiu o parque de diversões que deu origem à base — informou um médico ao outro. Eles estavam fazendo um exame de rotina antes interrogatório, com Raul ainda inconsciente.

O outro médico apontou para o detento.

— Eu sei. Por isso eu solicitei que ele estivesse bem preso na maca... Está vendo isto? É um pedaço de gordura desigual na barriga dele...

O médico tentou tocar o local com uma pinça, enquanto o outro fazia anotações. Em seguida viraram o prisioneiro, a fim de observar suas costas.

— Aqui há uma cicatriz muito feia e recente. Estranho... Bom, não há tempo para analisar. Temos que começar a tortura e descobrir como ele foi parar em Tiradentes.

Um outro soldado do BOPE entrou na sala, carregando uma bandeja de equipamentos, enquanto os outros instrumentos de tortura já estavam na mesa ao lado do velho.

— Vou acordá-lo com uma máquina de choques. Posso por potência alta? — perguntou o soldado.

— Sim, não vejo problemas — respondeu o doutor.

Depois de receber os primeiros choques, o desmaiado acordou rapidamente.

— Vocês são muito burros... — sussurrou Raul, logo desmaiando novamente.

Algo na sua barriga começou a apitar sistematicamente.

— Merda, bomba, bomba! — gritou um médico, enquanto acionava o alarme.

O outro doutor saiu correndo da sala e o soldado pegou uma arma e atirou na testa do velho, para ver se o explosivo era desativado caso o homem morresse. Mas Roquefort sobreviveu, acordou e ficou rindo.

— Faltam... três segundos!

O soldado do BOPE atirou várias vezes seguidas, e então e se jogou no chão. O médico que acionara o alarme se lançou desesperadamente pela janela. Ele despencou de uma altura enorme, observando os colossais prédios e as casas abandonadas nos locais não cobertos pela água enquanto caia. Desceu pelo ar, vendo cacos de vidro caindo com ele, a noite cheia de finas nuvens poluídas e cinzentas, e a água iluminada pela luz da lua. A vista seria deslumbrante se ele não estivesse caindo para a morte. Subitamente, percebeu uma onda de fogo consumindo tudo. Conseguiu avistar uma terrível explosão consumindo toda a parte superior do prédio que servira ao BOPE. Todos os soldados voando e se despedaçando em um mar de fogo e destroços e poeira voando em seu rosto. Ele se sentia tão bem... vendo tudo em câmera lenta e ao som de uma bonita e antiquada música clássica. Então, conseguiu olhar para baixo e ver uma enorme viga se aproximando cada vez mais e atravessar sua barriga, o que acelerou muito sua queda na Baía, cuja água ficou vermelha. Ele, os oprimidos do povo e os membros de todas as resistências foram os únicos que acharam a explosão que matou 40 oficiais do BOPE algo lindo.

///10/12/2054

Águia acordou no meio da noite, ele estava dormindo desconfortavelmente em um saco de dormir no fundo do tanque roubado.

Levantou e olhou ao redor, procurando o que o despertara. Um barulho estranho e repetitivo estava aparecendo na tela do computador interno do tanque.

Bip Bip Bip ...

Ele foi até a máquina. Gabriel estava dormindo no assento do motorista. Havia um texto escrito na tela: “Eu não os perdoo por destruírem meu parque”.

Águia sentiu uma gota de suor escorrer por sua testa ao perceber um contador ao lado do texto.

— Gabriel, acorda! — gritou ele, enquanto tentava reunir os suprimentos e utensílios armazenados no veículo.

— O que houve? — perguntou Gabriel, ainda zozzo.

— Vai explodir! Cadê a saída, porra?!

O professor pegou três bolsas de suprimentos e começou a apertar os botões repetidamente, buscando uma saída. Gabriel se levantou ainda tonto e foi abrir a escotilha manualmente.

— Tá soldada... por fora — avisou Gabriel.

Águia subiu em uma cadeira e tentou abrir a escotilha do teto.

Bip... Bip... Biiiiip...

Ele empurrou a escotilha, que só abriu com muito esforço, e se jogou do lado de fora. Gabriel pulou em seguida, e os dois caíram do tanque e rolaram por um alto barranco por algumas dezenas de metros. O TT-25

explodiu em um espetáculo visual, e sua estrutura e peças começaram a descer em chamas na mesma direção dos dois. Gabriel se levantou na descida, deslizando com os pés, já totalmente acordado, e puxou o professor pelo braço. Havia uma chapada e uma colina pequena do outro lado. Eles pularam e caíram na chapada, não conseguindo chegar na colina, enquanto o que sobrara do tanque descia o barranco incendiando tudo. Águia se levantou, cheio de arranhões e feridas.

— Ufa... essa foi por pouco...

Gabriel se levantou, seu rosto estava completamente ralado, e sua prótese de braço havia sido largada acidentalmente enquanto fugia do tanque. Ele se pôs de pé, ferido.

— Temos que chegar a Tiradentes. — Pegou o seu celular holográfico e acionou o GPS. — Estamos perto. Bem perto.

— Mas como vamos furar o cerco? — perguntou João.

— Será mais fácil sem o tanque, estaremos mais camuflados. Tiradentes está a quatro quilômetros daqui. Você conseguiu salvar alguma bolsa de suprimentos ou algo assim? — Águia não tinha percebido que suas coisas caíram no barranco e estavam pegando fogo junto com o TT-25.

— Não. Estou desarmado. Você tem alguma arma?

— Sim, nunca durmo sem minha pistola — respondeu Gabriel.

— Sua pistola será um peteleco para o BOPE. Vamos entrar camuflados mesmo.

///13/12/2054

Sueca desceu do helicóptero, pensando em quantos livros tinha falando sobre helicópteros. Talvez uns quatro ou cinco, se estava se recordando bem. Pagara caro por uma passagem ilícita em um helicóptero de carga do BOPE para chegar em Tiradentes. Realmente precisava rever o Professor Águia uma última vez.

— Coloca esse capacete, ou os caras vão saber — instruiu o copiloto, passando-lhe um. Ela desceu no heliporto no topo de um morro, ao lado da maior igreja da cidade, que era riquíssima em ouro e tinha uma bela vista para grande parte do município. Havia algumas equipes de busca verificando a catedral histórica, removendo algumas peças de ouro e colocando-as em vans blindadas, enquanto outras faziam escavações embaixo da construção. A escandinava caminhou no seu disfarce de soldado, passando entre eles sem suspeitas e carregando um fuzil de assalto, que pegara no helicóptero. Continuou seguindo em frente até a Capela dos Escravos, igual Gabriel tinha lhe dito fazia alguns dias. Aproximou-se da rua calmamente, passando ao lado de várias equipes de soldados, drones, andróides de patrulha e autoblindados. A igreja dos escravos estava recheada de soldados fazendo verificações, o que a impediria de achar a entrada secreta. Teria de criar uma distração para achá-la.

///15/12/2054

Dan se sentou em sua cadeira de rodinhas, bebendo um copo de chá, enquanto pequenos sedimentos do teto caíam sobre sua cabeça. As paredes já estavam completamente rachadas. A luz não funcionava mais. Um quinto ou mais da população do prédio estava morta ou havia fugido. Isso tudo significava que o plano estava indo perfeitamente bem. A cara de Crimes apareceu em seu aparelho holográfico:

— Senhor Dan?

— Fala. O que quer, comissário?

— Temos problemas. A Ordem está se reorganizando. Agora que não temos Ribã, parece que eles querem sair do prédio. E isso é o menor dos problemas. Os civis estão se unindo com os traficantes para resistir ao massacre.

— O BOPE mata todos em segundos — disse Dan, confiante.

— Eles tiveram pesadas baixas. A delegacia deles na Ilha foi pro saco.

— Esse prédio não era nada. Meu plano não vai falhar, Crimes. Não agora. Siga em frente, mate todos. Pode matar todos até o andar 23 agora.

— Estamos muito perto da Classe Média do Barra3, Dan. Tem certeza? Isso vai ser perigoso — advertiu Crimes.

O síndico respirou fundo, vendo sua filha gesticular “sim” no canto do cômodo.

— Crimes, não vão ser os pobres que vão poder pagar pelos apartamentos no Prime. Mate sem piedade.

— Certo, senhor. Ah, e encontramos uma pista sobre o Ryan.

— Ryan? Achei que ele tinha morrido.

— Ele sumiu, e foi visto pela última vez em uma explosão enquanto fugia da batalha. Porém, mandamos investigadores na área da explosão, e não foi encontrado nenhum resquício humano compatível com o DNA dele. Acho que ele desertou, senhor.

— Isso é uma boa notícia. Vamos achá-lo e tentar contratá-lo novamente. Se ele não aceitar, nós o prenderemos pelo crime hediondo de deserção.

— Ele era um bom soldado, Dan.

— Ele sabe demais...

///13/12/2054

— Ei, Pedro, segura isso aqui para mim... — o soldado do BOPE passou uma folha para o seu companheiro, em seguida se abaixando para amarrar seu cadarço.

— É uma fatura? — perguntou Pedro.

— Preço da água. Vinte reais por garrafa... é muito, né?

— Estamos em crise. O BOPE precisa se reestruturar depois da explosão lá.

— Mas não precisa me matar de sede também, né? Porra, eles têm dinheiro pra comprar esses robôs, por que não podem me dar uma aguinha?

— Você não ficou olhando pra fatura e esqueceu as câmeras não, né?

Pedro caiu no chão com uma faca atravessando seu pescoço. O outro imediatamente pegou sua arma e tentou mirar, mas seu braço direito foi cortado em dois. Ele começou a gritar enquanto jorrava sangue, quando levou um chute no rosto e caiu no chão com o capacete quebrado. Antes que pudesse se mexer, levou um outro chute forte no rosto. Sueca “ajeitou” sua perna, dolorida por fazer um movimento tão brutal naquela idade, e começou a mexer no computador das câmeras de vigilância instaladas na rua da Capela dos Escravos. Era uma máquina com processador bem velho, que tinha até mesmo um monitor. Ou seja, nada que ela não conhecesse bem.

///

Os soldados de vigia na Capela dos Escravos de repente ouviram uma voz feminina e aparentemente cansada em suas escutas:

— *Soldados, verifiquem as tábuas no chão da igreja. Os sensores térmicos indicam vida lá embaixo.*

Os vigias imediatamente começaram a bater nas tábuas procurando um porão secreto. Então, uma se abriu e um soldado caiu em uma caverna com várias entradas nomeadas.

— *Entã o é verdade. Procurem todas as aberturas, todos os vinte soldados da igreja.*

Se o que Gabriel disse era verdade, o QG havia sido abandonado para a invasão fracassada da Base Roquefort há algumas semanas, e estivera abandonado desde então.

— Operadora de rádio, encontramos um escorregador que leva para uma porta de aço trancada com vários cadeados e correntes. Acho que é o caminho certo, nas outras só ouvimos gritos dos que entraram.

— *Excelente. Quantos de vocês sobraram?*

— Três.

— *Ótimo. Não se comuniquem com ninguém, os capelães podem ter escutas. Esperem a equipe de reforço chegar.* — Sueca desligou o rádio e olhou para o guarda que atacara há alguns minutos, ele estava se arrastando enquanto sangrava.

— Amiguinho, eu cortei seu braço. Como você ainda não morreu?

— Foda-se! — Ele ergueu uma submetralhadora com a mão que lhe restara e apontou para Sueca.

— Isso é completamente inesperado. Você é destro, não é? Como pretende acertar? — O soldado começou a atirar insanamente, errando todas as balas quando a senhora simplesmente andou dois passos para o lado.

— Morre! — gritou ele enquanto atirava as últimas balas na parede. Ela o encarou friamente quando a munição acabou.

— Não me mata, por favor... Eu tenho um cacto! Quem iria regar ele? As pessoas acham que não precisam regar cactos, e aí eles morrem!

Sueca ergueu uma pistola e deu um tiro nele.

///14/12/2054

O expresso blindado da Maria Fumaça chegou, carregado de armamentos, robôs e veículos do BOPE. Os vagões eram enormes e extremamente fortificados, o trem havia sido completamente reformulado pelo BOPE. As linhas da Maria Fumaça eram também a única forma de entrar em Tiradentes sem passar pelo cerco ou por via aérea, pelo menos sem passar por hiper-rígidas fiscalizações. Águia recarregou seu rifle de franco-atirador silenciado, e Gabriel destravou suas pistolas silenciadas. Haviam roubado os equipamentos em uma das guaritas. Agora, estavam escondidos dentro de um vagão de armas, sem iluminação alguma. O expresso parou em um dos centros de fiscalização próximos à entrada da cidade.

— Arruma os trem que a coisa tá vindo, Zé! — gritou um soldado.

Águia e Gabriel respiraram fundo, ocultos atrás de um caixote metálico na escuridão do vagão. Alguns segundos depois, um soldado fortemente armado e com roupa exageradamente blindada destravou a porta corrediça e a abriu, enquanto um operador do trem começou a apertar botões em um painel, e robôs começaram a descarregar as caixas. Águia e Gabriel saltaram do vagão silenciosamente, descendo na grama. O soldado que abrira a porta corrediça ergueu sua submetralhadora.

— Mãos na cab... — Gabriel deu uma série de tiros com as duas pistolas até o homem cair morto.

— Vamos para a Capela. A gente fica trancado lá até o BOPE sair da cidade — sussurrou Águia.

— Por onde? Todos os caminhos estão cheios de soldados — lembrou Gabriel.

Eles se entreolharam, e então viram o enorme robô de combate pilotável sendo descarregado do vagão.

///

— Coronel, temos relatos de disparos no setor 4... E no 5... 2, 1 e... e 3 também... Ah, não, espera, relatos no 8 e 9 — relatou um operador de rádio e vigilância para seu chefe.

— Olha as câmeras. Veja o que diabos está acontecendo! Eu preciso mesmo te dar essa ordem, animal?! — respondeu o irado comandante.

— Sim, senhor — disse o operador, digitando no teclado.

Imagens de um enorme robô de combate atirando em todos que via pela frente e causando uma horrível destruição na entrada da cidade apareceram na tela.

— E então? — perguntou o coronel.

— Senhor, temos um robô de combate padrão B3 de quatro metros e meio de altura e três de comprimento, pilotado por duas pessoas. Ele está... atirando em tudo na cidade. E ele é do batalhão. Nosso batalhão, especificamente.

— O que está esperando?! Mobilize as tropas! Já temos problemas o suficiente, não podemos perder mais gente! — gritou o comandante.

O operador desligou o rádio e transmitiu para os alto-falantes de toda a cidade:

— Atenção, todas as unidades de Tiradentes. Código vermelho, protocolo 113. Larguem seus postos e vão combater este robô terrorista com tudo o que tiverem. Tentem neutralizá-lo sem destruí-lo, ele é caro. Repito, temos um robô gigante atacando a cidade.

///

Águia pressionou o gatilho, soltando uma rajada de raios laser e tiros em vários soldados atrincheirados no caminho, que imediatamente caíram no chão mortos ou feridos. O robô estava caminhando em uma das ruas que dava na rua principal da cidade, de onde pegariam o caminho para a Capela dos Escravos. Um enorme tanque de guerra virou a esquina, e começou a se preparar para atirar.

— Rua da esquerda, pra lá. Não podemos enfrentar muitos tanques! — disse Gabriel enquanto observava os radares.

Águia mexeu o volante e mudou a rota, sem desativar o andar automático da máquina. Um grupo de soldados com blindagens bem fortificadas pulou do teto de um prédio, atirando raios elétricos e balas na direção do robô.

— Automático: rajada de mísseis... rajada nível quatro — comandou Águia, segurando o manual do robô com uma mão e controlando-o desajeitadamente com a outra. Um monte de pequenos torpedos saíram dos enormes braços mecânicos da criatura, atravessando rapidamente o ar e atingindo o prédio, explodindo-o e lançando pra longe os soldados que haviam acabado de saltar.

— Há seis autoblindados vindo lá de trás. Se subirmos aquela rua vertical de costas, podemos nos defender — afirmou Gabriel.

Águia virou o volante, largou o manual e voltou a apertar o gatilho.

— Tem algum FDP lá em cima?

— Sim, sete soldados, mas é só pisar neles. Vou usar as armas de energia nuclear.

Águia começou a atirar rajadas de raios atômicos nos autoblindados, enquanto dava os comandos de subir de costas. Um autoblindado explodiu e uma rajada acertou em cheio um soldado. Ele caiu para trás, e, de repente, os seus ossos começaram a crescer tão rápido que rasgaram sua pele, e uma espécie de cabeça brotou de seu tórax.

— Que que é isso?! — gritou Águia, largando o gatilho horrorizado.

— Tenta ignorar, não temos tempo pra isso! Os autoblindados deram a volta na rua, vão nos encontrar lá em cima... E tem um helicóptero de carga chegando — exclamou Gabriel, apontando para o enorme helicóptero com o símbolo do BOPE que se aproximava no céu.

Águia virou o volante, enquanto chegava em uma rua mais ampla.

Mesmo dentro do robô eles podiam ouvir o barulho das hélices, e o veículo aéreo pousou ao lado da principal igreja da cidade, onde podia ser visto por todos. Uma escotilha abriu-se e dezenas de andróides de ataque fortemente armados e blindados começaram a descer.

— São quantos? — perguntou Águia, enquanto mudava as armas de atômicas para balas explosivas.

— Mais de 40... Acorda! — respondeu Gabriel, tentando alertar o amigo. Um torpedo atingiu o robô, destruindo parte da blindagem.

— *Estrutura danificada. Analisando danos* — disse o computador interno.

Águia começou a atirar, acertando um autoblindado e fazendo-o pegar fogo.

— Esse torpedo tirou 33% do que tínhamos antes, eles estão usando uma RPG de mísseis teleguiados de 2052. É muito avançado, até para o BOPE — avisou Gabriel.

— Estão desesperados. Sabem que vamos derrubar esta cidade inteira se necessário, e estão se armando até os dentes para resistir — comentou Águia.

Outro míssil os atingiu, baixando a defesa do robô mais ainda.

— Mesmo se ganharmos desses autoblindados, os andróides doidões vão chegar a qualquer instante! Vamos ter que usar a rajada atômica no

máximo — afirmou Gabriel.

Águia lançou mais um grupo de torpedos e explodiu todos os autoblindados que se aproximavam.

— Tá maluco? A radiação vai mexer com os átomos e foder tudo! Podemos pegar um câncer ou leucemia! A cidade ficará inabitável por anos! — gritou o piloto.

— Só vai, professor, não temos muito tempo.

— Automático: rajadas atômicas no nível 20 — gritou Águia.

— *Aten ção: usar as rajadas atômicas no ní vel vinte causará destruição em massa, alteraçã o molecular, física e atômica em um raio de vinte quil ômetros. Diga sim se deseja continuar* — alertou o computador interno.

— SIM! — gritou Águia.

Quatro androides desceram uma rua levemente vertical e começaram a atirar com metralhadoras a laser. Águia apertou o gatilho, e um raio roxo saiu do braço esquerdo do robô. Os quatro androides foram atingidos e explodiram.

— Radiação só vai fazer muito efeito nos solados, calma... Com objetos o máximo que pode acontecer é apodrecer, desligar, derreter ou explodir — sussurrou Gabriel.

Os androides que se aproximavam detectaram a radiação e mudaram de tática automaticamente. Suas cabeças se transformaram em hélices e eles voaram em direção ao robô de combate soltando rajadas de tiros.

— Eles tão voando... Entra naquele prédio! — gritou Gabriel.

Águia virou o volante, e o robô destruiu a fachada de uma loja de artesanatos. Os androides começaram a descer, sem deixar de atirar.

— Agora! — gritou Gabriel.

Águia ativou as rajadas, e doze máquinas caíram, danificadas pela excessiva radiação. Os androides mudaram suas táticas novamente, e seus pés se transformaram em escavadeiras, penetrando o solo e desaparecendo em pequenos túneis.

— E agora? — perguntou Águia.

— Pula pra cima de um prédio. Eles vêm por baixo.

Um deles saiu de surpresa do chão e se agarrou na traseira do robô, tentando abrir a escotilha de entrada. Gabriel apertou um botão que fez uma corrente elétrica percorrer a blindagem do robô de combate e destruir o

androide invasivo. Movimentaram-se entre os artesanatos e prepararam-se para o pior. O professor apertou um botão na lateral do volante, e o robô soltou um pequeno jato que o fez saltar para o teto de tijolos malfeitos.

— Esse telhado aguenta? — perguntou Águia, ouvindo som de rachaduras estalando.

— Não. Mas é esse o plano — respondeu Gabriel. Treze andróides surgiram do piso da loja e começaram a atirar. O robô pegou impulso e saltou para o telhado de outro prédio, fazendo o telhado anterior ceder e cair, esmagando os andróides.

— Faltam alguns ainda, professor. E não acho que aguentaremos muito mais — sussurrou Gabriel. Os andróides saíram do chão, e mudaram de tática novamente. Os dois rebeldes suaram frio ao verem os inimigos robóticos começarem a se separar em pequeníssimas partes.

— O que eles tão... — ia perguntar Gabriel, quando viu que as pequenas partes voavam rapidamente na direção do robô gigante. — Foge! Estão virando torpedos!

Completamente suado e apavorado, Águia começou a mexer nos controles de movimentos desesperadamente.

— Automático: Ativar velocidade máxima!

— *Ativando velocidade máxima de 1000 km/h . Risco alt í ssimo. Alerta: esta a ção consumirá praticamente toda a energia nuclear.* — disse o computador interno, enquanto o robô era alvejado por dois torpedos. Quando perceberam, estavam cruzando a cidade a uma velocidade absurda, esmagando dezenas de casas, coisas, veículos e soldados no caminho.

— Não era mais fácil ter feito isso no início?! — gritou Gabriel. O professor, recolhido ao lado do controle da máquina, estava à beira de vomitar e de ter um ataque de pânico e não respondeu. A velocidade fazia o robô esbarrar em várias coisas, perdendo peças e mais peças lentamente enquanto destruía tudo em seu caminho. Os torpedos foram ficando para trás e explodindo no ar.

— A Capela dos Escravos! Chegamos! — gritou Gabriel, mexendo no computador interno e preparando a ejeção dos dois.

O robô entrou na capela como se fosse show pirotécnico, quebrando as paredes e o teto e lançando metade da construção aos ares ao mesmo

tempo, enquanto vários tanques e soldados vinham atrás, atirando e errando devido à alta velocidade.

— *Eje ção protegida em dez segundos.*

— Chupa BOPE! — gritou Águia, lançando um raio radioativo nos vários soldados que vinham correndo e atirando atrás deles.

De repente, seus cintos de segurança metálicos os puxaram para uma cápsula de titânio superprotegida, barras metálicas subiram do chão e a lacraram, e o robô os lançou para fora rapidamente. A cápsula foi jogada para o alto, bateu nas partes do teto que restaram, e caiu no chão, quebrando as tábuas de madeira restantes. Eles imediatamente caíram na caverna abaixo da igreja. Gabriel e Águia colocaram máscaras de gás e o professor destravou a porta da cápsula. Os dois saíram, entre a fumaça.

— Naquela entrada ali, vamos! — gritou Gabriel. Águia olhou a cicatriz do furo em sua mão, recordando quando entrara na resistência, e travou sua pistola do jeito mais seguro possível. Eles pularam e desceram o escorregador para o quartel-general.

///05/09/2054

Águia saiu do simulador de treinamento exausto, com a camisa coberta de suor, óculos totalmente embaçado e cabelo e barba totalmente desgrenhados. Gabriel estava tomando um copo de água de PH questionável e esperando do lado de fora.

— Novato, foi bem? — perguntou amigavelmente.

— Talvez eu não tenha nascido pra ser um rebelde, Gabriel. Olha só pra mim... O computador disse que eu fui acertado pelo menos umas vinte vezes — respondeu o professor.

— E qual é o problema disso, cara? Aquilo é um treinamento. Você não pode acertar tudo de uma só vez, acho que você sabe mais do que qualquer um aqui como os exercícios funcionam. Você repete, repete, repete, repete e repete até parar de errar. Treinamentos são assim. Você vai errar uma, duas, três, vinte vezes. Mas uma hora você acerta tudo. E você só precisa acertar tudo uma vez pra saber que consegue. Nem sempre você vai saber que está errando, ou vai estar preparado para esse erro; mas, uma vez que você erra, você sabe como não repetir esse erro mais.

///14/12/2054

Sueca olhou o computador holográfico portátil em seu bracelete. As câmeras do BOPE mostravam dezenas de soldados do lado de fora mortos pela radiação e alguns que sofreram mutações se transformando em coisas estranhas ou apodrecendo vivos. Um teve seus braços esticados anormalmente, e outro teve um crescimento hormonal com tantos pelos que se transformou em uma espécie de lobisomem e estava comendo sua própria carne. A radiação fora tão forte que derretera algumas máscaras de gás e blindagens. A transmissão das câmeras de segurança foi interrompida, e uma mensagem ao vivo do Diretor-Geral do BOPE no Sudeste apareceu.

“Soldados do BOPE, tenho uma mensagem para vocês. Nossa situação atual está lamentável, uma vez que estamos sendo atacados pela milícia do tráfico de água Ordem Vermelha, que é extremamente forte e provavelmente a terceira mais forte do mundo, e pela Resistência da Capela. A Resistência por bastante tempo pareceu ter sido derrotada, porém, está ressurgindo. Eles destruíram nossa Delegacia principal, perto do Ilha1 e parte da Base Roquefort no Nordeste. Agora querem destruir Tiradentes, e já mataram metade dos nossos homens ali. Batalhão de Operações Especiais, evacuação geral imediata da província de Minas Gerais para o Rio de Janeiro. Tivemos um conselho federal, e eu, o governador Keller, o s índico Dan e a vossa excelência, o vice-ditador decidimos que vamos cuidar da situação do Barra3 primeiro. Também temos ordens para evacuarmos do edifício o máximo de pessoas das classes média baixa e média para média alta. A classe alta deve ser retirada do prédio. Faça na caveira.”

A transmissão acabou. Sueca aguardou, e o ruído de caminhões, helicópteros e veículos se distanciando começou. Ela se sentou num canto, do lado da porta blindada do quartel-general da resistência e de três cadáveres de soldados, quando Águia e Gabriel chegaram.

— Sueca? O que está fazendo aqui? — perguntou Águia.

Gabriel também ficou surpreso. Ela ia responder, quando Gabriel começou a falar.

— Oi, Sueca... Gente, não podemos perder tempo. Temos que pegar nossas coisas, ver se tem alguém vivo aí dentro e fugir, vai ser perigoso

demais ficar aqui. Também tentar contatar Laira, se ela tiver viva... Tem um esconderijo no Pará, podemos nos reorganizar lá e continuar — disse ele enquanto destrancava a porta.

Ele sabia de cor os números do código para entrar, tinha vivido ali desde a infância. Os três entraram rapidamente, fechando e trancando a porta. O QG estava completamente abandonado e cheio de teias de aranha e poeira. Laira ou qualquer outro com certeza não haviam voltado. Gabriel foi para a sala de armas imediatamente, deixando a idosa e o professor a sós na sala.

— Por que você veio nos procurar, Sueca? Como você veio? Aqui é perigoso... — ponderou Águia, confuso.

— Você é um velho amigo. Não podia deixar vocês na mão. Tenho meus contatos, e posso tirá-los daqui — respondeu ela com um sorriso.

— Muito obrigado... Não sei nem como agradecer... — Ele a abraçou. A senhora sorriu, envolvendo seu amigo

— Você pode me agradecer... — O professor sentiu uma faca penetrando suas costas, e soltou um gemido de dor. — Morrendo. E indo pra porra do inferno — Ela enfiou a lâmina mais profundamente, fazendo-o cuspir sangue.

— Hã?! Sueca... por quê?

Ele agonizava. Já tinha sido torturado, quebrou vários ossos e levou alguns tiros desde que começara a ser um rebelde, mas nada havia doído mais que aquela faca. O sangue começou a pingar no chão e formar uma pequena poça.

— Você usou meu computador. Eu deixei você usar de graça. Pela nossa amizade. E então, você erra. Você não ativa o Tor. E eu levo um monte de tiros, sou investigada, levo uma multa astronômica e tenho que fazer uma cirurgia pra retirar as balas. Eu passei mais de um mês na merda do hospital porque você não ligou o Tor, João. E isso sem nem falar do meu irmã... Só morre! — Ela afundou a faca ainda mais.

— Não... a culpa não é minha. Eles me denunciaram... um amigo meu... me denunciou... o professor de Geometria... o professor Ricardo. A

culpa... não é... minha... — Sueca retirou a faca. — Você... vai me poupar? — perguntou o professor, com uma voz fraquíssima.

— Não.

Ela passou a enfiar a faca de novo e de novo nas costas dele. O professor parou de abraçá-la, respirou fundo dolorosamente e desabou no chão, na sua própria poça de sangue.

— Que porra é essa?! — gritou Gabriel, vendo Águia no chão coberto de sangue. Ele ficou chocado e surpreso demais para reagir.

— Obrigado por trazê-lo até mim, garoto. Chegou hora de pagar sua parte do acordo. — Ela sacou sua mini-escopeta do coldre e deu um tiro certeiro na cabeça do outro, que caiu morto. O cheiro do sangue se espalhando já entrava nas narinas da velha.

— Você matou ele? Mas... por quê? O que ele fez? — O professor conseguiu perguntar.

— Nada, João. Mas ele é seu único amigo. E eu quero que você sofra, assim como eu sofri. — Ela cravou a faca na perna dele, e guardou sua mini-escopeta no coldre.

— Sueca... por favor... não me deixe morrer aqui... eu era seu amigo...

Ela ouviu as súplicas sorrindo e foi até a porta de saída.

— Agonize, João Águia. Fique aqui, esquecido e sozinho, na escuridão, igual como fizeram comigo na biblioteca. Ninguém vai se lembrar de você de qualquer jeito. — Ela desligou as luzes do local, saiu e fechou a porta de aço por fora.

— *Sequ ência de autodestruição ativada. Último sensor de batimentos cardíacos implantados nas costas dos capelães no território nacional parou de dar sinal. Explosão total em dez minutos. Se for um erro, por favor, retire-se do local ou ative a senha emergencial do líder da Resistência da Capela.*

Disse o computador interno do QG, enquanto os olhos vazios do professor fitavam o nada.

///24/12/2054

— Comissário Crimes, está pronto? — perguntou Dan, ao telefone.

— Nasci pronto, síndico. Fazer isso tudo foi como dirigir um autoblindado — respondeu o comissário, enquanto era levado para longe do Barra3 em seu helicóptero particular.

— Ótimo. Finalize a Operação Sarah — disse o síndico com uma voz firme.

Sua vingança estava concluída. O tráfico havia sido destruído. Fritzerwald havia sido destruído. O velho, corrupto e decadente Barra3 havia sido destruído. O edifício idealizado pelo seu antigo chefe seria construído. Estava tudo dando perfeitamente certo até agora. Dan se levantou, olhando os arredores com um copo de chá do Starbuckos na mão. Tomou um vitorioso gole. Agora, o copo estava meio cheio. Dan tinha vencido, e isso o deixava triunfante. Sarah estaria orgulhosa em algum lugar. Na verdade, não em algum lugar, ela estava literalmente do seu lado, aplaudindo. Ele estava sem nenhum assistente ou segurança no momento, apenas sua filha. Começou a caminhar pelo porto, na Baía de Guanabara. Por que estava em um porto? Não sabia, simplesmente acordara deitado ali com o copo do Starbuckos na mão, mas sua filha estava feliz. Dan também estava feliz. Ele olhou para as águas sujas do mar. Um cargueiro de tamanho médio estava ancorado e carregando caixas, algo estranho no Natal e ainda mais estranho com a cidade em toque de recolher. Dan ficou curioso, e se pôs a prestar atenção no navio. As caixas eram de vidro blindado. Eram dezenas... Talvez centenas de livros de todos os tipos, tamanhos, formatos e idades.

///22/12/2054

Sueca pegou seu celular, alguém estava chamando.

— Jim, o que você quer? Você não veio fazer sua parte até hoje.

— Ah, desculpa Sra. Setenta anos, fica meio difícil quando todas as organizações policiais, empresariais e criminosas do mundo estão te prendendo, sequestrando, matando... — respondeu ele, irônico.

— Tá, tá, tá, Jim. Diz porque ligou.

— Estou há alguns dias tentando ligar pra você. Por que você não me atendeu?

— Tive uns probleminhas.

— Enfim, descobri o que o Dan quer. Ele vai...

Sueca o interrompeu:

— Jim, não podemos falar isso por telefone. A PI do Barra3 deve estar ouvindo.

— Daqui há alguns dias não vai ter nem PI nem Barra3. Já contratei o navio de carga e aluguei um apartamento no sul da França. Promessa é dívida, Alva.

— Não torrou o dinheiro do último contrato com água, cerveja e prostitutas? — perguntou ela, rindo.

O Caçador não perdeu seu habitual tom sério e sarcástico.

— Não há tempo pra brincar, Alva. Se não sair, você vai morrer. E seus livros também — alertou Jim.

— Calma. A evacuação do meu andar é amanhã.

— Minha equipe vai estar aí pra guardar tudo em duas horas. Chego junto com o cargueiro francês alugado, o *Julyopaula*. Vai dar pra colocar os livros nele.

///24/12/2054

Dan observou o *Julyopaula*, pensando em como esse nome era ridículo para uma pessoa e mais ainda para um navio.

— Dan! Que bela surpresa você por aqui! Seu psicótico de merda... — disse o Caçador, alguns metros atrás do síndico.

— Caçador? Por que está aqui? — perguntou Dan, assustado e suando frio.

— Eu pensei em te deixar vivo, mas... Você é um monstro. Muito pior que eu ou Fritzergald ou Saratov. Tem ideia do que fez, Nunes? Centenas de milhares de vidas foram destruídas por sua causa. Eu costumo ligar o foda-se pra tudo, mas... você é exatamente a mesma coisa que destruiu Tóquio. E eu prometi te matar. — exclamou Jim, com sangue nos olhos.

— Caçador, eu sei que fiz e farei coisas pavorosas, mas tudo isso é pela... — Dan ia dizendo, quando o outro o interrompeu:

— Não foi por sua filha! Você queria se vingar, essa é a verdade! Sua filha está morta há anos! Eu pesquisei tudo sobre você nos arquivos que a Sueca guardou da sua vida, Nunes... Você parou de se controlar porque não suportava a ideia de ficar sem ela, mas a usou como uma desculpa, independentemente da veracidade dos seus delírios com ela. Você fez dela uma desculpa para fazer quantas atrocidades fossem necessárias para se vingar, simplesmente colocando a culpa disso tudo no que sua “filha” mandava. Mas ela nunca mandou, porque estava morta. E você sabia que ela estava morta. Você poderia ter parado o sofrimento, a depressão, as alucinações... tudo. Na hora que quisesse. Se tivesse continuado o tratamento. Mas você não quis. Tudo para manter uma distorção bizarra da sua filha por perto.

— Como, como... — O síndico estava em choque.

— Eu sou um caçador. Eu preciso saber sobre minhas caças antes de caçar, não concorda? — O Caçador erguia uma pistola.

Dan se virou para sua filha, observando-a desvanecer lentamente. Ele sempre soubera que ela não estava lá de verdade. Mas não queria que ela fosse embora. Quando, na verdade, ela sequer poderia ir embora porque não existia mais. Dan tomou o último gole do copo do Starbuckos, jogou-o no

chão e pisou nele. Voltou a olhar para Jim, que estava apontando para o céu. Então, ouviu o barulho de um tiro e uma corrente se rompendo. Em seguida viu a sombra do enorme contêiner que caía sobre sua cabeça cobrindo tudo ao seu redor. Dan sorriu, com lágrimas saindo dos seus olhos, ao ver que Sarah não estava mais com ele naquele momento.

///25/12/2054

Crimes acendeu um charuto. Ele havia tentado ligar para Dan de novo, e novamente tinha ficado sem resposta. O comissário estava em um helicóptero, entre as nuvens, distanciando-se lentamente do Brasil. Sua família já estava na sua nova mansão milionária no Panamá, e seu novo emprego como informante de segredos de estado brasileiros para a Aliança Grã-Boliviana estava assegurado. Longe da PM, longe da PI, longe da Ordem Vermelha e com água em abundância. Era um sonho transformado em realidade. Um sonho pago por Dan. O policial se debruçou na janela, observando a mata amazônica lá embaixo. Fumaça, queimadas, tanques e helicópteros de guerra vinham de todos os lados. Estava sobrevoando um campo de batalha. O telefone tocou, e ele atendeu na esperança de ser Dan.

— Comissário Crimes, necessito que volte imediatamente para o Barra3! Temos relatos de fortes explosões! O prédio está se destruindo! — gritou um síndico ou talvez policial qualquer.

— Isso não é problema meu. Os bombeiros ou o Dan é que são respon... — respondia calmamente quando foi interrompido.

— Não percebe a gravidade da situação?! A porra do prédio tá explodindo! O Dan está incomunicável, ninguém do Barra3 atende. Precisamos do...

Crimes jogou o telefone pela janela, enquanto colocava o charuto de volta na boca.

///

As tropas da Ordem Vermelha estavam extremamente desmoralizadas. Lutavam por falta de opção. Saratov já ordenara a retirada total do prédio, mas isso se mostrara impossível, já que a polícia havia bloqueado todas as saídas. O BOPE simplesmente atirava para matar, não importando se eram bandidos, desertores, civis ou traficantes. Os andares estavam destruídos. Não havia mais equipamentos. Corpos estavam empilhados, espalhados e fedendo.

— Que cenário mórbido para um Natal... — comentou Joca, um rapaz que se juntara aos resquícios da Ordem Vermelha para sobreviver. Ele e seu amigo, Anderson, estavam caminhando em o que uma vez havia sido uma praça interna, com árvores, bancos, um coreto e um chafariz. Agora, era só um monte de destroços, corpos apodrecidos e lixo. Muito lixo.

Os dois não viam água havia dias, e estavam quase esqueléticos. A única forma de sobreviver era beber a própria urina. Além disso, se perderam em meio à destruição há alguns dias, sem saber para onde ir.

— É mesmo... — respondeu Anderson, carregando um fuzil.

De repente, eles viram luzes brilhando entre os destroços e um “Bi... Bi... Bi...” começou.

Joca correu até a pilha de sujeira e corpos, que estava encostada em uma parede totalmente rachada.

— Cuidado... Pode ser uma bomba — advertiu Anderson.

O rapaz começou a escavar com as mãos, e viu um pequeno aparelho redondo implantado no piso, que brilhava e soltava o ruído.

— Corre! É uma mina automática! — gritou Joca.

— Quê?! Uma dessas de hora marcada?! — perguntou ele, enquanto era empurrado pelo amigo, que fugia desesperado e esbarrando em tudo.

— Talvez ela desative se eu atirar... — Anderson ergueu sua arma e fuzilou a bomba.

Joca só ouviu a explosão e o agonizante grito de seu amigo. De repente, o corredor inteiro começou a ser tomado pelo fogo. Várias bombas começaram a ser acionadas. O rapaz se jogou contra a já frágil e rachada parede, que ruiu, e caiu dentro de um apartamento. Era uma sala, no meio dela havia um ventilador e um senhor enforcado nela, já em decomposição e coberto de moscas. Joca já estava acostumado e não vomitou. Então, ele correu até a janela, e saltou, segurando-se na beirada. O fogo estourou todo o andar, e carbonizou seus dedos. Ele tentou se segurar com a boca antes que caísse. Rachaduras começaram a se romper por toda a parede. Seus esforços foram em vão, pois iria cair de qualquer forma. Outras bombas começaram a estourar. E percebiam-se tiros e gritos da “guerra interna do Barra3”. Joca sangrava muito e a dor nas mãos queimadas era intensa, ele não poderia mais aguentar. De repente, viu um flash. Helicópteros de notícias tiravam fotos do pobre rapaz que se segurava para não cair como podia e tentava adiar sua inevitável morte. Poderiam ajuda-lo, mas tiravam fotos. Um flash atrapalhou sua visão, e ele se desconcentrou. Começou a escorregar, seus dentes se quebrando, a mandíbula não aguentando o peso, seus ossos do crânio se separando. Era o fim. O rapaz foi batendo nas paredes e dando piruetas no ar, quando atingiu em cheio a água da Baía.

///

— Resistir é inútil! — gritou o tenente Sérgio a um grupo de adolescentes que corriam com várias garrafas de água nas mãos. Ergueu seu fuzil e atirou. Os moleques maltrapilhos caíram mortos no chão do salão de beleza. O tenente pegou seu rádio da PM de elite e informou o operador: — Seis moleques de uns 16 a 19 anos abatidos aqui no corredor central do andar 25. Eles estão no... “Instituto Capilar Embeleza”.

— Obrigado policial. Mandaremos uma equipe pra recolher os corpos assim que possível — respondeu o operador com uma voz tranquila demais para a situação. O tenente sabia que aqueles corpos iam apodrecer no salão e que ninguém ia recolher merda nenhuma. Era o que sempre acontecia. Estava cansado daquele trabalho genocida, mas deserção era punida com a pena capital. De repente, ouviu um barulho estranho e distante.

Bip... Bip... Bip...

O tenente entrou no seu carro-de-corredor e se dirigiu para a origem do ruído. Vinha de uma papelaria abandonada. A vitrine fora destruída por um carro-de-corredor civil, que jazia abandonado lá dentro. Tudo estava sujo, havia dois soldados do BOPE mortos no chão e duas estantes haviam sido derrubadas. Sérgio foi até uma prateleira no fundo do local, e retirou alguns livros. Um dispositivo redondo emitia o ruído e soltava algumas luzes vermelhas. Ele imediatamente começou a recuar e ergueu sua rádio.

— Operador, chame o esquadrão antibomba para minha loca...

Tudo ficou escuro e sem som. Ele sentiu ser arremessado por quilômetros. Quando deu por si, estava sendo consumido por fogo.

///

Os helicópteros da imprensa rodeavam o mega-edifício em chamas. Algo que parecia impossível estava acontecendo. O Barra3 estava sendo consumido por fogo, e lentamente começava a desmoronar. A visão de pessoas se jogando pelas janelas tomava as imagens. Carros da polícia saíam desesperados pelas principais vias que acessavam o prédio. Helicópteros e aeronaves do BOPE decolavam. O prédio podia ser descrito como um caos sem fim. Uma nova e moderna Pompéia, em uma nova era. Keller desceu do helicóptero no heliporto do Barra1, aterrorizado.

— É assustador, não é? — perguntou Mikael Saratov, ao seu lado.

— Sim... peraí, o que você está fazendo aqui?! — O governador estava surpreso.

— A culpa é sua! Você deveria ter me parado! — gritou Dan, com um aspecto de louco bem assustador do outro lado.

— Não, não... eu tentei! — murmurou o governador

— Você deveria ter feito seu trabalho! Agora o Caçador está livre, eu estou morta e o Barra3 já era! — disse Armen, atrás dele.

— Vão nos descobrir! O Yago vai nos descobrir, Keller! E então seremos presos! — gritou Saratov.

— Por que você não parou Dan, imbecil? — perguntou o Caçador.

— O Caçador poderia ter feito o trabalho dele, matado Dan... e nada disso teria acontecido! — gritou o mercenário Ribä.

— Esse prédio está sofrendo “por cada” parte de sua pele, Keller — acusou Saratov.

— Parem! Parem! Parem! — gritou Keller, assistindo aos fantasmas de seu passado discutindo.

— Algum problema, governador? — perguntou sua assistente, colocando a mão em seu ombro dele cuidadosamente para não tocar em alguma cicatriz.

— Eu... eu... fiz isso! — Ele apontou para o prédio desmoronando. A água da Baía se enchia de lixo e sangue. Repórteres desciam de helicópteros, agências de notícias do mundo todo filmavam a cena

— É o Onze de Setembro da metade do século! — gritou um repórter.

— Estamos tentando contatar o síndico Dan, nenhuma notícia dele — disse outro.

— Governador Keller! — gritou um, aproximando-se do governador.

— Não concederei entrevistas! — gritou Keller de volta.

Outros jornalistas notaram a presença do homem e se aproximaram rapidamente, formando uma multidão. O governador avistou Jim Wild na multidão, com o frasco do gás mostarda. Ele precisava correr, não podia perder o resto da pele. Um repórter insistiu.

— Gov...

De repente, uma explosão terrivelmente forte balançou toda a cidade. O prédio começou a se dobrar, e, em seguida, a cair.

— Aqui é Renaldo Andrades do Jornal Federal, ao vivo! Parece que o Barra3 está desmoronando! É isso mesmo! Ele está caindo! — gritou o repórter.

O prédio desabava, produzindo uma nuvem de poeira e lançando destroços para todos os lados. O governador suou frio, e recusou. A queda produziu uma enorme onda, e a água poluída e suja da Baía de Guanabara se espalhou. Os prédios vizinhos ao antigo Barra3 receberam uma rajada da imunda água carioca. Era uma pequena tsunami, que inundou todos os apartamentos que estavam com janelas abertas e destruiu todas as garagens aquáticas.

— Recebemos relatos que metade do já sofrido BOPE do Sudeste estava ali no prédio. Parece que a organização policial pode ser desativada. Além disso, um quinto da PM carioca acaba de ser destruída! Cariocas, refugiem-se em casa, uma crise de segurança pública... — Um policial bateu na cara do repórter com um cassetete elétrico.

— Fim de entrevista! Circulando! — gritou o policial, ignorando o fato de aquilo não ser exatamente uma entrevista.

Outros repórteres começaram a ser dispersados pela PM. Keller se aproximou da beira do edifício, observando os destroços do Barra3. Estava tudo confuso demais para sua cabeça, mas algo era claro.

— Dan... minha carreira política acabou, e tudo isso é culpa sua.

O governador cortou contato com o líder da Ordem Vermelha depois do incidente no Supremo Palácio, mas sabia que a PI rapidamente descobriria seu envolvimento e várias trocas de favores entre ele e o mafioso. Os dois haviam sido amigos de longa data.

///26/12/2054

— Keller, se eu te deixei ser governador, é porque confiei em você — disse o ditador, do outro lado da mesa.

Era um milagre que André não tivesse sido enviado para resolver o problema. E a seriedade que o fato inspirava assustava o pobre governador corrupto.

— Eu sei, Sr. Maxwell — respondeu Keller, cabisbaixo.

— A PI encontrou dúzias de documentos. O seu mordomo Inácio entregou tudo. Subornos da Ordem. Encontros comerciais com Mikael Saratov. Tudo de pior. Desde 2043! Tudo que nunca imaginei que você faria. — resmungou o ditador.

Keller perdeu a linha.

— Até parece que você, o ditadorzinho da puta que pariu nunca fez nada de errado! Enfia essa liçãozinha de moral no rabo e me prende que nem homem! — gritou o governador.

— Tudo bem, Sr. Keller. Você está preso. Mas, antes, vou extrair suas informações a força.

O ditador se levantou e seus seguranças começaram a espancar Keller.

///25/12/2054

O Caçador se sentou no convés do navio. As gaivotas vinham voando, sujas de óleo. Ele observou o Rio de Janeiro. Montanhas e prédios monumentais. Barcos e barcos para todos os lados. A Ponte Rio-Niterói ainda se conservava fora da água, apontando para duas cidades completamente abandonadas e transformadas em prédios e fábricas colossais. Era um cenário macabro e lindo. Sueca se sentou do lado dele, em uma cadeira de praia.

— Como será nossa vida na Europa? — perguntou ela.

— Eu não sei, amor — respondeu Jim. Eles se beijaram. De repente, o telefone dela começou a tocar.

— Alô? — Sueca atendeu.

— Sra. Alva? Aqui é Hans Reitzell, do Departamento de Pesquisa da NATO, digo, OTAN. Ficamos sabendo que está novamente disponível para contratos, e precisamos de livros da senhora para ajudar a fazer um projeto especial. Ouvimos falar que você tem as últimas cópias de livros importantíssimos sobre Nanotecnologia. É para o Projeto Delete. — disse um homem com sotaque alemão.

— Quando eu chegar na França eu procuro vocês. Eu tenho, sim, alguns livros interessantes.

— Ok, muito obrigado. Por favor, caso queira o contrato não diga isso para ninguém. Procure-nos na nossa central em Paris. — O agente desligou.

Sueca guardou o celular e olhou para a paisagem. O Barra3 podia ser visto à distância, coberto de chamas.

— Está acontecendo... Sueca, esqueci de um detalhe... meu chefe, Mikael Saratov. Se ele for preso, eu estarei fodido. Preciso resolver isso primeiro. — disse o Caçador, levantando e indo até a cabine do capitão.

— Você nunca vai parar de matar, não é, Jim? — Sueca souou chateada.

— Semana que vem talvez — respondeu ele, saindo da cabine com sua roupa de camuflagem e algumas armas.

///

Mikael Saratov olhou a televisão holográfica, aterrorizado. Todas as divisões brasileiras da Ordem Vermelha estavam mortas. Todas as pessoas que não haviam fugido do Barra3 estavam mortos, civis, criminosos ou

policiais. Eram no mínimo umas 250 mil pessoas. Keller logo seria preso, e ele não teria mais ninguém pra negociar a presença ilegal da organização no Brasil. Ou pior, seria dedurado. Era um golpe mais forte que a destruição das estações e as mortes de Fritzer e Ribã. Tomou um gole de vodka. Repórteres do mundo todo estavam culpando-o pelo desastre. Se a Ordem Vermelha não tivesse feito tanto caos no Barra3, o prédio estaria de pé. Mikael respirou fundo e trocou de canal procurando algum que não falasse do Barra3, sem sucesso. Acabaria tendo que assistir algum serviço de Streaming. Logo todas as polícias do mundo estariam em seu encalço. Uma das manchetes na televisão falava sobre ele e dizia “o homem mais procurado do mundo”.

///27/12/2054

Cinco soldados do BOPE fortemente armados e equipados estavam posicionados, esperando o sinal para entrar. A entrada do gigante apartamento de luxo na cobertura de um dos maiores e mais ricos prédios de São Paulo estava cercada por seis outros soldados. Saratov havia cometido o descuido de vir buscar documentos e sacar tudo de suas contas na cidade antes de desaparecer para sempre. E acabou se tornando um alvo fácil. O traficante russo apagou as luzes para se deitar, preparando-se mentalmente para fugir no dia seguinte. Ele não sabia que o BOPE já o tinha encontrado. O comandante do esquadrão escalado para invadir o apartamento deu o sinal verde. Os soldados entraram todos juntos, por todas as entradas ao mesmo tempo. Ao ouvir a barulheira, Saratov se levantou da cama, pegou a escopeta de cano curto e correu para o banheiro, que era grande e só tinha uma porta de entrada, mas nenhuma janela.

— Mãos na cabeça! — ordenou um soldado carregando um fuzil de assalto que arrombou a porta do banheiro, levando um tiro na cabeça na sequência. O capacete altamente blindado aguentou o tiro, e o oficial recuou. Os outros soldados se atrincheiraram ao redor porta, preparando as armas.

— Comandante, jogar uma granada? — perguntou um.

— Não. Temos que levar o alvo vivo e sem sequelas, o interrogatório deve ser o mais eficiente possível — respondeu o comandante.

Mikael pegou seu comunicador holográfico e começou a pedir reforços. O soldado-técnico de TI do esquadrão captou o sinal do

comunicador.

— Senhor, ele está chamando reforços.

— Tudo bem. Todos os guarda-costas lá fora estão neutralizados... Mas mande alguém vigiar, só por precaução.

Um soldado imediatamente saiu do apartamento, caminhando no andar e carregando uma escopeta de longo alcance. Ele vasculhou o corredor, e, antes que pudesse localizar o elevador e a escada, uma lâmina poderosíssima o atingiu fortemente, cortando sua cabeça.

— Vigia 4, informações do corredor. Vigia 4? Vigia 4?

O soldado de TI tentava comunicação inutilmente. O comandante e os soldados estavam procurando entradas alternativas para o banheiro e buscando falhas na parede que pudessem dar-lhes acesso.

— Senhor, Vigia 4 não responde — avisou o soldado de TI.

— Envie uma equipe para a porta do apartamento e outra para a entrada da cobertura. Os reforços já devem ter chegado também. — respondeu o comandante. Seis soldados se deslocaram, três para cada lugar indicado.

Enquanto isso, Mikael suava frio dentro do banheiro. Ele tinha se prevenido para caso isso acontecesse, e tentava pegar uma granada de fumaça debaixo da pia sem os soldados perceberem que ele estava saindo da defensiva.

Um soldado foi para o corredor, e avistou o corpo decapitado.

— Vigia 4 está mor...

Ele também caiu no chão morto, com um rasgão em suas costas. Os outros soldados da porta de entrada saíram imediatamente, ergueram suas armas, e se surpreenderam ao ver o companheiro morto. De repente, os dois caíram no chão decapitados.

— Comandante, perdi comunicação com os guardas da entrada. Cobertura, respondam! — chamava o soldado de TI.

— Estou aqui. O Vigia Traseira 2 foi patrulhar a cobertura. Eu e meu... Meu Deus!

De repente a comunicação foi perdida. Só restavam o comandante e mais quatro soldados. Saratov estava ciente disso, mas o fato de não saber quem estava atacando os policiais o preocupava um pouco. Deixou sua escopeta pronta para enfrentar o inimigo, quem quer que ele fosse. Nem o soldado-técnico e nem o comandante sabiam o que fazer.

— Comandante, acho melhor chamar ajuda... — sugeriu um soldado, enquanto empurrava um armário para a frente de uma das entradas do quarto.

O comandante se virou para responder. O soldado de TI e outro soldado estavam jogados no chão, mortos. Essa surpresa só não foi a última porque Saratov saiu do banheiro e lançou uma granada de fumaça. O comandante rapidamente agarrou seu fuzil com mira térmica e começou a buscar qualquer temperatura humana entre a fumaça. Ele se alarmou, pois o visor mostrou os outros dois últimos soldados sendo mortos por sete agressores misteriosos, que pareciam estar segurando espadas curvas. O líder da Ordem Vermelha fugia enquanto isso, já procurando uma maneira de deixar o apartamento. O Caçador tirou seu capacete de comandante e o jogou no chão, erguendo o fuzil em seguida.

— Eu queria fazer isso do jeito fácil, mas você não me deixa escolher, Saratov.

Ele mirou em um dos sete misteriosos invasores e o fuzilou. Os outros, que mostravam ter algum tipo de treinamento tático bem avançado, rapidamente se esconderam. No outro canto do domicílio, Mikael corria pela sala em direção à cozinha. Jim colocou o fuzil nas costas e pegou a espada curva do homem caído. Era uma cimitarra árabe.

— Permitam-me humilhá-los em uma luta justa, por favor — anunciou o japonês.

Imediatamente, um dos agressores misteriosos apareceu e tentou agarrá-lo pelo pescoço com um cabo de fibra. O Caçador movimentou a cimitarra e rapidamente cortou uma mão do homem, que recuou urrando de dor e xingando.

— Seus palavrões estão em árabe... Ribä... Matar o pai de vocês, um irmão, todos os seus empregados, destruir metade da mansão com um caminhão, vender todas as suas informações e roubar tudo dos seus bancos já não foi suficiente? — enumerou o Caçador, em inglês. O homem voltou, mesmo sem mão e com muita dor, e tentou acertar Jim com um punhal de prata bastante afiado. Ele falhou, e o Caçador agarrou-lhe a mão e a quebrou de tal forma que os ossos rasgaram a pele.

— Nem pra contratar soldados vocês prestam mais... Um soldado de vocês não carregaria um punhal de prata como este... Eu ferrei vocês tanto assim? — perguntou Jim.

A fumaça já tinha se esvaído, o homem usava uma burca com símbolos islâmicos, que o Caçador rapidamente arrancou, revelando um rapaz árabe, que começou a urrar:

— Você matou meu pai, Caçador! Você é um... — O japonês envolveu o pescoço do homem e o quebrou.

Na cozinha, Saratov pegou um cutelo e um facão, e partiu para o combate. Avistou um dos invasores, que parecia estranhamente ignorá-lo, caminhando silenciosamente pelo salão principal para chegar no quarto. Mikael deu um grito de guerra e penetrou o crânio do infeliz com o cutelo múltiplas vezes, derrubando-o sem vida no chão segundos depois.

Nesse instante, outra figura de burca saiu de trás de um vaso de plantas com uma maça e tentou acertá-lo. O russo esquivou-se, quase sendo atingido, e lançou o facão, cravando-o no braço do seu opositor. A figura imediatamente grunhiu e recuou, e ele respirou fundo e correu em direção à cobertura. De repente, escutou um disparo, que acertou o chão ao lado dele, fazendo-o parar. Era uma clara ameaça. O Caçador, na roupa blindada de comandante do BOPE, tinha disparado com uma pistola.

— Que foi, seu filho da puta?! Por que tá vindo atrás de mim?! Explica logo essa merda, porra! — perguntou Mikael, gritando.

— Cadê os seus cacófatos, Mikael? Você fica tão sem graça quando não os usa... Aliás, atrás de você — avisou Jim calmamente, atirando na cabeça da mulher que estava tentando tirar a faca do braço. Nesse instante, alguém quebrou um jarro na cabeça de Saratov. O russo ficou tonto, mas tentou permanecer de pé. Logo sentiu um pedaço de madeira batendo na sua barriga, que derrubou-o. Jim jogou a pistola no chão, pegou uma garrafa de vinho em uma mesa, quebrou-a e a lançou no pescoço do rapaz que batia em Mikael, que caiu no chão morto.

— Escutem, kebabs retardados. Ele é minha caça. Se tentarem me caçar, ou caçar ele, vou matar cada um de vocês.

Saratov e os outros tremeram de medo. Todos sabiam que o Caçador nunca brincava quando se tratava de matar alguém. No submundo do crime, os boatos diziam que ele matara Dan e mais de dez outros síndicos. No início da carreira, quando sua identidade ainda não havia sido descoberta pela Polícia da União Asiática, ele era considerado uma figura quase

mitológica. Dizia-se até que era uma entidade imortal e matara JFK. Mas isso tinha sido no seu início, no final dos anos 2030 e início dos anos 2040. E o Caçador estava velho, por mais que não o admitisse. Os Ribä tomaram uma rota de fuga , percebendo que iriam morrer se continuassem ali. Saratov tentou voltar para a cobertura, quando foi impedido por Jim.

— Jim... Caçador, a gente tinha um contrato, a gente...

— Shhh... repita, sem cacófatos dessa vez.

— Jim, por favor — implorou Saratov.

— Saratov, eu estou saindo. A Ordem Vermelha me deixou preso demais, eu quero voltar a ser freelancer. E você vai ser preso se eu não te matar. Você sabe muito sobre mim, Saratov. Sua vida infelizmente acabará neste instante, mas você já tá nessa porra de mundo há uns 70 anos, não vai perder nada.

O Caçador arrastou Mikael pela cobertura, até a cerca que levava para a beirada do prédio. O edifício era absurdamente alto, fato que não deixava a situação menos assustadora para o russo.

— Por favor, Jim... me deixa ir... a gente é amigo. Somos amigos, não somos? Eu te dou dinheiro ou o que você...

— Meu Deus, nem no seu leito de morte você cala a porra da boca?! Já te disse que não somos amigos. E aliás, cacófatos são uma merda.

O Caçador o jogou na imensidão de São Paulo. Então, virou-se e caminhou pelo apartamento e sentou-se à bancada da cozinha, respirando fundo. Mikael Saratov estava morto. Será que a Ordem Vermelha iria acabar? No fundo, ele estava pouco se fodendo. Jim se levantou para

vasculhar o local . Havia um crânio com um quepe nazista exposto em uma espécie de vitrine decorativa no centro da sala. Havia uma pequena placa no vidro.

“Crânio de Josef Mengele”

O Caçador rompeu a vitrine com um forte soco, arrancou a caveira que estava dentro, e foi embora caminhando normalmente.

///14/02/2055

— Companheiros, companheiras e amigos por conveniência, todos nós sabemos que o BOPE está arruinado aqui no Sudeste por enquanto e que a Ordem Vermelha se mandou do país... — falava o líder criminoso ao microfone. Ele estava em um apartamento isolado e oculto no Centro1, em pé em cima de uma mesa. Atrás dele, uma multidão de delinquentes e marginais armados o observava.

— Isso tá na cara, filha da puta. Fala logo o que cê quer! — gritou alguém na multidão.

— Eu acho que... com o BOPE detonado e com a PM de elite fodida, não vai ser a PM normal que vai nos segurar. Então... vamos reabrir o comando. Só que, dessa vez, estamos mais fortes que nunca, e não vai ter mais Polícia Militar pra parar a gente!

Todos começaram a aplaudir.

///02/05/2055

— E aí você deixou eles pra morrer? Você é bem mais cruel do que eu pensava. — disse o Caçador.

— Eu estava de fato cega pela raiva. Mas tinha uma razão pra fazer isso — explicou Sueca.

— Sølveifg, seu irmão, não é? Quantos anos ele tinha? Ele era mais velho que você.

— Sim. Quando me falaram que ele tinha infartado, eu achei que se me vingasse poderia superar o erro. Mas não resolveu. Por isso, logo depois de sair eu voltei, tirei o cara lá de dentro e o levei ele lá pra cima.

— Você sabe que ainda vai pro inferno, né? Isso não vai adiantar muito.

— Já estamos no inferno, Jim.

///30/06/2055

“Notícia de última hora! A OTAN acaba de anunciar a implementação do chamado Projeto de Aperfeiçoamento Mental Avançado em toda a população da França, Inglaterra, Espanha e das áreas não devastadas da Alemanha. Em breve todos os territórios europeus da OTAN irão implementá-lo. Segundo a organização, serão implantados nanochips nos cérebros das pessoas desses lugares através de um líquido quase idêntico à água denominado A-122. Esses chips serão usados para melhorar as capacidades cognitivas desses cidadãos.”

///20/09/2055

“Boa noite. Hoje foi anunciado que a construção do edifício Prime está cerca de 20% concluída. O prédio ocupará um lugar próximo ao do Barra3, destruído por um atentado da organização russa de aquatráfico denominada Ordem Vermelha no Natal do ano passado. O mega-edifício será o mais luxuoso do Rio, e contará com 53 andares e um porto comercial interno na base, além de segurança da PM reforçada por androides. O projeto está a todo vapor desde final de janeiro.”

///13/10/2055

— Não... por favor, não... — O mendigo levou um tiro na cabeça e caiu sobre uma mesa. Os delinquentes pegaram seu corpo e o jogaram no chão antes de darem mais dois tiros.

— Esses mendigos vagabundas não entendem que ninguém se meter nos negócios de Saladin Ribä! — gritou um dos criminosos, com um bizarro sotaque árabe.

— Mas, afinal, que foi que esse cara fez? — perguntou outro.

— Ele foi pegado roubando água. Água de comando de Ribä. Alá seja louvado, mas que homem estúpido...

///17/11/2055

O general Antony se sentou sobre um banco de madeira num barzinho imundo e pobre, que ficava ainda mais imundo e pobre cada vez que ele se recordava que estava no meio da Amazônia e a menos de vinte quilômetros de um campo de batalha. Ao lado dele, em outro banco, estava sentado um homem barbudo e de aparência cansada e envelhecida, apesar de ter menos de trinta anos. A televisão ancestral e horrorosa dos anos 1990 ligada a um conversor de sinal holográfico de oitava categoria mostrava as notícias.

“Em mais uma investigação da Polícia Investigativa do Nordeste, outros vinte criminosos da gangue Nova Facção Familiar do Norte foram presos. Acredita-se que seja uma das principais facções criadas após o colapso da Ordem Vermelha no país, uma milícia que já foi tão poderosa que dominou várias regiões nos anos 2040, sendo sua maior conquista a de Juiz de Fora, ocupada inteiramente por cerca de um mês no ano passado. Relatórios liberados pela PI indicam que a Nova Facção Familiar do Norte, ou NFFN, conta com alguns dos principais ex-comandantes da Ordem Vermelha do Nordeste, e parece ser uma espécie de dissidência da antiga Facção do Norte, exterminada pelos nossos heroicos militares durante a Guerra Civil”, dizia um repórter.

— Sabe o que eu acho? Esse país tá fodido. Não vale nada lutar por ele — comentou o barbudo, enquanto tomava um gole de cachaça.

— Não seja tão intolerante. Só estamos assim por causa dessa guerra e dessa crise. O mundo todo tá assim. Ninguém mais tem água. Acho que quando acabarmos com a guerra pela água com os bolivianos e os outros filhos da puta tudo vai melhorar — disse o general.

— Não acho. Que Deus me perdoe, mas já vi coisa ruim demais nesse lugar.

— Nunca é tarde para fazer a coisa certa. Aqui, se quiser seguir meu conselho... você pode ser um bom soldado.

O general colocou um panfleto de alistamento na mão de Ryan, terminou sua bebida e se foi.

///20/11/2055

“Boa tarde! Notícias de última hora! A prefeitura do Rio de Janeiro confirmou a construção da estátua em homenagem ao ex-síndico desaparecido do mega-edifício Barra3, Dan Nunes. A estátua pretende ser um forma de louvar seus bravos atos de resistência ao crime organizado e ao aquatráfico, incluindo a persistente e determinada, embora fracassada, defesa do Barra3 contra as destrutivas forças da Ordem Vermelha! Isso com certeza é algo ótimo para um dos maiores símbolos e heróis brasileiros, o síndico Dan, eleito pela população como melhor brasileiro dos últimos cinco anos no censo de março, recebendo 4% de votos a mais que o próprio ditador! A estátua ficará no topo do novo mega-edifício exclusivo da classe média alta e classe alta carioca, o Prime, e terá 45 metros. O prazo para ficar pronta é 2060.”

///25/12/2055

“Para marcar o aniversário de um ano do Desastre do Barra3, o nosso querido vice-ditador André anunciou hoje a implantação do Projeto Delete em todo o território nacional. Nanochips serão inseridos em toda a produção de alimentos e água legalizados na próxima segunda-feira. Para explicar melhor como o projeto funcionará, o governo federal enviou um vídeo holográfico informativo e didático, que exibiremos todos os dias às 19:30 até abril de 2060. O vídeo estreia agora. Bom Natal e bom vídeo”, exclamou a âncora do jornal. A tela holográfica foi ocupada pelo losango amarelo com fundo e círculo branco da bandeira nacional e o tema do hino começou a tocar ao fundo. Cinco segundos depois, o vice-ditador apareceu, sentado sobre um banco com as Cataratas do Iguaçu como cenário. No meio das águas era possível ver um navio militar de tamanho pequeno.

*“Boa noite, povo brasileiro. Venho comunicá-los sobre a implantação do novo projeto de segurança nacional, desenvolvido pela OTAN e já usado há tempos na Europa e nos Estados Unidos com muita eficácia. Ele se chamará **Projeto Delete**. Pois bem, como funcionará e como será aplicada esta grande inovação? Trata-se de um sistema de nanochips que serão inseridos na água e em alimentos, através de uma espécie de água potável diferenciada chamada A-122. Quando consumido pela primeira vez, o nanochip se conecta ao cérebro do cidadão, o que permite ao governo, através da internet e de satélites, sempre saber a localização exata da pessoa em questão. Vamos usar um exemplo. Imagine que um grupo de terroristas invadiu uma creche. Caso esses terroristas tenham tomado um copo de água com os nanochips, veremos sua localização e os eliminaremos rapidamente, sem necessidade de tiroteios ou mortes de policiais. Mesmo não sabendo os nomes desses criminosos, pode-se eliminá-los através da análise de todas as pessoas no local atingido. A pessoa que tiver antecedentes, pouca instrução ou a condição social mais baixa será deletada, pois haverá quase 100% de chance de que seja o criminoso. Outro fato importante: se uma pessoa tomar vários copos de água e já estiver com o Delete no cérebro, os novos nanochips serão simplesmente descartados. Para ativar e registrar aquele chip, o indivíduo terá que ir obrigatoriamente na delegacia mais próxima para ser inserido no sistema nacional. Não há necessidade de preocupação, pois o processo*

dura menos de cinco minutos. Mas, se uma pessoa consumir os alimentos e não for se registrar em até trinta dias, o chip o deletará da sociedade. Finalmente, os nanochips não funcionam em animais. Seu cachorro pode continuar roubando sua comida sem se preocupar. Muito obrigado, boa noite e louvada seja a nossa pátria idolatrada.”

///12/01/2056

“Boa noite. Hoje foi mais um dia fantástico no nosso glorioso país, pois além de termos reconquistado uma faixa de sete quilômetros quadrados na Amazônia, cerca de cinquenta crimes com perpetradores completamente diferentes e não correlatos foram impedidos de acontecer. Isso tudo graças ao Projeto Delete, que começou a deletar indivíduos perigosos da nossa sociedade magnânima hoje. O futuro parece promissor para nossa grande nação, pois a meta estipulada pelo vice-ditador é erradicar todos os crimes e criminosos detectáveis pelo menos até 2065.”

///14/01/2056

“Boa noite. O Projeto Delete vem novamente mostrando seu potencial de solucionar todos os problemas ligados à delinquência, não só no Brasil como em todo o Ocidente. Hoje, em uma operação chefiada pela Polícia Investigativa do Sul com colaboração da Polícia Militar de Elite de Porto Alegre, dezessete estudantes comunistas, petistas, anarquistas e terroristas foram capturados se reunindo em uma casa em uma ilha isolada no meio do Lago Guaíba. Na casa foram encontradas armas, munição, mapas, um notebook holográfico com acesso a sites proibidos, pés de maconha, uma bandeira com símbolos socialistas e uma bandeira da fracassada antiga república brasileira. Os marginais foram levados para interrogatório, e, se tudo der certo, até o fim da semana serão deletados ou receberão prisão perpétua.”

///17/01/2056

“Boa noite. Parece que esta semana está tendo uma overdose de boas notícias, pois o Delete mais uma vez demonstrou todo o seu potencial. Nesta manhã, a Polícia Investigativa do Centro-Oeste invadiu a casa de Martinho Pereira Santos e o prendeu. Este homem é suspeito de ser um terrível estuprador e assassino em série. Ele foi a última pessoa a ser localizada pelo Delete em uma floresta a cerca de 38 quilômetros de Cuiabá, onde poucos dias depois foi encontrado o corpo mutilado de uma garota de 17 anos. Antes de ter sua identidade descoberta, Martinho era apelidado pela PI de “Estuprador de Poconé”, com outras quinze vítimas suas confirmadas. A polícia estava em seu encalço desde 2052, mas só agora, graças ao glorioso Projeto Delete, este vilão foi levado à justiça. Isso só demonstra o que este inovador sistema pode fazer, realizando em menos de um mês de atividade algo que as autoridades tentavam há anos sem sucesso. O criminoso foi levado para interrogatório e deverá ser deletado ou preso na próxima terça-feira.”

///03/02/2056

O bar estava lotado. Tomás pegou mais um copo de cachaça e engoliu todo o conteúdo rapidamente. Em seguida, olhou ao seu redor. Bêbados e desempregados estavam em uma mesa redonda bem no meio do local, apostando para ver quem aguentava mais bebida.

— Dez pila que você não aguenta outra! — gritou um cachaceiro, jogando uma garrafa para um homem velho, sujo e obeso, visivelmente bêbado.

— Eu... pozo... maix... — declarou o desafiado, bebendo em seguida.

Aquele lugar era realmente detestável. Às vezes, Tomás sentia vontade de matar todos ali e livrar o mundo daqueles cachaceiros de merda. Ele balançou a cabeça, afastando o estranho pensamento que o atacara. De repente, as portas vaivém do bar se abriram, e dois PMs entraram acompanhados por um rottweiler em uma coleira de ferro.

— Acabou a festa! Dispersem-se! — gritou um dos policiais.

— Ei, esperem, meus documentos estão em dia! Eu tenho meus direitos! Sério, eu juro que toda água aqui é legal! — gritou o dono desde o balcão, enquanto jogava sua chave do armário de água ilegal debaixo do balcão. O mesmo policial que gritou ergueu sua pistola e atirou na cabeça do proprietário.

— Mais alguém?! — perguntou o PM com um tom irritado. Todos os que ainda estavam acordados ou conscientes se levantaram assustados e se dirigiram à porta.

— Não, você fica — disse o outro policial, apontando o dedo para Tomás. Ele estava sozinho com os homens da lei agora.

— Hã... o quê houve? — perguntou, apreensivo e assustadíssimo.

O policial retirou um projetor holográfico portátil do bolso e exibiu um mapa de Minas Gerais com um ponto vermelho piscando sobre Tiradentes.

— Você foi detectado pelo seu chip deletador andando por uma área proibida a civis. Caso as placas e a cerca de arame farpado não tenham deixado claro, a cidade destruída e proibida de Tiradentes. Além de ser um local radioativo, lá é perigoso e cheio de rebeldes anarquistas. E o pior, se contaminando com radiação, você pode contaminar outros cidadãos e se tornar um risco biológico — explicou o oficial, em um tom bastante irritado e sério ao mesmo tempo.

Tomás olhou para os arredores despreziosamente e então declarou:

— Eu peguei um desvio errado no meu caminho para a Bahia, eu sou de lá. Estava cansado, acho que não percebi os avisos de isolamento. E, de qualquer jeito, não fiquei muito tempo por lá.

— Você ficou duas horas e meia em uma ex-cidade minúscula e cheia de avisos do isolamento. Senhor Tomás Foradine, sua Identificação Civil diz que você é um fotógrafo de um site gringo que fala sobre notícias. Você tem um alvará permitindo o uso da internet para enviar fotos para eles. Temos motivos para crer que você foi tirar fotografias em uma zona proibida por dinheiro.

Tomás ficou sem saber o que falar por alguns segundos. Então, se desesperou:

— Vocês não podem achar que sou culpado, senão são idiotas! Exijo falar com o superior de vocês!

— Podemos achar isso sim e também podemos enquadrar esse chique como desacato à autoridade. — O PM soltou a coleira, e o cachorro partiu furiosamente para cima do fotógrafo, que começou a soltar gritos e gemidos agonizantes.

O outro policial pegou um rádio:

— Atenção, avisa aí um negócio aí pros operadores aí do Delete. O Tomás Foradine acabou de ser morto por um cachorrão de guarda. Quer dizer, ele ainda não morreu, mas deixa ele sofrer um pouquinho antes de morrer. Pode tirar o treco do sistema, não precisa nem deletar de verdade.

O cão mordida e rasgava Tomás impiedosamente. Mas, ele viu uma luz no fim do túnel. Levantou e caminhou sem rumo, mancando, gemendo de dor. O cachorro veio atrás dele e mordeu brutalmente suas pernas. Tomás caiu, urrando de dor. Algumas mordidas depois, parou de respirar.

— Ok, já era. Chama o pessoal da limpeza aqui — disse um dos PMs, ajeitando a coleira do cachorro e deixando o local com o seu companheiro e o animal.

Tomás esperou para ter certeza de que os dois tinham realmente ido embora e voltou a respirar. Ficou jogado no chão pelo que achou que fossem minutos, e então se levantou novamente, com torso e membros cobertos por mordidas e cortes. Graças a Deus, seu rosto parecia intacto. Mas, agora era um morto. Algo que não existia no Delete.

Nenhum documento ou dinheiro seu teria valor a partir daquele momento, e a polícia o deletaria de verdade na primeira oportunidade. Tinha que encontrar uma forma de fugir do país.

///15/02/2056

— Levanta desse sofá, Jô. É carnaval — exclamou Maria, com uma fantasia de fada deveras estranha.

— Você sabe que não gosto de carnaval — ele respondeu, grunhindo.

— Você adorava quando era pequeno. — Ela riu.

— Não sou mais pequeno.

— Não, você não é mais. Agora você se tornou chato. Chato pra caralho.

— Não estou sendo chato, Maria! Eu literalmente não posso sair de casa, se eu sair a polícia vai me parar em menos de oito minutos! Eu como ração pra cachorro por causa desse maldito Delete!

— Ah, para de drama. Em Leningrado as pessoas tiveram que desenterrar cadáveres e comer as próprias botas. Você come uma comida saudável e nutritiva que custa mais de cem reais o pacote. É bem melhor que Roquefort.

— Tá, você tem razão, eu já passei por coisa muito pior em Roquefort, mas mesmo assim ainda tenho direito de reclamar.

— Olha isso... — Ela sintonizou a televisão holográfica e nas notícias de duas horas atrás. Um repórter exibia vários grupos fantasiados como diversos movimentos políticos diferentes, desde o BOPE e a PM até a Ordem Vermelha e a Resistência da Capela. João respirou fundo e desabafou:

— A Capela acabou. Já faz mais de um ano. Essas fantasias não me motivam. Apenas mostram o quão fracassada ela foi. Se tivesse dado certo, estaríamos operando até hoje e ninguém saberia. Mas não estamos, a Capela acabou.

— Eu duvido, essa merda durou séculos, não acabaria tão fácil. Honestamente, não sei como nunca pegaram eles antes.

— Você pegou eles... Você pegou uma vez em seu passeio pra Tiradentes em 2047. Tiveram que te subornar — lembrou ele.

— Ah, foi engraçado na hora. Eu só pisei na tábua do chão de jeito errado, nada demais... Vai João, levanta desse sofá. Você tá mofando aí faz um ano. Sai pra respirar um pouco, tá todo mundo de fantasia, ninguém vai perceber.

— Por que você quer tanto sair pra essa porra de carnaval? Quer foder com algum bêbado carnavalesco de novo?

— Pra sua informação, eu não fiz sexo com ninguém esta semana.

— E também não vai fazer, pelo menos não agora que sei que é isso que você quer, porque eu não vou levantar daqui nem fodendo. — grunhiu ele, como se estivesse imitando um burro empacado.

— Jô...

— Meu aluguel está em dia, senhorita. Agora traz minha cachaça, por favor.

— Você paga aluguel?

— Traz a merda da cachaça, meu dia já tá uma bosta! Tem que ser a de 2052, a de antes do Delete!

— Eu, hein. Vai você. Eu vou foder algum bêbado carnavalesco, eles devem ser bem mais felizes que certa pessoa aqui.

— Saco, Maria. Eu fiz coisas incríveis no passado, só estou passando por um mau momento.

— Tchau, tchau, águia chata.

Maria bateu a porta.

— Não me chame assim de novo!

///29/05/2053

— Estou ficando louco... — disse Dan, pegando seu diagnóstico.

“Depressão Psicótica.”

— Pai... não se deixe iludir por esses diagnósticos... Pelo menos não agora que estamos tão perto — disse Sarah, atrás dele. O sangue ainda escorria pelo buraco de bala na nuca da garota.

— Você morreu, Sarah. Por que continua voltando? Por que não me deixa em paz? Por que quer tanto que eu faça isso?

— Você deve me vingar, pai. Acabar com tudo isso. Deixe a minha morte digna. Esqueceu por que você parou de tomar seus remédios? Você não quer que eu morra de novo. Então me vingue.

— Já quase fui barrado no PND pelos problemas depressivos. Se eu tentar te vingar ou algo do tipo, vão me expulsar de vez do partido.

— Sim, mas agora o Dr. Josué está morto, papai. Não há mais provas além do diagnóstico que você está segurando. Destrua-o — sussurrou ela no ouvido dele.

— Você. Não. Existe. Você não existe!

Sarah começou a crescer, os ossos se esticaram, e ela tornou-se tão grande que cobriu metade do cômodo.

— F... F... Fritz... — Sua voz de criança inocente se transformou em uma terrível voz demoníaca, e sua cabeça e corpo começaram a apodrecer, baratas e artrópodes flutuavam por todos os lados. Logo Dan estava lá, na cena da morte de sua família. Sua esposa, filha, sogros, todos no chão. Lápides ameaçadoras e sombrias subiram do piso de concreto do maldito Barra3. Lápides que pulsavam, como corações.

— Fritzergald. — completou Dan. Ele percebeu que ainda estava no escritório, sozinho. Eram apenas cinco da manhã.

///12/01/2053

— AAAAHHHHHH! — berrou Dan. Os choques o machucaram de verdade dessa vez.

— Dan, você não entende, nada que fizer muda o passado. Você precisa aceitar que sua filha está morta há anos. Pare de esperar a menina na escola, falar com ela e visitar todo dia o local da morte — disse o Dr. Josué, colocando as mãos do controlador de choque mais uma vez.

— Não, para, para, para! — gritou Dan. Por mais forte que fosse o choque, sua filha continuava ali, levando um tiro. De novo e de novo. Ele virou a cabeça para o doutor e tentou ignorar as alucinações.

— Não se vire, isso pode atrapalhar... — O doutor começou a se transformar em Fritzerwald— ... E se tu atrapalhar, essa menininha morre, tá ligado?!

— AHHHHHHHHHH! — Dan deu um grito assustadoramente alto, tão forte que as janelas da sala tremeram. O doutor imediatamente parou os choques e desligou o aparelho.

— Você está bem, Dan? Acha que a máquina está dando choques fortes demais? — perguntou Josué, preocupado.

Dan olhou para Fritzerwald friamente, enquanto era amarrado por cordas. O criminoso acendeu um isqueiro e caminhou até Dan.

— Tirarei os ferros de proteção, e aí te libero. Vou dar uma olhada no aparelho e daqui a alguns dias tentamos de novo. Talvez eu tente hipnoterapia da próxima vez. E tome os remédios, por favor — disse Josué.

— Tu vai ficar uma belezinha queimado! — exclamou Fritzerwald, rindo sadicamente.

— Me solta, seu louco! Me solta! — Dan gritava tanto que suas cordas vocais estavam arranhadas e sangrando. O doutor rapidamente destravou o mecanismo de proteção metálico.

— Pronto, acabou, Dan! Pode se levantar, mas pare de gritar, por favor! Parece que estou te torturando — pediu Josué.

— Você vai morrer! — Fritzerwald riu ainda mais, com as cordas ainda na mão. Diversos traficantes estavam ali, empunhando armas, torcendo para Dan morrer. Sarah apareceu entre eles.

— Atirem na menina! — gritou Fritzerwald. Todos levantaram suas escopetas, pistolas, rifles e fuzis, e começaram o tiroteio. Dan, furioso, se ergueu e pegou o homem que assassinou sua filha pelas orelhas.

— Pare, Dan! Pare, você sabe que sou eu! Não sou seu inimigo! — implorou o doutor, desesperado, enquanto Dan o prendia no aparelho de eletroconvulsoterapia. Fritzerwald, mesmo amarrado, ria. Seus olhos eram vermelhos e seus dentes, podres.

— Lembra do choro dela, Dan?! Como ela chorou quando atirei nela?! E você não me impediu, você não fez nada! — gritou Fritzerwald.

— Morre! — Dan começou a golpear o doutor com uma força brutal. Josué sentiu suas costelas rachando.

— Por favor, Dan... pare... eu só quero te ajudar... — O doutor agonizava.

— Chega! — gritou Dan. Ele correu até um botão no aparelho que o doutor usava e o pressionou. Uma serra surgiu e cortou Fritzerwald na cintura, separando seu corpo em dois, enquanto ele ria, olhando diretamente nos olhos de Dan.

— AAAAAAAAAHHHHHHHHHHHHH! — O doutor levava choques tão fortes que seus olhos começaram a derreter e suas unhas, a cair. A máquina de eletroconvulsoterapia ficou completamente sobrecarregada, e um alarme começou a tocar. Dan apertou os botões ainda mais. De repente, a boca de Fritzerwald se abriu, e uma mão saiu dela. Dan deu um passo para trás. Pés saíram do buraco feito pela serra. A pele começou a se rasgar, ossos se quebravam e carne voava para todos os lados. Do meio de todas as vísceras e sangue, saiu Sarah, coberta de vermelho.

— Eu vim para ficar, pai — Sua voz ecoou na sala. De repente, Dan percebeu que estava sozinho. O Dr. Josué estava lá, morto e com fumaça saindo do seu corpo queimado. O aparelho ainda estava aplicando os choques e o alarme ainda soava.

— Mas o qu...

A máquina explodiu violentamente, lançando Dan brutalmente na parede.

///16/02/2056

Águia fixou o olhar na televisão, preocupado e com as mãos grudando no sofá de tanto suor. Estava paranoico, consternado com literalmente tudo ao seu redor. Só o simples fato de uma viatura passar na rua ou pessoas andarem no corredor o deixava quase em pânico. Mas, o pior: Maria não tinha voltado. Sim, ela podia estar transando com alguém, era carnaval, mas ela também poderia estar morta ou presa. E os policiais podiam estar esperando para invadir o apartamento, com sede de justiça e armados até os dentes. Águia afastou a preocupação e voltou a olhar para a televisão holográfica. O sambódromo do Rio havia sido elevado do chão para evitar as inundações de água suja e agora podia ser visto do alto dos prédios, além de ainda ter suas próprias arquibancadas. Continuava extremamente popular. Uma boa parte da população do Sudeste estava focada ali, assistindo aos carrinhos de samba ou pela tevê ou nas colossais arquibancadas. Os habituais dançarinos e dançarinas desfilavam com figuras como o vice-ditador, o ditador e até... Dan. Estavam lá em forma de bonecos gigantes e robóticos, que acenavam e faziam gestos. Águia se levantou para desligar o aparelho assim que viu o síndico do Barra3. Ainda se lembrava de como aquele homem tinha falado com ele em Roquefort.

Quando o professor ia apertar o botão, uma espécie de explosão foi exibida em uma das arquibancadas. Imediatamente, um alarme começou a apitar, o desfile parou, as pessoas começaram a correr. Caos foi instaurado, e foi difícil compreender o que tinha acontecido. Até o barulho da bagunça e da festa do lado de fora do prédio parou. Do nada, a transmissão foi cortada e a imagem com muitas falhas técnicas tomou a televisão: um homem com máscara de lobo e terno. A transmissão ficou muda e estática por alguns segundos, e linhas coloridas atravessaram a tela. Cerca de cinco segundos depois, imagem e som estabilizaram.

“Boa noite, brasileiros. Antes de qualquer coisa, para quem quiser saber, meu nome é Alberto Ferreira Marundes Filho e eu fui apenas um operário. “Fui” porque morrerei em poucos segundos, e vocês assistirão à cena. Mas, não se preocupem, acho que tenho mais 18 segundos pra falar.

Eu e meu grupo, nós somos os Lobos. Estamos aqui para conscientizar vocês. Muitos tentaram antes, sem sucesso. Os republicanos na guerra civil, o Neocangaço, a Ordem Vermelha, a Capela e muitos outros, mas ninguém via, ninguém se importava, tachavam eles de terroristas. Seremos um pouco mais brutais desta vez, talvez até mesmo terroristas. Nossa proposta é bem simples: ou o Brasil volta agora a ser republicano e sai da guerra com a Aliança Grã-Boliviana ou destruiremos e mataremos até que isso aconteça. Nesse instante, uma arma química poderosíssima está sendo levada para São Paulo, e chegará em poucos meses. Mataremos todos lá se nossa exigência não for..”

Choques elétricos tomaram o corpo do homem, e ele caiu morto logo depois. A transmissão clandestina foi cortada e a oficial foi restabelecida. A emissora ainda exibia imagens do sambódromo sendo evacuado. Águia se levantou assustado, respirou fundo e desligou o televisor holográfico.

— Isso não pode ser verdade...

Ele pegou um pacotinho de ração e água imunda da pia e foi jantar para aliviar o estresse. As festividades do lado de fora cessaram de vez.

///20/02/2056

A passagem tinha sido cara, mas para fugir do Brasil valia muito a pena. Tomás estava em um navio de carga ilegal, a caminho da África. É claro que ele só ficaria poucos dias no “Continente Morto”, o tempo de achar algum resquício de civilização para ajudá-lo a fugir para a Ásia ou para alguma parte da Europa que não fosse mortalmente radioativa. Ele se acomodou na cama improvisada em uma das áreas de carga mais sujas e olhou a minúscula janelinha. O mar, mesmo de noite, era deslumbrante.

Merecia até uma foto.

Abriu a mala, jogada ao lado da “cama” e pegou sua câmera de altíssima qualidade, presente de seu falecido pai, para tirar aquela fotografia. A luminosidade do flash revelou estranhas luzes vermelhas na paisagem. A princípio achou que fosse um erro, então focou sua vista e quase caiu para trás. Um navio enorme se aproximava implacavelmente, com uma velocidade assustadora.

Tomás pulou da cama, perguntando-se o que fazer. Aquela colossal embarcação não poderia estar vindo afundar o seu navio ou algo do tipo, certo? Mas, quando viu as escotilhas abrindo e enormes canhões sendo preparados, decidiu que precisava fugir ou avisar o capitão ou algo do tipo. Olhou a janela de novo, o navio monstruoso estava a pouquíssimas milhas. Logo o seu cargueiro ilegal avistou a embarcação alheia, e os alarmes internos começaram a soar. Tomás subiu ao convés, onde outros passageiros ilegais e tripulantes estavam se agrupando e tentando descobrir o que estava acontecendo. O capitão apertava os botões e girava o remo desesperadamente, sem saber como reagir àquele perigoso agressor marítimo. Nunca vira nenhum navio assim. A gigantesca embarcação chegou mais perto, soou uma espécie de sirene e girou rapidamente, batendo de lado com o cargueiro ilegal. Tomás, ainda fragilizado pelas mordidas do cachorro, correu para o lado oposto ao do navio atacante, para se jogar no mar ou algo parecido. Alguns marinheiros tentaram erguer pistolas e submetralhadoras, mas o grande navio inimigo simplesmente

começou a disparar raios laser com seus canhões. O fotógrafo parou de correr e observou a cena em estado de choque: metade dos seus companheiros de viagem estava sendo simplesmente dizimada. Quando viu um homem sendo partido ao meio pelo laser, não conseguiu se conter e vomitou violentamente. Homens em sua maioria negros, altos, com coletes blindados e muito fortes desceram por buracos nas laterais do enorme navio inimigo. Assim que pisaram no cargueiro ergueram fuzis, revólveres e metralhadoras. Um deles foi até Tomás e o ergueu do chão.

— Você quer ser escravo ou morrer? — perguntou o invasor, com um sotaque horrível e um inglês pior ainda.

— Não quero morrer — respondeu Tomás, ainda passando mal e com a boca cheia de vômito.

— Bom. — O homem nocauteou o refém com um só soco no rosto.

///17/02/2056

— Eu juro, João Águia, que se você tiver alguma coisa a ver com isso, vou te botar pra fora! — gritou Maria. Ela cheirava a álcool e estranhamente estava sem o sutiã que usava antes de sair, mas parecia completamente consciente.

— Eu não sei nem quem são esses lobos. Não estou ressuscitando nenhuma ordem ancestral de rebeldes terroristas nem nada do tipo.

— Você vive reclamando de tudo. Fala que vivemos em um 1984 tupiniquim o tempo todo! Tem que estar envolvido!

— Calma, Maria! Calma. Vai dar tudo certo. O governo é implacável. Com certeza esses terroristas vão ser presos e executados. Ou deletados.

— Olha quem fala. Um dos maiores assassinos desse país. Tirou a vida de centenas de policiais em nome da “liberdade”. Da última vez que pessoas que queriam liberdade e água lutaram sabe o que aconteceu, João? O Barra3 caiu. Pelo menos duzentas mil pessoas morreram. E, graças a isso, agora o Delete arrancou o que sobrou da nossa liberdade! — Ela gritava descontroladamente, deixando-se levar pela impulsividade alcoólica.

O carrancudo professor se permitiu contaminar pela raiva.

— Nunca disse que apoio a Ordem Vermelha! Eu era da Resistência da Capela, é muito diferente! Matamos um monte de policiais, sim, mas foi por bons motivos! Eu sei que muitos eram honestos e servidores públicos excelentes, mas eu precisei!

Então, ambos escutaram uma batida na porta do apartamento. Rapidamente, Maria conferiu o olho mágico. Era o policial militar vigia do prédio, que ficava na portaria. Cada prédio com pelo menos quatro andares em São Paulo tinha um desses. Águia finalmente se levantou do sofá, correu e se escondeu dentro da despensa da cozinha. Lá dentro, ativou um holograma que fazia aparecer uma parede no lugar da porta. Maria atendeu o oficial com cautela. Um homem gordo, calvo e de cerca de cinquenta anos.

— Boa noite, senhorita Maria. Ouvi uma voz masculina gritando sobre matar policiais ou algo do tipo. Como não vi nenhum homem entrando aqui, achei melhor verificar. Pode me explicar o que está acontecendo?

Águia não estava preocupado. Não era a primeira vez que o vigia vinha encher o saco. Era só esperar um pouco que ele ia embora. Ele verificou o holograma e se assustou. A bateria estava em 1,3%. Fazia quanto tempo que ele não botava pra carregar?! Que erro mais idiota! Um por cento, isso era menos que seis segundos!

— Ah, se foi a televisão não tem problema. Só abaixe o volume um pouco, por favor. Essa confusão no Rio está deixando todo mundo um pouco paranoico... Bem, eu vou indo, se souber de qualquer... — O vigia virou-se de frente para a porta exatamente no momento em que o holograma desapareceu. Observou em choque a parede sumindo e uma porta aparecendo. — Senhorita Maria, por acaso você mantém um holograma ilegal na sua casa? — O oficial não esperou a resposta e foi direto checar a despensa, já abrindo o coldre do cassetete elétrico.

— Espera, você nem tem um mandado! — exclamou ela, já em desespero. O vigia colocou uma mão no cassetete e a afastou com a outra. Em seguida, abriu a porta da despensa e viu os sacos de ração, livros, um computador e coisas de Águia.

— Quem você mantém aqui, Maria? — O oficial começou a andar pela despensa. Não era muito grande, mas também não era pequeno. Tinha o comprimento de cinco passos. Ele deu um passeio pelas coisas de João Águia em um quarto improvisado retangular.

De repente, o professor saltou de cima de uma estante e atravessou o ombro do policial com uma navalha, derrubando-o no chão.

— Uau, estou muito ruim. Já esqueci dos treinamentos... — começou a dizer, rindo para Maria.

— Puta que pariu, que merda você fez?!

— Você sabia que eu iria matá-lo, e deixou ele entrar mesmo assim, não deixou?

— Águia, cuidado! — gritou Maria.

Águia esquivou-se, e o policial quase acertou-o com o cassetete eletrificado.

— João Águia, já ouvi falar de você nos jornais, mas tudo foi há muito tempo. Professor de história, espião da Ordem Vermelha, insurgente e terrorista. Vocês professores de história são todos esquerdalhas mesmo, não são?

Enquanto provocava seu agressor, o policial ergueu um revólver. Águia se jogou para o lado, e o tiro acertou a parede. Maria pegou um rolo de macarrão e se encolheu num canto, enquanto Águia pegava um abajur e lançava no policial. O abajur acertou a cabeça dele (que não estava usando nenhuma blindagem), e o vigia recuou um pouco, mas logo voltou a disparar, acertando o balcão da cozinha e o televisor holográfico.

Águia pegou uma faca de cortar bananas em uma mesa e tentou acertar o seu inimigo, que recuava e voltava a atacar com o cassetete. Maria foi silenciosamente até seu quarto, entrou e fechou a porta com chave sem que nenhum dos dois percebesse. O policial ergueu o cassetete, que lançou um pequeno raio de choques na direção do professor.

— Uou, isso é novidade! — disse Águia, enquanto se esquivava e derrubava uma pilha de pratos e uma estante. O cassetete ficou totalmente sem energia depois daquele ataque.

— Maravilhas modernas... — riu o policial. Ele apertou um botão oculto no cassetete, que se transformou em dezenas de lâminas minúsculas presas por uma pequena corrente, e o lançou na direção de seu opositor. Águia sentiu seu braço ser perfurado, e caiu no chão pelo choque. O vigia, com ombro ensanguentado e diversos cortes e hematomas, aproximou-se do professor com as duas mãos no revólver.

— Não hoje... — murmurou Águia, enquanto se levantava e penetrava a faca na barriga do policial, que deixou a arma cair. Ele fez um corte horizontal de uma ponta a outra da barriga do homem e depois o derrubou no chão com um chute. Maria saiu do quarto com uma espingarda de chumbinho. Ao ver o oficial agonizando no chão, recuou, boquiaberta, quase deixando a arma cair.

— Você matou um homem na minha casa, João. Um policial. Ele podia ser escroto, mas ele era honesto e só estava fazendo o trabalho dele. — disse ela, com um tom extremamente sério. Do lado de fora, podiam ser escutados autoblindados tocando as sirenes policiais.

— Ele... ele...

— FORA! — Ela apontou a arma para ele.

Águia foi até a despensa, reuniu algumas coisas em uma mochila e saiu do apartamento em menos de dois minutos. Caminhou pelo corredor, sem saber o que fazer, e então notou as sirenes. Verificou a janela do

corredor. Patrulhas da PM estavam entrando na portaria. Policiais militares de elite interrogavam condôminos, subindo os andares fortemente armados. Um deles, ao lado de um autoblindado, ergueu um megafone:

— Atenção, detectamos que o Delete de um oficial neste prédio parou de funcionar. Os seus vizinhos já relataram que ouviram tiros. Quem quer que você seja, desça com as mãos na cabeça e não o deletaremos!

Em vez de obedecer, Águia foi para o terraço. Ele ainda estava com a pistola do policial e com a faca curva de cortar bananas. Seu ombro ainda estava sangrando um pouco. Antes de abrir a porta de saída, ele respirou fundo e prendeu a respiração.

Uma nuvem enorme da poluição paulistana entrou nas narinas dele, e quase o sufocou. Ainda prendendo a respiração, correu pelo terraço, atravessando antenas e outdoors. Ao chegar à beirada, abriu a mochila e retirou uma corda com gancho em uma das extremidades. Prendeu o gancho na beirada do terraço e se lançou para baixo descendo pela corda em rapel. O prédio tinha uns quatro ou cinco andares, então a descida foi bem rápida. Assim que chegou ao chão, o professor pegou uma máscara de gás na mochila, equipou-a, colocou a mochila nas costas, saiu do beco em que aterrissara e seguiu caminhando sem rumo pela tumultuada e carnavalesca rua paulistana.

///21/02/2056

Tomás abriu os olhos. Estava no que se parecia muito com uma plantação. Seus olhos ficaram mais vivos. Era de fato uma plantação, mas dentro de uma espécie de corredor. Ele estava ainda naquele navio gigante? O corredor era mal iluminado, mas tinha vários instrumentos agrários espalhados por ele, um saco de dormir, uma pia e uma pequena privada em um canto.

— Vejo que acordou, juvenzinho. — Uma voz falou em inglês em um alto-falante.

— Quem é você? O que está acontecendo? — perguntou Tomás, também em inglês.

— Eu sou o Recrutador. Vou te recrutar para o serviço. E eu também cuido de tudo por aqui. Você agora é um escravo. Na sua cama deixamos um livro sobre como fazer plantações. Plante as abóboras, tomates e alfaces do seu corredor. Quando estiver dormindo, alguém virá e recolherá suas plantações e talvez deixe comida e sementes. Se algum dia estiver passando mal, menstruando ou apenas quiser se comunicar comigo, apenas diga: “Recrutador”. Você tem 25 horas pra começar a plantar ou sofrerá punição. Tentativas de suicídio ou rebelião são passíveis de punição. Boa sorte. — A voz parou de falar.

Ele estava sozinho. Sequer havia uma janela naquele lugar. Tomás se sentou no chão. Parecia que tudo balançava, como se fosse um navio. Era claustrofóbico e horroroso. Precisava sair dali, ou enlouqueceria. Porque ele sempre tomava as decisões idiotas? Ser escravo ou morrer? Tirar fotografias em lugar proibido por causa de trabalho? Bom, não importava. Ele precisava sair daquele inferno.

///19/02/2056

— Sr. Wild! Faz tempo que não nos vemos. Muito tempo. Você ficou um ano inativo. Achei que tivesse ido embora.

— Estava na Europa, e voltarei pra lá em junho. Por que vou ficar um tempo aqui não é da sua conta. Diga logo o que quer.

— Simples... Como sabe, os idiotas da Capela me deram muito trabalho. Acabaram com o BOPE na época. Mas terminaram, no fim, como todos os outros inimigos da pátria. Mortos e carbonizados.

— Eu não terminei assim.

— Você é útil demais pra morrer assim. Bom, era o que pensávamos da Capela até pouquíssimo tempo atrás. Nesta filmagem do dia 17, podemos ver o conhecido terrorista da Capela, João Águia, pular de um prédio em São Paulo, até ele colocar uma máscara de gás e ficar irreconhecível. Atribuíram a ele tiros ouvidos em um prédio perto dali, e o súbito desaparecimento de um vigia. É realmente uma desgraça que o idiota não tivesse ligado as câmeras internas do prédio no dia, não sabemos que fim ele levou.

— Prive-me do blá-blá-blá, já tive que suportar falatório suficiente do meu antigo chefe. Vou achar esse cara, e ligo quando conseguir, Vossa Excelência.

— Quero ele vivo. E me chame de André, por favor. Aliás, você por acaso ainda tem o crânio de Mengele?

///24/02/2056

Tomás não queria porque não queria acordar naquele dia. O Recrutador, obviamente, achou isso estranho, pois aquele homem acabara de chegar no navio. Será que a forma violenta de trazê-lo foi violenta demais? Ele pegou o microfone e falou mais uma vez:

— Escravo 1327, levante-se. Isto é uma ordem. — Tomás não acordou. O Recrutador falou com dois dos outros supervisores daquela seção, e ambos acharam estranhíssimo. Um sugeriu acionar uma equipe de verificação. E foi exatamente isso que o Recrutador fez.

///

— Levante-se, homem! — disse um dos guardas, com uma AK-47 modificada apontada para a cabeça do escravo. Tomás abriu os olhos de leve. Havia três guardas. Era hora de morrer valentemente ou morrer na podridão daquele corredor.

— Soldados, vocês podem atirar se ele não se levantar, depois, levem o corpo pro Lamaçal. Deve estar em depressão. Esses novatos... — orientou o Recrutador.

— Levanta! Levanta! Ok. Vamos atirar em você. — Os guardas o levantaram e o levaram com muito esforço até o canto com menos plantações que encontraram. Em seguida, posicionaram Tomás contra a parede e destravaram os fuzis. Quando eles começaram a atirar, o escravo se jogou para a esquerda, caindo no chão. As balas acertaram um pequeno painel de controle da plantação. Água imunda caiu de sprinklers, tesouras automáticas começaram a cortar tudo, fertilizantes e pesticidas foram jogados para todo lado. Em poucos instantes, a plantação tornou-se uma completa baderna. Os guardas pararam de atirar para tentar entender o que havia acontecido. De repente, um foi cortado ao meio por uma gigantesca tesoura. Tomás tinha estudado o local e sabia tudo de cor, então, correu para a porta que os guardas haviam deixado aberta e saiu. O barulho do homem sendo cortado pela metade embrulhou seu estômago, mas ele resistiu. Em seguida, a porta de sua plantação se fechou automaticamente, deixando os dois lá dentro.

— Alerta: temos um fugitivo no Setor Delta, área baixa, corredor central 44, corredor-plantação 17 — anunciou o Recrutador nos alto-falantes.

O alarme começou a apitar. Tomás acelerou o passo e entrou em uma porta qualquer que encontrou. Percebeu que estava em um almoxarifado. Havia vassouras, material de limpeza e objetos similares. Era possível escutar os guardas se aproximando. Na parede, um extintor de incêndio e um machado vermelho de emergência estavam expostos. Tomás pegou o machado e o prendeu no cinto de jardineiro. Em seguida, começou a vasculhar os materiais menos úteis, como grampos, refrigerante, cliques e estranhices parecidas. Uma batida na porta.

— Saia com as mãos pro alto ou será punido agora mesmo.

Tomás se lembrou de uma fotografia que fez para uma revista de uma entrevista com um fugitivo de uma prisão. Ele estava preso por motivos políticos em uma cadeia da OTAN em um território no sul da Áustria, mas conseguiu criar uma bomba caseira usando gás concentrado de um extintor, um isqueiro e muitos outros materiais pequenos e que pareciam inúteis para uma fuga.

— Saia! Última vez que avisamos!

Tomás abriu a porta, lançou algo vermelho e rapidamente a fechou de novo. Ele escutou a explosão e gritos. Então voltou a abrir a porta. Havia quatro guardas no chão, desorientados com o ataque de tinta de caneta, papéis amassados, cliques e coisas parecidas. O apito do alarme se intensificou.

— Atenção, todos os soldados do Setor Delta, área baixa inteira. Temos um fugitivo avançando no Corredor Central 44, já derrubou todos os guardas daquela área. Desloquem-se para lá imediatamente. Repito, soldados de toda a área baixa do Setor Delta, ataquem o suspeito — gritou o Recrutador nos alto-falantes de toda a embarcação.

Tomás pegou um fuzil de assalto de um dos guardas e começou a correr, carregando as arma sem jeito. A primeira saraivada de tiros dos reforços quase o acertou, mas ele se esquivou e se escondeu atrás de uma pilastra. Havia uma porta atrás dele, onde estava escrito “Corredor-Plantação 4”. Tomás não pensou duas vezes, abriu a porta, que podiam ser abertas sem chaves apenas por fora, e se jogou lá dentro. Só então lembrou-

se de que apenas guardas tinham um dispositivo para abrir por dentro. Será que estava na arma?

— Quem é você? — perguntou um esquelético escravo, que parecia africano, falando inglês, enquanto regava algumas verduras no chão do local.

— Eu sou o fugitivo, o que tá nas caixas de som.

— Porque entrou aqui? Eu já tentei fugir me fingindo de morto uma ou duas vezes, que nem você. Eles só te encurralam em outra plantação e te deixam trabalhando lá.

Tomás percebeu que o som do alarme estava parando.

— O dispositivo para abrir a porta tá na arma?

— Capacete, eu acho.

— Ok.

Tomás começou a atirar nos painéis de controle de recursos agrários e no sensor que abria a porta. Gás, inseticida, sprinklers e serras elétricas foram acionados.

— O que você está fazendo?!

— Me salvando.

Os guardas abriram a porta por fora e entraram na plantação apontando armas.

— Você está causando muitos problemas, escravo do Corredor-Plantação 17 — disse o Recrutador.

— Meu nome é Tomás, Recrutador. E eu não sou escravo, mesmo que eu morra pra não ser... — Ele apontou o fuzil para os guardas e começou a atirar. O escravo daquele corredor se jogou no chão para se proteger. Houve uma intensa troca de tiros. Tomás sentiu uma bala atingindo seu tórax de raspão e caiu no chão. Ninguém podia ver nada por conta da fumaça, mas ele podia ouvir os inimigos se aproximando, atirando em tudo e tentando atingi-lo. Sabiam que ele tinha caído. Repentinamente, o outro escravo agarrou a arma do chão e começou a disparar nos piratas. Foi de fato repentino, pois a mira dele era péssima e ele não acertou nenhum tiro. Além disso, em apenas três segundos uma bala o matou, acertando-o na cabeça. Tomás rastejou e entrou em uma apertada abertura na parede causada pelo uso de vários mecanismos agrários ao mesmo tempo, já que cada um abria uma portinhola especial, e todas abertas juntas

criavam uma grande abertura. Ele caiu em um tubo de onde vinham inseticidas. Prendeu a respiração, e percebeu que deslizava para baixo.

///

Águia terminou de subir as extensas escadarias da favela, exausto. Aquele saco de ração era realmente pesado. Sua pequena “moradia” alugada ficava espremida entre vários barracos sujos e decadentes. Quase todas as comunidades carentes foram destruídas pelos militares e antirrepublicanos desde a Guerra Civil, mas Paraisópolis ainda resistia. Ocupada por muitas UPPS e policiais militares, mas resistia. João pegou sua chave, atravessou algumas pilhas de lixo e uma ponte improvisada sobre um esgoto a céu aberto, abriu a porta de madeira podre e entrou. Assim que tentou trancar a porta com a chave, lembrou-se que não tinha nada que valesse a pena ser roubado. Então, apenas fechou a entrada e jogou o saco de ração ali ao lado. Seu barraco não tinha nem luz, apenas velas e uma lanterna pendurada no teto, que ainda por cima só funcionava quando queria. Águia foi observar a comunidade da única janela no local.

Não era possível ver nada, a poluição deixara a janela totalmente imunda e opaca. Ele pegou um pano umedecido com álcool e começou a limpá-la, operação que durou alguns minutos.

Pegou um copo, encheu com água da pia e bebeu um pouco. O Delete era colocado na água potável apenas, o que tornava aquela água suja da pia segura. Coliformes fecais são uma companhia extremamente agradável se comparados aos nanochips. Voltou para a janela, a fim de “contemplar” a vista da favela. Sujeira. Imundície. Poluição. Esgoto a céu aberto. Pessoas mortas no chão, ignoradas pelas outras, que apenas seguiam cuidando de suas vidas. Bandidos fortemente armados. Unidades de Polícia Pacificadora, mais corruptas que os próprios traficantes. Policiais que tentavam ser honestos sendo assassinados por policiais corruptos e traficantes. Homens e mulheres desidratados, mendigando por água, sem ninguém se importar, e morrendo aos poucos.

Segundo estatísticas que ele mesmo calculara nos seus poucos dias ali, na favela havia alguém sendo deletado a cada quarenta minutos. Não sabia se eram realmente criminosos ou se o governo queria se livrar de vez das pessoas daquela região.

— É uma distopia — murmurou para ninguém, e tomou outro gole da água imunda.

— Não é uma distopia. Todos eles quiseram isso. Todos nós quisemos. Fomos avisados que isso aconteceria. Mas não nos importamos — rebateu o Caçador, que estava literalmente a alguns passos do professor.

— Me achou, não é? Uma hora ou outra isso ia acontecer — comentou Águia, sem nem se preocupar em se virar para descobrir quem estava ali com ele.

— É um homem difícil de achar, João Águia. Nem está registrado nos sistemas do Delete. Admiro sua criatividade. Comida de cachorro. Eu prefiro caçar minha própria comida, aí não vem com nanochips desses loucos do Delete.

— Você é canibal?

— Não, seu imbecil. Eu pesco.

— Como me achou?

— Você se descuidou, João. Furtou ração em uma pet shop. Sozinho. Eu sabia que você teria que comer algo que não tivesse o Delete para sobreviver. Então, pensei em procurar nas pet shops em regiões decadentes. Além disso, qualquer um te reconhece com esse monte de cicatrizes e essas unhas estranhas.

— O BOPE era uma excelente manicure.

— Acredite, eles pegaram leve. Já vi coisa muito pior.

— Já li sobre você em artigos de jornais e revistas de atualidades, geografia, história... Matou gente importante demais pra passar despercebido por todo esse tempo.

— Não precisa matar gente importante pra entrar pra história. Qualquer leve alteração, como desperdiçar meio litro de água, ajudar ou não campanhas de políticos radicais, importar-se com a política, ser ou não preconceituoso... Tudo cria Efeito Borboleta suficiente pra mudar; tudo; mudar toda a ordem dos fatores que moldam nossa realidade.

— Sinceramente, não acho que sejamos todos culpados pela nossa realidade. Muitos não foram conscientizados. O capitalismo quando não controlado é selvagem. Ele faz nós pensarmos no lucro acima de tudo, e não no nosso lado humano. 70% da água era gasta por grandes latifundiários

ignorantes, que praticavam grilagem e outros métodos nada ortodoxos para ter mais lucros. A interferência da sociedade em si, embora importante, é muito pequena. Muito foi destruído por empresas que viam o lucro como uma quase divindade, e destruíram formações naturais fornecedoras de água. Olha o Aquífero Guarani, quando precisamos de mais água e fomos extraí-la, metade estava contaminada. Às vezes, querendo ou sem querer. O Efeito Estufa foi quase todo causado por indústrias que destruíram nossa Camada de Ozônio sem dó e aqueceram a Terra, derretendo as calotas polares e inundando dezenas de cidades litorâneas. Londres, Amsterdã, Rio de Janeiro, Nova York... E o que a poluição não conseguiu derreter, o calor das bombas de 2034 conseguiu. A culpa não é inteiramente da população, é majoritariamente das pessoas que mandam nela.

— Então, porque a população não fez nada pra impedir?

— Porque não podia. Ou achou que não podia. As empresas têm alianças com governos, partidos e políticos, exércitos de advogados e militares particulares, além de quantidades estratosféricas de dinheiro. A população achou e ainda hoje acha que não poderia vencer algo tão forte e poderoso. Por isso estamos na merda que estamos. Sim, muitos tentaram. Mas não eram a maioria do povo. Quando todos se unem, ou uma parcela muito grande da população perde o medo e se junta pra lutar pelo que acha certo, a mudança acontece. Não falo de centenas, milhares ou milhões. Falo do povo no geral, dezenas de milhões ou centenas de milhões. Só com todos juntos ao mesmo tempo se pode vencer.

João tomou mais um gole, terminando de vez com toda a água imunda no copo. Então, apoiou o copo na bancada da janela e se debruçou.

Tinha uma expressão neutra, de quem simplesmente desistiu.

— É só lembrar do experimento do professor Zimbardo, João. As massas entram em uma síndrome de Estocolmo coletiva e passam a seguir e amar o captor, ou pelo menos a não desobedecer. Os poucos que se rebelam são expulsos. E, no final do dia, ninguém faz nada e todo mundo passa a não ligar se as coisas estão indo mal, desde que a comida e as redes sociais estejam presentes. — O Caçador respirou fundo e continuou: — A Capela nunca atuou em conjunto com a população. Por que você se uniu aos capelães, então?

— Achei que poderia inspirar alguma coisa nas pessoas, fazer mais pessoas se revoltarem e enxergarem... Mas, eu falhei. A Capela fracassou. Todos morreram. Sem inspirar ninguém.

— Ah, você inspirou. Não viu o sambódromo?

— Não era esse tipo de gente que eu queria inspirar. Queria inspirar um levante, não psicopatas terroristas. Eu prefiro viver numa distopia do que saber que ela só foi derrubada por conta de terroristas.

— E, depois de perder de maneira humilhante, você se escondeu como um cachorrinho assustado. Achei que você fosse melhor que isso, Águia.

— Não tenho muito mais fé na humanidade, Caçador. Meus amigos e amigas me traíram. O governo me perseguiu e matou meus colegas da resistência. Eu como comida de cachorro pra não ser deletado. Estamos numa distopia, Caçador. Que se exploda São Paulo, não vou tentar ser o herói dessa vez. Me mata logo, se é o que veio fazer.

— Não vou te matar. Não hoje, pelo menos. — Jim algemou o braço de seu alvo, correntes elétricas percorreram o professor e o fizeram desmaiar. — Hoje você vem comigo.

///

Tomás se viu no que parecia ser um armazém bem amplo cheio de caixas e tanques de inseticidas e agrotóxicos de cerca de 2 metros e meio. Ele tinha caído da boca de um tubo por onde gás tóxico subia. Todo o ar do local estava contaminado pelos produtos químicos.

— Ei, você! O que está fazendo aqui sem máscara? — perguntou em inglês um homem que usava uma roupa laranja de proteção contra químicos e radiação, impermeável e volumosa, além de uma máscara de gás conectada a um tanque de oxigênio nas costas.

— Eu... eu... — Tomás começou a tossir. O estranho lhe agarrou pelo ombro e o puxou até uma caixa cheia de roupas de proteção.

— Vista-se!

Tomás pegou a roupa de proteção e a máscara, um pouco assustado. Se pudesse, já teria tirado uma foto daquele lugar e do estranho e mandado pra alguma revista digital. Daria uma boa matéria sobre aquela absurda escravidão. De repente, os alto-falantes começaram a soar.

“Atenção Setor Delta, Setor Agrotóxico e Setor Último, um escravo extremamente perigoso escapou do Setor Delta, área baixa 3, corredor

central 44, corredor-plantação 4. Qualquer irregularidade, suspeita ou problema que possa ser a ele relacionado deve ser reportado imediatamente ao Recrutador e/ou à equipe de segurança. O suspeito parece ter escapado por uma tubulação, mas nada foi confirmado ainda. Voltem ao trabalho”, anunciou o Recrutador. Depois do inglês, o anúncio começou a ser feito em várias outras línguas de países africanos e asiáticos. Tomás olhou de volta, assustado, com medo de homem com a máscara e roupa laranja denunciá-lo. Então, percebeu que ele não estava mais ao seu lado, e agora mexia em um painel de controle de um dos reservatórios de inseticidas. Deve ter ignorado o aviso do Recrutador. Tomás respirou fundo, e começou a caminhar pelo local, investigando-o e procurando uma forma de escapar.

Havia vários trabalhadores com as volumosas roupas laranjas impermeáveis, e alguns que vestiam trajes volumosos e pretos, que também usavam máscaras de gás e carregavam armas de fogo pesadas. Certamente, eram guardas. Uma mulher vestindo o traje preto se aproximou e gritou algo que parecia ser francês, sinalizando para um carrinho de mão perto de uma porta de vidro automática.

Tomás entendeu o recado e tomou o carrinho. A porta abriu e ele empurrou o carrinho por um corredor escuro, cheio de várias outras portas trancadas que ligavam aos chamados “Corredores-Plantação”, cada um tinha uma placa com número. Eram dezenas só naquele “Corredor Central”. Enquanto empurrava, ele podia ouvir os choros vindos do outro lado das portas, sons de pessoas trabalhando, o Recrutador falando nos alto-falantes dentro de uma ou outra cela. Apesar da fumaça dos agrotóxicos, ele pôde ver um dos “homens-laranja” acenando para ele perto do fim do corredor. Tomás caminhou até o desconhecido, que pegou o carrinho e foi embora sem comentar nada, desaparecendo na densa fumaça dos pesticidas. Então, percebeu que estava sozinho no corredor. Era o momento perfeito para procurar a saída daquele pesadelo. Ele avançou pelo Corredor Central.

///

Tomás estava ali fazia mais de uma hora. Aquele percurso imenso parecia não ter fim. Ele tinha acabado de passar pelo “Corredor-plantação 23” e continuava seguindo em frente, mas não havia nenhuma saída que pudesse usar para escapar. Talvez estivesse realmente condenado à escravidão. Então, os alto-falantes voltaram a soar:

“Atenção! Escravos-laranja do Setor Agrotóxico, dirijam-se para seu dormitório no Setor Último. Guardas-escravos do Setor Agrotóxico,

esperem o último laranja sair e depois dirijam-se para seu dormitório no Setor Celta.”

Imediatamente, Tomás começou a ouvir os pesados passos dos escravos, que vinham caminhando pelo corredor, totalmente esgotados pelo trabalho. Havia dezenas. Ele não podia acreditar que todos eram escravos. Um monte de escravos-laranja vinham caminhando da direção oposta de onde Tomás viera. Ele esperou que se aproximassem e se misturou a eles discretamente.

Muitos conversavam ou desabafavam entre si, outros falavam em línguas que o fotógrafo não conhecia e alguns ficavam quietos, choravam baixinho ou cantarolavam. Apesar de estarem todos juntos e usando o mesmo uniforme, era possível entender que vinham de lugares e culturas tão diferentes que não conseguiam se dar bem uns com os outros. Tomás marchou junto deles até que chegaram a um elevador, pelo qual passara direto sem perceber. Uma enorme porta se abriu, e todos entraram. Era um enorme elevador de carga, com uma incrível capacidade de suportar peso. As portas se fecharam, e o elevador começou a descer. Tomás foi para um canto, para se isolar um pouco da multidão. Todas aquelas pessoas no mesmo lugar o deixavam desconfortável, e assustado. O gás tóxico dos pesticidas logo começou a ser filtrado pelas paredes especiais com pequenas aberturas ao lado do teto do elevador, e os escravos, em um alívio coletivo, tiraram suas máscaras. Agora sim Tomás não sabia o que fazer.

Estava claro que havia câmeras no elevador, e, se ele tirasse a máscara, o Recrutador veria seu rosto e acionaria os guardas. Mas, se não tirasse, poderia levantar suspeitas e o Recrutador poderia acionar os guardas.

— Ei, por que não tira a máscara? — perguntou em inglês um homem ao seu lado.

— É que eu... eu... eu sem querer respirei o gás tóxico, e meu rosto ficou irritado, e eu não quero assustar as pessoas... hahaha... — respondeu Tomás, tentando fazer uma brincadeira.

— Ah, tá... haha... — O outro deu uma risada falsa.

Logo as portas do elevador se abriram, e todos saíram para uma espécie de senzala moderna, com várias camas de palha, banheiros horrivelmente sujos e péssima iluminação. Alguns guardas estavam encostados nas paredes.

— Escravos-laranjas, agora são 21 horas. Vocês terão hoje seis horas para dormir, comer, se divertir e seja lá o que quiserem fazer. Amanhã cedo serão despertados, tomarão o café da manhã e trabalharão as 17 horas previstas, se não houver incidentes ou mudanças de plano. — O Recrutador parou de falar.

Tomás começou a se perguntar como esse navio conseguia sobreviver com tanto falatório desse tal Recrutador. Uma coisa era certa. Ele fazia muito mais que recrutar.

///

João Águia abriu os olhos e observou os arredores. Estava amarrado dentro de da traseira de um caminhão, fechada, lacrada e completamente escura. Não havia ninguém ali, e ele não se lembrava de nada desde seu encontro com o Caçador. Só sabia que estava em um caminhão e que o motorista dirigia de forma extremamente questionável.

O movimento do veículo fazia tudo balançar muito. Seus ouvidos foram lentamente voltando ao normal, ele escutou o motorista cantarolando e alguém rindo e falando. Cheiro de álcool, os dois na frente escutavam “Highway to Hell” em um volume altíssimo. Águia ia gritar pra tentar falar com eles, então percebeu que estava amordaçado.

Não havia nada a fazer a não ser esperar.

Passaram-se o que pareciam ser horas, mas Águia esperou pacientemente. Ele escutou o ruído da música diminuindo cada vez mais, até que o caminhão parou. Portas abrindo, os motoristas descendo, circulando o caminhão e mexendo na trave de fora para abrir a porta da caçamba.

Estava anoitecendo, e o lugar era iluminado por postes altos e com luzes azuis.

— Bem-vindo ao Inferno, João Águia — disse um dos policiais militares de elite que abriram a porta. Os dois desamarraram João e tiraram sua mordaza. Depois vestiram-no com uma camisa de força, prendendo-o num carrinho de mão.

— Por que tanta proteção? Eu não sou mais rebelde, e também não estou armado — argumentou Águia.

— Isso não faz você deixar de ser perigoso — rebateu o policial, empurrando o carrinho.

— Perigoso pra caralho — completou o outro.

Águia foi empurrado por um estacionamento de terra a céu aberto. O local era enorme e tudo estava meio escuro, apesar da iluminação dos postes. Ele não podia ver nenhuma estrutura e nem olhar para os lados, graças à rigidez da estrutura do carrinho. Quase não havia carros no local, apenas um ou outro veículo militar de porte médio.

— Onde é que eu estou, afinal?

— Nossos superiores chamam este lugar de Inferno — respondeu o que empurrava.

A visão de águia foi se acostumando àquela luminosidade e foi clareando. Logo ele podia identificar as silhuetas de uma cidade destruída, o que pareciam ser prédios e construções muito familiares. Ele entendeu o significado de “inferno”.

Brasília era o inferno para o fascismo.

— Essa cidade não estava abandonada? — perguntou João, observando o ambiente tanto quanto seu “transporte” permitia.

— Sim... quer dizer, não, só a população foi embora. Ainda moram soldados aqui, claro, um segredo de estado — respondeu um dos PMs.

O professor recuperou completamente sua capacidade visual, e pôde enxergar o grande e bonito prédio em sua frente, embora velho e aos pedaços. Era o Congresso Nacional.

Quem visse de longe, ainda enxergaria as ruínas do pós-Guerra Civil. Mas, de perto, fracas luzes azuis podiam ser identificadas. Ele foi empurrado até perto da entrada do edifício. Um dos policiais se aproximou de uma parede, e fez um sinal estranho com a mão. Imediatamente, a parede se ergueu, revelando um elevador. O carrinho foi novamente empurrado, eles entraram no elevador e a parede se fechou. Um PM apertou um dos botões no painel do elevador, começou a se mover lentamente. Uma voz robótica e automática a falar:

— *Sejam bem-vindos ao Centro Bélico do Estado do Centro-Oeste, apelidado de “Inferno”. Por favor, se identifiquem.*

— Caminhão Alfa 35. Senha: Pazuzu — disse um dos oficiais.

— *Senha correta. Acesso concedido para todos os níveis da instalação. Não se esqueça de que você está sendo vigiado durante todo seu*

percurso pelo Centro, e se cometer qualquer descuido, erro, falha, mal comportamento ou atividade suspeita, será deletado instantaneamente e arbitrariamente — avisou a voz robótica.

O elevador parou de se mover, e os PMs se agilizaram, colocando cintos de proteção, parecidos com os de montanha-russa, e fechando os olhos.

— O que que houve? — perguntou João, assustado.

— *Dez... Nove... Oito... Sete... Seis...* — começou a contar a voz robótica.

— Se segura, João Águia — alertou um dos oficiais.

— *Três... Dois... Um.*

O elevador despencou a uma velocidade ultrarrápida, fazendo a pele dos três praticamente se soltar da carne. Depois dessa descida brusca e infernal de segundos que pareceram horas, o elevador parou mais bruscamente ainda. Águia sentiu vômito e sangue subindo na sua boca.

— *Bem-vindos ao último andar, o Subsolo 27* — anunciou a voz robótica.

Os policiais, acostumados, levantaram-se apenas um pouco tontos e respiraram fundo. Em seguida, um deles pressionou o botão para abrir a porta e o outro voltou a empurrar Águia. Recuperado da tontura, o professor conseguiu ver o local em que estava. Era um enorme salão circular, iluminado por luzes azuis e amarelas, em que havia uma mesa redonda central e diversas escrivaninhas ao redor, com pessoas importantes, como ministros, empresários, síndicos ou cargos altos parecidos e escolhidos indiretamente pelo ditador ou seu vice, usando ternos e escrevendo, lendo, assistindo à mesa principal ou realizando outras atividades em aparelhos holográficos. O ambiente era guardado por soldados do exército brasileiro fortemente armados e com armaduras incrível e exageradamente blindadas. Na grande mesa redonda principal, estavam algumas das pessoas mais importantes do país, como diretores estaduais da PM ou BOPE, generais, ministros, prefeitos e governadores. Entre todas as cadeiras desta mesa principal, havia uma mais alta que as outras, ornamentada com ouro e platina, que acomodava um homem com terno branco, óculos e quepe. O professor não tardou a identificar que era André, o vice-ditador. Os PMs,

sabendo da importância daquela reunião oficial, empurraram Água lentamente. O líder estava verificando alguma coisa em um painel holográfico.

— Bom, quase estamos chegando à conclusão de como construiremos a usina- reservatório aquífera de abastecimento populacional sem causar muito estrago. Sr. Yago, poderia dar alguma sugestão? — pediu André. O microfone dele era mais moderno que os dos outros, com som mais alto e claro.

— Sim, sim... A usina hidrelétrica de codinome 3.3.4 pode ser construída com o uso do dinheiro arrecadado pelos impostos da exportação de água potável produzida nos setores 3, 4 e 6 da Região Nordeste. Lembrando que elas são as únicas fontes de lucro realmente boas relacionadas à exportação de água na região — respondeu Yago.

— Não, não, discordo, a população nordestina está consumindo muita água, como discutiremos no tópico 8 desta reunião, e a região está muito seca para gerar capital suficiente pra construir uma usina. Eu acho que o ministro gestor de água deveria dar uma opinião — disse alguém das escrivaninhas. João parou de ser empurrado e foi simplesmente deixado em um canto da sala, com os policiais ao lado dele, vigiando-o. Ainda era difícil entender por que tinha sido trazido para aquele lugar.

— A usina hídrica de abastecimento 3.3.4 é muito perigosa para ser feita em terras nordestinas, e não creio que deva ser feita. Minha opinião é que deveríamos apenas censurar ainda mais as notícias sobre secas no Nordeste, mudança climática da região e as milhares de mortes diárias relacionadas à isso. Além disso, uma construção desse porte demanda muito dinheiro, o que, evidentemente, o Nordeste não tem. A não ser que algum outro estado se ofereça para doar, não haverá capital suficiente — ponderou o ministro gestor de água. Vários membros da reunião o aplaudiram.

— Então, as propostas são: construir com dinheiro de exportação de água de alguns setores e não construir a usina. Muito bem, deixem eu pensar um pouco... — André ficou alguns segundos em silêncio. — Não construir parece mais lucrativo. Vamos solucionar o problema desses nordestinos simplesmente mandando-os pra guerra.

Ele foi aplaudido pelos membros da reunião.

— *Tópico quatro finalizado. Vocês estão dispensados por agora* — disse uma voz robótica nos alto-falantes.

Todos se levantaram e saíram por escadas em outra parte do salão, enquanto o hino nacional era tocado. André levantou-se quando quase todos já haviam saído e caminhou até João Águia.

— Desculpe a demora, por favor, Sr. Águia. Eu tive que terminar a reunião. — Ele se virou para o oficial: — Você, você empurra ele e me segue, não quero que dê um pio — exclamou André.

— Sim, senhor.

— O que eu faço, Sr. André? — perguntou o outro PM.

— Sei lá, você está de férias até o fim da semana, só some daqui. — O oficial se dirigiu para as escadas com um sorriso no rosto. — Agora, Sr. Águia, você virá comigo. Há coisas nesta instalação que quero te mostrar.

///25/02/2056

Tomás caminhou pelo dormitório-senzala. Era estranho, um pouco grande se comparado a outros dormitórios de bases militares e navios, mas muito sujo e mal iluminado. Poucos escravos permaneceram acordados por muito tempo, alguns por mais no máximo duas horas. Todos queriam aproveitar logo o privilégio de poder dormir. Era claramente uma vida sub-humana. Quando deu meia-noite e meia, os guardas se retiraram. Então, Tomás parou de fingir dormir, levantou e começou a uma saída. Os banheiros não tinham portas, nem mesmo nos vasos sanitários, e nem descarga, apenas buracos. Os elevadores eram selados por horário, e só voltavam a ser abertos na hora de levar pessoas ao trabalho. A iluminação era tão ruim que não havia necessidade de ser apagada nas altas horas do sono. Por quanto tempo aquelas pessoas estavam ali, suportando aquele inferno? Tomás não queria nem pensar, parecia loucura. Ele não se importava mais se seria pego ou morto tentando escapar, aquele local inteiro era prejudicial à sua sanidade. Talvez se ele começasse um foco de incêndio pudesse sair. Não, era um plano muito arriscado. Ele olhou o grande relógio digital velho e sujo que ficava preso à parede, já era uma hora da manhã, tinha apenas duas horas pra fugir. Isso fez com que ele se descuidasse e produzisse mais barulho que antes.

— O que diabo tu pensas que estás fazendo acordado a estas horas?
— perguntou um guarda atrás dele num sussurro.

O sujeito também parecia ser um escravo, tinha uma numeração tatuada no braço, mas usava uma daquelas roupas pretas e máscara de proteção blindada, provavelmente era um escravo de maior escalão que os de traje laranja. Além disso, tinha um forte sotaque português, e parecia ser um pouco velho.

— Eu posso, não posso? Só estava andando pelo lugar, nada demais
— respondeu Tomás, tentando disfarçar.

— Sim, mas não é nem um pouco habitual ter guris laranjas rondando a estas horas da madrugada.

— Eu... eu...

— Estavas buscando uma forma de escapar, não estavas?

— Hã...

— Tu com certeza não és daqui, deste setor. Vens comigo, por favor. E não irei nem perguntar por que diabo estás a usar esta coisa na cara.

O guarda caminhou silenciosamente para não acordar os outros. Tomás começou a suar de tensão e medo. O que fazer? Atacar aquele homem? Correr? Se esconder? Não havia tempo para pensar, só para segui-lo. O guarda abriu uma porta de ferro camuflada na parede usando algum mecanismo secreto de seu capacete, e os dois passaram. A porta se fechou na sequência.

Eles andaram por um corredor um pouco mais bem iluminado que o cômodo anterior, passando por várias portas com inscrições, que não podiam ser bem lidas no escuro. Quando chegaram no fim do corredor, que não era lá muito grande, o guarda usou outro mecanismo do capacete e abriu uma outra porta camuflada, e os dois acessaram outro corredor.

— Porra, esse navio é grande, né? — comentou Tomás, já se assustando com tantos corredores, cômodos, setores e lugares. O outro soltou uma leve risadinha.

— É grande. Podes passar a vida inteira nele e nunca vais conhecê-lo todo, a não ser que tu sejas o Recrutador. Diz-se que o nome deste navio é Clemente, mas alguns dizem que tem outros nomes, como São Pedro ou Big Boat. Nada é certo, no entanto. E, ao final, tanto faz.

— Por que esse lugar tem tantos corredores?

— Porque o Recrutador quis assim, ora pois. Aqui é Deus no céu e o Recrutador a bordo. Mas podes chamá-lo de diabo, se quiseres. Ninguém foge dos seus grandes olhos. Ninguém pôde fugir até hoje, e, pelos meus anos aqui, já contei mais de mil marujos a bordo. Como ele consegue mandar e desmandar em todo mundo e continuar sempre acordado eu realmente não entendo. Ele deve estar a usar drogas bem fortes e estimulantes. Ou é sobrenatural.

— Todos são escravos? Por que ninguém se revolta? Você tem armas, você tem tudo. Podemos destronar ele.

— Já tentamos. E muito. Dia após dia algum marujo tenta fugir da embarcação. No entanto, só pequena parte do barco está do lado de fora.

— Fora?

— Há dez andares muito grandes na embarcação, e dizem que só três estão acima do espelho d'água. Se tu tentas quebrar a parede e fugir, vais te afogar ou explodir pela pressão. Se subires, os guardas te pegam. O Recrutador não dorme, e ele está a ver tudo e ouvir tudo. Se tentares subir, provocar uma greve, escapar ou qualquer coisa, ele vai saber, e vai mandar os guardas atrás de você.

— Ele te mandou?

— Não. Eu só estava rondando. Tu tens sorte, laranja. Há mais de 30 mil corredores, salas, cômodos e lugares a bordo. E mesmo com este número absurdo ele está vigiando a todos. Ele ouve a todos. A habilidade de concentração deste gajo é impressionante.

— Mas, se você é um prisioneiro, como eu, e tem acesso à armas e vários lugares, por que você não se rebela?

— Eu tentei uma vez faz 16 anos. Ainda era um mero faxineiro. Invadi uma sala de armas e tentei criar uma revolta com os meus camaradas do Setor Escravo. O Recrutador selou todo o acesso ao nosso setor e aos setores inferiores, e nos deixou morrer de fome. Estávamos definhando, dizem que dezenas morreram. Logo alguns dos nossos se renderam, e outros se uniram ao Recrutador novamente. Alguns corredores voltaram a funcionar, os revoltosos foram deixados para morrer. Os que se renderam e não se uniram ao Recrutador e ao trabalho escravo foram torturados, mortos ou pior, enviados para o Lamaçal. Eu me uni à ele por falta de opção.

Dizem que nunca houve algum marujo que escapasse.

— E não houve ninguém que chegou pelo menos ao lado de fora deste inferno?

— Para falar a verdade, dizem que sim. Mas, do lado de fora não há escravos, há mercenários pagos e livres, com luxos. Além disso, lá circulam diariamente helicópteros, pequenos aviões, e outros meios de transporte de ricos e governantes. Tem uma pista de pouso lá em cima, o Recrutador disse. A produção escrava deste navio é tanta que vende-se internacionalmente. Agora, calado, chegamos à minha guarita.

O guarda ergueu uma chave e abriu uma porta de aço, na qual os dois entraram. Era um quarto muito pequeno, de uns três metros quadrados e

meio, mas tinha uma cama decente, um computador antigo e com tela, uma mesa com gavetas minúscula, algumas armas na parede, uma planta do setor sobre a mesa e uma iluminação bem melhor que a do dormitório.

— Por que você me trouxe aqui? — perguntou Tomás. Era evidente que ele não estava ali sem motivo.

— Vamos com calma. Tu deves saber que ser guarda é deveras difícil e cansativo...

— Ser ESCRAVO é deveras difícil e cansativo.

— Sim, tanto faz. Podemos fazer um acordo mutuamente benéfico, tu trabalhas no meu posto, e eu fico aqui na minha cabine a relaxar e jogar no meu PC.

— Não.

— Não tens opção, marujo. Não sei se percebestes, mas sei que és fugitivo. A cama que estavas a dormir está desocupada há meses, e tua roupa é a roupa provisória de outra sala de agrotóxicos, não a do dormitório em que estavas. Além do mais tu nem tiraste a máscara até este momento. Serei mais direto, se não fizeres o que peço, vou te matar. Claramente tu não tens opção.

— Tá, tá bom. Mas, o Recrutador não vai ver?

— Provavelmente sim, mas ele raramente se importa com os guardas. Os escravos comuns são muito mais... inquietos. Além disso, nosso escalão é mais alto que o da maioria. Agora, tire esta roupa laranja e ponha este jaleco negro.

Tomás se vestiu de guarda, colocou a máscara de gás no chão, guardou o traje laranja em uma gaveta da mesa e sentou-se na cama.

— Eu sou um guarda agora... tenho que ter uma arma e um mapa.

— Então, toma, ora pois. — O guarda entregou os equipamentos ao fugitivo. — Quer algumas dicas de como lidar com marujos revoltosos?

— Não, obrigado, já sei como. — Tomás ergueu a arma e disparou na barriga do português, respirando pesadamente para manter a concentração e não se horrorizar com seu ato. O guarda caiu sobre a cama ensanguentado e grunhindo.

— Estas louco?! Argh... O Recrutador verá este sangue, verá que você me deu um tiro, ele vai vir... ai... — murmurou o atingido, agonizando. Tomás apontou para a cabeça e respirou fundo, preparando-se psicologicamente.

— Não precisas fazer isso. Por favor. — pediu o português, encarando Tomás.

O fotógrafo hesitou, mas fechou os olhos e atirou. Seus ouvidos estavam doloridos. O corpo estava jogado sobre a cama. Havia matado um homem a sangue-frio. Ele vomitou sobre o cadáver e desabou no chão, aos prantos.

///24/02/2056

— Esta é nossa primeira parada, Sr. Águia. Chamamos este andar de...Coliseu. — explicou André, enquanto o elevador presidencial se aproximava. Era bem mais lento e menos brutal que o outro.

— Honestamente, estou com medo do que você vai me mostrar — comentou Águia, receoso.

— Não se preocupe, você conheceu apenas Roquefort. Não sabe os reais infernos que guardamos na pátria. E claro, esta instalação não é o pior deles.

— Nem preciso saber. Este mundo já é o inferno.

As portas abriram, revelando um pequeno anfiteatro com cerca de duas dezenas de políticos, policiais de alto escalão, militares e pessoas importantes em geral sentadas nas arquibancadas. No palco, soldados incitavam o que pareciam ser duplas de prisioneiros a lutar entre si até desmaiar. Um placar eletrônico perto do teto exibia o ranking dos melhores lutadores. André sentou-se em uma espécie de poltrona caríssima, enquanto um funcionário vinha e lhe entregava um copo de água cristalina e totalmente purificada, algo que Águia não via há muito tempo.

— Estão copiando o Coliseu Romano? — perguntou João, horrorizado com tamanha brutalidade.

Os guardas afastaram a maior parte dos prisioneiros, recolheram o grupo em gaiolas nas paredes e deixaram apenas três homens no palco.

— Não somos romanos. Somos muito melhores que eles. O Brasil ocupa mais espaço que toda a Europa, e logo que derrotarmos a Grã-Bolívia e anexarmos seus territórios, avançaremos sobre o restante da América do Sul e Central, a tempo de construir armas nucleares. Em 2100, o país estará tão forte que estaremos no mesmo patamar que os EUA, ou até talvez da Ásia. E, além disso, nossas técnicas de tortura são muito mais sofisticadas.

— Pelo menos vocês não queimam cristãos.

— Fazemos melhor. Pastores e padres corruptos recebem benefícios para convencerem a população de que tudo anda bem. Eles ficam tão bitolados em se aproximar de Deus e se isolar do “mundo” que ninguém questiona nada. Sr. Águia, como você sabe, a grande fatia populacional é de cristãos-neopentecostais, que vão a igreja sempre que podem. Lá, nossos agentes convencem todo mundo que tudo está perfeito. Você não pode

contra o sistema. Ninguém pode. Veja aqueles três homens no palco, Sr. Águia. Eram três professores de filosofia de Goiânia. Francamente, por que não proibi essa merda ainda? Enfim, esses imbecis criticaram nossa rede de abastecimento de água da cidade. Decidimos não deletá-los, e, sim, provar concretamente que o sistema é forte demais para seus intelectos. Isso aqui é uma ideia minha, eu te trouxe só para mostrá-la. Espero que goste. — André pegou um microfone.

— O que você fará? — perguntou Águia, apreensivo.

— Mostrem o Sistema para esses senhores — ordenou o vice-ditador.

Um grande portão de ferro se abriu na parede, e um fortíssimo e muito musculoso leão saiu dele. Seu dorso estava raspado.

— Meu Deus, você é insano — exclamou o professor de história, horrorizado enquanto via a palavra “SISTEMA” tatuada no dorso do leão. O animal avançou sobre os três professores.

— Insanidade é questionar o sistema. Sistemas são compulsivo-obsessivos, sistemáticos e rígidos. Sistemas só funcionam do jeito deles, e o jeito dos sistemas, o jeito de cada sistema particular, é o jeito certo, pelo menos para esse sistema. Qualquer anomalia dentro do sistema é destruída pelo sistema, a fim de fazer o sistema continuar funcionando da forma certa e determinada pelo próprio sistema. Geralmente, os sistemas são desmontados por fatores externos, a não ser que ele seja mais forte. Sr. Águia, fatores internos, como o senhor, só desmontam sistemas se esse sistema for muito fraco. Estes filósofos atrapalharam o funcionamento do sistema, um autêntico fator interno. — O leão devorou a cabeça do último que ainda estava vivo. A pequena multidão comemorou. — Mas, como você pode ver, é impossível derrubar o meu sistema. Já éramos quase invencíveis com nosso exército, mas agora temos o nosso exército e o Delete. Fatores internos nunca vão vencer um sistema como o meu. — André riu.

Águia só não caiu no chão vomitando, chorando, mijando e cagando ao mesmo tempo porque estava preso no carrinho e já tinha se acostumado a ver barbaridades daquele tipo. Não, ainda não tinha visto nada daquilo. A cena parecia ter sido extraída de um livro do Marquês de Sade. Águia já havia visto a guerra, torturas e coisas terríveis, mas aquilo era simplesmente bizarro demais. O público diante daquilo era mais animalesco e mais irracional que o próprio “Sistema”. André se levantou, e o PM de elite logo voltou a empurrar o carrinho. O vice-ditador terminou a água, dirigiu-se ao

funcionário, entregou-lhe o copo vazio e ordenou que alguma coisa fosse feita com o leão. Mas, Águia não pôde ouvir direito. Em seguida, o carrinho foi empurrado de volta ao elevador e André entrou também.

— Gostou do show? — André sorria, sarcástico.

João não respondeu, ainda enojado. O elevador logo voltou a subir.

///

A subida foi tão lenta quanto a anterior, mas o enjoo a deixava particularmente pior e mais lenta. Só então Águia percebeu que a música de fundo do elevador era o instrumental do Hino Nacional. Conforme se aproximava do destino, o elevador se movia cada vez mais devagar.

— Já vai me matar de forma lenta e dolorosa ou quer que eu morra de desgosto vendo esse lugar saído diretamente do inferno? — ironizou João.

André deu uma risadinha.

— Calma, Sr. Águia. Você é professor, tem que ter um mínimo de paciência.

— Não sou mais professor, e não sou mais paciente. Passei minha vida toda tentando fazer o certo, lutando contra o errado, tentando conscientizar meus alunos, combatendo com armas e espírito guerreiro... Mas, a paciência tem limite. Eu não lutarei mais, eu prometo.

— Esse é o problema, Sr. Águia. Meu objetivo neste passeio pela instalação que nós carinhosamente apelidamos de “Inferno” é mostrar pra você que na verdade tudo pelo que você lutou era errado. O nosso sistema é a perfeitíssima solução para todos os malefícios do velho sistema, todos os malefícios da democracia corrupta e da liberdade de expressão. Quero mostrar que, na verdade, você luta pelo inferno, e não pelo que você pensa que é oposto dele.

— Eu estudei história. Tenho uma noção implacável e imutável do que é certo e o que é errado. E você não mudar isso com falatório ou me mostrando leões comendo filósofos.

— Calma, Sr. Águia. Você vê? A simples ideia de que essa noção é impossível de se mudada já é um pequeno totalitarismo dentro da sua cabeça. Acalme-se... Ainda temos muito que explorar no “inferno” que foi Brasília na época da república. — A conversa foi interrompida quando as portas do elevador se abriram. O policial voltou a empurrar o carrinho, e André logo exclamou enquanto saía: — Seja bem-vindo ao 20º andar. Espero que goste do que verá.

Águia foi empurrado para fora, e viu um enorme laboratório de desenvolvimento bélico. Cientistas de várias nacionalidades, sendo a maioria brasileiros, criavam projetos de armas, drones, robôs e veículos militares, estudavam, liam livros virtuais, acessavam a internet com computadores holográficos e testavam alguns de seus utensílios. Águia foi s empurrado pela área, enquanto André caminhava calmamente, inalando o ar do local.

— Ah, como eu gosto do cheiro do Laboratório Geral Bélico... Combustão e pólvora... Gasolina... Querosene... Me lembra da época da Guerra Civil. Eu me lembro como se fosse ontem... Eu era jovem, como você, Sr. Águia. Foi naquela época que eu peguei em minha primeira arma de fogo, uma espingarda que pertencia ao meu avô. Era uma coisa muito velha e travava o tempo todo. Ela está guardada por aqui. Venha, irei mostrá-la.

Os três atravessaram o local, enquanto cientistas trabalhavam por todos os cantos. André abriu a porta de um escritório no final do amplo laboratório e entrou, seguido por dois policiais. Havia um baú encostado em um canto do cômodo, entre prateleiras, lâmpadas vitorianas, uma mesa, cadeira de rodinhas e outras mobílias caríssimas. Nas estantes, vários objetos estavam expostos em pequenas vitrines e com placas descritivas, alguns de valor pessoal e outros de valor real. O professor admirou-se tanto vendo artefatos como o distintivo original do Marechal Rondon, um dos óculos originais do ex-presidente FHC, a gravata-borboleta de Ernesto Geisel e o crânio de Josef Mengele que levou um susto quando o líder voltou a falar.

— Isso aqui é minha Arca da Aliança pessoal, Sr. Águia. Eu sei que é um lugar muito inconveniente para um museu particular, mas é que o cheiro de explosivo faz eu me sentir de novo em 2037... Sou muito nostálgico. — André revirou vários “artefatos pessoais” no baú, retirou a espingarda e a exibiu para o prisioneiro. — Ela é bem antiga... 1980 e tantos, antes desses animais republicanos proibirem as armas. Tem um tempo de recarga incrivelmente lento, é extremamente pesada pros dias de hoje e ainda tem um cheiro horrível... — explicava ele. — Mas, dá conta do recado, e muito bem, por sinal. Somos parecidos, Sr. Águia, eu também lutava pelo certo quando era jovem. Me alistei pros militares antirrepublicanos quando tinha

mais ou menos vinte e cinco anos, e só levei esta espingarda. Os soldados riram... Disseram que eu não poderia mudar nada só com uma espingarda velhíssima, enquanto havia drones, tanques, bombas fortíssimas e os primeiros robôs de combate nos fronts de batalha. E eu desisti por causa disso? Não. Eu não peguei uma arma que eles me ofereceram, e levei a minha espingarda pra guerra. Não usei colete, nem capacete, nem nada. Só ela, a espingarda. Minha força de vontade na luta pelo sistema certo me fez derrotar bravamente dezenas de homens dos partidos corruptos com uma arma antiga e fraca, sem sofrer praticamente nenhum arranhão. Confesso que tive muita sorte, mas foi principalmente graças à minha força de vontade que pude avançar sobre as linhas inimigas. Logo meus companheiros vieram atrás de mim, comemorando e derrotando os restantes. Sozinho, eu derrotei cerca de cinquenta republicanos da mais alta patente considerados invencíveis com uma velharia. Em pouco tempo, tomamos Goiânia e pudemos abrir caminho para Brasília. Você vê, Sr. Águia? Se eu não lutasse pelo que acho certo, do jeito que acho certo, eu não teria conseguido. Eu não teria sido condecorado, reconhecido pelo ditador, me tornado general das forças antirrepublicanas do Centro-Oeste e, depois de libertar o Mato Grosso do Sul e vencer as tropas inimigas em Minas Gerais, me tornado o segundo homem mais importante desta grande pátria. Talvez nem tivéssemos vencido a guerra. E isso tudo ocorreu graças a minha força de vontade, autocontrole, crença e determinação em conseguir a vitória e, claro, a meus ideais. Meus ideais, que diziam que se eu seguisse minhas próprias regras, eu conseguiria. E olhe para mim, eu consegui. É nisso tudo que eu te disse que é baseado o fascismo: ideal, controle, autoconfiança, fé e força de vontade. Essas características, porém, não são exercidas pelo coletivo, e sim pelo poder central, que determina as regras visando o bem da população, nação, defesa e economia. Assim como eu, sem seguir as regras dos outros e usando minha própria arma, prosperei. O estado fascista comandado por um chefe benevolente e forte é implacável, poderoso, incorruptível, totalitário e quase indestrutível. Mesmo se é derrubado, ainda sobrarão pessoas tentando reerguê-lo, mesmo

que trinta, cinquenta, setenta ou até duzentos anos depois. Repúblicas, anarquias, consulados, democracias e monarquias parlamentares são tão confusas, corruptas e tolas que nem o próprio povo, que supostamente é encarregado de decidir o certo e o errado, as entendem. Leis se amontoam, as autoridades se corrompem, regras indescritivelmente burras e idiotas são aprovadas, religiões e ideologias tolas tomam o poder, e briguinhas ideológicas são forjadas. Isso resulta em incontáveis assassinatos, confusões nas casas do povo, crises e, no final... as guerras civis chegam. Uma ideologia em que o povo decide o certo e o errado é confusa porque o povo é burro, ignorante e vota sem nem saber no que está votando, criando divergências políticas monstruosas. E isso sem falar nos escândalos de corrupção que tanto golpearam nossa amada nação. Se a república caiu, não foi porque minha força militar a derrubou, mas porque os próprios políticos destruíram suas imagens o suficiente para o povo ver que éramos a melhor opção. Já no fascismo, a coisa é diferente. Em vez de termos liberdade absoluta e prejudicial, temos o estado, uma entidade que nos diz o certo e o errado. O povo não precisa mais votar e se confundir, apoiando corrupção, destruindo o país aos poucos e sem saber o que está fazendo no final. Não precisa se engajar em inúteis brigas de torcida por partidos políticos. O estado já decidiu tudo por você. Ponto, acabou. E já que você não precisa esquentar tanto a cabeça, por que não se unir ao benevolente governo e lutar contra o inimigo, seja ele quem for? Comunistas, terroristas, muçulmanos, judeus, maçons, palestinos, bolivianos, indígenas... Você chega ao ponto de odiar tanto o inimigo que não vê seus próprios erros, só os dele. No fascismo, as leis não são anuladas, votadas, revogadas e desrespeitadas pelos próprios criadores. O estado cria a lei pra você, a instaura e você a segue e a defende. É simples, vamos fazer uma analogia. Havia uma fazenda muito grande, bonita e cheia de feno, em que as ovelhas podiam se autogovernar, escolhendo uma do grupo de tempos em tempos. As ovelhas se uniam para coletar feno e, pelo que elas decidiram, as que mais trabalhassem, mais feno deveriam receber. Quem organizava a distribuição do feno era a líder delas. No entanto, a líder passou a separar para si bem

mais do que devia, deixando as outras com cada vez menos feno. Um grupo foi criado pelas ovelhas para investigar, mas a corrupta presidenta ovelha compra as outras com uma parte do feno e ninguém faz nada. Quando o mandato da ovelha acaba, a fazenda está em escassez. Eis que eles escolhem um carneiro representante da oposição ao governo dela. E adivinha? A mesma coisa acontece. A fazenda fica ainda pior. E o ciclo vai se repetindo, com todas as ovelhas tendo cada vez mais fome e as presidentas nunca passando fome. Após mais de cinquenta anos de pura roubalheira de feno, mais um grupo de investigação volta de “mãos vazias”. Várias ovelhas se unem e se preparam para invadir o celeiro de feno, porém, algo inesperado ocorre... Mesmo depois de tudo, parte das ovelhas não queriam o fim daquele horrível regime. Uma guerra civil começa, e muitas ovelhas se machucam. Eis que o fazendeiro chega e demanda saber o que está acontecendo. Após ser informado, ele expulsa as ovelhas corruptas e coloca novas regras. Ele decidirá tudo a partir de agora para que as ovelhas não tenham que passar por escassez. E ele consegue. Nenhuma ovelha passa fome por quase vinte anos. Então, eis que uma maldita ovelha inconsequente surge no rebanho e critica o fazendeiro. “Precisamos ter autonomia e voz, volte com a república!” A princípio, o fazendeiro nada faz, mas também não deixa a liderança, pois ele não quer escassez novamente. Então, essas ovelhas reclamonas se unem e atacam o fazendeiro, que é defendido ferrenhamente pelas outras ovelhas. As revoltosas perdem e são expulsas. O fazendeiro, assim como fez com as líderes corruptas, expulsa qualquer uma que questionar suas ordens, evitando um retorno do modelo republicano e corrupto. Você entende, Sr. Águia? É por isso que lutamos, um estado forte, grande e benevolente. — André terminou de discursar, guardando a arma novamente no baú.

— Eu entendi o que você disse, mas ainda acho que você está falando merda — rebateu João.

André desfez o sorriso, ao mesmo tempo decepcionado e enraivecido. Segundos depois, no entendo, voltou a sorrir de leve.

— Venha, temos ainda muito o que ver...

///25/02/2056

“ Atenção, guardas do Setor Último. Temos uma irregularidade na Guarita Individual 246. Solicito uma averiguação imediata por autoridades com poder de fogo de nível médio. Probabilidade alta ser um homicídio. ”

Tomás sentiu um pouco de medo, mas sabia que conseguiria concluir o plano. Agora tinha uma roupa de guarda e, graças ao capacete especial, era imperceptível e inquestionável. Só precisava achar alguma forma de chegar aos setores superiores. Ele estava sentado sozinho em um refeitório, observando o mapa do navio que pegara com o guarda português. Já tinha proibido expressamente a equipe de faxina de entrar. A morte daquele guarda ainda incomodava sua consciência.

A embarcação era simplesmente gigante, com incontáveis escravos, corredores, quartos e andares. O mapa só mostrava os três últimos setores, apontados como Setor Último, Setor Agrotóxico e Setor Escravo. Cada setor parecia ser um “andar” do navio. Os elevadores eram extremamente eficientes, práticos e bem-monitorados, o que dificultaria as coisas. Além disso, o Recrutador poderia travá-los a qualquer momento. Parecia não haver escadas. Como seria possível um navio desse porte sem escadas, nem de emergência? Um incêndio para acionar o alarme seria inútil, pois havia muitos sprinklers espalhados e o Recrutador perceberia que o incêndio não era grave. Tomás tentou virar as páginas, procurando alguma coisa para ajudá-lo. Isso, instruções de emergência! Era exatamente do que ele precisava. Sorriu pela primeira vez em muito tempo.

“INSTRUÇÕES DE EMERGÊNCIA DO GUARDA

Versão em português

1.
Caso o alarme de emergência soe,
os elevadores serão destravados. O guarda deve cuidar para que todos entrem em segurança, visando a menor perda possível de escravos, especialmente os mais fortes e habilidosos. O Recrutador é responsável pelo destino do elevador.

2.
Se desobedecer alguma destas instruções, o guarda poderá ser rebaixado de escalão, jogado no Lamaçal, torturado e/ou executado.

3.
O guarda deve sair do local afetado somente depois que todos os outros escravos saírem e usando os elevadores especiais dos oficiais, destravados somente com permissão do Recrutador.

4.
Toda a mercadoria utilizável que o guarda vir e puder carregar,
deve ser trazida com ele.

5.

Caso os elevadores estejam inutilizáveis, todos deverão ser levados para as escadas emergenciais, escondidas nas coordenadas X4,Y28 do seu setor,

que podem ser visualizadas no meio do mapa geral deste livro. Para acessá-las, deve-se puxar a alavanca escondida atrás da lâmpada de luz verde na parede, que abrirá a porta. As escadas são velhas e frágeis, e seu uso é recomendado apenas no pior dos casos. Por isso, os escravos-administradores serão responsáveis por decidir quem, quantos e em que ordem subirão

, entre outras medidas emergenciais. Os que não forem selecionados deverão ser mortos, se possível, sem uso de armas de fogo. Outro aviso é que as escadas não são iluminadas de forma alguma e não recebem manutenção desde 2029. Então, cuidado com a mercadoria ao subir.

6. Atenção, este guia foi atualizado em 24 de julho de 2043 devido às diversas tentativas de fuga de escravos que o leram. As escadas velhas de emergência agora são monitoradas por drones automáticos de vigilância e segurança, ligados 24 horas por dia, sete dias na semana, que não hesitarão em disparar contra quaisquer elementos suspeitos em uma situação não emergencial. Para aviso do escravo que tentar escapar após ler este manual, até a última atualização e revisão (em 2052), não houve nenhum caso de fuga bem-sucedida pelas escadas ou qualquer outro lugar do navio até hoje, e nem pense que você será uma exceção à regra. Antes dos drones, todos os que tentaram fugir caíram pelo nervosismo e morreram. Nunca se esqueça: o Recrutador está te olhando, então não faça movimentos estúpidos.”

Tomás fechou o livro e se levantou calmamente. Ele tinha três opções: provocar uma emergência, correr de forma desesperada e burra pelas escadas e tentar a sorte ou sair cautelosamente pelas escadas e tentar a sorte. De repente, sentiu toda a adrenalina do corpo subir ao máximo quando os alto-falantes soaram.

— Ei, você, você aí mesmo. — Era o Recrutador falando nas caixas de som *daquele* refeitório. Tomás respirou fundo e tentou pensar no que fazer, enquanto o outro continuou: — Sai dessa sala, a equipe de limpeza acabou de avisar que tá querendo limpar faz meia hora e você não libera! Sai daí, porra!

Tomás saiu aliviado, enquanto os faxineiros entravam na sala xingando-o de todas as formas possíveis.

///

— Ainda bem que conseguimos chegar. Passeamos tanto que quase ficamos sem comida — comentou André, enquanto saboreava o café da manhã.

João estava naquele carrinho fazia tanto tempo que sentia cãibras e dormência em todo o corpo.

— Eu estou ficando cansado — comentou Águia, em um tom de voz baixo.

— Traga um copo de café para o meu amigo, com canudo — ordenou o vice-ditador a um guarda que andava perto da mesa. João olhou os arredores.

Era um andar subterrâneo do “Inferno” muito parecido com um restaurante de hotel cinco estrelas, com comidas expostas em mesas para as

peças se servirem e um buffet muito refinado e repleto de pratos caríssimos e decorados com várias especiarias e temperos. No vão central, entre as mesas de comidas e as pessoas, havia uma espécie de galão gigante de água, feito com vidro no formato de um bule do século XIX, de onde se podia servir água cristalina nos copos. O guarda logo voltou, trazendo a bebida, e segurou o copo ao lado do rosto de João, que tomou um bom gole. André terminou de mastigar mais um pedaço da comida e voltou a falar.

— Sabe... poucos tiveram o privilégio da minha companhia por tanto tempo como você está tendo agora, o privilégio de conhecer a fundo uma das nossas principais instalações militares. Eu te dou permissão para isso, e você retribui reclamando como se não houvesse amanhã.

— Você chama conhecer o Inferno com acompanhamento exclusivo do Diabo de privilégio?

João parou de beber para gargalhar.

— Que criança teimosa você é, Sr. Águia. Nosso tour ainda não acabou, então acalme-se. Ou vou parar de ser gentil como estou sendo agora. Ainda falta muito pela frente... — André se estressou mais que das outras vezes. Águia voltou a beber um pouco do copo de café, e o vice engoliu mais uma garfada de sua saborosa refeição. — O que o faz pensar que eu sou o lado errado? — perguntou André, com uma voz mais intensa que antes.

João deu uma leve risadinha antes de responder.

— Você acha mesmo que eu tenho que responder essa pergunta? Eu poderia listar dezenas de impérios e países totalitários ao longo da história que até hoje são considerados pragas da humanidade pela opressão às suas populações ou classes minoritárias. Não vou me dar o trabalho de te ensinar história como se fosse um dos meus alunos, Sr. vice-ditador. Porque alguém como você está pouco se fodendo pra história. Quando vocês fizerem este país colapsar de vez, você aprenderá a importância da liberdade do povo.

Desta vez foi André que riu.

— A Revolução Francesa, a Revolução Industrial, os piratas e o Velho-Oeste mandaram um abraço pra sua liberdade absoluta. O povo se controla muuuito bem sozinho — retrucou André.

— Não, nunca disse que defendo anarquia. Eu defendo a democracia.

As duas vezes se intensificavam.

— A democracia corrupta que você idolatra foi tão ruim que abriu as portas para livrarmos o país dela!

— Vocês não solucionaram a escassez da água! Continua a mesma merda que estava antes da Guerra Civil, só que agora a população tem muito menos acesso e não gastam tanto. Talvez vocês tenham até piorado a situação!

— Além de termos resolvido o problema da água, temos o maior exército da história da América Latina, e solucionamos praticamente todos os problemas relacionados ao tráfico de drogas...

— O tráfico de drogas só acabou porque as pessoas pobres começaram a morrer de sede e doenças! Todas as favelas foram queimadas por vocês porque são um “local inadequado pra viver” e mais um monte de desculpas falsas que vocês inventaram, mas vocês só fizeram um trabalho quase escravo com a gente delas pra construírem prédios gigantes e decadentes pra elas viverem e usam isso como propaganda!

— Nós construímos vários arranha-céus enormes em todas as metrópoles brasileiras em apenas dez anos, sem contar as bases, o trem-bala, Nova Brasília... Isso tudo que a República não fazia porque não conseguia consertar um bebedouro público sem superfaturar!

— E construíram também campos de concentração e megaprisões para prisioneiros políticos que foram detidos sem julgamento. Aliás, faz quanto tempo que alguém não é julgado nesse país?! Vocês deixaram milhares de pessoas da área de direito desempregados, vocês baniram o judiciário!

— Nossa justiça é a prova de falhas, muito diferente da da república. Naquele tempo, qualquer assassinato ou escândalo de corrupção saía impune! E não desempregamos ninguém desse jeito, não. Quem quiser julgar é só entrar pra polícia, governo ou exército, entrar na área jurisdicional, e aí pode julgar e condenar quem prender em menos de uma semana, muito mais eficiente que os tribunais corruptos da república! E, aliás, pra que prender esses merdas e gastar dinheiro para mantê-los?! A gente só deleta e pronto!

— Claro, o fascismo é muito bom! Nós matamos até os que não são criminosos só pra garantir.

— São quase todos traficantes, assassinos, comunistas, anarquistas e extremistas ingratos por todo o esforço e benefícios que fizemos para este país, a custa de trabalho duro, suor e sangue, muito sangue!

— Seu sangue por acaso?! Ou o de milhares de inocentes?!

— A população majoritária se uniu à nossa revolta, todos estavam cansados do desvio de água, do desvio de verba, da religião interferindo na política, da desenfreada alternância de poder! Mas o que todos mais odiavam era a corrupção! E agora, onde está a corrupção?! Me responde, CADÊ A CORRUPÇÃO?!

André se levantou, já estava com a camisa molhada de suor, o rosto vermelho de raiva e furioso. Um guarda veio correndo trazendo alguns calmantes dentro de um copo de água. O vice respirou fundo e tomou a

medicação. João esperou seu adversário engolir, também irritado, e respondeu com um voz calma, baixa e irônica.

— Está no desvio de verba da construção da usina de abastecimento de água do Nordeste que você acabou de mandar não construir porque é mais lucrativo desse jeito. — Águia deu o sorriso da vitória e em seguida sugou o resto do café pelo canudo.

André rugiu e olhou o ganhador do debate com olhos de raiva e ódio. João disfarçou, pois dessa vez havia, sim, se assustado um pouco, e manteve a pose de corajoso, encarando o rival.

Então, em um movimento de fúria, André pegou uma faca de cortar carnes na mesa e avançou sobre adversário. Em um movimento defensivo, Águia cuspiu o café quente no rosto do vice, que urrou de dor, derrubou a faca e se apoiou na mesa. João se preparou para ser espancado e fechou os olhos, mas só ouviu risadas. Ele abriu os olhos, sem entender.

— Hehehe... Você sabe debater tão bem quanto se defender... porém, porém nosso passeio ainda não acabou. Eu te trouxe aqui por um motivo, Sr. Águia... falta pouco... — disse André, dando risadinhas e limpando o rosto com a toalha da mesa. Seu rosto havia ficado um pouco machucado e vermelho por causa do café quente.

O professor começou a suar de medo e tensão, embora tentasse manter a compostura. Normalmente, um rival atingido teria ficado furioso e partiria para o contra-ataque, e não continuaria o discurso ideológico desenfreado. O carrinho voltou a andar, e o professor começou a vasculhar os arredores o máximo que aquele carrinho permitia. Nenhuma das pessoas ali presentes estavam olhando a briga ou ele. Parecia que eles simplesmente não se importavam ou não podiam olhar.

///

A porta do elevador abriu-se novamente. Águia foi conduzido para dentro de costas, e ficou observando a porta pela qual acabara de passar se fechar. André não fez um discurso introdutório desta vez, e o professor percebeu que ele não estava mais tão feliz.

Chegaram a um local extremamente escuro, úmido e com um leve cheiro de algo podre.

— Para onde você está me levando? — perguntou João.

André apenas respirou fundo e não respondeu. Ainda conduzido de costas, Águia foi notando a presença do que pareciam ser guardas, celas de metal e pessoas usando jalecos brancos.

— Você vai ficar aqui por um tempo. Volto mais tarde e continuaremos nosso passeio. Agora... acalme-se. Ou nunca mais sairá daqui. — anunciou André.

Águia ouviu algo feito de ferro sendo fechado com força, aparelhos elétricos sendo ligados e vozes conversando em voz baixa.

— Me mata logo. A minha vida é uma prisão desde que fugi do Barra3. Já não posso sair na rua e me trazem pra cá.

— Calma, Sr. Águia. Ainda não acabou. Ainda. Não. Acabou. Sr. Águia.

André se afastou lentamente, junto com o guarda que empurrava o carrinho. Os dois foram embora. As portas do elevador fecharam e apagaram a única fonte de luz. O professor ficou no escuro total.

Nenhuma pessoa. Nem os guardas e homens de jaleco pareciam mais estar lá.

— Olá? Tem alguém aqui? — chamou, sentindo o medo crescer dentro dele.

Uma leve fumaça vermelha, difícil de ser vista, mas fácil de ser sentida subiu por alguns segundos, e depois ele voltou a sentir-se só. Fechou os olhos e, quando os abriu de novo, sua língua estava com um gosto bizarro, parecia algo relacionado ao gás que respirara.

— Oi? Podem me responder? Eu vi gente aqui quando cheguei! — gritou Águia.

Ele tentou se debater, mas as amarras do carrinho eram fortes demais. De repente, um vulto correu agachado na escuridão.

— Ei! — gritou João, tentando ver quem estava ali.

Nada. Continuava sozinho na escuridão e imóvel. O local era extremamente silencioso, ele podia ouvir sua própria respiração, e de mais ninguém. Será que ele realmente tinha visto um vulto ou era uma pessoa? Era difícil dizer. Na verdade, era difícil dizer até quando tempo ele estava ali. Não se lembrava mais direito, perdera a noção. Havia remela nos seus olhos. Nos seus olhos ou em sua boca? Estava tudo muito confuso.

— Oi! TEM ALGUÉM AQUI?! — gritou novamente, várias vezes seguidas, e os seus ecos pareciam triplicados, mas ficou sem resposta, e, tentando não se desesperar, esperou algo acontecer, mas nada aconteceu pelo que pareceram ser cinco minutos, nada aconteceu em dez, nada aconteceu em vinte e nada aconteceu em no que pareceu ser uma hora e nada aconteceu pelo que pareceram dias, sua percepção se distorcia cada vez mais e mais e mais.

— Oi?! Alguém?! — gritou, pela enésima vez, mas nada. Passou a língua entre os dentes, sentido o amargo e frio gosto da escuridão. O mais estranho era que seus olhos não se acostumavam ao escuro. Ele continuava não enxergando nada. Por mais que gritasse, sua voz não ecoava. Ouviu passos, não sabia se atrás, do lado ou na frente dele. Parecia tudo ao mesmo tempo. Luzes se acenderam atrás dele, ele não via, mas sentia.

— Quem é você?! Fala alguma coisa! Você trabalha pro André?!

Sem resposta. Barulhos mecânicos. Água pingando. Atrás dele havia luz, mas à frente estava escuro. Era tudo muito frio. A luz se apagou, e uma porta de metal se fechou. Porém, em sua frente desta vez estava claro, tão claro que ele não podia ver nada.

— Joãozinho Águia, o lerdão da turma! Nerdão! Lerdão! — gritou algum adolescente em algum lugar ali perto. Gosto de sangue em sua boca. Um garoto de uns 17 anos usando caras roupas importadas surgiu com um taco de basebol na mão. — Nerdão, porque você me entregou, porra?! Filho da puta do caralho!

— Você colou! Isso é errado! — gritou ele, sem pensar.

De repente, ele era uma criança novamente. O garoto começou a golpeá-lo com o taco, seus ossos foram esmagados. João sentiu a dor, o sangue escorria. Então, estava de novo no carrinho, ileso e olhando para uma parede. Ele sentiu seu estômago revirar. Lentamente, parede ficou branca e mesas surgiram. Ele estava conversando com colegas universitários.

— João Águia, apresente-se à coordenação...

Antes que desse por si, estava diante do diretor. O terno dele era feito de pele, e sua pele era feita de tecido. Em seus olhos haviam moedas romanas. Do lado dele, um estudante com roupas caríssimas olhava pra ele, com os pés na mesa do diretor. As mãos dele cheias de grafite.

— Sim, foi ele que pichou o banheiro, foi ele sim... Minha família sempre patrocinou essa escola, por que eu mentiria? — disse o estudante.

— Eu não fiz isso... nunca faria... — rebateu Águia, assistindo a barras surgirem em frente dele. Ele viu sua doce mãe pagando a fiança, e um policial rindo e fumando um charuto enquanto o soltava.

Então, viu-se dando aula aos seus alunos, quando um colou na prova.

— Ei, me dê sua prova! Você zerou! — disse, apontando para o menino.

— Vai tomar no cu, quem tu acha que é? Meu pai é da O.V.! — gritou o adolescente. Águia ergueu a caneta e colocou um enorme zero na prova.

Agora eles estava andando pelos corredores do Barra3, sua mãe estava sangrando, cheia de facadas, e a porta do apartamento estava escancarada.

— Mãe... vai dar tudo certo... vai dar... — disse, enquanto fibras de madeira cresciam ao redor dela e criavam um caixão.

O professor estava sentado na sua cadeira. A mesa do professor era o caixão da sua mãe, e os alunos eram todos sua mãe com diferentes vestidos, exceto o menino que teve a prova zerada.

— Chupa, porra. Tu fodeu minha vida me fazendo repetir, eu fodi a sua matando a sua mãe — disse o menino, gargalhando.

— Você é um criminoso, você é a injustiça! — gritou Águia, chorando de raiva e tristeza.

— Mas você não tem provas, e eu nunca vou pra cadeia... — afirmou o menino, rindo. O menino se tornou a velhinha, sendo espancada pelos cassetetes elétricos de policiais militares no corredor.

— Você tem um complexo obsessivo de ser altruísta e herói, João Águia. Por mais que eu tente, não consigo compreender o motivo da sua condição, mas sugiro que tente se isolar ao máximo de qualquer coisa que pode ser injusta, ou vai acabar morto. Por favor, não destrua sua vida tentando mudar o mundo, não dá pra mudar tudo. — explicou o seu psicólogo, enquanto os dois olhavam a velhinha sendo espancada até a morte. Águia não pôde se conter, correu até lá para ajudá-la e levou um tiro. Ele se levantou com as costas sangrando, e tirou a faca que estava cravada nele. Sueca estava sorrindo, enquanto esmagava o crânio de todos os membros da Resistência da Capela com uma marreta gigante. Ela foi embora voando, e Gabriel, sem cabeça, se levantou.

— Porque você me deixou para morrer? — perguntou.

— Vá embora! — gritou Maria, mas ele não via o corpo dela, só ouvia. De repente, a cabeça de Dan surgiu no corpo de Gabriel, e centenas de policiais e soldados do BOPE surgiram do chão.

— O Barra3 caiu. Se você não tivesse sido tão imbecil e falado pro seu melhor amigo, talvez você tivesse me impedido. O Barra3 caiu. 250 mil morreram. — repetiu Dan, com uma voz demoníaca, enquanto o Barra3 explodia e desmoronava atrás dele. O síndico começou a gargalhar, e todos os policiais e soldados se transformaram em demônios, fogo infernal surgia, dragões e monstros horrivelmente deformados e grandes surgiam e voavam.

— Você será derrotado! Você e tudo o que você representa! — gritou Águia, erguendo uma pistola e atirando contra Dan, que caiu no chão. O corpo do síndico foi consumido por chamas, e dele surgiu um demônio, que tinha a cabeça de André.

— Junte-se a nós — disse o enorme diabo. Todos os demônios e monstros ali se ajoelharam ao redor de João, que começou a criar escamas por todo seu corpo. Um demônio tocou seus olhos, e ele passou a ver um enorme palácio nas nuvens. Anjos voavam ao redor, e ele estava sentado no trono de Deus. Havia um gigantesco anjo de duas cabeças na sua frente, encarando-o. Uma era do ditador e a outra, do vice-ditador.

— Viu, é isso que nós somos. — As duas tinham a mesma voz.

— É isso que vocês se consideram — rebateu João.

O trono e o céu racharam, e o professor caiu pela eternidade gritando.

///

— Ahhhhhhhh! — gritou Águia, percebendo que ainda estava amarrado naquele carrinho. Era a mesma sala, e a luz estava acesa desta vez.

— Finalmente. O efeito do LSD já acabou, filho. Pode relaxar. Você ficou umas cinco horas e meia alucinando. Parece que a Bad Trip foi bem forte — comentou uma mulher de jaleco branco à frente dele.

Conforme sua visão foi clareando, ele notou que estava em uma espécie de sala de cirurgia muito estranha. Dois enfermeiros começaram a mexer nas rodas do carrinho, que mudou para a posição horizontal.

— Nós faremos um leve procedimento em você agora, Sr. Águia. Será rápido, muito divertido e tranquilo — explicou a mulher. Alguns enfermeiros trouxeram várias máquinas e dois médicos novos chegaram carregando caixas de utensílios.

— Você prefere ficar sem rosto ou com rosto? — disse ela, erguendo uma seringa. Os enfermeiros mexeram em algum mecanismo do carrinho que o transformou em uma espécie de maca cirúrgica.

— Com rosto... — respondeu o professor, completamente atordoado.

— Muito bem... — Em seguida, ela ergueu e injetou algo nele. Águia foi lentamente perdendo o controle dos movimentos. Um dos enfermeiros ergueu uma caixa, colocou-a em um balcão e tirou uma cabeça de manequim com o que parecia ser uma máscara de carne de dentro dela. — Usamos algumas das suas células-tronco para fabricar um novo rosto para você. A princípio ele será desconfortável, mas como tem seu DNA, você se acostumará. Agora, por favor, durma — disse a médica.

O professor sentiu seus olhos se fechando.

///

Tomás fechou os olhos e rezou. Acreditava no Deus cristão, mas não tinha uma religião oficial, então só recitou mentalmente um básico Pai-Nosso. O debate filosófico era sobre como um Deus tão bom poderia existir se aquele navio de atrocidades existia também, mas ele preferiu não filosofar naquela hora. Sentir-se sozinho e desamparado era tudo de que não precisava. Tomás observou a lâmpada verde, e pôde visualizar a alavanca ali, escondida atrás da luz. Seria mesmo uma boa ideia? Não era melhor

esperar até mais tarde e abrir? Mas, se ficasse ali se fingindo de guarda por muito tempo, com certeza seria descoberto. Era um túnel sem saída. A única chance era tentar abri-la. Poderia morrer nas escadas, ou com os drones ou até com os guardas, mas era a única forma. Ele respirou fundo, concentrou-se e enfiou a mão por cima da lâmpada, até alcançar a alavanca.

Logo a fina alavanca de metal estava abaixada. Uma parte da parede de metal se abaixou, produzindo barulhentos rangidos metálicos. Ele divisou um local muito escuro e sujo, que parecia ser muito alto, porém apertado e extremamente claustrofóbico. Os alto-falantes começaram a soar, e o Recrutador disse alguma coisa com uma voz severa. Mas Tomás não se preocupou em escutá-lo dessa vez e entrou no envelhecido local com um calmamente cheiro de ferrugem. A luz verde do lado de fora iluminou a entrada, mas logo desapareceu, deixando-o imerso nas trevas.

Ele caminhou com passos curtos, até que sua bota se topou com alguma coisa. Ainda não tinha se acostumado completamente a enxergar no escuro, mas logo identificou que aquela coisa era um corpo em decomposição, que, julgando pela posição que se encontrava, provavelmente caíra das escadas e se espatifara no chão. Tomás tentou não se enojar e avançou, até que seu pé bateu novamente em algo. Desta vez era um degrau. O fotógrafo começou a subir bem devagar, ouvindo o Recrutador berrando em algum lugar distante. As escadas rangiam muito, pareciam extremamente enferrujadas, sujas, antiquíssimas e muito, muito leves e moles, como se qualquer peso maior que duas pessoas ao mesmo tempo pudesse quebrá-las. Definitivamente uma saída de emergência pior que a emergência. Era melhor nem tentar procurar um corrimão para segurar. Ele tentou não acelerar a respiração pelo medo e ansiedade, e subiu o segundo, e depois o terceiro degrau. No quarto havia um enorme vão, que ele contornou calmamente e continuou subindo. De repente, um barulho de algo pesado se movendo ecoou na claustrofóbica subida, o que fez as escadas rangerem muito. A pouca luz que ainda havia no local cessara.

Haviam fechado a porta, e conseqüentemente, o caminho de volta. Haviam-no trancado ali dentro. Tomás inalou o ar mais uma vez, exalou, e então continuou subindo, mesmo que o caminho fosse difícil, assustador e perigoso. Ele se arrependeu quatro vezes de tentar fugir, mas não tinha como voltar, e tampouco não podia se desesperar, qualquer respiração a mais fazia os degraus rangerem e entortarem. Houve muitos momentos em que se deparou com corpos e vãos, mas o pior era quando a escada dava uma volta, pois era meio giratória, e fazia-o bater-se contra a parede, assustar-se e quase cair e quebrar a escada junto. Chegou um momento, depois do que pareceram dezenas de tensos e atormentadores minutos, em que seu pé não bateu em outro degrau e nem na parede. Ele deu mais dois passos, e viu que o chão era contínuo. Havia chegado no andar de cima, chamado pelo manual que pegara do guarda português como Setor Agrotóxico.

Tomás já estivera ali antes, era onde faziam os inseticidas. Talvez descansar lá fosse uma boa ideia. Talvez simplesmente sair daquelas escadas perturbadoras já fosse uma excelente ideia. Ele prosseguiu até topar com a parede, enquanto se esquivava de corpos, alguns buracos e estilhaços de metais, e começou a apalpá-la procurando uma saída. Só o simples ato de tocar a parede já encheu metade do seu braço de poeira, teias de aranha e insetos. Após uma rápida busca, seus dedos tocaram um empoeirado botão. A parede imediatamente se abriu, produzindo mais rangidos metálicos que a anterior. Tomás saiu das infernais escadarias, enquanto a luz forte das lâmpadas de fora queimava sua vista, desacostumada à luz e ao gás tóxico verde que o envolviam. Ele rapidamente colocou a pequena máscara de gás portátil embutida no uniforme de guarda para filtrar esse ar venenoso. Quando a vista foi se acostumando, ele entendeu que estava completamente sujo, cheio de arranhões, coberto por insetos, com uma ou duas mordidas de rato nas pernas e... surpreendentemente vivo. Será que havia mesmo drones

na escada? Não importava, ele havia conseguido. Então se deu conta que havia um monte de escravos-laranja trabalhando com os tanques de gases tóxicos dali, e que pararam imediatamente seus ofícios para observá-lo, perplexos. Com certeza um estranho guarda saindo completamente imundo de uma passagem secreta desconhecida não era uma coisa que se via todo dia. Todos começaram a gargalhar de felicidade instantaneamente, abandonaram tudo que estavam fazendo e correram para dentro da passagem, quase atropelando o fotógrafo, que por pouco se esquivou.

— Não! Não façam isso! Essas escadas são muito perigosas! Não! Vocês vão morrer! — gritou Tomás, tentando impedi-los. Um homem que vinha correndo se trombou contra ele, e os dois caíram bruscamente. Tomás, mesmo jogado no chão, tentou segurá-lo pela perna, mas o que o atropelara se levantou, chutou-o no rosto e voltou a correr, gargalhando, até passar pela entrada. — Merda! — berrou, enquanto ouvia os risos de pessoas que entravam e gritos de pessoas que caíam. Em apenas alguns segundos, haviam entrado no mínimo quinze ou vinte pessoas, e vinham tantas mais pessoas correndo, algumas de outros corredores e salões do Setor Agrotóxico. Alguns guardas apareciam tentando controlar a confusão, mas tudo estava caótico demais para haver controle. Depois de falharem, esses mesmos guardas se uniam aos outros e entravam passagem adentro.

Cada vez mais vinham mais escravos de outras salas e locais de trabalhos do andar, as portas dos corredores foram praticamente arrombadas de tanta gente passando. Tomás se recolheu a uma parede, atordoado, enquanto a manada de gente passava em sua frente. Os alto-falantes não demoraram a soar:

— “Escravos-laranja, voltem imediatamente para seus postos ou serão terrivelmente punidos! Escravos-laranja, estão ouvindo?” — gritava o Recrutador. Ninguém parava para escutar. Não havia mais ninguém tentando controlar a confusão, os últimos guardas desistiram e seguiram para as escadas para fugir com os outros.

Algumas pessoas machucadas saíram lá de dentro e correram até uma grande caixa de utensílios, logo voltando com uma escada portátil. Tomás se aproximou do fluxo de pessoas e deu uma leve espiada. Os fugitivos estavam quebrando as paredes para aumentar a iluminação, acendendo lanternas, subindo, escalando, montando gambiarras e escadas improvisadas, fazendo de tudo para escapar para cima. De repente, a parede de passagem começou a se fechar devagar, provavelmente controlada pelo Recrutador. Tomás correu lá para dentro novamente, e começou a ajudar alguns escravos a posicionarem uma escada vertical para a fuga.

Não ficaria sozinho lá fora. Conforme eles giravam a manivela, a altura da escada aumentava. Eles aumentariam a escada com um homem agarrado ao topo dela até que alcançasse o teto escuro, e depois subiriam um por um. Tomás se distraiu rapidamente enquanto outro começava a apertar os botões, e observou o Setor Agrotóxico, agora abandonado, enquanto a parede ainda não se fechava totalmente. Alguém deixara o que parecia um saco de produtos químicos sendo despejado em um tanque, que estava borbulhando e até vazando. O medidor de temperatura do tanque estava no máximo, e um alarme soava lá, abafado pelo som da multidão.

— SUBAM! RÁPIDO! — gritou Tomás, que logo começou a movimentar a manivela loucamente para subir a escada o mais alto possível.

Outras pessoas começaram a se segurar na escada, enquanto ele usava todas as suas forças. Até que a ferramenta quebrou e a escada começou a subir sozinha e rapidamente. Tomás pulou e começou a subir aos saltos, enquanto via pessoas tanto caindo dos degraus quanto avançando para o alto. Partes das escadarias desmoronavam. Ele começou a ultrapassar os escravos, e também avançava rapidamente quando escutou o estrondo da explosão do tanque abandonado às pressas. Todo o navio foi chacoalhado, e paredes inteiras começaram a desmoronar. A escada vertical logo começou a entortar, e Tomás foi jogado contra uma parede, que se quebrou e o fez cair em algum lugar. Quando deu por si, estava em um “corredor central de

plantações-corredores” de algum setor, e alarmes de emergência soavam em todas as partes. A explosão havia afetado várias partes da embarcação, e o corredor em que ele estava completamente rachado. Mais paredes começaram a desmoronar, e escravos fugiam dos corredores-plantação correndo. De repente, alguém o segurou e o jogou dentro de um elevador com outros escravos, que logo começou a subir. Era provavelmente algum escravo-guarda seguindo os procedimentos de emergência. Tomás teve tempo de observar o enorme homem em uma armadura mecânica extremamente blindada antes de ser nocauteado. Então, não viu mais nada.

///

— Sua nova cara está pronta — anunciou a doutora, em tom amigável.

Águia não conseguia sentir a pele tão bem quanto antes, nem mexer seus músculos direito e muito menos movimentar a boca corretamente ou piscar. Só suas sobrancelhas pareciam funcionar corretamente.

— Presumo que ter o rosto arrancado e um novo posto no lugar seja um pouco mentalmente devastador, mas não é nada que você não possa superar, não é, Sr. Águia? — comentou André, ao lado da mulher, agora com curativos no rosto por causa da leve queimadura de café.

— Isso foi uma espécie de vingança pelo café? — perguntou João, fazendo o máximo para controlar sua raiva. Os lábios novos deixaram o som da fala estranhíssimo.

— Estou te protegendo. Com uma cara nova, não será caçado por policiais inconvenientes. — André explicou calmamente.

— Por que diabos você não quer que eu seja caçado? Eu nunca mais vou estar livre!

— Acalme-se, Sr. Águia. Nosso passeio ainda não acabou. Mas, agora, quero que descanse. Um soldado irá levá-lo para sua habitação temporária.

Antes que Águia percebesse, o carrinho foi deixado na posição vertical e ele foi conduzido para o elevador.

///27/02/2056

— Bem-vindo ao Setor Celta, fotógrafo — exclamou o Recrutador no alto-falante, acordando Tomás. Dessa vez a voz falava em português.

Tomás percebeu que estava sozinho em uma pequena sala branca muito mal pintada, com uma porta de aço trancada, luz clara e dois alto-falantes com caixas de som bem altas. Pelo menos não estava amarrado em uma cadeira de tortura ou algo assim.

— Sabe, eu pesquisei sobre você, Tomás Foradine. Você chamou minha atenção. Nasceu no interior da Bahia, perdeu mãe e pai na Guerra Civil, com apenas 9 aninhos, nunca se deu bem nas matérias escolares, nem Humanas, Biológicas ou Exatas, e nem mesmo com os coleguinhas, só na aula de Arte. Morou num orfanato até os 19 anos, sem nunca ser adotado, e depois foi morar sozinho em uma cidade do Nordeste. Recife, certo? — O Recrutador fez uma pausa para respirar. Tomás sentiu raiva enquanto aquela escória ditava todo o seu passado, como se tentasse não ser só o dono de sua liberdade, mas também da sua vida. — Virou fotógrafo, recebeu alguns prêmios inúteis, vendeu alguns livrinhos fotográficos e passou a usar a internet pra vender fotos a sites europeus e americanos. Várias passagens pela polícia por tirar fotos do que não devia, até que o Delete te registrou na zona proibida de Tiradentes e PUM, você desapareceu pra sempre. Só as empresas mandaram mensagens holográficas e e-mails pra ver se você estava bem. Você pelo menos tinha amigos ou redes sociais? Ou usava a internet pra vender fotinhos inúteis como se fosse um maldito autista?! Ganhava bem, bem mal, hein! Hehehe... — riu maliciosamente o Recrutador.

— Eu nunca vou ser um dos seus escravos, Recrutador! Eu prefiro morrer dez vezes em vez disso, prefiro continuar ganhando pouco e me arriscando no Brasil que continuar aqui! — gritou Tomás, furioso.

— Espera, você disse “meus escravos”? Você deveria ser piadista, novato! — O Recrutador gargalhou incansavelmente por mais de um minuto.

— Como assim? — perguntou ele, confuso.

— Eu achei que você já sabia, mas... Tomás, eu também sou um escravo. E não sou o chefe desta embarcação, o capitão Wolf e o conselho é que são. Eu só faço o meu trabalho.

— Então, por que não se rebela? Você tem poder total! — urrou o fotógrafo.

— Você não sabe de nada, Tomás. Mas, um dia vai saber, se trabalhar direito. Eu trabalhei incansavelmente por vinte anos sem nunca me rebelar, e cá estou. Olhe como subi na vida. É só não se rebelar e trabalhar que você sobrevive. Pra você ter ideia, eu cumpro minhas funções tão bem que posso tirar férias de um ano a cada quatro, aproveitando todos os privilégios e regalias possíveis. Às vezes, nem sou eu que estou trabalhando, nos fins de semana eu deixo uma das minhas meninas pra me substituir e vigiar tudo. Quer dizer, com um sintetizador da minha voz, claro. É preciso manter a autoridade. Eu tenho um Setor do navio inteiro pra mim e minha família, com todo o conforto. Veja, eles confiam em mim, olha todo o poder nas minhas mãos! Eu posso me deitar com a escrava que eu quiser. Eu posso matar vocês todos só por diversão se quiser. Mas não o faço, porque não sou o sádico que você acha que sou, Tomás. Apenas desempenho minha função honestamente, sem me rebelar como vocês. Nunca ouviu a expressão “ *Arbeit macht Frei* ”? Ela significa. “Trabalho faz liberdade.” Se eu cheguei nessa posição, tão boa e distante das daí debaixo, por que você não pode chegar? Agora, infelizmente os torturadores vão te maltratar um pouco. Regras do conselho por causa do Setor Agrotóxico. E você será jogado no Lamaçal depois, mas eu confio em você. Talvez, se vir que você evoluiu, eu possa dar um jeito de te tirar de lá, e quem sabe te dar um trabalho como comandante das fábricas de armas no Setor Beta. Enfim... Só segura a respiração que você aguenta. Logo falaremos de novo. — Os alto-falantes soltaram um pouco de estática, e uma nova voz masculina e adulta, embora tivesse um tom infantil, surgiu.

— Ah, oi! Eu sou o “Escravo-Comandante de Procedimentos de Segurança para Escravos Problemáticos”, mas pode me chamar de Berneck, muito prazer! — Ele parecia estar estranhamente muito empolgado ou agitado.

— O prazer... é todo meu? — respondeu Tomás, um pouco confuso. — Eu achei que você ia me torturar e ficar me xingando, ou sei lá.

— Ah, não, não, não, eu não sou mau. Na sua situação eu faria o mesmo! Se eu soubesse como me sentir na sua situação... Mas, eu só trabalho, que nem o Recrutador fala, então, eu não tenho por que ser torturado, né?... Enfim, a gente vai começar com uma sessãozinha básica, e depois a gente vê se melhora... Peraí, tô preparando os comandos...

— Leve o tempo que quiser — respondeu Tomás, sarcástico.

— Claro, claro... Teremos três sessões de tortura diferentes. Bom, você terá o poder da decisão! Escolha entre... Engolir alguma substância bizarramente perigosa, brincar com um bilboquê com corda muito longa e bola cheia de espinhos e lâminas bem afiadas, responder perguntas e levar choques cada vez mais fortes se errar ou não responder no tempo certo, escutar as piores músicas, ver vários filmes de terror e comédias ruins por horas a fio ou inalar cinco doses pequenas de vários gases químicos experimentais misturados pra descobrir o efeito de cada um... São todas que acho que você pode gostar, mas se quiser sugerir mais uma ou duas eu posso ver se é legal e colocar pra você! — A animação do torturador era surpreendentemente infantil e estranha.

— Nossa, quanta diversão. Eu adoraria passar por cada uma dessas.

— A resposta foi novamente sarcástica. Berneck não disse nada, pareceu não entender a ironia. — Berneck, por que você não coloca o Recrutador pra ficar falando nos alto-falantes dessa salinha por umas seis horas? É a pior tortura que existe.

— Ah, não, ele tá muito ocupado coordenando o concerto lá do lugar dos pesticidas e um grupo de guardas em outro lugar e não vai poder. Você deu uma chacoalhada boa no barco, cara!

— Eu só abri uma passagem, não fui eu que deixei um reservatório de sei lá o quê explodir.

— O meu livrinho diz que apenas abrir uma passagem que só poderia ser usada em emergências extremas no meio de um lugar lotado de escravos já é um ato capaz de causar pânico e não deveria ser do bem. Mas, afinal, qual torturazinha você vai querer?

— Essa das perguntas e respostas parece ser a mais fácil de suportar.

— Sim, sim! Eu adoro essa, é minha favorita! Peraí, minha favorita não era a do bilboquê? Ah, tanto faz, vamos começar a diversão! — exclamou Berneck nos alto-falantes. Uma portinhola no chão embaixo do fotógrafo se abriu, e uma cadeira de tortura emergiu dele de forma rápida e brusca, inevitavelmente fazendo Tomás cair sentado nela. Grilhões se fecharam em suas pernas e braços, prendendo-o.

— Bom, a primeira pergunta é: Napoleão nasceu em qual região francesa? Trinta segundos para responder — disse Berneck, com um tom desafiador.

— Ah, essa eu acho que não sei... Paris?

— Incorreto! Incorreto, foi em Córsega.

Tomás sentiu um doloroso choque percorrendo seu corpo por alguns poucos segundos, mas resistiu e não gritou.

— Segunda pergunta! O conjunto de bombas asiáticas jogadas na cidade de Dresden durante o início da Terceira Guerra Mundial em 2034 tinha quantos megatons? Trinta e dois segundos pra responder. — O torturador voltou ao tom empolgado de antes.

— Você só faz perguntas que eu não sei!

— Vinte e cinco... Vinte e quatro...

— Ah, uns trinta pra 40! — Ele logo sentiu o choque, mais forte desta vez.

— Errado, foram 700, pois eram 7 tsar bombas ao mesmo tempo no mesmo ICBM, contendo cada uma cem megatons. A terceira pergunta é: Se todos os quadrados são paralelogramos, então todos os paralelogramos são quadrados? Vinte e um segundos.

— Não! Nem todos os paralelogramos são quadrados! — gritou Tomás, já com medo de um novo choque.

— Muito bem! Agora me diga: Em 2025, o nível do mar começou a subir notavelmente graças à grande mudança climática global, que afetou a Antártida, e aos bombardeios nucleares na Europa em 2034. Quantos metros a água subiu ao todo nas capitais litorâneas da Zona Tropical do globo, na média mundial? Trinta e três segundos.

— Vinte metros e alguns centímetros?

— Exatamente, mais especificamente uns quarenta! Quinta: Qual é a raiz quadrada de 121? Trinta e seis segundos e contando!

— 10? Não, não, acho que era 3... Era 11! — Tomás estava ficando desesperado.

— Você respondeu três corretas. O joguinho acaba com vinte corretas. Agora a próxima, qual o nome do cavalo de Alexandre, o Grande? — perguntou Berneck.

— Branco?

— ERRADO! Era Bucéfalo! — Tomás sentiu os choques passando novamente pelo seu corpo e só não desabou porque os grilhões o seguravam.

— Para... por favor... eu vou morrer...

— Incorreto! O scanner do seu corpo em tempo real mostra que apenas seu córtex pré-frontal ventromedial sofreu alguns derretimentos e que alguns nervos foram queimados por tanta dor, mas nada que possa te matar! Vamos pra próxima!

///01/03/2056

Os olhos de João começaram a abrir, estava tudo muito claro ao seu redor.

— Bom dia, Sr. Águia. Espero que tenha descansado bem. Não tente falar, sua cara ainda está um pouco rígida e fria. Apenas aproveite nosso passeio — disse André, caminhando pelo quarto, usando um brilhante terno branco. Um policial ao lado do vice carregou-o da cama e colocou-o no carrinho de transporte.

— Eu... Já... Dis... Disse... Que... Ódio... Odeio... Esse carr... Carrinho? — João estava com raiva. André deu uma leve risadinha, enquanto todos entravam no elevador novamente.

— Pare de ser tão revoltado e rebelde, professor. Não vê quantos problemas isso já te causou?

— Não... Não vi ne...

Águia tentou começar a falar quando o policial berrou:

— O SR. VICE-DITADOR MANDOU FICAR CALADO!

João não ousou continuar. A espera da chegada do elevador foi longa e silenciosa.

— Essa é uma das últimas partes do nosso passeio — anunciou André, enquanto atravessava as portas do elevador.

Era um enorme salão, muito amplo e escuro, com dezenas de computadores e pessoas trabalhando neles. Cada uma dessas pessoas usava um capacete com diversas lentes, uma farda do exército preta e sem blindagem, e pareciam nunca falar nada. Nas paredes havia telões que mostravam nomes, mapas de GPS, rostos, notícias em tempo real e números que pareciam aleatórios. O andar era dividido em várias plataformas conectadas por escadas, do chão até o teto. Além disso, a pouca iluminação do local era feita pelas estreitas luzes verde-escuro e azul-escuro do teto e um losango amarelo na plataforma da base do salão, que refletia levemente a luz que vinha de cima.

— Sr. Águia, seja muito bem-vindo ao Complexo Deletador. Aqui está instalado o louvável Sistema Delete. O funcionamento é muito simples. Os satélites captam e registram os movimentos de absolutamente todos no país e nos informam em tempo real. Nome e identificação de qualquer um que cometer qualquer infração são exibidos no telão, e nossos deletadores eliminam o indivíduo. Se acontece um crime, vemos quem está mais perto

do local e quem tem mais chance de ser o responsável e deletamos. Se alguém questiona nosso sistema, deletamos — exclamou André.

— Mons... Monstros... — murmurou Águia.

André falou algo para o policial, que começou a empurrar o carrinho até um computador vazio.

— Sabe, o Delete é um sistema muito bom. Não há mais guerras para matar criminosos, como foi no Barra3. Não há mais guerra aos traficantes e nem aos rebeldes. Você nem imagina o quanto a violência diminuiu. E, aliás, nós podemos eliminar qualquer um que nós quisermos, até nossos inimigos políticos ou pessoais. Você vai gostar. Quero que se sente, coloque o capacete, a farda de soldado e use o computador. E delete, expurgue.

— NÃO! — gritou Águia, tão alto que todos da sala ouviram e prestaram atenção.

— Ok, empurra ele na cadeira pra mim — disse André para o PM, que rapidamente tirou João do carrinho e o colocou na cadeira, algemando-o.

— Não. Matarei. Ninguém. Não. Deixarei. Vocês. Vocês vencerem! — disse o professor, tentando resistir e falar com os problemáticos novos lábios ao mesmo tempo.

André riu, e colocou o capacete no prisioneiro. De repente, a porta do elevador se abriu, e alguém sendo empurrado preso em um carrinho de transporte, como o do professor, apareceu. Águia fez uma cara de susto, raiva e horror ao mesmo tempo ao ver quem era. O vice-ditador apenas sorriu e exclamou:

— Aqui está o assassino de sua mãe. Ele foi acusado pelo crime, e graças a nós, foi condenado mesmo sem provas concretas. Você não gosta do governo pois diz que somos injustos, condenamos pessoas que provavelmente são inocentes sem julgá-las, matando logo de cara. Agora, você será o Deletador, você acabará com este verme que tanto o fez sofrer. Você irá deletá-lo da face da terra. Os números, o nome, tudo... Tudo está na tela do computador, todas as informações no capacete. A tecla está no teclado, o Delete. Agora é sua vez de escolher: abraçar nossa nova justiça

ou deixar um criminoso psicopata e assassino viver? É sua chance. Você deletará o homem que matou sua mãe à sangue - frio?

Águia sentiu toda sua raiva direcionada contra aquela escória da Terra, enquanto recebia de presente o poder de Deus, de decidir entre a vida e a morte de uma pessoa. Já tirara vidas antes, mas nunca fora de uma luta. Agora, seria a sangue-frio. Se matasse, sua mãe estaria vingada, mas ele estaria admitindo que aquele bizarro regime era justo. Se o deixasse viver, a justiça seria feita corretamente, mas ele sentiria raiva de si mesmo pelo resto de seus dias na Terra. Seu dedo deslizou pelo teclado, e parou sobre a tecla Delete. Iria mesmo fazer isso? Não, ele não podia. Sim, ele podia! E ele ia fazer. Começou a pressionar a tecla, mordendo os novos lábios com força para não desistir, e sentiu o suor escorrendo pela testa. Ele iria ceder e deixar o fascismo ganhar? Precisava fazer, ou sua mãe nunca teria justiça. Mas valia mesmo a pena se tornar um assassino como todos os que jurou combater? O dedo recuou um pouco, afastando-se do Delete, completamente cheio de suor, e desabou sobre o teclado.

— Não... posso. Eu... não... posso deixar vocês vencerem — murmurou João, sentindo lágrimas em seus olhos.

— Mas que merda, Sr. Águia! Você não tem um mínimo de consideração por todo o trabalho que eu tive?! — urrou André, que pegou um canivete no bolso do paletó, aproximou-se do preso e o apunhalava repetidas vezes. Quando acabou, virou-se para o professor, com o terno branco completamente coberto de sangue e um levíssimo sorriso.

— Não... sou... que nem... você... vocês... — disse Águia, sentindo muita dor nos lábios. Mas ele conseguiu disfarçar a felicidade ao ver que o assassino de sua mãe morreu da mesma forma que ela.

— Eu tinha todo um plano, Sr. Águia, pra acabar com esses malditos lobos. Eu corromperia você, faria você se infiltrar lá e eles iriam babar ovo do grande babacão da Capela que destruiu Roquefort. Você conseguiria os nomes, e então mataria todos esses terroristas de merda! Mas você não quer colaborar! O Caçador, a cirurgia, os alucinógenos, tudo caríssimo! Você tem duas opções: me ajude ou morra agora mesmo.

///03/03/2056

— Acorda! — Tomás sentiu um forte tapa machucar seu rosto.

— Mas, o quê? Ah, acho que era 17! Peraí, cadê o...

— Shhh... Você ficou desacordado por vários dias, e é melhor nem falar.

Ele ainda não conseguia enxergar suficientemente bem para identificar com quem estava falando, mas era uma voz feminina. E sentia um horroroso cheiro de merda, ferrugem, sangue, chorume e lama.

— Peraí, o Recrutador não... — Assim que Tomás falou o nome, pôde ouvir um alto-falante soar.

— Estou bem aqui, Tomás Foradine. Conselho: NUNCA escolha perguntas e respostas. E não esqueça da conversinha que tivemos. — O alto-falante desligou. Seus olhos logo se adaptaram à claridade. Era uma enfermeira que estava falando com ele, em inglês.

— Você precisa descansar, levou um choque de mais de 70 mil volts por vários segundos seguidos. Seus pelos pubianos e das axilas estão completamente brancos, os pelos faciais estão muito chamuscados e quase não conseguimos salvar os olhos. Você entrou em um estado de seminecrose. E seu cérebro sofreu danos irreversíveis na região frontal, é um milagre que consiga raciocinar.

— Não sabia nem que mudança de cor em pelos pubianos era possível. Peraí, vocês olharam o meu p... — Um grande barulho acompanhado de um pequeno tremor interromperam a fala.

— Aleka, o camelo cagou na porta da sua enfermaria, tu vai ter que limpar! — gritou uma voz do lado de fora. Só então Tomás percebeu que estava dentro de uma enfermaria com outras pessoas machucadas e inconscientes em macas, e apenas uma enfermeira. Ou seria uma médica? O interior do prédio era totalmente escuro, iluminado apenas por lamparinas. As paredes pareciam ser feitas com diferentes tipos de metais velhos e até enferrujados, e havia uma janela, extremamente suja e fechada, com um guarda perto dela.

Também havia alguns kits e aparelhos medicinais presos à parede.

— Vai se foder, Roger, eu não vou limpar nada, não! E se esse camelo bostejar na minha porta de novo tu tá fodido! — gritou a mulher. A

porta da enfermaria foi escancarada, e um homem sujo, grande, forte e com dentes podres entrou, com um machado em uma mão e uma corda na outra, as duas coisas pareciam ser feitas com sucata. Sua calça estava coberta de lama, principalmente as pernas.

— Eu tô fodido?! Tu falou isso mesmo, Aleka?! Tu que tá fodida agora! — Ele empunhou o machado em uma posição ameaçadora.

— Lamacentos, não atinjam os escravos ainda úteis sendo tratados nas macas ou vou ser obrigados matar os dois — avisou o guarda, sem tirar os olhos da janela, que estava tão suja que Tomás se perguntou se ele realmente enxergava alguma coisa através dela.

— Vem, vem, vem! — provocou Aleka, pegando uma pistola suja e velhíssima de debaixo do avental, que parecia vinda diretamente dos tempos distantes da Segunda Guerra Mundial. Ela apontou para o homem, que pegou o machado e avançou em disparada. Tomás pulou da maca e se jogou no chão, enquanto ouvia disparos e cápsulas de balas caindo ao lado dele.

— Por favor, não se deixe abalar pelos idiotas do Lamaçal. Gente se matando sem motivo é cena diária aqui. Descanse e daqui a algumas horas eu vou... — Ela ia dizendo enquanto instruía Tomás a voltar para a cama, um pouco ofegante pela luta.

— Lamaçal? Não estou mais no navio? — perguntou o fotógrafo, confuso.

— Não viaja. Aqui é o setor mais fundo do navio, o lugar em que os escravos idosos, muito feridos, deformados e inúteis no geral vivem. Todo o lixo é jogado aqui. Os doentes são tratados em clínicas por aqui, porque se não melhorarem ficam por aqui mesmo.

— Achei que matavam os inúteis... — comentou Tomás, surpreso.

— Você tem muito o que aprender. Todas as coisas inúteis do barco são jogadas aqui, dizem que ocupamos a metade inferior do Setor Último, mas o Lamaçal não aparece no mapa.

— Por que? — perguntou o fotógrafo, mesmo sabendo que talvez ela não soubesse a resposta real.

— Porque vivemos na merda, literalmente. Jogam tudo o que não presta, desde merda e corpos até sucata e pessoas inúteis. Tudo o que está aqui, com exceção das propriedades do navio, pode ser tocado e comandado

por nós. Temos até pequenas vilas aqui embaixo, e nossas leis. Mas se acostume ao escuro eterno, à chuva de dejetos e à anarquia total.

— Peraí, chuva? As coisas caem aqui? Eu caí aqui?

— Não, tem um elevador secreto usado pelos guardas mais confiáveis. Mas não se preocupe, você não vai voltar. O Recrutador deu ordens restritas de te manter aqui até ele saber que você evoluiu.

Assim que ela terminou de falar, os alto-falantes soaram.

— E se você cometer um novo crime, haverá uma recompensa por sua cabeça valendo alforria. Faz mais de dez anos que uma recompensa tão alta não é dada a ninguém. Como pode ver, realmente confio em você. — Os alto-falantes desligaram-se.

— Doutora, e quando o Lamaçal fica lotado demais? O que acontece?

— A última vez que algo assim aconteceu foi há muito, muito tempo, mas parece que tem um dispositivo que abre as paredes por poucos segundos e despeja tudo no mar. E nem pense em tentar fugir dessa forma, dizem que a pressão lá fora é capaz de destruir uma pessoa... Apesar de meus colegas dizerem que você é tão rebelde que pode tentar até isso.

— Eu só não quero mais ser um escravo de nenhum lugar. Eu não quero obedecer regras, quero viver minha vida do jeito que quiser, sem ninguém pra dizer o contrário.

— Então você deveria fugir para outro planeta ou morar no Lamaçal pra sempre. — Aleka riu com sarcasmo, e foi consultar um livro de registros dos pacientes.

— Espera, eu já posso sair?

— Aqui você decide o que fazer, desde que não toque em propriedade do navio.

Tomás se levantou um pouco impressionado, já que ninguém o mandou voltar para a maca. Ele caminhou lentamente até a saída do prédio, abriu a porta, e se deparou com um enorme espaço, diferente dos vários corredores, salões e quartos apertados do navio, aquele lugar era mesmo monstruosamente gigante, e muito escuro. Podia avistar luzes à distância, pessoas montadas em animais, dejetos caindo do teto e um enorme mar de lama e sujeira, que chegava até um pouco acima do joelho. O teto, muito acima dele, era de metal, também imundo, e as paredes eram tão grandes

que pareciam não ter fim. A enfermaria era só um minúsculo prédio no meio daquela imensidão. Ele desceu uma escadinha e saiu andando na lama mesmo para vasculhar os arredores. Muito atrás dele, avistou as enormes válvulas das supostas paredes que se abriam, dezenas de vezes maior que um carro ou casa comum. Deviam ter uns dezessete metros de altura. Qual era o tamanho daquele maldito navio? Uma placa de madeira um pouco caída e podre no fim da escada de entrada da enfermaria dizia: “W
LLKUME OT THEE MU DY”.

///13/03/2056

Uma garçonete serviu o último cliente da fila e foi para a janela. Manaus era uma cidade muito bonita, mas estava devastada pela guerra. Todos os prédios tinham salas de proteção contra bombardeios, alto-falantes com alarmes, artilharias nos terraços e radares antiaéreos. Todos os celulares holográficos, computadores e comunicadores portáteis tinham rastreadores antiaéreos, caso um avião suspeito se aproximasse o usuário precisasse se esconder. A chuva diária começou, ácida e poluída como na maioria das vezes.

— Alerta, a chuva diária das 16 horas será ácida e altamente corrosiva em tecidos biológicos! — anunciou uma voz robótica em todos os alto-falantes municipais. A garçonete fechou a janela, pegou um pano e começou a limpar o balcão.

— Bom dia, senhora — sussurrou um cliente usando um sobretudo e um chapéu preto. Ele parecia não se incomodar com o teto, que fora um pouco danificado durante o último bombardeio e tinha algumas goteiras exatamente em cima do ponto no balcão em que parou para falar com a moça.

— Boa tarde — respondeu ela, não querendo dar muita conversa. Já havia atendido muitos clientes e sua voz estava cansada. Pelo menos, trocou dia por tarde porque já eram 16:12.

— Quero um copo normal de café, por favor. Com canudo. — O estranho cliente murmurou com uma estranha voz.

— Infelizmente, não temos água faz duas semanas, então você terá que tomar café em pó, pão moído ou refrigerante industrial. Isso causará uma diminuição no preço, de 12,00 pra 6,00 reais, ok?

— Em pó então.

O homem jogou uma nota de 100,00 reais na mesa.

— Hã? Senhor, você não teria uma nota menor, não?

— Pode ficar com o troco, mas não vai ser o suficiente pra te consertar.

Ele jogou o chapéu no chão, revelando que estava usando uma máscara de lobo. Ela se jogou no chão, enquanto todos na cafeteria observavam a cena assustados. O homem tirou seu jaleco, revelando um colete com várias bombas.

///15/03/2056

“Boa noite. Anteontem, mais 36 pessoas foram assassinadas ontem pela organização terrorista conhecida como “Os Lobos”, mas a notícia só foi divulgada agora. O ataque ocorreu em uma cafeteria perto da zona franca de Manaus. O exército, que atualmente faz a segurança das principais cidades do Estado do Norte, decretou toque de recolher até o incidente ser devidamente investigado e seus aut...”

Águia desligou a televisão. Ele estava em seu quarto de hotel extremamente pobre em Manaus. O governo tinha promovido um ato completamente ilegal para poder justificar uma investigação invasiva e brutal com qualquer testemunha do atentado. Aquilo era totalmente antiético, mas o país estava podre e ele não queria mais se importar. Livraria o Brasil dos lobos e se livraria também da sua estúpida ideia de defender a liberdade com os quilombolas da Capela. O comunicador portátil dado a ele pelo governo tocou.

— Olá, Sr. Águia. Nossas tropas já conseguiram descobrir onde será o próximo ataque. Você tem quinze dias para chegar ao local, e até três meses para se infiltrar nos lobos. O cartão de crédito que você recebeu não tem limite e cobrirá todas as suas despesas. — Sempre que ouvia a voz de André a vontade de João era de socá-lo até a morte.

— Não vão me amarrar e arrastar até lá dessa vez, não?

— Muito engraçado, Sr. Águia. Estarei esperando seu contato em até quinze dias. — O vice-ditador desligou. Águia se levantou da cadeira e colocou sua capa contra chuva ácida cedida pelo governo.

///05/03/2056

— Bom dia, Clemente! Só para avisar, ontem, eu estava no meu breve descanso de quinta-feira, por isso não falei com vocês. Mas, trabalhem bem, porque hoje estou de bom humor e vocês poderão ser recompensados! — exclamou o Recrutador em todos os alto-falantes do navio. Tomás o ignorou, enquanto caminhava em meio a lama.

— Você é o cara que explodiu um lugar lá do Setor Agrotóxico, né? — perguntou um velho sentado em uma pilha de sucata, enquanto fumava alguma coisa que cheirava a bosta e não parecia ser nem tabaco nem outra droga .

— Sim, sou eu. Onde fica a saída desse Lamaçal?

— Hahaha... Mano, mesmo que você tente sair do Lamaçal, você vai morrer pela pressão da água. Agora vai, me conta outra piada.

— Eu estou perdido neste mar de bosta já faz dois dias! Tem um governo ou vilarejo ou qualquer merda assim?

— Tem umas três cidades que eu já vi, mas não lembro como chegar a nenhuma delas. Eu me acostumei a viver nessa pilha de sucata, na verdade. Tem uma válvula, aí eu durmo aqui dentro. Tem até um sabão aqui dentro pra melhorar o cheiro. — Riu o velho. Tomás deu uma risada falsa e então parou para pensar por um momento.

— Se você vive aí dentro, você tem água engarrafada, né?

— Sim, mas é só minha, mano. Eu não posso dar, se der pra todo mundo vou ficar com sede. — O velho tentou soar compreensivo.

— Sério, me dá.

— Não posso! Tem pouca, só o suficiente pra mim! Foi muito difícil conseguir alguém pra trazer as garrafinhas! — O velho se sentou em cima da válvula para evitar que fosse aberta pelo outro.

— Tá bom, então eu vou pegar à força.

Tomás imaginou a situação do velho. Abordado, sem forças para andar, esquelético e prestes a morrer. Ele olhava com medo e pavor o estranho que tinha causado tanto caos na área de pesticidas e ficado famoso, ou melhor, infame no barco inteiro. Aquela era provavelmente sua única água limpa. Tomás respirou fundo enquanto envolvia o pescoço do homem com suas mãos cansadas e o sufocava. O velho, tentando se defender, tentou apunhalar seu agressor com uma faca feita com vidros quebrados, mas o outro se esquivou e apertou ainda mais o pescoço da vítima, que perdeu a

respiração e caiu na pilha de lama, alta o suficiente para fazê-lo afundar.

Tomás abriu a válvula e entrou por uma escada. Era um fino tubo com um metro e meio de diâmetro, sem muito espaço para nada, onde havia apenas uma cadeira com uma arma sobre ela, um saco de dormir e estantes cheias de água engarrafada e comida enlatada. O fotógrafo pegou a água e a comida estocada, e comeu e bebeu, enquanto o velhinho assassinado afundava lentamente. O que ele fez com aquele pobre velho era tão brutal quanto o que havia feito com o guarda português. Mas era sua única escolha. A lei do mais forte. E ele estava mais preocupado em salvar a si mesmo que morrer pelo próximo. E o melhor, estava se importando cada vez menos com os outros. Logo após recolher os suprimentos em uma bolsa, Tomás seguiu seu caminho pela escuridão e sujeira do Lamaçal.

///08/03/2056

Tomás chegou no que parecia ser um vilarejo, com casas feitas de barro seco (barro?) e sucata, iluminadas com velas e horrorosas lâmpadas fracas. Aquele era provavelmente o lugar mais podre que ele já vira. Mesmo se fugisse e fosse morar em uma fábrica de perfumes, seu nariz nunca se recuperaria daquela tortura.

— Quem é você? — perguntou em inglês um homem com proteções de metal e uma pistola enferrujada.

— Tomás Foradine, sim, sim, o maluco que explodiu o Setor Agrotóxico — respondeu Tomás.

— Bem-vindo à Fordee, maluco que explodiu o Setor Agrotóxico.

— Fordee? Por que Fordee?

— A sucata de um Ecoesporte 2018 fica jogada entre as tralhas desse lugar. Aí, virou um ponto de referência.

— Quem manda aqui? Quem é o líder desse lugar?

— O Sr. Azzi. Ele mora na prefeitura, aquela carcaça de ônibus ali — apontou o guarda.

— Muito obrigado.

Tomás ainda estava se aguentando bem, tinha achado bastante água e comida com o velho e chegou a dormir em alguns montes de lixo espalhados por aí. Ele caminhou pela vila, crianças deformadas brincavam

na lama, adolescentes deformados transavam no meio de tudo sem se importarem com nada, pessoas moravam em casas hipermiseráveis, guardas com ridículas proteções metálicas rondavam o lugar e havia alguns corpos apodrecendo ao ar livre. O tal ônibus da prefeitura ficava logo em frente ao que parecia ser uma praça municipal, decorada com um vaso de plantas maior que o tal do Ecoesporte.

— Você deseja falar com o Sr. Azzi? — perguntou um guarda. Parece que havia apenas três em toda a prefeitura. E outros dez no vilarejo.

— Sim, por favor.

— Só não explode nossa prefeitura, ok? — Riu o guarda.

— Como vocês sabem disso?! Aqui não tem nenhuma fonte de informação!

— O Recrutador avisou que você vinha pro Lamaçal, maluco que explodiu o Setor Agrotóxico.

Tomás entrou na prefeitura irritado com aquele apelido, e avistou o tal do Sr. Azzi. Era um homem negro, de cinquenta e poucos anos, alto, e parecia ser extremamente forte. Ele vestia uma roupa de alumínio e uma coroa de brinquedo. E era caolho. O Sr. Azzi estava sentado em um sofá-cama velho, rodeado de livros em péssimo estado e com um facão sujo ao seu lado.

— Olá, Tomás Foradine. O que o traz a Forde? — Ele usava um linguajar muito educado para o padrão daquele local, e falava português.

— Falta de opção. Sr. Azzi, onde fica a saída desse Lamaçal?

— Ninguém escapa do Clemente, Tomás. Aceite isso ou morra tentando.

Tomás se sentou em um dos bancos do ônibus para poder falar melhor.

— Você aceitou isso? Não sairia daqui se pudesse?

— Aqui é minha casa agora. Eu nasci no Oriente Médio, mas não posso sair daqui. Não dá. Quando eu fui capturado, junto com minha família, renasci aqui. Esse barco faz isso. Então não, não sairia. Nunca. Tomás, antes que você venha pedir a ajuda dos meus homens para fugir, saiba que são muito poucos para enfrentar o Recrutador e que não vão te ajudar. Acostume-se à vida terrível deste lugar, não tente superá-la, viva-a e aproveite cada segundo.

— Está sugerindo que eu tolere o inferno?

— Aceite o inferno. Deixe ele penetrar você e viva com ele. É melhor que se torturar por recusá-lo.

— Mas me ajuda, me dá pelo menos comida ou algo do tipo, ou uma casa! Por favor, eu não aguento mais ficar rondando pra não ser morto pelos saqueadores daqui! — implorou Tomás.

— Não posso. Até ajudaria se tivesse uma casa vazia, mas, como pode ver, temos uns vinte e cinco habitantes por aqui. Não vai dar pra colocar mais ninguém. A não ser que você consiga materiais e objetos pra construir seu próprio domicílio. — explicou o “prefeito”. O fotógrafo o encarou, sentindo um ódio que nunca havia sentido.

— Você é sábio, Sr. Azzi — comentou Tomás, pegando o facão do homem rapidamente e o apunhalando até a morte antes que a vítima reagisse.

— Sr. Azzi? Eu escutei barulhos estranhos e... Oh, céus... — Um guarda entrava na prefeitura com um cassetete de madeira empunhado. Não teve tempo para fazer nada. Sentiu apenas sua garganta ser cortada e caiu no chão, afogando-se no próprio sangue. O fotógrafo limpou o sangue do facão, pegou o cassetete e a arma enferrujada do guarda morto e começou a vasculhar a carcaça de ônibus em busca de suprimentos.

///09/03/2056

Tomás caminhava lentamente pelo Lamaçal. Nada mais importava, só sair daquele lugar. O sangue dos inocentes ainda estava marcado em toda sua roupa. Ele havia chacinado Forde inteira. Foram quantas vidas? 16? 20? Não fazia mais diferença, agora ele tinha uma mochila cheia de comida e água limpa, além de uma submetralhadora e um lançador de granadas velho. Estava praticamente imbatível.

Enquanto andava pela lama, avistou um grupo de pessoas passando montadas em camelos. Elas usavam roupas protetoras feitas de sucata, estavam armadas com lanças e algumas armas de fogo velhas. Além disso, levavam suprimentos em bolsas. Uma voz familiar veio de uma delas.

— Tomás? Tu tá ferido? — Era Aleka, a médica.

— Olá, Aleka. Como você vai? — perguntou Tomás, com uma voz calma demais.

— Você tá cheio de sangue. Quer que eu dê uma olhada? Eu tô indo pra clínica mesmo, só fui pegar esses remédios na vila lá pro norte...

— Ok, tudo bem — respondeu, engatilhando seu lançador granadas.

///

Depois de mais um longo dia de trabalho, o Recrutador percebeu que não verificava se Tomás estava se comportando bem havia bastante tempo, talvez até mesmo mais de um dia. Alternou de câmera em câmera, verificando todas que podia no Lamaçal, buscando-o. Notou que havia mais cadáveres que o normal, mas isso era comum naquele poço gigante de merda. Então o horror: a população de Forde havia sido simplesmente exterminada. Os corpos baleados e estraçalhados de todos os 25 habitantes estavam jogados ao lado do Ecoesporte que definia o nome da “cidade”, deixados de lado juntos... Todos os olhos foram arrancados e jogados no carro destruído, e as órbitas vazias olhavam fixamente para a câmera. Como não vira aquilo antes? Tomás era o autor daquela perversa obra? Trocou de câmeras, buscando a enfermaria. Lá estava o problemático escravo, ele estava ao lado de vários cadáveres de médicos, pacientes, guardas e... Aleka?! Ele a deixara viva para fazer *aquilo* com ela?! Estava arrancando

seu útero com ela viva?! O Recrutador ativou o som para ter certeza do que se tratava. Ao ouvir os gritos e gemidos de agonia e dor da médica, teve que desligar a câmera, de tanto pavor e nojo. Já havia visto muita coisa horrível naquele navio, mas aquilo era demais. O escravo genocida precisava morrer.

///11/03/2056

Os alto-falantes do apartamento de Berneck, no Setor Celta, soaram.

— Berneck, temos uma emergência. Tomás Foradine está perigoso demais.

— O que houve, Recrutador? — perguntou Berneck, brincando com um bilboquê.

— Nós jogamos Tomás no Lamaçal. Lembra dele?

— Não.

— Você o torturou faz pouquíssimo tempo, ele explodiu o Setor Agrotóxico.

— Ahhhh... lembrei. Ele tá bem?

— Ele surtou e está ficando perigoso, realmente perigoso. Matou boa parte do Lamaçal, incluindo guardas que não deveriam ser mortos e duas equipes de reforço para esses guardas, que também não podiam ser mortas. Ele literalmente mata tudo que vê pela frente, e está com um lançador de granadas. Além disso, ele pegou as armas de todo mundo que matou. Sério, ele é muito perigoso. — o Recrutador parecia, no mínimo, assustado.

— Ok, chefe, vou falar com ele. Qual o seu nome mesmo? — perguntou Berneck, já buscando sua armadura de combate.

— Tomás. Está na clínica agora, saqueando. Seja rápido, antes que piore. — O Recrutador desligou.

///

Tomás abriu uma pequena caixa de garrafas de água com dificuldade. Ela estava jogada em uma pilha de remédios e drogas, e estava muito bem selada. Ao lado dele estavam o corpo completamente destripado de Aleka, sua metralhadora e o lançador de granadas, ambas as armas agora sem munição. Aleka era uma boa médica, ele precisou homenageá-la propriamente.

— Tomás, meu amiguinho, como vai? — disse Berneck, atrás dele.

Apesar de ter matado mais de cinquenta pessoas sem nem se importar com punição ou culpa, Tomás estremeceu ao ouvir a voz do torturador.

— Ah... Oi, Berneck... — respondeu ele, com um sorriso extremamente falso.

— O Recrutador falou que você tá fazendo muita besteira e não podemos deixar você vivo. Eu tenho que fazer alguma coisa com você, eu acho.

Berneck sempre falava com uma voz infantilizada, o que era muito assustador e irritante ao mesmo tempo. Além disso, estava em uma armadura de guerra importada, de tecnologia extremamente avançada. Era tão potente que o fotógrafo nunca tinha visto uma igual, mesmo quando fotografava bases militares para propaganda governamental.

— Berneck, porque está usando essa armadura? É pra me matar?

— ISSO! Eu tenho que te matar, Tomás. Obrigado por me lembrar!

— gritou Berneck, erguendo seu braço, coberto por válvulas e aparelhos da armadura. Uma das válvulas se abriu, e dois canos muito pequenos forma projetados para fora, rapidamente atirando microbalas de altíssima pressão. Tomás se jogou para o lado, esquivando uma saraivada de disparos, e correu para trás de uma maca para se proteger.

— Nossa, eu estou com muita fome. Será que o Recrutador deixa eu parar de te matar pra comer um franguinho assado e depois voltar pra terminar? — comentou Berneck enquanto caminhava até a maca com o “braço-arma” erguido.

— Não sabia que eles deixavam os escravos comer frango — observou o fotógrafo.

— Ah, não, o Recrutador deixa. Acho que deixava pelo menos. Espera, ele nunca me deu franguinho assado... — Berneck parou de andar, e os disparadores foram recolhidos para dentro do braço mecânico da armadura. Tomás ouviu o barulho das armas sendo desativadas e saiu de detrás da maca.

— Ele disse que ia deixar você comer frango assado?

— O Recrutador sempre prometeu os franguinhos e nunca me deu.

Berneck se sentou no chão e começou a chorar. Tomás se aproximou e observou o homem direito pela primeira vez. A única parte não protegida pela armadura era sua cabeça. Berneck, o Escravo-Comandante de Procedimentos de Segurança para Escravos Problemáticos, era um homem negro, provavelmente vindo do Chifre da África. Ele aparentava ter um pouco mais de trinta anos e era careca. Um quinta de sua cabeça era quase completamente achatado. Tomás não conseguiu esconder a repulsa que sentia ao ver a cabeça do homem deformada daquela maneira.

— Sua cabeça... o que aconteceu com ela? — perguntou com um pouco de receio de uma reação agressiva.

— Nada. Minha cabeça é normal. Eu acho que é normal, por quê? Ela não é normal? — respondeu Berneck, um pouco confuso.

— Esquece, esquece... — O fotógrafo percebeu que estava sendo inconveniente.

De repente, os alto-falantes do local soaram

— Berneck, o que pensa que está fazendo? Mate-o! Agora!

— Você nunca me dá os franguinhos assados! — gritou de volta, irritado.

— Eu nunca te prometi franguinho assado nenhum, ficou maluco?!

— Berneck, o Recrutador não está cumprindo as promessas dele, ele vive te prometendo o franguinho e nunca te dá! Por que você não se vinga?
— sugeriu Tomás.

— É verdade! — Berneck se levantou e atirou na caixa de som da clínica.

— Isso, mostra pra ele! — encorajou o outro.

— Tony, nenhum escravo nunca foi legal comigo que nem você antes. Você é meu melhor amigo, vou fazer tudo que você mandar, Tim! — Berneck fez uma esquisita reverência. Tomás sorriu.

///

— Atenção, todos os guardas dos Setores Último, Agrotóxico e Escravo, peguem suas armas mais poderosas, tranquem todos os escravos que não têm condições de lutar em seus quartos, corredores-plantação, salões e cabines e dirijam-se imediatamente para os elevadores secretos de acesso ao Lamaçal, a localização está nos seus manuais. Há patrulhas de ajuda e suporte descendo também, mas controlem a situação até lá. Há dois indivíduos extremamente perigosos subindo. Eles chacinaram o Lamaçal inteiro em apenas três horas, então preparem-se. — o Recrutador bradava nos alto-falantes em seis línguas diferentes sucessivamente, enquanto todo o navio se desesperava e todos os guardas iam pra guerra, já sabendo que poderiam e provavelmente iriam perecer.

O Lamaçal havia sido tomado por Tomás e Berneck em apenas três horas. Todos os cerca de 200 habitantes foram exterminados e as armas levadas pelos dois, tudo graças ao potencial da incrível armadura de combate de Berneck.

Todos os escravos-guardas haviam sido informados que os dois inimigos estavam extremamente armados e protegidos. A qualquer

momento o Setor Último seria invadido. Um grupo de quatro guardas se posicionou em frente a uma das entradas para um dos elevadores secretos com acesso ao Lamaçal, todos carregando fuzis de precisão, metralhadoras, pistolas e granadas. O mais graduado dos quatro destravou o fuzil e gritou:

— Atenção, o Recrutador disse que eles podem subir por aqui a qualquer instante! Preparem-se, atirem para mat...

A fala foi interrompida pela explosão da porta de aço, que lançou destroços e fumaça para todos os lados. Logo o barulho de destruição foi substituído por gritos. E então, apenas passos. Tomás saiu da fumaça e limpou a sua faca elétrica ensanguentada no uniforme de guarda gasto que estava usando. O frágil uniforme contratava com um capacete antigás de visão térmica e calças que melhoravam a sua mobilidade. Berneck vinha logo atrás dele, em sua armadura poderosíssima, agora completamente imunda de sangue e lama. Tomás analisou rapidamente os arredores.

— Eu já estive neste setor... Precisamos dar a volta em treze corredores, oito salões e nove cabines para finalmente chegar ao saguão com acesso ao...

Berneck segurou seu parceiro com um braço e com o outro projetou as armas embutidas. Saiu correndo e explodindo parede por parede e tudo o que estivesse no caminho, incluindo guardas, móveis, objetos e escravos, até que os dois estavam exatamente no local que o fotógrafo queria. Os dois também estavam mais sujos ainda de sangue e tripas. O elevador estava bem em frente aos dois. Berneck parou um segundo para respirar, e nesse intervalo o alto-falante soou.

— Vocês exterminaram todos os guardas de três setores inteiros em apenas treze segundos. Eles são tão escravos como vocês dois. Por que fazer isso?

Berneck refletia sobre a questão, mas Tomás respondeu prontamente.

— Não importa mais o que eles são ou o que é certo. O importante agora é sobreviver, e eu vou conseguir mesmo que tenha que cometer o pior dos pecados, Recrutador.

O Recrutador não disse mais nada, e então as barras de aço e titânio que bloqueavam o elevador foram ativadas.

— O que está acontecendo? — perguntou Berneck.

— O Recrutador fechou todas as entradas e saídas. Vai esperar nós morrermos de fome ou nos rendermos.

— Então vamos morrer de fome e nos render?

— Não podemos nos render se morrermos de fome. E aliás, não vamos fazer nenhum dos dois. Qual é a potência do salto da armadura?

— De três a cinco metros no manual. O que é um metro?

— Então atire no teto. Depois você pula e me carrega. Viu, chegaremos ao andar de cima.

///

— Jeffrey, o caixote está sendo empilhado na posição errada. — Ele desligou o microfone e alterou a câmera principal. Depois, ligou o aparelho novamente. — Não, direção errada, os caixotes têm que ir pra o Saguão 4.2. da Área Baixa 8! — Desligou o microfone e alternou a câmera, e ligou de novo. — Guardas deste quadrante, dirijam-se imediatamente ao... — As câmeras e o microfone desligaram. O Recrutador escutou um calmo passo atrás de sua poltrona reclinável de rodinhas e sentiu um cheiro de charuto.

— Recrutador... O que está acontecendo lá embaixo? As explosões estão atrapalhando os negócios.

— Ah... oi, capitão Wolf... é... os escravos... quer dizer, dois escravos estão causando problemas — respondeu ele, alternando o olhar do chefe para os milhares de monitores desligados espalhados pelo cômodo para tentar relaxar.

— Que escravos? E por que nosso técnico de áreas inferiores disse que mais de 1.200 escravos deixaram de mostrar sinais térmicos desde as tais explosões do Setor Agrotóxico?

— Capitão... é... Tomás, um escravo brasileiro, se revoltou... ele explodiu o Setor, como eu disse... e ele foi torturado pelo Berneck e jogado no Lamaçal. É o procedimento padrão.

— Por que não o matou? — perguntou o capitão.

— Eu o matei, joguei ele no Lamaçal, mas não adiantou. Ele exterminou todos no Lamaçal, as enfermarias dos últimos setores, que ficavam no Lamaçal, e matou inclusive os guardas, que ele teoricamente não deveria matar...

— E, então, por que não mandou o Berneck?

— Eu mandei, mas... mas Tomás convenceu o Berneck a se juntar a ele. E eles fugiram e já mataram e destruíram quase três setores inteiros.

Estou tentando mandar guardas lá pra baixo, mas mandar muitos poderia causar revoltas e...

— E por que não me informou sobre tudo isso antes?! Envie todos os guardas-escravos que puder e, se alguém se revoltar, tranque tudo! Aliás, reunião de emergência na sala de reuniões do Setor Recrutador em quinze minutos, avise o conselho! — gritou o capitão, religando a energia e deixando a sala, enquanto o Recrutador suava de tensão e medo. Não se sentia apavorado assim havia anos.

///21/03/2056

Águia se assustou. O ônibus em que ele viajava freou de repente.

— O que houve? — perguntou para uma mulher sentada ao seu lado, no assento do corredor. Mas não obteve resposta, talvez porque a mulher estivesse dormindo. João pensou no que fazer.

Seria inútil tentar levantar ou sair do lugar, pois as cadeiras eram altas demais para ter uma visão do resto do ônibus e a janela estava tão suja que era praticamente impossível ver a luz do sol do lado de fora.

— Passageiros, estamos na fila do pedágio fronteiro para entrada no estado do Sul, província e ex-estado do Paraná. Preparem os documentos para apresentar à Polícia Militar Rodoviária — anunciou o motorista do veículo.

João pegou sua mochila debaixo do assento e retirou uma pasta repleta de papéis fornecidos pelo governo. Um policial militar passou checando todos os documentos dos passageiros, um a um. E chegou até ele.

— Papéis, por favor.

O professor abriu a pasta e entregou uma identidade e outros documentos, que o policial conferiu rapidamente e devolveu.

— Ok, tá certo. Pode ficar no ônibus, Sr. Heitor. Glória ao Brasil. — disse o guarda, passando para o passageiro de trás.

///11/03/2056

Os escravos viam as balas sendo disparadas em câmera lenta, enquanto a armadura invencível destruía tudo ao redor. Tomás vinha logo atrás, com armas de fogo e sua calça tecnológica. A dupla era imbatível. Tanques cheios de produtos químicos perigosos eram derrubados sobre as pessoas e galões gigantescos explodiam. O capitão Wolf desligou o televisor holográfico.

— Senhores, isto é o que está acontecendo agora mesmo no Setor Agrotóxico. Parece que foi destruído de novo, pra valer agora.

O televisor ficava na ponta de uma mesa de doze lugares, cheia de figuras importantes do Clemente. Era o conselho do navio.

— Capitão, o prejuízo da última destruição foi de quase meio bilhão, o navio inteiro ficou sem pesticida e químicos por uns quatro dias — lembrou um deles.

— Não se preocupem. O Plano L não será afetado por esse navio.

Vocês sabem que ele logo será descartado mesmo — respondeu o Capitão.

Os figurões pareceram satisfeitos com a resposta. Cochicharam entre si e logo um deles disse algo no ouvido do capitão, que anunciou:

— Nós decidimos que o Sr. Recrutador é responsável por este problema, por não ter eliminado o estorvo devidamente.

— Perdão, senhor, mas eu o puni da pior forma possível! O Lamaçal é horroroso e anárquico e cheio de cocô e corpos, e ele foi torturado por horas! — defendeu-se o Recrutador.

— Calado, Recrutador! Não é a primeira vez que temos essa conversa! Por melhor recrutador que você seja, sempre recorre no mesmo erro: compaixão demais com as mercadorias. Você tem pena desses... desses sub-humanos, porque já foi um deles. Mas você não é mais, você agora é um Deus para os escravos! Você não é apenas uma mercadoria como eles, você decide quem vive e quem morre, e você não apenas deixou o demônio viver como deu uma chance para ele se restabelecer! Você deverá vestir uma armadura bem forte, a melhor que tivermos no barco, e sair para combater estes dois trastes destrutivos, junto com o outros guardas. E não falhe, pelo bem de suas filhas.

O Recrutador engoliu em seco.

///

Berneck acabara de partir um guarda ao meio com as mãos mecânicas da armadura quando notou algo diferente. Os alto-falantes voltaram a soar depois de bastante tempo desativados.

— Atenção, Berneck e Tomás. Eu estou indo confrontar vocês. Minha armadura é a melhor do navio. Rendam-se agora, não quero ter que matá-los pessoalmente.

A resposta dos dois foi matar de maneiras bizarras todos os quatro guardas restantes na sala. O Recrutador respirou fundo, enquanto descia o elevador, segurou firme sua enorme metralhadora giratória e se preparou mentalmente para o conflito. Era hora de matar. E era hora de morrer.

///26/03/2056

O Banco de Armazenamento e Distribuição Geral de Água 32 de Curitiba estava cheio naquele dia. Centenas, talvez milhares de pessoas tenham comparecido para receber sua cota semanal de H₂O. Água falava em um comunicador público do outro lado da rua enquanto observava as filas se formando.

— Sr. Água, alguns dos nossos agentes da ABIN e do BOPE interceptaram transmissões de rádio criptografadas entre o que parecem ser células dos lobos. É possível que haja atentado planejado para hoje, aí no local que te enviamos. Use sua máscara de Lobo e infiltre-se. E cuidado para a PM de elite de Curitiba não te reconhecer, mesmo que sua cara seja diferente, a voz entrega. Boa sorte. — André desligou.

Água respirou fundo, olhou a pesada bolsa de armamento e atravessou a rua, limpa e cheia de árvores. Ao oposto de Joinville, Foz do Iguaçu e outras grandes cidades do ex-estado, Curitiba se mantinha firme e forte e com um índice de desenvolvimento impressionante para uma cidade brasileira. Assim que Água se aproximou do banco, um policial o empurrou para o fim da fila, onde camelôs tentavam vender produtos e água, muito provavelmente ilegais. Um deles o abordou:

— Aí, tio, pega aí uma garrafinha d'água, na moral, tá baratinho, só 6,60.

João se limitou a fazer um movimento negativo com a cabeça e esperou. As filas dos bancos de água sempre foram horríveis. Algo muito comum era a carga acabar e porções menores serem vendidas pelos corruptos atendentes por preços de galões, que eram muito caros, com valores indo de 30 até 80,00 reais, dependendo da parte do Brasil, por apenas um litro de água. Água se surpreendeu quando o garoto que vendia água do seu lado levou um choque elétrico e caiu no chão morto, sendo pisoteado em seguida por uma das filas. Uma pessoa dessa fila pegou todas as garrafinhas que o garoto vendia e saiu correndo desesperadamente. Outra reclamou com o atendente do preço completo por meio litro e levou um soco por atrasar a fila. Água começou a questionar o IDH de Curitiba. Ele se lembrava dessas filas serem horríveis em todo lugar, mas parecia ter piorado muito desde a última vez que estivera em uma. Já tinha meia hora que ele estava ali e a fila só tinha avançado cinco pessoas, das centenas ou talvez milhares.

De repente, um caminhão branco parou no meio da rua, e quinze homens com máscaras de lobos desceram, rapidamente eliminando a tiros todos os policiais do local. O teto de uma parte do prédio explodiu, e sete outros integrantes do grupo desceram por cordas, atirando em qualquer um que se movesse. Três saíram das filas e atiraram em pessoas aleatórias, um deles, uma mulher, pegou um alto-falante e começou a esbravejar:

— Curitibanos, não temam! O lobo voraz da revolução está aqui com vocês! Não vejam este ato como terror ou violência sem sentido, mas como uma microrevolução que contribuirá para um grandioso futuro promissor. Exatamente agora há 3 mil de vocês aqui, que estarão sobre nossa custódia até as autoridades se pronunciarem e pela primeira vez distribuir gratuitamente toda a água armazenada para a população!

Em seguida, pelo menos quatro lobos morreram eletrocutados ao redor do lugar. Águia abriu sua bolsa, colocou sua máscara rapidamente e tirou um fuzil. As pessoas simplesmente permaneceram caladas e cobriram as cabeças. Alguns lobos conversaram entre si e a mulher pegou o microfone novamente:

— Atenção! Decidimos que a água será dada gratuitamente para todos, porque parte do nosso pessoal não poderá mais segurar a polícia! Vão até o cofre e peguem!

Um dos terroristas pegou uma minibazuca das costas, mirou, atirou e explodiu a entrada do cofre. Centenas de pessoas correram avançaram para lá, descontroladas.

///

A imprensa obteve acesso às câmeras de segurança e logo o vídeo dos reféns na distribuição de água estava nos televisores holográficos (e digitais, nos locais mais atrasados) de todas as cidades brasileiras. O vice-ditador assistia a tudo do seu escritório no Supremo Palácio, com um enorme pedaço da Capela Sistina detrás dele, um enfeite extremamente luxuoso e questionável. Mas já que o Vaticano e a Itália foram quase completamente destruídos na guerra e pela radiação, por que se importar? Ele, pelo menos, não se importava. Seu comunicador portátil começou a tocar sobre a mesa ornamentada e caríssima.

— Alô? Sim, tá tudo ocorrendo como planejado. Não, governador Silva, não manda as tropas! Frederico Silva, não manda essas malditas tropas! Porra, é uma ordem, obedece, caralho! Vai se foder! — Ele desligou

o comunicador e o jogou na parede com força, atingindo em cheio a cara de algum santo. André respirou fundo e então se acalmou, pegando o objeto arremessado e o colocando novamente sobre a mesa.

///

Sete autoblindados da Polícia Militar de Elite curitibana e um tanque de guerra do BOPE vindo da base de Santa Catarina se aproximaram explodindo tudo pelo caminho, seguindo a toda a velocidade em direção ao banco d'água. Os lobos tinham montado barricadas com móveis e com o caminhão para evitar a entrada no banco, mas não esperavam um tanque, o que certamente foi um revés no plano deles.

Um deles monitorava um televisor que mostrava a cobertura da imprensa sobre o caso, quando o esquadrão policial dedicado a deter os lobos apareceu em rede nacional.

— Policiais chegando! — gritou para os comparsas, que imediatamente pegaram as armas e começaram a atirar em todos os civis ao redor. Em pouquíssimos segundos, os autoblindados da PM estavam parados em frente ao centro de distribuição, e dois policiais colocavam explosivos nas barricadas improvisadas. Águia não lutava fazia tempo, mas o treinamento de realidade virtual da Capela era tão bizarro que era difícil perder a forma em combate, mesmo depois de muito tempo. Destravou seu fuzil e se posicionou atrás de uma pilha de caixas de garrafas d'água. Logo o local foi coberto por fumaça (ou seria gás lacrimogêneo?) e os autoblindados entraram atirando nos terroristas, que reagiram jogando granadas e atirando em absolutamente tudo. O professor se lembrou de todas as batalhas das quais participara. A praça de Belo Horizonte. A Base Roquefort. A queda da Resistência da Capela dos Escravos de Tiradentes. A fuga quase insana do Barra3. Ele ergueu seu fuzil e disparou uma série de balas contra um dos autoblindados. Um policial caiu morto no chão e outro, ferido. Pelo menos estava matando em uma luta justa, diferente do que quase ocorrera no Inferno. A metralhadora automática em cima do carro ficou desocupada. João correu entre as pilhas de mortos, subiu no autoblindado, que estava com a porta aberta, tirou uma faca do cinto e cortou a garganta dos dois policiais restantes no automóvel. Em seguida, pegou a bazuca de um deles, subiu ao teto e disparou, explodindo dois autoblindados parados perto da entrada do banco ao mesmo tempo. Os

lobos pararam tudo o que faziam e se voltaram, boquiabertos, para aquele soldado, olhando-o com uma admiração extrema.

O tanque de guerra do BOPE se aproximou, o gigante canhão erguido e suas três metralhadoras metralhando, além do lançador de raios elétricos. O professor reconheceu o modelo do blindado imediatamente, era de 2039, desenvolvido pelo Estados Unidos após a Terceira Guerra e era considerado um dos mais perigosos e letais dos últimos vinte anos. Mas, havia nele uma fraqueza. Os seus geradores energéticos solares não tinham uma blindagem forte internamente, uma falha e os operadores do veículo seriam eletrocutados até a morte. Águia pegou a metralhadora automática ao seu lado, no teto do autoblindado, e disparou várias vezes contra o gerador, que começou a soltar uma fumaça preta. A onda de choque e fogo destruiu o tanque e alcançou os lobos do lado de fora, os derrubando no chão. O professor respirou fundo e se jogou no banco de motorista, rapidamente abrindo a porta, enquanto os outros autoblindados restantes atiravam com tudo no carro cujo volante ele acabara de assumir. Era exatamente o plano dele. Logo o motor começou a pegar fogo, e então Águia acelerou com velocidade máxima para cima dos autoblindados restantes, se jogando para fora do veículo imediatamente antes que explodisse .

Os lobos começaram a comemorar, ao ver todos os inimigos derrotados. João se levantou, ferido, cheio de arranhões, mas era o único “terrorista” que não tinha levado nenhum tiro. Ele caminhou lentamente até o caminhão blindado dos Lobos e entrou, sendo seguido logo após por todos os lobos do local.

///

Águia se sentou em um dos bancos no fundo do veículo militar e evitou conversas, fingindo ter machucado a boca na confusão ou algo do tipo. Um tempo depois de ficar sentado sozinho e assistindo aos terroristas comemorarem e o aplaudirem, uma moça com máscara de lobo pendurada no pescoço se sentou do lado dele.

— Você não é um de nós. Por que nos ajudou? — perguntou, com um ar desconfiado.

Ele estremeceu e usou a primeira desculpa que lhe surgiu.

— Achei que qualquer um que quisesse podia vir e ajudar.

Ela o encarou, ainda mais desconfiada.

— Você é da polícia né?

Ele começou a suar por dois motivos. O primeiro, estava tenso e apavorado. O segundo, mesmo de máscara aquela moça era incrivelmente bonita.

///11/03/2056

O Recrutador colocou a armadura cautelosamente. Era revestida de titânio e kevlar, proteções altamente reforçadas contra todos os tipos de impactos, desde balas até danos por radiação, eletricidade, explosões e temperaturas extremas. Aquela armadura fora desenvolvida havia apenas dois anos e meio pelo exército americano para resistir a locais de condições extremas e fazer a defesa da base americana na Lua, essencial para a colonização de Marte. A roupa também era altamente tecnológica, dispondo de um gerador de gravidade, ar-condicionado, computador interno avançado com modos holográficos e de realidade virtual e acesso à internet americana, dentre várias funcionalidades exclusivas. Em seguida, respirou fundo, entrou no seu elevador e desceu em direção aos seus dois inimigos. Suas mãos metálicas brandiam uma metralhadora gigante, além das armas embutidas na roupa. Os sons das máquinas ao redor do elevador o deixavam levemente atordoado. Fazia anos que não saía do conforto da sala de câmeras ou do seu apartamento ao lado dela e voltava para... lá para baixo.

Tomou uma pílula de Modafilin para ter certeza de que continuaria acordado e respirou fundo. As portas do elevador se abriram, revelando um setor inteiramente destruído. Centenas de escravos e escravos-guardas mortos, mutilados no chão. As instalações elétricas estavam destruídas, soltando faíscas. Os canos de água tratada estavam vazando, e havia um pouco de água do mar invadindo o navio. Mas não havia sinal de Berneck ou de Tomás.

— Eu sei que estão neste setor. Não adianta se esconderem.

Ninguém respondeu. Sequer um passo podia ser ouvido, apenas o barulho de faíscas, água e pedaços do que algumas horas antes havia sido um setor escravista funcional desmoronando.

— Vocês não me dão escolha.

O Recrutador ativou um sensor térmico de atividades cerebrais. Duas pessoas foram reveladas, abaixadas e com as mãos na cabeça em uma sala afastada, do outro lado do setor. O Recrutador era velho, mas não burro. Com certeza seria uma armadilha.

Por outro lado, seus dois inimigos com certeza estavam naquele setor. As câmeras não os viram em nenhum outro lugar. Ele não tinha escolha. Andou lentamente até a sala, atento a qualquer mínima movimentação. Em seguida, ergueu seu braço, de onde saiu uma escopeta embutida, e derrubou a porta de metal com um só tiro. Havia dois escravos vivos, amarrados no chão, e com uma bomba conectada à porta, provavelmente para explodir assim que fosse aberta. Um barulho muito forte de explosão foi ouvido, e o Recrutador foi lançado fortemente contra a parede, que se rompeu, e então ele continuou sendo lançado, atravessando um enorme salão e atingindo outra parede em sequência, que caiu em cima dele junto com um pedaço de teto, soterrando-o de imediato. Tomás e Berneck desceram de um buraco no teto mais adiante e andaram em direção à pilha de destroços.

— Ele deve ter morrido. — sussurrou Tomás, sentindo uma estranha frustração ao sentir que não havia podido exterminar lentamente o Recrutador com suas próprias mãos. Além disso, seria esquisito um Clemente sem um Recrutador te vigiando e enchendo o saco o dia todo.

Berneck apenas sorria e pensava em franguinhos e cachoeiras. Os dois se viraram na direção do elevador, quando ouviu-se o barulho dos destroços sendo remexidos.

— Tomás... você não achou que eu sucumbiria tão fácil, achou? — sussurrou o Recrutador, surgindo dos destroços e apontando suas armas.

— Fodeu.

Tomás foi atingido por um forte tiro de escopeta, que jogou-o ao chão. A armadura roubada de um dos guardas assassinados foi destruída no impacto. Berneck urrou, e saltou em direção ao Recrutador, sacado uma espada embutida no braço de sua armadura e quase serrando o Recrutador ao meio, que segurou a lâmina e a entortou, em seguida jogando Berneck contra o teto fortemente.

— Vocês já causaram problemas demais. Conselho de amigo... é só se render e vou lhes dar uma morte rápida. E vocês sabem que eu já concedi

segundas chances demais — disse o Recrutador, com uma voz calma, porém severa.

Em seguida, várias metralhadoras saíram dos braços mecânicos de sua armadura, atirando contra os ex-escravos. Os dois tentaram correr desesperadamente enquanto eram saraivados. O Recrutador começou a andar tão lentamente atrás deles quanto sua armadura possibilitava, e apertou outro botão. Um buraco se abriu no peitoral da armadura, e um pequeno míssil foi lançado na direção dos que corriam. Tomás e Berneck se lançaram ao chão, que logo foi atingido pelo projétil.

///

O capitão do Clemente e seus doze conselheiros assistiam à transmissão pelo televisor da mesa de reuniões. As câmeras que ainda resistiam mostravam Berneck e Tomás se escondendo enquanto o Recrutador ia atrás deles. Um dos figurões começou a falar em um inglês com sotaque forte de Serra Leoa.

— Capitão, nós estamos nos cansando da ineficiência do Recrutador. Por mais poder que tenha no navio, ele não é capaz de parar dois idiotas, um deles com retardo metal até.

Os outros figurões na mesa assentiram, concordando. O capitão os olhou e prontamente respondeu.

— Substituí-lo agora é apenas perda de tempo. O plano L não pode ser atrasado.

Os homens o olharam e um deles retrucou.

— O plano L não poderá sequer ser realizado se o Clemente estiver completamente destruído. — O homem se levantou e continuou. — Amigos, isto é ridículo! São apenas dois homens, e já destruíram metade da embarcação! Se eles chegarem no compartimento de carga estamos fodidos!

Os figurões começaram a discutir em polvorosa. O capitão respirou fundo, tentando pensar calmamente no que fazer. A discussão foi rapidamente pausada quando a tela exibiu uma enorme explosão.

///

O Recrutador caminhou lentamente até os destroços com sua armadura poderosíssima. O chão havia sido completamente destroçado, e as rachaduras se estendiam por todo o Setor. Os dois haviam caído no Lamaçal, juntos de uma pilha enorme de destroços. A lama de sujeira, fezes, dejetos e restos humanos estava balançando e produzindo ondas pelo impacto. A escuridão do enorme e agora vazio Lamaçal era refletida nas

barras metálicas de titânio da armadura do Recrutador. Tomás e Berneck se levantaram, ambos feridos pela grande queda, porém longe de dispostos a se renderem.

— O Clemente te deu muitas chances de ser útil, Tomás. Agora... ele só te dá chances para morrer. E todas elas muito, muito bem merecidas.

O Recrutador preparou suas armas enquanto falava. Berneck olhou para Tomás, que logo replicou.

— Chances de morrer todos nós temos, é inevitável. Eu não preciso do Clemente para morrer. Agora, eu acho que você precisa. Você sabe por que, Recrutador?

O primeiro disparo foi dado, vindo de uma arma que saía do braço direito de Berneck.

///

— Viram? Ainda temos chance. O Recrutador conseguiu arrastar eles pro Lamaçal de novo — observou o capitão.

— Provocando danos estruturais irremediáveis! O Clemente é um navio gigantesco, simplesmente não temos como trocá-lo por outro! Isso nos levaria à falência! — esbravejou um dos conselheiros.

— Acalmem-se, amigos. Não precisaremos mais deste navio quando o plano L estiver pronto. Na verdade... esse navio será um grão de areia em comparação ao espaço que teremos.

///

Disparos ecoavam por todo o Lamaçal. Lasers, tiros, rajadas, radiação, eletricidade, tudo voava e ricocheteava pelos cantos. Tomás atirava, protegido por uma parede feita com barro e sucata, e Berneck atirava na linha de frente corajosamente. O Com a armadura quase intacta, o Recrutador continuava atirando em tudo, sem medo. Enquanto os três batalhavam, as rachaduras dos danos colaterais de seus disparos cobriam todas as paredes do Lamaçal, deixando pequenas doses de água penetrarem o local lentamente. Os arredores estavam sendo destruídos, mas a batalha estava tão intensa quanto nunca. Os únicos espectadores que não assistiam a tudo através de câmeras eram os corpos dos que foram brutalmente assassinados ou por Tomás ou pelo sistema escravista do navio.

///

— Senhores, estou considerando de verdade a possibilidade de Tomás e seu amiguinho retardado deterem o Recrutador. Não temos

nenhuma tropa de escravos além dele, a não ser nossa guarda pessoal paga — observou um.

O capitão rebateu o argumento.

— Nossa guarda pessoal serve para nos proteger, não para combater rebeliões.

Outro conselheiro se manifestou:

— Mas não podemos negar que uma rebelião dessa magnitude ameaça tanto a integridade do navio quanto a nossa própria integridade!

De repente, os doze estavam debatendo e discutindo, até que o capitão golpeou a mesa e gritou.

— Parem de discutir! Temos que pensar em soluções definitivas para combater nossos inimigos, não há tempo para debates vazios!

Os conselheiros se calaram, e voltaram a observar o telão que exibia a batalha.

///

Berneck foi lançado com toda a força contra a parede por uma grande explosão radioativa, que fez sua armadura se fundir com o corpo e perfurar um de seus pulmões. Ele caiu na lama e foi parcialmente coberto por ela.

— Berneck caiu agora, Tomás. Vai se render ou terei que matá-lo?

O Recrutador apontou sua arma carregada e pronta para atirar na cabeça de Berneck. Tomás revelou sua posição.

— Recrutador... eu não tinha terminado de falar. Sabe por que o Clemente também só te dá chances de morrer? Por que você é um escravo de si mesmo, e não dele. Você controla o navio totalmente. Se quisesse, libertaria todos. Mas você não quer. Se quisesse, você mesmo poderia se libertar, mas não quer. Você não é escravo do barco, é um escravo porque se conforma e desiste. E por isso você precisa do Clemente para morrer, é porque não quer viver fora da escravidão!

O Recrutador o encarou.

— Como eu poderia ser um Recrutador de escravos se não posso nem recrutar a mim mesmo?

— Você não é um escravo forçado, você é um maluco que gosta do controle completo, da sensação de brincar de Deus.

— E você também não é um escravo que quer fugir, é um sociopata que mata todos que vê pela frente em uma suposta busca por liberdade. Você justifica sua perversidade moral na sua própria cabeça alegando que é pela fuga, mas não! Você só quer contrariar e matar. Você é a definição da maldade caótica. Não somos tão diferentes, né? Acha que ninguém percebe sua crueldade? Eu vi tudo, Tomás. Eu vi o que você fez em Forde, eu vi o que você fez com a Aleka e vi o que você fez com o Berneck.

— Eu libertei o Berneck!

— Você doutrinou o Berneck! O transformou em um escudo humano! Em uma máquina de matar!

— Você é previsível, Recrutador. Aprenda a parar de falar tanto em batalhas tão tensas.

O Recrutador mal teve tempo de acabar de ouvir Tomás e levou um tiro na mão, vindo de uma escopeta embutida de Berneck. O susto e a dor o fizeram perder a compostura rapidamente, derrubar a arma e cambalear para trás. Tomás atirou com tudo o que tinha, enquanto seu aliado se erguia e logo voltava ao tiroteio. O Recrutador caiu depois de levar tantos tiros ao mesmo tempo.

///

Os líderes do Clemente olharam para o capitão, que ergueu um painel de controle sujo e desgastado.

— Se o Recrutador falhar, iniciarei o protocolo de evacuação.

Todos assentiram, já assustados.

///

O Recrutador tentou se arrastar em meio à lama, procurando qualquer lugar para escapar, enquanto os outros dois vinham atirando com tudo. A gasolina usada no traje já estava vazando e se misturando ao sujo e fedido barro do Lamaçal. Ele respirou fundo, ergueu o braço, e lançou seu último recurso, um pequeno míssil que tinha uma força estrondosa. A explosão lançou seus dois inimigos a dezenas de metros de distância, O impacto da batida rachou a parede do fundo do Lamaçal.

///

Um dos conselheiros levantou a mão.

— Tenho uma ideia, arriscada, mas talvez eficaz. Se abrimos as comportas do Lamaçal... podemos jogar eles para fora.

Os outros conselheiros se entreolharam, assustados, e o capitão não acreditava no que ouvia.

— É uma medida extrema, e tem 40% de chance de afundar o navio.

Além disso, não sabemos se as máquinas de drenar estão funcionando depois de tantas explosões... e...

— Eles vão destruir tudo se não fizermos isso. É nossa única chance — um interveio.

— O Recrutador ainda pode vencer, ele está lidando com isso tudo de forma admirável! — outro retrucou.

— Chama isso de admirável? Eu chamo de irresponsável! Ele deveria ter matado Tomás enquanto tinha chance. Mas não, jogou-o no Lamaçal!

— Ninguém nunca voltou do Lamaçal, como iríamos saber?!

De repente, a discussão foi interrompida pelo movimento do barco, que havia começado a virar lentamente. O capitão se levantou e correu até o painel de controle da sala do Recrutador, que ficava quase do lado. Os painéis de monitoramento mostravam claramente um buraco de grande escala nas paredes do Lamaçal. O navio estava começando a afundar.

Os outros vieram correndo logo atrás, se perguntando o que fazer.

///

O Recrutador já ia atirar contra Tomás quando ouviu o barulho da água entrando e se misturando à lama e escuridão do Lamaçal. A pressão invadiu fortemente os ouvidos de Tomás e de Berneck, mas não os do Recrutador, que contava com protetores em seu capacete ultramoderno. Berneck se debateu, gritando de dor, pelo seu pulmão e pela pressão. O Recrutador ergueu sua escopeta e atirou rapidamente na cabeça de Berneck, que caiu ferido. Tomás olhou para seu aliado caído e apontou sua pistola.

— Sinto muito, Berneck. Agora você é inútil.

Até mesmo o Recrutador se surpreendeu com o cruel, traíra e desnecessário assassinato. Em seguida, Tomás correu o mais rápido que podia e se jogou para dentro de uma das casas feitas de barro e sucata, enquanto seu inimigo avançava lentamente em sua direção, com a água caindo atrás dele.

— Volte, Sr. Tomás. Ainda não terminamos isso. Eu ainda vou...

Outro estrondo foi ouvido, fazendo as orelhas de Tomás sangrarem. O Recrutador olhou para trás. Uma enorme baleia cachalote estava entrando

pela abertura, destruindo ainda mais as paredes danificadas da embarcação. O navio começou a virar. O único ponto positivo foi que a baleia segurou um pouco da pressão esmagadora.

///

Os conselheiros haviam acabado de se sentar de novo para organizar a fuga de emergência quando tiveram que se levantar, pois o barco estava literalmente virando. As cadeiras começaram a cair, e logo a mesa também estava virando. O capitão se agarrou a um corrimão no canto da sala e pegou seu plano de fuga.

— Vamos fugir levando as mercadorias ou só nós mesmos e as coisas do Plano L? — perguntou para os outros.

Todos concordaram com a segunda opção. Em seguida, o capitão coordenou a saída do grupo. Do lado de fora da sala inclinada, um grupo de guarda-costas os ajudou a ir para o lado exterior do navio.

Alguns escravos prontamente transferiram uma enorme carga para dentro de um helicóptero.

///

O Recrutador pegou uma vara de metal que boiava e a fincou no chão para se equilibrar e avançou em direção a Tomás, que, por sua vez, encostou-se na parede e apontou suas armas para a porta, enquanto a água lamacenta e fedorenta subia até seu peito. Sua escopeta estava na carga total, e se o Recrutador ousasse abrir a porta levaria um tiro tão forte que se arrependeria de ter nascido. De repente, a parede detrás dele explodiu, o lançando no teto e em seguida no chão novamente, em meio à lama. O Recrutador apontou sua arma de radiação mais potente na cara de Tomás.

— Adeus, Tomás. Gostaria de dizer que foi um prazer, mas não foi...

— ESPERA! Atrás de você!

— Você espera que eu caia num truque idiota como esse? Não há nada atrás d...

Um enorme bloco caiu e o jogou para o outro lado do Lamaçal, deixando apenas sua armadura, partida ao meio e boiando na lama.

Tomás correu até a parede mais inclinada para tentar subir escalando. Ele não ficaria ali para finalizar o Recrutador, logo a pressão voltaria.

///

O capitão embarcou no enorme helicóptero, acompanhado de seis conselheiros, enquanto os outros seis embarcavam pelo outro lado do

helicóptero. Os escravos haviam terminado de organizar o carregamento também. O capitão se aproximou da carga para verificar se estava intacta. Estava. Ele deu o sinal, e a guarda pessoal atirou nos escravos, agora inúteis. Os guardas embarcaram por fim e começaram a ajustar e calibrar o helicóptero, que decolaria em quatro minutos e meio. Só faltava encher o tanque com gasolina.

///

O sistema elétrico do navio estava falhando completamente. Todas as luzes haviam sido apagadas e todas as portas haviam sido abertas. Os escravos estavam fugindo para todos os lugares, e o Clemente logo foi engolido por anarquia, caos e água. Tomás avançava rapidamente entre as confusões causadas pelos milhares de escravos em pânico, usando a calça robótica que aumentava sua velocidade, subindo o mais rápido que podia pelas paredes inclinadas do navio. Ele finalmente havia se livrado do Recrutador, e poderia escapar. Lamaçal, Setor Último, Setor Agrotóxico, Setor Escravo, completamente destruídos. Setor Delta, Setor Celta invadidos pela água. Setor Beta e Setor Alfa em completo caos. Ele estava perto da parte de fora do navio, e agora a única coisa que importava era sair daquele barco maldito.

///

O capitão Ernest Wolf observou o interior do helicóptero, que estava prestes a decolar, e respirou fundo. Havia se safado. A caixa essencial para o Plano L estava bem selada, com o símbolo de “biohazard” reluzindo nela. De repente, uma explosão sacudiu tudo, e o helicóptero caiu para um lado, derramando gasolina.

— Mas, o quê?! — gritaram os conselheiros, cegos pela fumaça.

A surdez da explosão logo foi trocada pelo som de tiros, e todos viram os guardas atirarem loucamente em algo. Tomás atirou de volta, com sua armas de eletricidade e radiação hiperpotentes, que lançaram os guardas para fora do barco. O sol quase queimou a pele de Tomás, há mais de uma semana confinado dentro de um local fechado e escuro. Ele sentiu a liberdade novamente. O capitão e os conselheiros colocaram as mãos na cabeça e se ajoelharam pedindo piedade. Tomás apenas sorriu e começou atirar neles, matando um por um. Então, algo o atingiu por trás, derrubando-o no chão.

— Não achou que me derrotaria tão fácil, achou, Tomás? — disse o Recrutador, com armadura apenas da cintura para baixo.

Ele não usava nada além de um casaco velho e sujo acima da cintura, seu cabelo era uma mistura de laranja-escuro e grisalho sujo, usava um óculos de lentes cinza de sujeira, mas que o permitiam ver os telões de sua sala de controle com mais facilidade, e sua mão direita era uma espécie de mão metálica e biônica. A mão era o item que mais chamava atenção, pois além de parecer muito um exoesqueleto de metal possuía nada menos que oito dedos esqueléticos artificiais. O membro biônico se ligava diretamente ao osso do braço, que estava completamente exposto na região do punho. O homem tinha várias feridas e escoriações visíveis.

Embora a visão daquela mão fosse um pouco assustadora, Tomás não podia se deixar distrair e contra-atacou rapidamente, chutando a cintura do Recrutador e se levantando velozmente.

— Como você sobreviveu?! — gritou Tomás.

— Eu estou neste navio faz muito mais tempo que você. Eu conheço cada uma das passagens e mecanismos daqui de cor. Essa é a minha vida. E você tirou isso de mim — respondeu o Recrutador, calmamente, e então saltou em direção ao outro, golpeando-o com sua mão metálica.

O soco foi tão forte que quebrou três dentes de uma só vez. Tomás cuspiu seus sisos e um molar, junto com saliva e sangue, e ergueu suas armas, atirando com tudo. O Recrutador apertou um botão da mão metálica, e um pequeno escudo gravitacional foi gerado automaticamente, reduzindo a velocidade das balas.

— Você não entendeu... Você está no meu navio. Eu lutei pra caralho pra chegar no posto de Recrutador. Aqui até mesmo a gravidade me obedece — exclamou.

Tomás recuou, e tentou pensar em algum plano para derrubar o seu inimigo.

— A gravidade e o tempo estão intimamente ligados. Um influencia completamente o outro. E não há nada que possa deter a gravidade. Nem mesmo você, Tomás. — o Recrutador lançou ondas gravitacionais em direção ao seu inimigo, alterando seu peso e quase o impossibilitando de se mover e até de falar. Em seguida, virou-se para olhar o colossal navio sendo lentamente engolido por água oceânica, rachaduras e pequenos

incêndios e rachaduras. — Veja o que você fez. Você não é um libertador. Você é um destruidor. Condenou todos aqui a mortes cruéis, inocentes ou não. Se você me matar, imagino o que fará lá fora, na costa. Matará todos até que alguém consiga te deter. — Ele respirou fundo, enquanto o outro estava “congelado” pelo peso gravitacional, e observou novamente o navio afundando. O chão estava inclinando. — Não pense que nosso modelo de escravidão é ruim. É apenas um sistema de meritocracia, assim como o capitalismo. Trabalhe e terá uma posição melhor. Não trabalhe e morra.

O Recrutador ia continuar, quando o capitão saiu do helicóptero, um pouco tenso e suando pelo calor, mas mantendo a autoridade. Ele usava uma roupa militar desgastada, um quepe na cabeça, tinha duas pistolas nos coldres, dispositivos tecnológicos para controlar o navio, um óculos de grau e realidade virtual ao mesmo tempo. Além disso, aparentava estar no começo dos 40 anos, tinha uma cor de pele parda clara e uma barba por fazer. No seu quepe, na perna, no ombro e no peito havia pequenos símbolos de lobos bordados.

— Parabéns, Recrutador. Você quase fez o Plano L falhar e ocasionou a destruição do Clemente. Mas, no fim, ela seria necessária. — Enquanto o líder absoluto do barco falava em um português com sotaque do Chifre da África, o sol quente escaldava o barco, e o som de gritos de milhares de escravos se afogando era abafado pelas ondas do Atlântico. — Nosso destino, o porto de Santos, está próximo. E quando chegarmos lá, este navio será inútil.

A intensidade das ondas gravitacionais começou a diminuir, e Tomás conseguiu falar.

— Que porra é essa de Plano L?! — perguntou gritando, ainda com doses de adrenalina nas veias.

— Ah, me desculpe. Acho que ainda não fomos apresentados. Eu posso chamá-lo de Sr. Tomás, Sr. Foradine, ou apenas Tomás? — perguntou cordialmente o capitão.

— Não me trate como amiguinho, capitão. Estamos longe de ser amiguinhos — respondeu com raiva.

— Acalme-se, não estou aqui para batalhar com você. Longe disso. Permita-me apresentar-me... Eu sou o capitão e dono do Clemente e suas

propriedades, Ernest Wolf. Eu comandava esta embarcação junto com meus sócios-conselheiros, mas, preciso agradecer, você os matou. Agora tudo é meu. — Ele sorriu e continuou. — Meu pai comandava o Clemente já antes de 2010, e desde sua morte, em 2046, eu sou o capitão. Mas, você quer saber do Plano L, não quer?

— Estou um pouco curioso, sim, mas o que mais quero é mutilar vocês dois até não sobrar nada.

— Não sou seu inimigo, Tomás... Eu já disse.

Ao ouvir as palavras do capitão, o Recrutador não se aguentou.

— Como não somos inimigos desse cara?! Ele destruiu tudo, porra!

O capitão fitou o Recrutador.

— Você já sabe... O navio seria descartado assim que chegássemos na costa brasileira no começo de abril. Agora, lembre-se que você é apenas uma posse, Recrutador, por mais que sua posição seja a mais alta. Eu posso me desfazer de você no momento que quiser. — O capitão usou um tom ameaçador e logo continuou: — Acumulando o lucro da venda de alimentos e nossas manufaturas e produções industriais do Clemente para nações devastadas pela falta da água, guerras e radiação durante décadas, eu consegui juntar dinheiro e cientistas e construir, aqui mesmo no Clemente, uma arma química que seria capaz de dizimar toda a grande São Paulo em algo entre oitenta minutos a quatro horas. É uma bomba de gás duas vezes mais forte e poderosa do que aquela usada em Tóquio no início da Terceira Guerra Mundial.

— Para que destruir a capital do Brasil? — perguntou Tomás, um pouco abismado.

— Com o Supremo Palácio destruído e o ditador e seu vice mortos, o Brasil entrará em uma tremenda crise política. Usando os meus soldados e terroristas, os lobos, a maior parte contratados, porém alguns são fanáticos que querem o fim da ditadura custe o que que custar... Eu colocarei a minha ditadura no poder. Então, transformarei o país em uma versão muito maior do antigo Clemente, um país inteiro em vez de um navio capesize. Teremos vários e vários Recrutadores para vigiar tudo e controlar uma nação inteira de escravos. E por que parar por aí? Toda a América Latina está instável. Um pequeno golpe e poderia ser tudo meu. Além disso, o sistema Delete não deixaria ninguém se opor a mim. Mas, enfim, Tomás... você demonstrou inteligência e força ao derrotar minhas tropas. Precisarei de

aliados para o meu plano, e valorizo amigos. Vamos abandonar este navio inútil e ir para o próximo destino.

Os três observaram o navio uma última vez. Cada um dos setores abaixo do Setor Exterior estava completamente destruído. E logo tudo seria engolido pela água.

— Capitão, você quer me colocar para trabalhar junto com o Tomás?
— perguntou calmamente o Recrutador, vendo as ondas se chocarem com o barco. Algumas coisas já estavam começando a deslizar pelo piso.

— Tomás Foradine com certeza ajudaria muito no Plano L.

O Recrutador respirou fundo:

— Ele matou até mesmo os próprios aliados! Na primeira oportunidade, matará a todos nós! Sinto muito, capitão, mas não posso permitir isso. Trazê-lo é um ato suicida.

Tomás fitou o Recrutador. O Recrutador fitou o Capitão. E o Capitão fitou o Recrutador.

— Não acho que ele faria algo assim — disse o dono do navio.

— Capitão, olhe para ele! Nossos atos podem ser questionáveis, mas ele é um genocida! Você está cego por acaso?!

— Você está falando demais, Recrutador — acusou Tomás, antes de apontar sua arma e atirar. Haviam ficado tanto tempo falando que as ondas gravitacionais foram desativadas e os outros não perceberam.

O Recrutador desviou e atirou de volta, Tomás se esquivou e o tiro acertou o Capitão em cheio no pescoço, derrubando-o no chão ainda com vida. Os dois rivais começaram a trocar tiros novamente, enquanto o capitão deslizava pelo chão inclinado. Balas atravessavam o céu, ricocheteando e esburacando ainda mais o piso. O Recrutador prontamente lançou mais ondas gravitacionais, desacelerando um pouco seu inimigo, e então socou-o no calor do momento. Mas, ao socá-lo, sua mão metálica ficou “congelada” pelas pesada gravidade. Tomás riu.

— Parece que você ficou preso na própria armadilha, Recrutador!

Então agarrou a mão inimiga o mais rápido que pôde na lerteza gravitacional e a torceu violentamente. O barulho do osso torcido ecoou, e só chegou nos ouvidos do Recrutador algum tempo depois, por conta da velocidade lenta do som presa na gravidade. O capitão se agarrou a uma viga de ferro com as pernas para evitar cair e cobriu o sangramento no pescoço com a farda. Em seguida, pegou sua pistola e atirou no ombro do Recrutador, que caiu no chão e desativou acidentalmente as ondas. Tomás rapidamente chutou o rosto do Recrutador, quebrando seus óculos. O vidro das lentes se estilhaçou e afundou em um dos olhos dele, estraçalhando-o. Sangue jorrou do olho destroçado, mas o Recrutador apenas riu:

— Foi... foi divertido, Tomás... mas, me diga... depois que me matar... quantos mais irá matar...?

Tomás se abaixou e encarou o único olho restante de seu derrotado inimigo, antes de esmagá-lo com um dedo.

— Quantos eu puder. Mas eu não vou te matar. Vou te deixar morrer com o seu navio, lentamente. Dolorosamente. Sangrando até a morte. E não

é uma questão de vingança ou justiça. Estou fazendo isso apenas porque eu quero.

Em seguida, levantou e caminhou até o capitão, que ainda estava pendurado e tentando cobrir seu machucado com a roupa, encharcada de sangue. O capitão olhou para o outro.

— Agh... Tomás... m-me ajude... — pediu, enfraquecido.

— Ernest, você provavelmente não se mostrava pra seus capatazes e capangas, até para não ser identificado por uma eventual investida policial ou militar. Me diga... Como você provava pra eles que você era você?

— O q... quê?! Mas que rel... que merda de relevância isso tem?!

— Responda e vou te ajudar.

— Usava isso... — O capitão, com sua mão livre, tirou do bolso um pingente de lobo e um comunicador portátil holográfico com um símbolo de lobo gravado, que provavelmente tinha criptografias únicas. Tomás tirou o objeto da mão do ferido e começou a andar até o helicóptero, que estava quase começando a deslizar pela inclinação do cargueiro.

— Muitíssimo obrigado, capitão. — O ex-fotógrafo riu.

— Espera! Você prometeu me ajudar! Tomás!

— Você também não me ajudou quando eu estava lá embaixo — observou enquanto se afastava e entrava no helicóptero, pegando o manual de instruções para decolagem automatizada.

Do lado de fora do veículo aéreo, o sol começava a se pôr. Ondas calmas se chocavam contra o navio cada vez mais tomado pela água. O capitão xingou o outro com todos os nomes possíveis antes de finalmente cair no oceano junto com todos os outros que estavam no navio. Mas, naquele momento, o helicóptero já havia deixado o barco junto com a arma química, para nunca mais voltar.

///12/03/2056

Quatro homens corriam sob a luz do luar em meio a um local totalmente coberto por plantações, araucárias e pastos de pecuária. Gotas de chuva de baixo teor de acidez caíam em suas cabeças protegidas por lençóis dobrados presos por bonés velhos e desgastados. Um dos homens abriu um pequeno mapa, iluminando-o com a luz de uma lanterna fraca.

— Estamos chegando lá. Faltam poucos minutos de caminhada

— E pensar que assim que a bomba for lançada teremos que abandonar nossa base no Paraná...

— Deixe o depois para depois. Temos muitas bases pelo Brasil e umas três no Paraguai. Vai ser fácil escapar do gás. Falando nisso...

A conversa foi cortada por um barulho entre as plantas. Eles apontaram as armas para a mata. Um filhote de ovelha saiu de dentro da densa folhagem.

— Será que ela conseguiu fugir do pasto? — perguntou o do mapa.

Antes que algum pudesse falar mais alguma coisa, luz e som de tiros cobriram o pasto. O pelo branco da ovelha foi coberto por sangue humano.

Os quatro caíram no chão, três feridos e um morto. O que antes segurava o mapa agonizava olhando para o local de onde os disparos vieram. Uma equipe de policiais militares de elite apareceu correndo e se aproximou dos sobreviventes, quebrando-lhes penas e braços rápida e violentamente. Alguns dos oficiais estavam enojados com o ato, mas eram obrigados a seguir ordens. O mapa foi deixado na grama, cheio de sangue e com um buraco de bala ainda chamuscado. Os três sobreviventes foram carregados até uma pequena carroça de madeira, e dois policiais montaram nos cavalos que puxavam o transporte improvisado, chicoteando os animais para que começassem a se movimentar. Dois policiais permaneceram no local.

— Eles serão interrogados e presos?

— Interrogados e mortos como a escória inútil que os lobos são.

— Calma! Não é porque temos que ser frios no trabalho que precisamos ser antipáticos!

///13/03/2056

— Algo está errado. O grupo 235 deveria ter chegado faz oito horas e meia. Não podemos continuar ignorando — alertou um dos dois lobos. Eles estavam em um pequeno escritório de uma fábrica abandonada, próxima à plantação. O lugar era apertado e tinha um trapo velho como porta, uma bandeira com o símbolo dos lobos estava pregada na parede. Havia ali ainda computadores holográficas cheios de antenas para se conectar com as outras bases.

— Talvez eles tenham demorado demais para encontrar o nanochip que pedimos — sugeriu outro.

— Demorado oito horas?!

— Ah, sei lá. Eu vou avisar o QG, então. — O lobo começou a teclar no computador, que imediatamente se conectou clandestinamente à internet, ativando o Tor, a tripla realocização e criptografia, e se ligou ao servidor do quartel general. O lobo digitou “Att Bas.Qg groupe <235> dsprcid || Ag4rdu neu ôRd3m ||”.

///

Os técnicos da base principal logo receberam a mensagem. Mas não responderam, pois já tinham um problema muito maior com que lidar. O escritório de tamanho médio no quartel general subterrâneo dos lobos, embaixo de Curitiba, recebia mensagens criptografadas a cada hora, mas as mais importantes de todas não estavam chegando.

— O capitão Wolf não manda mais mensagem alguma faz alguns dias — observou um dos técnicos. Havia três na sala, trabalhando freneticamente.

— Tô falando desde ontem que tem algo estranho acontecendo no Clemente já faz um tempo. Sei lá, três dias? — replicou outro.

— Eles tinham comentado sobre rebeldes no barco, parece que dois insurgentes. Será que...?

— Não, não, seria absurdo demais. É impossível um escravinho ou dois destruírem o barco inteiro. Sério, aquele troço é tão grande que não passa pelo Canal de Suez.

— O Canal de Suez voltou a funcionar? Achei que a OTAN e os EUA tinham fechado e transformado em região de fronteira.

Então, um comunicador começou a chamar no canto da sala. Um dos três se levantou da cadeira de rodinhas velha.

— É a central de espionagem. Vou atender.

— Quartel General, nossos radares não estão mais encontrando os sinais de rádio do Clemente. Informe à Sra. J com urgência. Isso não é um treinamento.

— Vou informar. — Ele desligou e imediatamente ligou para o comunicador da Sra. J.

///

Saladin, um homem de uns 30 e poucos que ostentava uma grande barba em estilo árabe, ajeitou-se na cadeira, enquanto seus traficantes de água subordinados discutiam na grande mesa retangular de seu principal esconderijo, no quarto andar de um dos casarões cobertos até a metade por água poluída do Rio de Janeiro. Na outra ponta da mesa estava sentada uma mulher com armadura, capacete militar e uma máscara de lobo. Ao seu lado, soldados lobos estavam armados com fuzis, vestindo armaduras poderosas, com intuito de protegê-la. Saladin falou algo em um português muito cheio de erros, acentos e estrangeirismos árabes e ingleses.

— Senhorita Jéssica, eu não entendo a proposta. Como aliar-se a um grupo de terroristas pode ser... como se diz? Mutually... mutualmente benéfico? — perguntou o chefe do tráfico de água, muito desconfiado.

— Simples, senhor Ribã. Veja, nós lobos temos uma grande operação que pode nos dar controle integral sobre o Brasil. Queremos a sua ajuda. Se nos ajudar, quando conseguirmos dominar o Brasil, poderemos te nomear chefe do setor de distribuição de água.

O líder aguista riu.

— Vocês... lobos... realmente acham que irão controlar o Brasil? Isso é completamente engraçado... não... ridículo! Isso! Eles podem te deletar em menos de um minuto se quiserem!

— Aí é que o senhor se engana. Os lobos têm suas próprias plantações e estações de tratamento de água. Estamos longe dos nanochips do governo.

— Mesmo assim, vocês dizem de lutar com um exército de centenas de milhares, talvez milhões de soldados e policiais altamente armados e equipados para qualquer dificuldade. Além...

Ela o interrompeu.

— Temos um navio carregando uma bomba de gás duas ou três vezes mais letal do que a que destruiu Tóquio. Planejamos jogá-la em São Paulo em menos de um mês. Ainda duvida de nós? — disse Jéssica, mostrando

um vídeo holográfico da bomba. Saladin e seus comandantes arregalaram os olhos. Ela não parecia estar mentindo. Jéssica continuou: — A destruição em massa de São Paulo vai deixar o país em caos. Um cenário ideal para tomarmos o controle.

Ribã suspirou.

— Muito bem! Vocês ter minha atenção! Do que precisar?

Ela sorriu.

— Precisamos de apenas duas coisas. Alguns soldados para integrar nosso corpo e que vocês criem uma distração em Santos no dia que eu avisar, para quando nosso navio chegar a polícia estar ocupada e não revistá-lo.

— Certo. Não será difícil fazer. Mas, se esquecer vocês do acordo e não me dar o posição de chefe negociante das águas, mandar vou meus homens matar cada um de vocês.

— Muito obrigada, senhor Ribã. — Ela se levantou, pronta para ir embora, mas quando estava prestes a deixar a sala, o chefe chamou sua atenção.

— Não se esquecer. Em apenas seis mês meu comando eliminar toda a máfias e gangues rivais que surgiram do espaço vazio de poder deixado da Ordem Vermelha. Então... não me decepcionar.

— Certo, Saladin — confirmou ela.

Assim que saiu do cômodo, Jéssica e seus homens foram escoltados até uma varanda do casarão por um gângster de Ribã, onde embarcaram em um barco de transporte pequeno e rápido marcado com o semblante de um lobo. Três pessoas com armaduras e máscaras de lobo estavam lá. Um vigiava os arredores com um radar, outro estava montado em uma torreta e o último estava no leme. Os gângsteres voltaram ao casarão e fecharam a porta cheia de cadeados com chaves. O barco acelerou pelas ruínas das ruas cobertas por água, sob as enormes sombras dos prédios colossais e das montanhas com vegetação abundante.

O lobo que estava no radar logo avisou:

— Sra. J... o Clemente desapareceu dos nossos radares. O QG mandou informá-la.

Ela olhou para ele.

— Como isso aconteceu?

— A última mensagem foi há poucos dias. eles disseram que estavam com problemas lá, algo sobre insurgentes, E que entrariam em contato

assim que resolvessem tudo. Mas não se comunicaram mais conosco.

— Estranho... liga pra minha irmã, fala pra ligar o satélite e procurar o Clemente.

///

Os lobos possuíam apenas um esconderijo com satélite de porte grande, localizado em um dos pontos mais altos da chapada nordestina. As escassas nuvens se chocavam na chapada e não conseguiam atravessar, deixando o sertão tão seco quanto sempre foi, mas agora piorado pelo efeito estufa, que chicoteava o mundo cada vezes mais fortemente, década após década. O esconderijo era uma antiga base de inteligência do lado republicano na Guerra Civil de 2036-2037. Quando as principais cidades nordestinas foram tomadas pelos militares e civis fascistas vindos da recém-conquistada Roquefort, os soldados republicanos abandonaram a base e fugiram para a Região Norte. A base permaneceu abandonada até os lobos a reconstruírem e ocuparem. O clima estava extremamente quente e seco naquele dia em especial. A base, parcialmente oculta dentro da formação rochosa, elevou misteriosamente uma enorme antena camuflada com as cores do céu sem nuvens.

— Vasculhe a área da costa de São Paulo — disse a líder de inteligência dos lobos, sentada em uma poltrona velha, enquanto os seus soldados trabalhavam nos painéis holográficos.

— Nada encontrado na costa de São Paulo, Líder de Inteligência JC — informou um.

— Expanda a busca, procure na costa de todo o Sudeste.

— Nenhum sinal de um navio capesize sequer semelhante ao Clemente.

— Merda... toda a costa brasileira, andem, porra!

— Nada... será que eles se desviaram para a Argentina?

— Procure em todo o Atlântico Sul! — disse ela, já com raiva.

— Nem sinal do barco, literalmente... — outro respondeu.

— Que merda! Tentem ligar, mandar código Morse, sei lá, contatem a porra do barco!

Os lobos começaram a mexer desesperadamente nos painéis, radares e computadores, filtrando cada navio individualmente. Ela se levantou, socou a cara de um dos soldados no local e saiu, furiosa.

— Líder JC, espere! Detectamos um OVNI com sinais de rádio idênticos ao do Clemente se movimentando lentamente em direção ao Uruguai. Parece estar a meros vinte quilômetros por hora. — Gritou um deles. Ela voltou correndo e ligou o rádio.

— Atenção, sabemos que você veio do Clemente! Pare agora! Identifique-se! — Ela gritou. O rádio não respondeu imediatamente, apenas mandou curtos áudios sem som algum. — O que houve com o Clemente?! — gritou. Nada. Ela já ia falar de novo quando o OVNI respondeu.

— Quem é? — perguntou uma voz masculina do OVNI.

— Sou a líder de espionagem JC do Grupo L. Identifique-se ou iremos te abater.

— Sou o capitão Wolf. Tenho o pingente pra comprovar! E o Clemente afundou, só eu sobrevivi.

Ela se assustou ao ouvir aquilo.

— Todo o Clemente, chefe? Todos morreram? Até o Recrutador? — perguntou ela, perplexa.

— Especialmente o Recrutador. A gasolina está acabando. Pode mandar alguém me buscar? Tenho a bomba química aqui — disse a voz no rádio.

— Vou pedir pra mandarem um caça — anunciou ela com a voz firme, enquanto uma lágrima descia de seus olhos e sua face corava.

///

— Sra. J...? — chamou o lobo no rádio, enquanto o barco navegava calmamente nas águas oceânicas do Rio, em direção às ruínas do Barra3 coberto pelas sombras do seu enorme e poderoso substituto, o edifício Prime.

— Fale lobo 502.

— A sua irmã...

Ela o interrompeu.

— Chame-a de Líder JC.

— A Líder JC mandou uma mensagem de texto. O Clemente afundou, só o Capitão Wolf está vivo. Ele...

— O Recrutador e a bomba estão bem?! — perguntou ela, gritando.

— Não, Sra. J. Estão todos mortos. Mas a bomba está segura.

— Mas como... como?! Como ele morreu?!

— Não sei. Parece que ele afundou com o navio. O Capitão talvez possa explicar quando estiver aqui.

Jéssica simplesmente se encolheu no seu assento no canto do barco e chorou baixinho. O barco entrou nas ruínas do Barra3 e atracou em um dos seus enormes corredores, agora coberto por água. Estruturas improvisadas de sucata e madeira se espalhavam por todo o prédio, agora horizontal. O antes imponente megaedifício havia se transformado em um antro de miséria. As pessoas pobres, sem lugar para ir, sobreviventes da horrorosa chacina de Dan, acabaram se estabelecendo por ali mesmo, construindo pequenas casas de madeira e sucata e ocupando os velhos apartamentos com suas famílias, agora vivendo sobre as paredes do que foram seus velhos lares. Cartazes desprezando Dan e seus policiais subordinados e vangloriando a Ordem Vermelha, a Resistência da Capela, o Neocangaço e os Lobos estavam espalhados pelas paredes. Corpos e veículos destruídos ainda estavam por todas as partes. Quando os lobos entraram com o pequeno barco no gigante caído, as pessoas miseráveis e malvestidas pararam de trabalhar, construir coisas, tentar vender comida e artesanato, plantar na água podre e construir casas para aplaudir a líder dos Lobos, ainda encolhida no canto do veículo marítimo. Geralmente, ela respondia às saudações, mas aquele não era um bom momento. Os lobos atracaram, saíram do barco, caminharam em conjunto pelo corredor, com armas nas mãos, até as escadas de madeira posicionadas no canto. Jéssica havia colocado uma máscara de lobo para disfarçar suas lágrimas. O grupo subiu para o andar de cima, onde havia um antigo banco, defendido por lobos altamente armados e com armaduras não tão modernas, porém eficientes. O banco, como todo o prédio, estava completamente destruído. Uma porta de cofre ainda funcional e praticamente intacta recebeu-os. Jéssica fez um sinal para os guardas, que rapidamente abriram o cofre. Ela entrou em uma sala com paredes de aço altamente segura, sozinha dessa vez. Grandes estandartes de lobos estavam nas paredes. Havia uma cama limpa e arrumada posicionada ali, e também uma cozinha e banheiro. Além disso, mais uma pequena escrivaninha cheia de documentos e computadores, e vários outros aparelhos, como radares e equipamentos holográficos.

Todo o ouro já havia sido retirado pelo banco, antes de o edifício ser destruído, então, o local só servia como um quarto hiperprotegido. Jéssica correu até a mesa e pegou um retrato: ela, a irmã e o Recrutador juntos. Eles estavam usando roupas de escravos do Clemente, e o Recrutador segurava o prêmio de promoção para o maior serviço que um escravo poderia ter na embarcação, era a foto do dia em que, anos atrás, o Recrutador havia se tornado o Recrutador. Ela voltou a chorar e socou a mesa repetidas vezes.

— Tchau, pai...

Ela respirou fundo, segurando as lágrimas.

///

André estava jantando na base secreta do “Inferno” quando um oficial do BOPE se aproximou.

— Sr. André, venha comigo por favor.

André o encarou com um ar de indignação.

— Eu sou o vice-ditador. Ninguém pode me intimidar assim além do próprio ditador. Então, por que está me chamando?

— O ditador me mandou. Se resistir o levarei à força.

— Ué, por que ele não me mandou uma mensagem ou me ligou pessoalmente...

O soldado agarrou André pelo braço, quase o quebrando, e o levou à força. O vice foi empurrado e colocado em um carrinho de prisioneiros, idêntico àquele em que Águia havia ficado trancado poucas semanas atrás, e conduzido até o elevador.

///

Música eletrônica punk infestava o enorme e escuro escritório no topo da principal torre do Supremo Palácio. André foi deixado no meio do ambiente e o soldado foi embora. Uma luz foi acesa na frente dele, revelando uma escrivaninha, com apenas alguns papéis, um computador holográfico e uma taça ao lado de uma garrafa de vinho da década de 1970. Uma voz calma e suave que contrastava imensamente com a música e cores do ambiente começou a falar.

— André... imagino que saiba por que está aqui, amigo.

— Na verd...

— Calado, André. Estou cansado de sua incompetência. Você foi extremamente ineficiente ao lidar com a Resistência da Capela faz quase dois anos. A PI e o BOPE fizeram um ótimo trabalho para encontrar a origem dos problemas em Tiradentes, interrogando os membros capturados

um por um durante dias e dias até conseguir a cidade, e o que você faz? Autoriza o BOPE a matar a porra da cidade toda pra encontrá-los! Se a mídia não tivesse sido censurada estaríamos fodidos! E Roquefort? Sabe quantos bilhões custou reconstruir a base?!

— Oito?

— Dez, André, dez bilhões! Estamos em uma guerra, não podemos gastar tanto em segurança interna! E não falo nem da ponta do iceberg. Você deixou o coitado do Keller lidar com esses problemas sozinhos, sabendo que ele era corrupto e não ia fazer nada contra a Ordem Vermelha! E o que falar do Barra3, quem será que autorizou o Dan a fazer aquela loucura no Rio de Janeiro?! E depois dos prejuízos de bilhões, tem mais essa, os Lobos, quando achei que tínhamos paz! E isso sem nem tocar nos problemas do fim dos anos 40, como o Neocangaço...

— Maxwell, estou fazendo de tudo para impedir os lobos, você sabe disso. O professor Águia em pessoa está conosco nessa!

Maxwell se levantou e começou a andar em círculos pelo escritório, gesticulando descontroladamente.

— Faz dois dias que mandei minha equipe pessoal da PM de Elite capturar alguns soldados dos lobos no Sul. Depois de buscas nas localizações dos nanochips do Delete perto de fábricas e instalações abandonadas, encontrei um pequeno grupo. Temos informações de esconderijos deles indo do Paraguai até Manaus, mas você não tá nem aí! Mesmo com o Delete ativo você é incapaz de suprimir alguns terroristas que se vestem de lobos! Parece que, se depender de você, o Brasil inteiro pode ser explodido que você não dará a mínima. E olha que nem falei do atentado no carnaval, a maior vergonha do meu governo. Eu sei que no Barra3 morreu mais gente, mas tinha gente da classe alta no sambódromo, André! Aquilo foi uma vergonha...

— Eu...

Antes de André falar, Maxwell fez um gesto para que se calasse. Ele se sentou, serviu-se de um pouco de vinho e tomou um gole.

— Três meses para eliminar todos os lobos. Três meses. Agora, saia. Um soldado veio e tirou André dali.

///14/03/2056

— Você acabou de deixar um cara sem identificação entrar no esconderijo. Você têm ideia de quem ele seja pelo menos? — perguntou um dos técnicos da segurança, olhando o computador que mostrava o registro de entrada.

— É só o cara do grupo 235 — disse o outro, um pouco sonolento. Eles estavam no final do turno, e a troca seria em quinze minutos.

— Esse grupo não desapareceu?

— Ahn...? Ah, é! Chama a segurança! — Eles imediatamente soaram o alarme. Mas, nesse exato momento, a luz foi cortada.

— Ei, tá aí? — Um tentou falar com o outro, quando a voz foi cortada pelo som de balas de borracha. Antes que pudessem se defender, os dois técnicos dos lobos estavam no chão inconscientes.

///15/03/2056

André saiu da sala de tortura com sua camisa social encharcada de sangue. Um valete rapidamente retirou sua roupa ensanguentada e colocou outra mais limpa e perfumada no vice-ditador, que por sua vez pegou com o servente um paletó branco perfumado e com o símbolo do losango amarelo com círculo branco no meio e o vestiu. Um policial sentado em frente à sala se levantou e bateu continência, aguardando ordens.

— Agora estou pronto para agir. Dia 26 será o dia do próximo grande ataque dos lobos. Avise o BOPE e a PM por toda a nação para se preparar para uma invasão em massa aos principais esconderijos deles no primeiro dia do mês que vem — exclamou André.

— Já sabe suas localizações? — perguntou o policial.

— Não. Mas tenho um velho amigo que logo saberá. E então os lobos não serão mais do que minúsculos chihuahuas.

André pegou seu comunicador e ligou para o professor.

///14/03/2056

— O caça chegará em dez minutos — anunciou um lobo no hangar da base de inteligência. Os controladores de tráfego aéreo da base abriram as portas automáticas camufladas como pedras, liberando acesso para o pequeno hangar que contava com alguns poucos aviões e helicópteros. De longe, o radar dos lobos já detectava um caça se aproximando em alta velocidade e com um guincho prendendo um helicóptero, que era arrastado no ar logo atrás.

— Preparem os caminhões, a bomba está pronta. — disse a Líder JC. Um soldado veio correndo com um papel.

— A Sra. J enviou o plano geral. Posso narrar? — perguntou, cansado.

— Sim.

— Dia 26 será o ataque ao maior centro de distribuição de água em Curitiba. Ao mesmo tempo, a máfia do Saladin vai explodir centros de distribuição no Rio, Minas Gerais, Bahia, Goiânia e Mato Grosso do Sul. Ela perguntou se a bomba poderá ser solta no dia 1º de abril.

— Parece que sim. Com a falta de água em todas as regiões e o Norte arrasado pela guerra tomaremos o controle fácil.

— Vou avisá-la, Líder JC! — Ele correu até outra sala.

Os lobos prepararam o hangar, e o caça entrou, arrastando o helicóptero de carga. O barulho e vento do caça fizeram objetos voarem por toda base. Então, lobos correram para abrir as portas do helicóptero, e Tomás, sob a falsa identidade do capitão Wolf, saiu do helicóptero, com o pingente de lobo pendurado no pescoço.

— Você não parece o Ernest... Pelo menos com a imagem mental que tenho dele pelo que o Recrutador me falou. Mas está com o símbolo e o comunicador... — comentou a Líder JC, desconfiada.

— De fato não pareço, mas eu tinha que usar moduladores de voz para falar com vocês. Alguém poderia interceptar.

Ela não acreditou inteiramente na desculpa de última hora, mas deixou passar. Os lobos tinham muito mais com o que se preocupar.

///26/03/2056

— Então... não, não sou da polícia... — respondeu o professor

A Sra. J. recarregou o fuzil e o encarou.

— Eu sei que não. Se você fosse um policial não estaria com tanto medo.

Ele riu, nervoso.

— Não estou com medo!

— Deveria estar. Sem medo você não sobrevive. E quem não sobrevive é inútil na nossa causa.

De repente, o caminhão começou a chacoalhar.

— Sra. J., temos um problema! — gritou o motorista.

Ela saiu rapidamente da caçamba e sentou no banco de carona. Toda a estrada principal estava bloqueada por policiais e soldados, e um enorme tanque do BOPE estava posicionado com seis fileiras de canhões e mísseis. O caminhão deu meia volta bruscamente, só para topiar com outro tanque do BOPE e vários autoblindados da PM chegando atrás.

— O que vamos fazer, Sra. J.?! —

— Improvisar.

Ela assumiu o lugar do motorista, apertou um botão no painel do caminhão e começou a derrapar em círculos. O caminhão aumentou a queima de combustível e a velocidade para 240 km/h, enquanto dava voltas e mais voltas. Em resposta, tanques, policiais e soldados começaram a atirar desesperadamente. Dentro do caminhão, os galões de água e os lobos eram sacudidos e jogados contra as paredes. Águia não se machucou por estar usando o cinto de segurança. Os tiros e projéteis não conseguiam acertar o caminhão, atingindo outros policiais e veículos. Depois de quatro segundos girando, Jéssica desacelerou, desligou o nitroso e posicionou o caminhão em direção precisa à saída da via. Os policiais não tiveram tempo suficiente para atirar novamente e apenas assistiram ao caminhão sair dali, a 110 km/h. Águia sentiu o gosto de vômito em sua boca, então se levantou e foi até a passagem para a cabine do caminhão, enquanto todos os outros estavam levantando do chão ou vomitando.

— Caralho, que que foi isso, hein?! — gritou, agitado.

Jéssica, ainda concentrada o caminhão, o encarou rapidamente:

— Agradeça, não reclame! Eu nem sei quem é você. Já deveria ter te matado faz muito tempo. Lobo 6, revista esse merda! — gritou a Sra. J. O motorista do caminhão foi até Águia

— Uma pistola, uma submetralhadora, um fuzil versátil de função franco-atirador e assalto, duas facas pequenas, um cantil de água, um comunicador, duas empanadas de queijo e uma caixa de óculos — relatou o lobo 6, retirando os objetos e os colocando no banco.

— Esqueceu isso — disse o professor, pegando uma carteira do bolso. O motorista também a revistou em seguida.

— Você se chama Heitor Silva Damasco, então?

— Na verdade, meu nome é João Águia, mas meu rosto definitivamente se chama Heitor, ele foi feito para mim com esse nome... — explicou Águia. Os outros dois o encaram, horrorizados.

///

Era o fim da tarde, três horas depois dos ataques dos lobos. A Líder JC entrou na sala, enquanto o capitão olhava as notícias dos ataques às centrais de água na televisão. Ele a olhou e acenou para que falasse. A Líder JC bateu continência.

— Capitão, temos notícias.

— Se você tá vindo falar dos ataques pode ir embora, a televisão já falou tudo.

— Não exatamente, Ernest. Tem um cara querendo entrar na causa. Já ouviu falar do Professor Águia?

— O rebelde terrorista do grupo dos negros lá de Tiradentes?

— Exatamente esse. Ele quer se juntar à nossa causa e comandar ataques. De graça. Está com um rosto diferente para se esconder da polícia, mas as digitais e a voz são idênticas, já verificamos.

— Então, deixem-no entrar. Estamos precisando mesmo do maior número de pessoal possível nos ataques.

— Ah, e as atualizações dos ataques futuros que você pediu... — ela pegou um tablet holográfico e voltou a falar. — Todos os centros de distribuição de água das províncias na fronteira com São Paulo foram destruídos por nós e pela máfia do Ribã. Mas ainda temos ataques a fazer em centros de água menores, delegacias, quartéis de bombeiros, hospitais e

prefeituras. Vamos desestabilizar metade do país assim, capitão. Ah, e eu vou colocar o professor para comandar a matilha 25.

///

Águia entrou no banheiro, abriu as torneiras para fazer barulho, e ligou para André rapidamente, enquanto do lado de fora só se ouviam tiros, gritos e explosões. Depois de alguns segundos, o comunicador exibiu a imagem holográfica do vice-ditador, que parecia ter interrompido uma refeição formal para atender.

— Sim, Sr. Águia?

— André, já entrei na organização. Estou em um grupo nomeado de “matilha 25”... O que quer que eu faça agora? — O professor parecia um pouco impaciente.

— Já? Maravilha. Simples, ganhe a confiança de seja lá quem estiver no comando aí e nos dê a localização de seus esconderijos. E corra. Você tem apenas até o dia 28. Dois dias.

André desligou.

///

A Sra. J. estava estudando um mapa de Curitiba e rabiscando planos nele quando viu João sair do banheiro. Eles estavam em um pequeno porão de uma casa abandonada, agora usado como base de planejamento e estratégia dos lobos na cidade. O local estava repleto de mapas e computadores. Do lado de fora, o caminhão estava estacionado e coberto por um lençol azul, como se fosse velho, e os outros lobos estavam escondidos lá dentro. Só Jéssica e Águia haviam saído e entrado na casa.

— Só pra te avisar, o capitão deixou você entrar. Você agora vai comandar a matilha 25.

— Você já tinha falado. Mas, e você?

— Eu comando a matilha 26. As duas usam o mesmo caminhão. Significa que vou ter que continuar te aguentando. — Ela suspirou quando ele se aproximou, perdendo o tom firme e imponente da voz.

— Você está bem?

— Só estou cansada. Não é nada demais. — Seu rosto estava corado.

— Fiquei pensando... Os lobos te chamam de Sra. J. Por quê? Você é jovem demais para ser chamada de senhora.

— Eu gosto de ser imponente. Ou pelo menos de parecer. Apesar de eu ter uma posição mais alta que minha irmã, ela é muito mais imponente que eu. Quando eu fiquei sabendo da morte do meu pai, chorei o dia todo, e ela não derramou uma lágrima... — Jéssica hesitou ao ver que estava falando demais. — Enfim, do que estou falando? Vamos, os lobos nos esperam. Vamos atacar alguns lugares juntos... Quer dizer, nossas matilhas juntas. Se precisar de ajuda eu te dou umas dicas.

— E depois dos ataques, o que eu faço?

— O caminhão vai pro QG. Pra um deles. Ou talvez vamos pro Rio. Não tenho muita certeza. Veja, vamos pra essa delegacia aqui, da Polícia Investigativa... Ah, e me chame de Jéssica. — Ela desenrolou um mapa e apontou para o lugar que iriam atacar em Curitiba.

///

André observava o computador holográfico, sentado em frente a uma escrivaninha na central do Delete. O som das centenas de teclas sendo apertadas ao mesmo tempo ecoava pelo enorme cômodo. O vice-ditador ignorou a barulheira e focou no que estava vendo no computador. Sites de notícias nacionais e internacionais, alguns restritos à população comum, exibiam os ataques conjuntos dos lobos e das máfias a diversos locais de diversas cidades. Mas ele queria ver apenas os ataques em prédios governamentais curitibanos. Apesar dos atentados terem tido sucesso considerável, os operadores do Delete já estavam detectando os indivíduos suspeitos e os deletando em uma velocidade impressionante. Além disso, a polícia estava contra-atacando brutalmente, acabando com várias das investidas. O mais importante era procurar Águia. Com gestos nos hologramas, André passou de site em site, até chegar em um que exibia as câmeras de uma delegacia da PI de Curitiba. Ela estava em chamas e um intenso tiroteio era transmitido ao vivo. A imagem de um lobo carregando um fuzil ao lado de uma mulher com máscara de lobo carregando duas submetralhadoras se destacava. André sabia quem eram. Os dois pareciam liderar esse ataque, e, apesar de terem conseguido destruir a delegacia, estavam sob fogo pesado. Em volta de André, os operadores do projeto Delete trabalhavam a todo vapor, deletando cada um dos lobos e terroristas

que podiam. Um robô com voz feminina na frente de um computador com várias telas informava as notícias em tempo real:

— “Temos 78 ataques registrados neste exato momento... O ataque na prefeitura de BH teve dois lobos, contagem total de deletados de hoje neste momento... 17 mil inimigos da nação deletados, mais 21 terroristas adicionados... Mais cinco ataques na lista, atacando os pontos de extração do Aquífero Guarani no sul do Paraná, foquem neles e nos ataques à usina de dessalinização 2B na província do Paraná...”

O relatório era contínuo. André pegou um copo de água e observou a tela, quando o operador ao seu lado exclamou:

— Sr. André, identificamos o lobo que você pediu. Ela é uma mulher. Analisando as informações cerebrais podemos saber que é provavelmente africana, 28 anos, sem nome conhecido. Está com alguns nanochips do Delete, instalados há cerca de doze dias, mas em um número bem menor do que pessoas comuns brasileiras. Ou ela come pouco...

— Ou tem produz a própria comida em algum lugar, o que seria completamente inviável pro porte físico dela. Verifique todas as localizações conhecidas rastreadas pelo chip. E não a delete, não por enquanto. Desative a função de deletar até eu dar segunda ordem.

André voltou a observar a tela. Um autoblindado disparou sobre a loba ao lado de Águia. Ela caiu pelo impacto, que lhe acertara no ombro. O professor rapidamente lançou uma granada, danificando severamente o autoblindado, e correu para salvá-la.

///

A visão de Jéssica estava embaçada pela fumaça. Um homem surgiu diante dela. A loba não conseguia pensar direito por conta da dor, e não conseguiu identificá-lo.

— Jéssica, você vai ficar bem! — O homem a olhava nos olhos, através da máscara de lobo. Era o professor Águia.

Ela tentou se levantar, mas cambaleou e caiu de cara no chão. Doía bastante. Era a primeira vez que levava um tiro, apesar de ter passado por vários combates e treinamentos para suportar a dor. O homem a levantou. Explosões, balas voando pelos lados. Ela jogou seu peso sobre ele e se segurou em seu ombro. Gotas de sangue manchavam sua roupa militar, escorrendo pela jaqueta e colete blindado.

Então, ela percebeu que eles estavam andando em direção a um veículo. Águia abriu a porta e a empurrou para dentro, enquanto gritos e tiros ecoavam por todos os lados. A Sra. J. olhou a janela à sua esquerda e só conseguiu ver lobos sendo fuzilados ou deletados, e o caminhão da equipe em chamas. No céu, entre as nuvens de poluição, voavam helicópteros do BOPE, lançando mísseis e carregando soldados, que desciam por cordas. Os prédios começaram a se movimentar. Ela divisou luzes e balas. O vidro da sua janela foi atingido por uma bala perdida, que passou sem tocá-la. Em seguida, ela respirou, fechou os olhos e apagou.

///

André olhava a tela holográfica. Ela mostrava imagens aéreas via satélite monitorando a localização dos chips da loba e de Águia. Eles estavam em um veículo em alta velocidade, correndo pela cidade caótica. Olhou para o operador ao seu lado, que calmamente analisava notícias e mapas, verificava antecedentes criminais, fichas, identidades, nomes e rostos, e então deletava algumas dezenas de pessoas, uma por uma.

— Ei, procura alguma câmera em Curitiba. Quero ver em qual carro eles estão. — ordenou o vice-ditador. O agente ao seu lado rapidamente mostrou imagens da câmera de segurança de um posto de gasolina em tempo real. Um carro moderno comum cruzava uma rodovia em altíssima velocidade.

— É uma caminhonete High Lux 2050. Esse carro é muito rápido, vai ser difícil acompanhar — informou o operador, em voz baixa. André contemplou as telas holográficas, pensativo, enquanto o som das centenas de teclas sendo apertadas ecoava pelo local.

— Ele está entrando em São José dos Pinhais. É o aeroporto. Liberem a entrada. E providenciem um helicóptero para eles.

— Senhor... se abirmos, um monte de lobos pode entrar!

— Obedece, porra!

///

Águia já ia se aproximando com o carro pronto para bater na grade e tentar arrebatá-la, quando um segurança simplesmente abriu o portão. Ele entrou acelerado, sem pensar muito. Havia muitos guardas rondando o local, mas ninguém atirou contra o carro, e dessa vez o professor prestou atenção. Ou André estava vigiando-o ou ele estava com muita sorte. Olhou para Jéssica, desmaiada no banco de trás e ferida. Já havia parado de

sangrar. O tiro não havia acertado artérias. O professor dirigiu até um helicóptero pousado e convenientemente com as portas abertas. Ele saltou do carro, retirou sua aliada, e a colocou no banco de passageiro da aeronave.

///

— “Agora são 23:57 no horário de São Paulo. Cerca de 18 mil terroristas e 5.200 traficantes de água foram deletados pelas estimativas da PM, mas nos disseram que podem ser mais, pois os dados oficiais não foram calculados ainda. Nos atentados de hoje atribuídos aos lobos, cerca de cinquenta prédios do governo foram atacados, seis deles completamente destruídos. O vice-ditador se manifestou e disse qu...”

Águia mudou de rádio, sintonizando em música clássica. Gotas de chuva respingavam no helicóptero, cercado por um breu total. Ele olhou para uma bandeja no chão. Ali, uma pinça, esparadrapos, e uma bala ensanguentada estavam jogados. Cerca de duas horas atrás, ela havia acordado, dito para onde ir, arrancado a bala sozinha e voltado a dormir, tudo em trinta minutos. A Sra. J. era forte. Talvez até mais forte que ele. E ela disse que aquela tinha sido a primeira vez em que foi baleada.

Quando ele foi baleado pela primeira vez, quando tentou reagir a um assalto em 2046, desmaiou em menos de três segundos, caiu no chão, bateu a cabeça e ficou um mês em coma. O professor observou o Rio de Janeiro através das janelas do helicóptero. Seus enormes prédios e edifícios, alguns em construção. A água que alagara a cidade praticamente toda. Favelas, a maior parte abandonada ou em ruínas. Ao se aproximar mais, conseguiu distinguir a fumaça da escuridão natural da noite. Vários pontos da cidade estavam em chamas, o fogo estava sendo apagado por barcos e helicópteros de bombeiros. Parecia que tinha havido uma guerra ali. Ele preparou o helicóptero para pousar, exatamente como os treinamentos dos capelães haviam lhe ensinado mais de um ano antes. Entre a fumaça, podia divisar a estátua de Dan sendo construída, no topo da estrutura de um mega-edifício luxuoso ainda em construção, o Prime, “substituto” do Barra3. Águia já sabia da estátua e do novo prédio, mas ver aquela atrocidade com seus próprios olhos era muito pior, talvez até nojento. Já o velho Barra3 estava jogado na água, entre as ruínas da antiga cidade. Em cima das antigas

paredes do velho prédio, uma pista de pouso improvisada havia sido montada, delimitada por grafite e luzes de natal. Águia pousou e respirou fundo. Alguns homens com máscaras de lobos rodearam o helicóptero com armas em punho. João se ajeitou, colocou a sua máscara de lobo e abriu a porta da aeronave.

///27/03/2056

Águia deixou um copo de água na cabeceira ao lado da cama da Sra. J. Ele olhou o relógio. Marcava 01:03. Ela o encarou.

— Obrigada... mas eu não preciso mais ser salva.

— Eu te salvei lá atrás. Queria me certificar de que você estava bem aqui.

Ela o observou.

— Tem um jeito melhor de você verificar se estou realmente bem.

— Acho que você talvez devesse descansar...

Antes que ele pudesse terminar de falar, ela o puxou para a cama.

///

Ele se levantou, no quarto-cofre de Jéssica. Olhou para o lado. Ela ainda estava dormindo, debaixo do edredom, nua. O professor pegou suas calças no chão. Estavam vibrando. Ele prontamente verificou. Era o comunicador. André. Águia respirou fundo e atendeu, falando baixo para não acordar a Sra. J.

— Até que enfim você atendeu, Sr. Águia! Então... estamos rastreando vocês... E vocês estão mesmo na favela no Barra3?

— Sim... Aqui tem uma base dos lobos.

— Hum... Ótimo, ótimo. Você está em que lugar dela?

— No quarto de uma das líderes dos lobos.

— Hã... Quando eu falei para você se infiltrar não precisava ser tanto assim, Sr. Águia.

— Vai se foder, André.

— Enfim, procura, aí deve ter uma lista das localizações, mapa, computador, algo assim. Manda pra cá. Rápido.

— Tá bom. Tá bom. Mas este é meu último serviço para você.

— Errado, Sr. Águia. Te libertaremos quando o último lobo estiver morto.

Águia engasgou ao ouvir aquilo, e olhou para Jéssica.

— Você não precisa matá-los... Você pode apenas...

— Está falando para poupar esses assassinos? Acorde, Sr. Águia. Veja o que eles fizeram ontem. Milhares de pessoas estão sem água. Eles estão ameaçando matar a Grande São Paulo. Inteira. E você está com pena?

— Hã... está bem. Você tem razão. Mas assim que... assim que eles estiverem m-mortos eu paro de trabalhar pra você.

Águia desligou e observou Jéssica dormir pacificamente. Ele não podia salvá-la. E também não se via capaz de matá-la.

///

A Líder JC e o capitão caminhavam lado a lado pelo hangar da base secreta na Chapada Diamantina. Todo o espaço estava sendo ocupado por um enorme caça. Ao lado dele, a bomba química estava sendo colocada em um amplificador de efeitos. Aquilo espalharia o gás em uma velocidade até oito vezes mais rápida que o normal. Alguns cientistas com máscaras de gás com detalhes de lobos se aproximaram.

— Líder JC, o gás Zyklon-B V.4 está pronto e matará todo mundo que o inalar em no máximo três minutos. Além disso, ele penetra as máscaras de gás e a pele, então não haverá sobreviventes como nos gases de Tóquio.

— Ótimo. Vocês estão dispensados.

— Líder JC, lembre nossos soldados: quero a bomba pronta para ser lançada às dez horas da manhã do dia 1º — alertou o capitão, ao lado dela.

///28/03/2056

— Atenção, soldados. Em dois dias, faremos uma operação colossal para destruir os quartéis-generais dos lobos. Estaremos sob estreita vigilância do nosso vice-ditador em pessoa, então falhar não é uma opção. Estamos entendidos?! — perguntou o comandante-geral nacional do BOPE escolhido especificamente por André para aquela operação, falando em alto-falantes.

Todos os soldados bateram continência. Uma parcela gigantesca da polícia do Sul e Sudeste estava ali, preparando-se para enfrentar os lobos pela uma última vez. Atrás das enormes fileiras de milhares de homens, dezenas de autoblindados, caças e tanques de guerra eram abastecidos e calibrados para o confronto. A Base Roquefort não ficava tão cheia fazia muito tempo

///

Águia se sentou na parede agora horizontal de sua antiga sala de aula. O local estava totalmente devastado. Ele contemplou seus arredores. As carteiras jogadas. Rabiscos e rachaduras nas paredes. O quadro negro largado no chão. E nele havia uma mensagem.

Está vendo como investigar a morte de Samuel não serviu de nada, professor? Você só destruiu a sua vida. E eu destruí a Ordem Vermelha e o decadente Barra3. Daqui a cinquenta anos vão olhar minha estátua e o meu novo edifício. E eu e minha filha estaremos rindo de você.

~Dan N.

Aquilo foi um soco no estômago, mas Águia podia provar seu valor. Ele sabia que podia. Não iria falhar novamente, como em Tiradentes. Não iria permitir que mais pessoas próximas a ele morressem. Olhou de novo o mural. Estava vazio.

///

Depois de almoçar no refeitório, ele voltou para o quarto-cofre. O guarda na porta o cumprimentou:

— Olá professor. A Sra. J. saiu, mas ela mandou avisar que volta amanhã de manhã.

— Ela está melhor?

O guarda apenas assentiu e não disse mais nada.

///

A Sra. J se sentou na poltrona daquela pequena, porém exuberante sala. No meio, havia uma mesinha que apoiava uma garrafa de água e um tabuleiro de xadrez. Atrás, do outro lado da mesinha, uma poltrona mais

confortável e decorada estava sendo ocupada por Saladin Ribä. Ele colocou um copo na mesa, fitou a moça e a serviu de água.

— Sra. J... Sra. J... Faltar apenas dois dias para grande bombardeio. Você estar com tudo pronto? — perguntou o chefe do tráfico.

— Sim... estou.

— Bom, antes de mais qualquer nada, talvez você gostar de saber que minhas agentes descobriram um espião dentro da sua organização, talking to próprio vice-ditador outra dia. Quero que não me afetar, então por favor, investiga. Talvez tenha entrado algum membro novo ou algo assim.

///

Usando o uniforme único do chefe dos lobos e o quepe de capitão do Clemente, Tomás observava as enormes telas holográficas do seu quarto na base secreta dos lobos na Chapada Diamantina. Os hologramas exibiam imagens de metrópoles por todo o Sudeste e Sul, arrasadas pelos ataques dos lobos. Ele se ajeitou em sua poltrona e tomou um copo de água, enquanto observava os programas de notícias. Mais um noticiário acabou, e os créditos do jornal apareceram sob a empolgante música de fundo. O ex-escravo se levantou da cadeira, com o copo ainda na mão, e caminhou até o canto do quarto, onde havia uma pequena janela, de onde observou a magnífica chapada. Sua mão começou a tremer, e o copo caiu no chão, derramando o líquido para todos os lados. Fazia muito tempo que não matava. Tomás precisava matar.

///29/03/2056

Águia estava dormindo em um banco público em um dos cortiços improvisados do antigo Barra3 quando foi despertado bruscamente por dois lobos com o dobro de seu tamanho e fortemente armados.

— Professor Águia, venha conosco, por favor — disse um deles, de forma calma, porém severa.

João se levantou, assustado pela abordagem súbita e ainda com um pouco de sono. Devido à sua experiência em ser capturado por forças armadas e perigosas, ele decidiu não questionar e apenas foi escoltado pelos lobos até uma sala de interrogatório improvisada em um dos andares restantes do antigo edifício. O professor foi colocado em uma cadeira e algemado à mesa. No canto da sala havia espelhos e uma mesa com várias ferramentas afiadas e um desfibrilador. Os dois lobos se posicionaram no canto, e um homem de jaleco que aparentava uns 40 e poucos anos entrou, com sua máscara de lobo pendurada no pescoço, revelando um rosto cansado e barba por fazer de pelo menos uma semana. Ele se sentou na cadeira em frente à Águia, respirou fundo, acendeu um baseado e começou a sessão.

— Imagino que saiba por que está aqui — disse o interrogador, enquanto tragava.

— Na verdade não. Por que estou aqui?

— Bom... — o lobo ergueu um comunicador portátil do exército. O que Águia estava usando para falar com André.

— Eu... eu...

Antes que o professor pudesse dizer qualquer coisa, a porta da sala se abriu, revelando a Sra. J. com uma expressão de ódio profundo no rosto.

— Você me usou, seu filho de uma cachorra! Eu confiei em você e você faz isso?! — Ela apontou um revólver para a cabeça de Águia, que olhava para ela como quem implora por misericórdia.

— Jéssica! Não faça isso! Eu fui forçado!

A Sra. J. puxou o gatilho. A arma fez um estalo, mas não disparou.

— A arma falhou... — comentou um dos lobos, estatizando o óbvio. Águia levantou os braços, agitado, e gritou antes que ela atirasse de novo.

— Eu posso te levar até o QG deles! Não atira!

— O Supremo Palácio? — perguntou o interrogador.

— Não! A maior base deles é secreta, lá fica o Delete! Está em Brasília, embaixo da Praça dos Três Poderes!

— O Inferno? Achei que fosse uma lenda — comentou a Sra. J.

— É real. Eu estive lá. Mas nem mesmo vocês vão conseguir entrar apenas invadindo.

— Podemos soltar a arma química em São Paulo e invadir o Delete ao mesmo tempo se for verdade...

— Porra, é uma armadilha. Você não vai acreditar nesse X9, vai? — perguntou o interrogador.

— É nossa única chance. Livrem-se desse merda — ordenou Jéssica, enquanto saía da sala.

— NÃO! Jéssica, eu te am... — Dois lobos o agarraram pelos ombros e colocaram um saco preto em sua cabeça.

///

Saladin se ajeitou em sua mesa de escritório, enquanto acendia um charuto. Ele verificou o relógio. Já era meio-dia e meia. Subitamente, seus capangas abriram a porta, e um homem com um turbante e um terno branco entrou.

— Malik... O que você veio fazer aqui? — perguntou o líder da organização criminosa.

— Sobraram poucos de nós desde que o Caçador matou nossos irmãos — comentou Malik, em árabe, em seguida acomodando-se em um sofá no canto da sala.

— Nosso pai não foi muito inteligente em ter tantos filhos enquanto criava rios de dinheiro para si mesmo.

— Talvez ele quisesse ver quem seria o mais forte para herdar tudo.

— O Caçador e o mercado negro foram os mais fortes. Não é culpa minha que você não conseguiu prosperar sem muletas paternas.

— Talvez uma muleta irmã poderia me ajudar.

— Você não é o primeiro Ribã que vem aqui pedir ajuda pra encontrar trabalho, e nem será o último. Mas pra todos a resposta será não. Você me mataria para ficar com o dinheiro ou o meu título.

— Título?

— Você não tem ideia do que está para acontecer, meu irmão. — Saladin apagou o charuto na mesa. — Até mais, Malik. Que Alá esteja convosco.

— Você sabe que eu não sou muçulmano. E sabe que se morrer tudo virá para mim.

— Então, que o Diabo esteja convosco.

Os seguranças retiraram Malik da sala à força.

///

A Líder JC se apoiou na pequena janela de sua base, observando a enorme chapada. Ela contemplou o horizonte, quando um seu celular soou. Ela ergueu o dispositivo, que exibiu uma tela holográfica mostrando que já eram seis horas e que havia alguém mandando mensagens, a Sra. J.

um X9 passou informação pra polícia

— O que aconteceu, Jéssica? — ela perguntou, apreensiva.

— O Águia tá trabalhando pro exército. Eles sabem onde ficam a nossa base principal. E todas as outras provavelmente.

— Mas não têm onde colocar os aviões! Estamos muito em cima da hora.

— Então, vamos evacuar as bases menores e fortificar as maiores. Além disso, o Inferno é real.

— O quê?! — Ela tremeu de surpresa. Saber onde estava a base secreta mais importante do país era muito bom e surpreendente ao mesmo tempo. Mas invadi-la seria um fardo horrível.

— Você sabe que temos que fazer isso. É pela nossa causa. Pelo poder que teremos. Se armarmos nuclearmente e industrializarmos de vez o país, seremos uma das nações mais poderosas do mundo. E imagine o lucro que teremos com a venda de água...

— Já acabou, Jéssica?! Temos assuntos importantes para falar agora. O futuro do país está em jogo. — gritou a Líder JC, irritada, enquanto andava em direção ao hangar. De repente, ela avistou um líquido vermelho saindo de debaixo de uma porta perto do hangar e encerrou a ligação.

Caminhou lentamente até o estranho líquido, ouviu um barulho metálico forte e caiu no chão inconsciente.

///

Águia acordou amarrado em uma tora de madeira em meio ao mar de uma das ruas cariocas cobertas por água poluída. A maré havia começado a subir, e o imundo mar já chegava-lhe ao peito.

— Ei... ei! Alguém! — gritou, desesperado. Perto dele, uma bandeira rasgada exibindo a marca dos lobos flutuava na água.

///

O prisioneiro marcou um risco na parede. Do lado de fora de sua cela de vidro e barras metálicas, estava Yago, comandante da Polícia Investigativa. O policial estava sentado em frente a uma pequena mesa de plástico, saboreando um delicioso prato de arroz, feijão e bife a cavalo.

— E então, Keller? Vai falar alguma coisa ou vai continuar resistindo? — perguntou.

Keller respirou fundo, enquanto finalizava o riscado.

— Quatrocentos e cinquenta e oito, Yago.

— Cinquenta e nove. Faltam só duas horas para meia-noite.

Keller se sentou no chão de sua solitária e se encostou na parede, em cima dos farrapos que chamava de cama.

— Muita coisa pode acontecer em duas horas.

Yago engoliu outro garfada de comida e olhou para a cela novamente.

— Muita coisa pode começar até meia noite, mas a maior parte delas só termina no dia seguinte. Agora... — o policial mostrou um panfleto com a figura de um lobo.

— Os terroristas? — indagou o prisioneiro.

— Sabe algo sobre eles?

Keller se pôs a pensar.

— Na verdade, não.

— Eles têm bases por todo o Brasil, mas muitas estão concentradas no Rio. Por exemplo, nas ruínas do Barra3. Eles têm apoio do tráfico, e são extremamente perigosos.

— E?

— E achamos muito suspeito a maior parte dos terroristas morar na cidade do estado que foi por muito tempo governado por um homem tão corrupto.

Keller deu uma risadinha.

— Eu me vendi pro Saratov. Não pra lobos ou cães ou seja lá o que for essa porra.

— Acho que te subestimei... — Yago terminou sua refeição e se levantou. — Você não é capaz de controlar nem um síndico psicopata, imagine negociar com milhares de terroristas?

— Eles só são terroristas se vocês vencerem.

— Logo serão pó e cadáveres.

///30/03/2056

André acordou no início da manhã, levantou-se da cama e caminhou até o banheiro. Por debaixo da cortina das vidraças de seu apartamento de luxo, os primeiros raios do sol que não eram barrados por poluição invadiam o quarto. Olhou-se no espelho. Estava cansado. Não havia dormido direito nos últimos dias, a ameaça de morte feita pelo seu líder sempre lhe vinha à cabeça. Ele se esforçava para agradar os ricos e poderosos e suprimir revoltas com brutalidade, mas esse modelo de governo era obviamente impopular demais para ser implementado funcionalmente. Apenas o Delete poderia resolver o problema. Apesar de tudo, ainda restavam poucos criminosos e terroristas, que não tinham chips em seu corpo. André lavou o rosto e começou a escovar os dentes. Hoje ele eliminaria de vez os lobos e Águia. Sem Capelas, sem lobos, sem Águias, sem Caçadores e sem tráfico de água. O leão do sistema fascista finalmente provaria que pode triunfar, pelo menos uma vez, e comer seus inimigos. Ele fez a barba e vestiu seu terno branco oficial, com o losango amarelo e círculo branco no meio. Seu telefone tocou. Ele prontamente atendeu.

— Sim. Podem começar — disse enquanto penteava o cabelo e colocava o óculos.

///

Os mendigos e pessoas miseráveis que moravam no que restou do Barra3 foram despertados bruscamente, com centenas de tiros sendo ouvidos por todo lado. Todos se levantaram e começaram a correr desesperadamente, enquanto policiais e robôs de combate entravam por buracos no teto, paredes destruídas e janelas quebradas atirando para todos os lados e fuzilando tudo e todos. Ao mesmo tempo em que os policiais e robôs massacravam tudo o que viam, dezenas dos moradores eram deletados sistematicamente pelos operadores do Delete. De repente, um soldado do BOPE viu o que pareciam ser cabos jogados pelo chão.

///

— Atenção, base, ataque começado com sucesso. Cento e cinquenta agentes já entraram. O Delete já relatou 413 deletados nos últimos minutos, e contando — informou o piloto do helicóptero, enquanto soldados do BOPE, andróides de combate e policiais militares embarcados desciam de rapel para o prédio.

— Base falando! Previsão de tomada do local-alvo? — chamou algum operador no rádio.

— Entre oito e doze minutos. Não encontramos resistência significativa. Pra falar a verdade, não encontramos resistência nenhu...

De repente, uma enorme explosão sacudiu todo o espaço aéreo e terrestre, jogando água e destroços para todos os lados. O piloto lutou com todas as suas forças para manter o helicóptero no ar, que chocou sua hélice traseira em uma parede de concreto do Barra2 ao ser afastado bruscamente do local pela explosão.

— Falcão 1, está tudo bem? — chamou a base no rádio, com interferência forte.

O piloto estabilizou o helicóptero e o deixou no ar, enquanto respirava fundo. Um de seus tímpanos havia estourado, e seu ombro havia sofrido leves cortes por conta de alguns cacos de vidro. Ao seu lado, o copiloto jazia com uma enorme barra de ferro enfiada em seu pescoço.

— Falcão 1?! — chamou a base no rádio novamente. O piloto agarrou o microfone.

— O local-alvo explodiu. Chamem bombeiros, por favor. Vou tentar baixar para ver se há sobreviventes.

///

A Sra. J. se acomodou em seu quarto-cofre, com vários lobos armados ao seu redor. Assim que ouviu a explosão, ela e seus comparsas abriram a porta do cofre, saíram e procuraram corpos de soldados do BOPE com armaduras ainda funcionais.

///

— Base, encontrei um grupo de sobreviventes — informou o piloto, apertando o botão que fazia as cordas descenderem e a porta de carga abrir. No chão, entre fogo e destroços, um grupo de soldados do BOPE encharcados de sujeira e sangue acenavam por ajuda. Quando as cordas alcançaram o chão, os militares se agarraram à elas e foram içados, enquanto um médico dentro do veículo se prontificava a atendê-los. Esses mesmos soldados feridos jogaram o médico do veículo voador e foram até a cabine do piloto, atirando-lhe na cabeça antes mesmo que ele pudesse implorar por misericórdia. A Sra. J. tirou o corpo do coitado da cadeira e se sentou no lugar dele.

— Hoje começa algo glorioso, matilha — anunciou aos seus colegas, enquanto ganhava altitude com o helicóptero.

///

Águia ainda estava amarrado na tora à deriva quando ouviu tiros, gritos e helicópteros atrás dele. Ele sabia que algo bem anormal estava acontecendo, e que era apenas questão de tempo até que um policial visse seu uniforme de lobo e o fuzilasse. Ou o deixasse para morrer afogado. De qualquer jeito, ele morreria.

Então, algo inesperado aconteceu. Uma explosão colossal abalou todo o ambiente, espalhando calor, barulho, muita água, destroços e uma intensa onda de choque. Quando se deu conta, o professor estava sendo lançado para o alto junto com a tora, a muitos metros de altura. Ele pôde ver alguns helicópteros policiais tentando atirar nele, sem sucesso. Ela estava em rota de colisão com uma vidraça de algum prédio, e logo ouviu um estrondo e sentiu vários cacos arranhando sua pele. Havia sido jogado em um corredor de mega-edifício quase ileso, exceto pelas várias pancadas e arranhões. A corda que o prendia havia se rasgado no choque. João se levantou entre o vidro e os pedaços de madeira, com sangue e pus escorrendo de suas feridas. O corredor estava vazio, a não ser pela presença de algumas pessoas caminhando e outras usando seus celulares holográficos e ignorando a bagunça. Ele se levantou e começou a caminhar calmamente, mancando um pouco.

///

A Líder JC acordou com o som de um pesadíssimo Death Metal ecoando pela sala. Ela vasculhou os arredores. Suas mãos estavam amarradas por correntes enferrujadas. À sua volta estavam 29 cabeças. Quase todos os lobos da base estavam ali, decapitados. Ela conteve seus sentimentos e evitou o pavor ou a repulsa. O chão estava coberto por uma enorme poça de sangue, onde um intestino delgado cortado flutuava. Tomás arrastava outro corpo para dentro do pequeno quarto escuro quando viu que os olhos da líder emitiam brilho.

— Filho da puta! — gritou ela enquanto se balançava freneticamente. O assassino apenas riu e continuou a arrastar.

— Você não sabe por que está aqui, né?

— Por que você fez isso, capitão? Por quê?! Eu vou te matar!

— Baixa a bolinha, vadia. Na posição que você tá você não pode falar nada! — Ele apontou para o rosto dela, que revidou mordendo com força o dedo de Tomás, que recuou.

— Você não entende, JC... Isso é o meu legado. Isso é a minha obra. Você deveria se orgulhar de fazer parte!

— Quando eu me soltar eu vou te matar! Eu vou te espancar até...

Antes que ela pudesse continuar com as ameaças, Tomás atirou no meio de sua caixa torácica, de onde logo começaram a vazar litros de sangue. A mulher reprimiu a dor e o encarou.

— Por quê?

Ele riu ao ouvir a pergunta.

— Foda-se! Porque eu posso! Você não entende, eu faço isso porque eu posso! Porque eu quero! — Ele ria, em uma agitação frenética, enquanto atirava de novo e de novo. — Eu não preciso de um motivo. Eu só quero e vou fazer isso, cara Líder JC. E assim que eu matar todo mundo que sobrou nessa espelunca, eu vou subir naquele caça, destruir o máximo de cidades que puder e então tacar a bomba em São Paulo. E se porventura eu ainda estiver vivo até lá, vou achar a central do Delete, e sim, aí sim vocês todos vão ver!

Ela o olhou com raiva até seus últimos segundos de vida.

///

A Sra. J. sintonizou-se com o grupo de comunicações dos lobos. Vozes pedindo socorro e reforços vinham de todas as bases, exceto das do Nordeste e do Norte. A polícia, o Delete e o BOPE estavam rapidamente reduzindo as forças terroristas a nada. Parecia ser um ataque em conjunto a todos os lobos em todo o Brasil, muito bem orquestrado. Ela respirou fundo e continuou pilotando o helicóptero, enquanto esperava o pior. Com ela estavam treze lobos fortemente armados e equipados, talvez os últimos.

///

Saladin foi acordado às 7:35 da manhã pelos seus seguranças. A Sra. J. entrou no quarto, com uma armadura mecanizada do BOPE altamente protegida, mas chamuscada e coberta de sangue. Em seu rosto havia uma expressão claríssima de raiva e impaciência.

— Sabemos onde fica a central do Delete — disse ela, imponente. Os olhos de Saladin brilharam. — Estamos sob ataque. Nossa força foi

reduzida para apenas eu e mais treze lobos no sudeste. O Norte e o Nordeste foram os únicos lugares que não sofreram ataques ainda... ainda.

— Eles não estarão esperando um ataque agora... é o momento ideal.
— Ele pegou o telefone. — Rapazes... preparem os soldados para atacar Brasília. O Brasil logo será nosso.

///

Águia correu até o primeiro telefone público que viu e começou a discar impacientemente.

— Anda... atende... — Ele chutava o chão. Uma voz feminina respondeu.

— Alô?

— Maria, sou eu, João, seu amigo... Eu sei que é difícil ou talvez impossível, mas saia da cidade e fuja. Talvez até do estado, só saia daí!

— Por quê? O que tá acontecendo?!

— Os lobos vão matar você se ficar. Vão matar todos que ficarem. Só eu posso salvar vocês, e acho que abrirei mão da minha vida por isso. Eu estou solto novamente. Poderia ter fugido ou me escondido, mas vou tentar detê-los. Boa sorte, Maria.

— Mas, o quê?! Como vai fazer isso...

Águia desligou o telefone e saiu andando sem rumo. Só tinha dinheiro para uma ligação em telefone público, e havia acabado de usá-lo para salvar sua amiga. Teria de improvisar para alertar André. Quando avistou um policial militar de baixa patente, correu em direção do mesmo e o estapeou. O oficial respondeu com um golpe de cassetete elétrico na nuca.

///

Tomás olhou o avião onde a arma química estava. Os poucos dias que passara na base foram o suficiente para aprender a manejar o piloto automático dos aviões modernos. Em apenas algumas horas a grande São Paulo inteira estaria morta. Sonhos e esperanças, vidas e amores. Tudo seria esmagado pelas suas mãos. Tomás era um Deus agora. Escalou calmamente o caça dos lobos e se ajeitou na cabine de comando. Seus dedos ativaram o GPS e ligaram o rádio, sintonizando na estação que tocava heavy metal.

— “*The evil that men do!*”

Tomás sorriu enquanto ligava o motor.

///

Águia acordou na delegacia, amarrado a uma cadeira em frente à mesa de interrogatório. Ele já estava acostumado com isso. Um policial militar acendeu um charuto cubano e o encarou.

— São Paulo está prestes a ir pelos ares, oficial. Você precisa avisar o vice-ditador — avisou Águia, desesperado.

— O quê? Tá maluco? — O policial riu.

— Se São Paulo explodir e descobrirem que você não fez nada, a culpa vai ser sua. Eu tenho o número dele, só me dá o telefone.

///

André estava tomando seu café da manhã, quando ouviu o seu telefone tocar. Calmamente, parou a conversa com seus companheiros e atendeu.

— Alô?

— André, sou eu, o Águia... Escuta com atenção. Os lobos estão prestes a soltar uma bomba química sobre São Paulo. Todo o estado, quer dizer, a província vai morrer. Você precisa deslocar toda a aeronáutica pra SP!

— Sr. Águia, você tem certeza? Todas as bases deles perto de São Paulo foram atacadas. E as outras não são tão importantes assim a ponto de terem um avião. A não ser aquela lá naquele aeroporto abandonado de Rio Branco e a antiga central de inteligência republicana na Chapada Diamantina.

— Por favor! Eles vão matar todo mundo! Você precisa salvar São Paulo, André! — implorou Águia.

— Tá bom, Sr. Águia. Mas se nenhum avião ou helicóptero suspeito aparecer no espaço aéreo até amanhã eu vou mandar os caças de volta pro fronte na Amazônia. — disse André, bufando.

João respirou aliviado e desligou o telefone. O policial em frente a ele terminou o charuto e colocou em um cinzeiro.

— E aí? Era isso?

— Claro! Acabamos de salvar uma megalópole!

— Que bosta.

O PM se levantou e saiu da sala, deixando o professor algemado lá dentro. Pelo menos havia uma televisão digital na parede transmitindo

notícias.

///

André continuou seu café da manhã, despreocupado. Não acreditava que os lobos pudessem continuar sendo um perigo tão significativo. Mesmo com que o professor havia dito. Alguns membros do governo se sentaram com ele para conversar. Yago tomava um chá encostado no vidro do tanque de água no meio do salão do restaurante.

— Vamos, André, vamos perder o leão comendo mais gente se demormos mais! — chamou um deles.

— Aquele leão foi a coisa mais criativa e mais idiota que instalamos no Inferno. Ainda bem que alimentá-lo com prisioneiros não custa nada — comentou André.

— Bem que a gente podia colocar uma onça-pintada lá também e...

De repente, o local todo começou a balançar e as luzes piscaram por breves segundos. André olhou para Yago, que imediatamente compreendeu o que deveria fazer. O chefe da Polícia Investigativa saiu do restaurante correndo, entrou no elevador já ocupado por um pequeno grupo de soldados assustados. Apertou o botão da central de segurança, e esperou o elevador chegar. Na subida, as luzes piscaram pelo menos mais duas vezes. Quando as portas abriram, ele avançou sala adentro, já tirando a arma do coldre. Um vasto e desorganizado grupo de soldados do BOPE estava teclando em computadores e executando protocolos de defesa. O comandante de segurança estava correndo pela sala carregando um cartão e uma chave quando Yago o parou.

— André quer saber o que está acontecendo! — gritou Yago, para que as sirenes de emergência não silenciassem sua voz. O comandante respondeu gritando:

— Ah, estamos nos preparando para um passeio na merda do parque, não vê?! Olha as câmeras, porra! — O chefe voltou a correr, enquanto Yago olhava impressionado o enorme visor holográfico das câmeras de segurança.

Havia muitos caminhões se aproximando, e muitas pessoas usando roupas típicas de traficantes, enquanto atiravam com lançadores de mísseis e granadas contra as ruínas do Congresso Nacional. Yago pegou seu telefone e ligou para pedir o máximo de reforços possível. Um imponente tanque de guerra americano com símbolos árabes se aproximava lentamente.

///

A Sra. J. abriu a escotilha do tanque e observou as ruínas. Ali, onde foi a Praça dos Três Poderes, estava a central do Sistema Delete, escondida em uma imensa fortificação subterrânea. Se ela pudesse colocar suas mãos naquilo... Seu poder seria ilimitado. Todos os 290 milhões de brasileiros estariam sob o seu domínio. Ela entrou de novo no veículo e se acomodou em uma dos bancos, junto dos últimos treze lobos sob seu comando. Um deles apontou o canhão para as ruínas do Palácio da Justiça e em seguida disparou, explodindo as paredes. Uma porta de titânio relativamente recente foi revelada com a explosão. Todos os invasores pararam de atirar e se dirigiram para a porta.

///

Tomás estava pilotando seu avião mais feliz do que nunca. Em breve, toda a São Paulo seria destruída, e em seguida ele comandaria os lobos restantes para procurar a central do Delete. Assim que colocasse suas mãos lá, apagaria todos que pudesse do Brasil. Ele vomitou novamente por conta da hipervelocidade e voltou a rir, enquanto o caça se aproximava cada vez mais de seu destino. Observou o radar. Estava passando perto do Rio. Talvez pudesse se divertir um pouco.

///

Um esquadrão de seis caças da FAB estava patrulhando o espaço aéreo do Sudeste, assim como ordenado pelo vice-ditador, quando o líder recebeu uma ligação no rádio.

— Águia-334 responda! — ordenou a base.

— Águia-334 aqui, câmbio.

— Abandone suas funções atuais, código-666, câmbio. Vão para a velha Brasília o mais rápido possível, muitos inimigos lá.

— Certo, central, mudando rota para Brasília, previsão de chegada em torno de 30 a 45 minutos.

///

O professor continuava algemado, observando enquanto a televisão mostrava imagens do novíssimo restaurante gourmet que estava sendo inaugurado no Corcovado, ao lado do lugar em que ficava o Cristo Redentor antes dele ser explodido por um projétil acidental na Guerra Civil, quando um caça passou a toda velocidade ao vivo atirando contra o local. O repórter e a câmera recuaram enquanto metade do restaurante desabava e dezenas de pessoas corriam e gritavam. A câmera ainda conseguiu captar o avião dando uma volta e atirando contra os enormes prédios cariocas antes de a transmissão ser cortada. Águia tentou se levantar, desesperado, mas as algemas o prenderam à mesa.

— Ei! Alguém faz alguma coisa! — gritou, mas ninguém veio socorrê-lo.

Podia ouvir o enorme barulho das turbinas do caça voando do lado de fora, compartilhando o ar com gritos, disparos e explosões. Então, o ruído se aproximou ainda mais, e uma explosão sacudiu a delegacia. As luzes apagaram, e a tevê caiu no chão, se espatifando. Ouviu o caça dar mais voltas, alguma estrutura enorme sendo derrubada, e então o avião se aproximou de novo. De repente, ouviu tiros e logo sua visão ficou preta e seus ouvidos só captavam estática. Quando abriu os olhos estava jogado no canto da sala. Um pedaço de madeira estava preso em seu braço, que sangrava, mas a aljava havia se rompido. Toda a sala de interrogatório estava em chamas, paredes haviam sido derrubadas, e ele já podia sentir o ar poluído e a luz e calor do sol entrando no local.

Águia se levantou com dificuldade, passou pelo corpo do policial e vasculhou os arredores. Havia um enorme buraco onde antes deveria estar a parede daquele andar, de onde podia ver boa parte do Rio de Janeiro. As ruas cobertas de água, as montanhas, as ruínas do Barra 3, os enormes prédios. E claro, o caça explodindo tudo ao seu redor. Vários dos prédios estavam em chamas ou com enormes buracos, nada grande o suficiente para derrubá-los, mas capazes de deixar um estrago tremendo e tirar centenas de vidas. Seja lá quem estivesse no caça, era muito mais cruel que qualquer lobo ou policial. Águia pôde ver a aeronave vindo em direção ao prédio em que estava mais uma vez. Tudo ficou em câmera lenta. Ele viu os olhos do piloto atrás do vidro da cabine do avião. Eram olhos de ódio e raiva, e ao mesmo tempo um êxtase quase sexual. O piloto também viu os olhos de

João. Olhos assustados, cansados e tristes, mas dispostos a muito mais, antes de finalmente se fecharem, talvez por uma noite ou talvez para sempre. O tempo continuava lento. A mão do piloto pressionou o gatilho. Balas saíram das metralhadoras do caça. Águia apenas respirou fundo e observou os tiros se aproximando. Ele já tinha desistido de ser o herói duas ou três vezes antes, mas, daquela vez, era como enfrentar a personificação de tudo contra o que ele sempre lutou. Águia viu o trauma, violento e vivo nos olhos do piloto. João já ia se oferecer para ajudá-lo a superar, quando sentiu o primeiro tiro atravessando sua perna esquerda. Em seguida, as balas perfuraram a direita, e logo um ombro. O impacto o jogou violentamente para trás. Ele bateu na parede e deixou um pequeno rastro de sangue. João respirou pela boca, enquanto finas linhas de sangue escorriam pelo seu rosto. Em sua turva visão, Gabriel se aproximava. Ele estava com roupas brancas e uma pequena toalha clara em volta do pescoço.

— Vamos, Águia. Está na hora de partir.

João quase chorou ao ver seu amigo novamente.

— Gabriel... desculpa... — murmurou, lembrando do que havia acontecido em Tiradentes.

— Você não precisa pedir desculpas, Águia. Você não é um herói. Nunca foi. Você não é obrigado a fazer o certo. Às vezes, simplesmente é impossível fazer o certo.

— Não... não, Gabriel. Às vezes, é melhor morrer tentando fazer o certo do que deixar o errado prosperar. Sinto muito, mas não vou reencontrar você ou a Capela ou minha mãe hoje. — Águia respirou fundo. Sua visão voltou ao normal. Gabriel não estava lá. O tempo voltou ao seu estado normal. E o professor pôde ver o caça atirando em outro prédio, antes de se afastar. André não havia cumprido sua promessa. Não havia nenhum caça impedindo aquele ataque. De repente, uma voz ressoou pela sala destruída.

— Argh... me ajude... — grunhiu o policial.

João foi até ele.

— Vocês têm um helicóptero ou qualquer coisa que voe? Não posso te ajudar, mas posso derrubá-lo.

— Tem um... um helicóptero lá... lá em cima.

— Obrigado.

O professor pegou o chaveiro no pescoço do policial e se dirigiu às escadas mais próximas.

///

Tomás se acomodou em seu assento, enquanto voava na velocidade máxima em direção a São Paulo. Já havia parado para causar caos em pelo menos oito cidades no caminho, e isso já era o suficiente para satisfazer seus impulsos. Mas, ao ver a cidade de Aparecida se aproximando no radar, soube que tinha que parar uma última vez antes do destino final.

///

Ironicamente, as simulações de pilotagem de helicópteros da Capela eram algumas das mais fáceis para Águia. O veículo aéreo balançava para os lados conforme ele se esforçava ao máximo possível para voar em direção ao caça. Outra ironia era ele usar para vencer a batalha justamente um helicóptero da PM, a força que defendia o que sempre combatera. Sintonizou a frequência policial, mas as bases apenas repetiam para as unidades posicionarem a artilharia antiaérea e se dirigirem para a velha Brasília o mais rápido possível. Continuou pilotando, enquanto sentia a perda de sangue e a dor extrema começando a deixá-lo desorientado e tonto. Mas nada físico doeria mais que saber que ele não havia sido capaz de salvar São Paulo. Que mais uma vez ele não havia sido capaz de salvar pessoas.

Então, seu radar detectou algo estranho perto da cidade de Aparecida. Águia ativou as metralhadoras automáticas do helicóptero para que disparassem assim que avistassem o primeiro avião inimigo. Enquanto os dois veículos iam se aproximando, Águia sentia o suor escorrendo pela sua testa junto com finas gotículas de sangue. O ar no horizonte passara de semipoluído para poluído apenas, mas muito mais fumacento que o normal. Havia algo em chamas no local. O professor respirou fundo e seguiu em frente, aproximando-se cada vez mais ao avião inimigo no radar. Logo podia ver prédios em chamas, casas destruídas... E uma enorme e linda basílica, muito mais imponente que qualquer outra coisa na cidade. Exceto pelo fato de que estava desabando coberta de chamas.

Os instintos de professor de história se sentiram ultrajados, e assim que o avião inimigo voou em sua direção, João com as metralhadoras do helicóptero. Mas o caça desviou facilmente dos tiros de Águia e deu um

giro de 180 graus no ar, voltando-se com força e velocidade totais para cima do helicóptero. Os olhos dos dois pilotos se encontraram novamente, desta vez de uma forma mais equilibrada. O tempo desacelerou novamente. Novamente, Águia podia ver tudo que sempre enfrentou, dessa vez com o fardo de destruí-la. Tomás observou o professor, apenas pelos olhos podia ver que o outro não era um soldado descartável seguindo ordens, mas um profundo idealista, que daria sua vida, liberdade e tudo o mais apenas para cumprir um objetivo ou fazer prosperar uma causa. Os dois se encararam pelo que pareceu um longo momento, um longo momento de menos de dez segundos na vida real. Então, o “capitão” apertou o gatilho. Então, as metralhadoras de Águia voltaram a atirar. O tempo voltava a correr normalmente.

Tiros foram trocados sobre o a basílica, e os dois conseguiram atingir um ao outro. Aceleraram, passando a centímetros um do outro. Abaixo deles, milhares de pessoas corriam desesperadas pelas ruas, tentando abandonar a cidade ou pelo menos a área do confronto, de onde literalmente chovia fogo. Águia e Tomás pararam para calcular suas ações nos segundos seguintes, quando ouviram tiros. Uma artilharia antiaérea do BOPE estava se aproximando pela estrada perto da cidade e atirando pelo menos cinco projéteis por segundo. Uma sarivada de fogo cobriu a cidade, o avião e o helicóptero. As aeronaves desviaram e voaram o mais rápido possível para longe, enquanto os disparos atingiam a cidade e a incendiavam. Águia, tinha um veículo muito mais lento que o do seu rival, e, ao ver o caça tentando se distanciar, voltou a disparar loucamente. O avião perdeu velocidade, e uma fumaça preta saiu de uma de suas turbinas.

Tomás usou o controle manual e conseguiu girar 210 graus, apesar de ter pouca experiência de voo. Estava novamente atirando no inimigo. O professor respondeu jogando o helicóptero para o lado, o que fez mais da metade dos tiros errarem o alvo. Águia deu um giro no ar, ativando os dois mísseis rastreadores, seu recurso mais potente para ser usado no pior momento. Os mísseis voaram em altíssima velocidade em direção ao caça, e o impulso do lançamento jogou o helicóptero alguns metros para trás.

Tomás desenhou uma espiral no ar, desviando de um dos projéteis, mas não do outro.

Uma explosão e o caça foi chacoalhado. Tomás atirou de volta, enquanto sentia o fogo se alastrando pelo avião. Ele apertou o botão de emergência, cheio de raiva e sedento por sangue, acionando o comando de ejeção para ele e para a carga química. O caça em chamas perdeu altitude até se chocar contra a torre do relógio da Basílica, que desmoronou em seguida.

O helicóptero também foi atingido, as hélices traseiras se incendiaram e o veículo começou a girar loucamente no ar. Águia respirou fundo para superar a dor de suas feridas, levantou do assento, vestiu um paraquedas, pegou uma submetralhadora, abriu a porta e se saltou. O helicóptero continuou a queda livre até cair e explodir em uma autovia lotada de carros e pessoas que fugiam da cidade. Ele ainda teria tempo para se culpar por aquelas mortes, mas precisava derrotar seu inimigo antes.

Tomás pegou uma pistola que estava presa no seu coldre e apontou para o professor, tentando mirar enquanto o vento o golpeava. O outro pôde ouvir os disparos e ver as balas passando a poucos centímetros de sua pele. Revidou, também atirando. De repente, um estrondo, e a artilharia estava atirando na direção deles. Tomás se aproveitou da oportunidade e atingiu o paraquedas de Águia, que começou a despencar em uma velocidade altíssima. Segurou o ar, para não morrer pela pressão, mirou para cima e atirou. Ao ouvir os gritos de Tomás, entendeu que o havia derrubado também. O suposto capitão dos lobos desatou o cinto e se jogou em direção de João, preparando-se para esfaqueá-lo com uma faca que estava no seu coldre. Os socos fortes do ar doíam, mas João conseguiu perceber os movimentos da lâmina que era cravada nas suas costas e depois em uma de suas pernas.

A traição de Sueca e a vitória de Dan ainda o machucavam profundamente na alma. Ele não podia deixar outro monstro triunfar. Assim que Tomás retirou a faca, o professor se movimentou a fim de pegar a lâmina, acidentalmente cravando a faca na própria mão, mas atingindo o

olho do oponente , que reagiu se afastando. Antes que pudessem fazer outra manobra, os dois caíram sobre um castelo inflável de uma festa infantil abandonada. O forte impacto não os machucou muito, mas destruiu o brinquedo, que estourou e os lançou contra uma parede com um forte jato de ar.

Águia se levantou quase desmaiando e reservou um segundo para analisar os arredores. Parecia um parque, e pelo menos duas árvores estavam derrubadas. Havia várias mesas de plástico com pratos cheios de bolo, garfos e facas. Tudo abandonado às pressas. Não arrancou a faca da mão para não ter uma hemorragia. Tomás também já estava de pé, e carregando uma mesa de plástico. O impacto seria fortíssimo se Águia não tivesse atirado na mão do outro com sua submetralhadora, fazendo-o soltar a mesa. Os dois olharam a chuva de tiros que descia sobre eles e correram desesperadamente pelo local. No meio do parque havia um pequeno lago, onde os dois se jogaram.

Águia e Tomás estavam cara a cara novamente. Estavam cobertos de sujeira, queimaduras e sangue, mas muito determinados. Não desistiriam até atingirem seus objetivos. Alguns segundos depois, não havia mais som de disparos, e os dois nadaram de volta para a superfície. Todo o parque estava em chamas. Águia estava exausto e trêmulo, quase morrendo ali mesmo. Tomás estava fatigado e ferido, porém mais inteiro que seu rival. Os dois respiraram fundo, tentando prever o que o próximo passo do outro. Então, o ex-fotógrafo começou a rir. Em princípio, pareceram sussurros, mas logo evoluíram para risadinhas, risadas e altas e bizarras gargalhadas, incontroláveis. João recuou alguns passos, um pouco assustado.

— Estou tentando te matar faz mais de meia hora e nem sei quem você é, mas você parece um idealista fanático e idiota — disse Tomás, voltando a rir.

— Por que você está fazendo isso tudo? Tem ideia de quantas vidas você arruinou? — perguntou João, encarando o outro.

— Não, estou pouco me fodendo. Você não é a primeira pessoa a perguntar por que eu mato — bufou ele.

— Então, por que você mata?! Qual o sentido disso?!

— Não precisa fazer sentido. Todos nós giramos em torno de uma razão, sempre precisamos de um motivo para algo, um significado, precisamos sempre de um benefício em troca. Mas, o que estou fazendo... não dá nada em troca, não dá razão, não dá significado... Nada. Estou matando apenas porque posso. Pense comigo... Ao longo da história, quantas pessoas se esconderam atrás de ideais e motivações que pareciam justas no contexto, mas eram apenas desculpas para perpetuar atrocidades. Hitler, Stalin, Pol Pot, Átila, Vlad, Nero, Napoleão, Torquemada, Ivan, o Terrível... Eu posso ficar por horas listando nomes e nomes se você quiser. Psicopatas nunca admitem a própria culpa pelo que fazem, eles jogam a culpa nos outros, desde a Bíblia até a sociedade de hoje e o capitalismo, de videogames violentos a mulheres, a culpa nunca é deles. Mas, no final, estou apenas sendo mais sincero que eles. Estou matando porque... só porque eu quero, a culpa é minha. Só porque eu posso.

— E todas as vidas que você destruiu?! Não significam nada pra você?!

— Eu significo algo para elas? Elas dariam suas vidas e liberdade por mim?

— Essas pessoas nem te conhecem! Como você quer que alguém se entregue por algo que elas nem sabem que existe?! Nem todos são altruístas!

— Então, elas também não importam para mim.

— Eu daria minha vida pela sua liberdade e pela sua vida. Por isso estou te impedindo de destruir mais vidas.

Os rivais passaram algum tempo se encarando, até que Águia quebrou o silêncio.

— Já percebeu que você não está com a tal bomba química?

Tomás olhou os arredores desesperadamente, procurando sua arma de destruição em massa. Então, lembrou-se de ter usado um paraquedas para tirá-la avião. Poderia ter caído em qualquer lugar. O assassino começou vasculhar os arredores com o olhar e suar agitadamente, até que ouviu algo se mexendo. Virou-se justo a tempo de ver Águia lhe nocauteando com um fortíssimo golpe. Em seus últimos segundos antes de desmaiar, ergueu a pistola e atirou na barriga do professor, que caiu no chão de grama chamuscada.

A dor era insuportável e agora era provável que Águia tivesse perdido sangue suficiente para ficar anêmico. Ao seu lado, caiu Tomás, com várias queimaduras e feridas pelo corpo. Um pingente de lobo sujo de sangue estava pendurado em seu pescoço. Águia tentou se mexer, então percebeu que só podia mexer sua cabeça e braços. Suas pernas estavam cobertas de feridas, mas ele não sentia a dor. Não sentia nada delas. Lamentou-se, não pelas suas pernas, mas por não ter conseguido fugir do helicóptero antes que caísse em cima das pessoas. Então, tudo ficou escuro, ambos estavam apagados sobre poças do próprio sangue.

Águia havia derrotado seu maior inimigo até então.

///

A porta de proteção explodiu, e, imediatamente depois, talvez centenas ou até milhares de traficantes fortemente armados entraram atirando em todos que viam. Os invasores foram avançando por uma espécie de secretaria, onde vários policiais e soldados do BOPE haviam montado barricadas com mesas e cadeiras e de estavam disparando de volta. Atrás dos traficantes entraram catorze pessoas com máscaras de lobos e roupas de proteção de soldados do BOPE, brandindo armas extremamente poderosas. Jéssica, no meio deles, empunhava um fuzil de assalto. Ao perceber a forte resistência, ela apontou para uma porta escancarada no canto do cômodo:

— Vamos por ali, acho que é mais seguro!

///

O alarme estava tocando, todos corriam para todos os lados. Os soldados empunhavam suas armas e esperavam o pior. Luzes vermelhas de emergência eram acesas por toda a base, o teto tremia constantemente e soltava sedimentos. Os operadores do Delete estavam deletando a todo vapor, quase quebrando os dedos de tanto apertar a tecla. André olhava para os arredores, tenso. Sua escolta pessoal havia sido reforçada, e eles estavam correndo em direção ao quarto de confinamento, uma estrutura reforçada com titânio e com uma porta de cofre. Yago ia atrás deles, dando vários telefonemas com uma mão e empunhando seu revólver com a outra. A frustração e tensão do vice-ditador se refletia em um comportamento raivoso e explosivo.

— E aí?! Cadê o exército, porra?! — gritou.

— Eles estão vindo, mas são poucas tropas, e algumas se deslocaram para combater um caça que estava atacando algumas cidades na costa do

Sudeste... Parece que boa parte de Aparecida, em São Paulo, foi destruída... — ia dizendo o diretor da PI do Sudeste, enquanto tentava ligar para alguém. Chão e teto tremeram fortemente, e as luzes piscaram. Foi possível ouvir uma grande explosão vinda do lado de fora do complexo subterrâneo.

— Yago, caguei pra Aparecida, foca em salvar a minha bunda, pode ser?! — gritou André.

O pequeno grupo estava entrando em uma saída de emergência quando ouviu o teto desabando e os primeiros disparos ecoando no restaurante.

///

A Sra. J. descia as escadas ao lado de alguns lobos e traficantes, enquanto engatilhava um fuzil. Subitamente, um dos seus acompanhantes teve uma convulsão e caiu morto pelas escadas. Era o décimo sexto a morrer assim em apenas cinco minutos. O Delete estava realmente a todo vapor. Seria melhor se apressarem para chegarem à central do sistema antes que todos os seus companheiros estivessem mortos. De repente, uma porta camuflada abriu-se, e um pequeno grupo saiu por ela. Os dois grupos armados se encararam. Ela estava de frente para André, o vice-líder da nação em pessoa. Sem pausas para frases de efeito ou reflexões, apontou o fuzil e abriu fogo.

André sentiu o tempo desacelerar enquanto era perfurado lentamente por dezenas de balas. A pressão dos disparos o jogou para trás, enquanto seus guarda-costas lentamente reagiam e atiravam de volta. Antes que pudesse perceber, estava caindo pelas escadas, rolando. Quando percebeu o que estava acontecendo, havia se chocado fortemente contra uma porta de ferro. Nenhum de seus ossos ou músculos respondia. Apenas podia olhar para cima e sentir a respiração enfraquecer e sangue, escorrer. Um grupo de soldados se aproximou, junto com Yago, que estava claramente chocado. Não podia ouvir bem, mas conseguia distinguir os sons de tiros, a sirene de emergência, corpos caindo e botas metálicas descendo a escada.

— Você vai ficar bem! Levanta! — Podia ouvir Yago gritando. Sua visão ficou escura, e logo não podia ouvir mais nada. O diretor da PI virou-se para trás a tempo de levar um tiro de Jéssica e apagar.

///

Os invasores derrubaram a porta e entraram na Central do Delete, mas a barulheira das teclas e alarmes de emergência estava tão alta que ninguém os ouviu chegar. Comandando o grupo, Jéssica observou o enorme salão cheio de plataformas e computadores. Estava prestes a dominar o Brasil. Só precisava chegar em um dos computadores e ganharia a guerra. Ela e seus companheiros ergueram suas armas e atiraram. O barulho dos disparos ecoou pelo cômodo. A Sra. J. andou entre os vários computadores, brandido seu fuzil, quando ouviu um alto rugido. Do lance de escadarias pelo qual ela mesma entrara veio um enorme e furioso leão, com uma enorme tatuagem nas costas. “SISTEMA”.

O animal pulou sobre ela com uma fúria descomunal e a atacou brutalmente. Em menos de cinco segundos a líder da invasão apagou. Logo atrás do leão entraram vários robôs e soldados do BOPE fortemente armados, que atiraram e eliminaram todos os invasores em pouquíssimos instantes.

///01/04/2056

O discurso fúnebre do ditador havia terminado. Todas as redes sociais, televisões, rádios e telões foram obrigados a transmiti-lo. Muitos comemoravam a morte do vice-ditador silenciosamente, muitos ignoravam o fato e outros choravam pela morte de outro herói da pátria. A transmissão holográfica exibiu o caixão sendo levado pelo cemitério coberto por uma bandeira do Brasil, escoltado por um grupo de soldados, governadores e pelo ditador em pessoa. De acordo com o próprio líder do país, a morte de André, marcaria o início de uma era ainda mais intolerante com o terrorismo e o crime. Agora, pessoas que fossem apenas potencialmente perigosas ou que tivessem comportamento inadequado, mesmo que não ilegais, poderiam ser deletadas arbitrariamente. Até o final do ano, o Delete ganharia mais trezentos computadores na sua central secreta. Yago, ainda dolorido e com uma cicatriz visível no local em que fora baleado, desligou o televisor holográfico ao ver uma figura encapuzada aparecer na sala carregando uma caixa, como se houvesse se teletransportado.

— Onde tinha caído? — perguntou o policial. O Caçador colocou a caixa no chão e murmurou:

— Em um parque em Aparecida. Você tem oito dias para transferir o resto do pagamento pra minha conta — disse o mercenário, antes de ativar a invisibilidade de seu traje.

— Você ainda não me trouxe a cabeça de Saladin.

— É só olhar o jornal, Yago. É como se matar todos os Ribã fosse meu fardo.

Logo o som da respiração do Caçador havia sumido. Yago sorriu e se aproximou da arma química. A observou detalhadamente, e então ligou novamente a TV. A primeira notícia mostrava que o aquatraficante Saladin Ribã havia sido deletado, segundo informavam fontes da PM. Isso era entediante. Mudou de rádio. As transmissões mostravam vídeos da guerra no Amazonas. A morte de André havia motivado os grã-bolivianos, que viraram o jogo e se aproximaram ainda mais de Manaus.

///05/04/2056

Tomás acordou envolto em uma camisa de força e no meio de uma cela acolchoada. Um de seus olhos estava muito dolorido, e todo o seu corpo ardia de dor.

— Onde estou? — perguntou ele, olhando os arredores.

Nada, ninguém disse nada. Só os colchões responderam, como se estivessem rindo da cara dele. Não havia sequer janelas.

— Onde estou, porra?! — gritou, enfurecido. O chão tinha uma janela. Só agora havia notado. Era muito pequena e cheia de grades. Ele se aproximou, jogando-se perto dela, e observou. Estava no ar. Sobre nuvens. Estava em um avião. Sendo levado para onde? Tomás começou a gargalhar e se debater, furioso por não ter conseguido destruir São Paulo.

///

Águia acordou em uma cela pequena, suja e apertada. Estava sentado no canto dela, e não sentia nem conseguia mexer suas pernas. Seu corpo estava completamente coberto de cicatrizes horríveis e marcas de queimaduras.

Vasculhou os arredores. Uma das paredes tinha uma enorme vidraça blindada, com grades para reforçá-la ainda mais.

— Olá, Sr. Águia — disse uma voz atrás do vidro.

— André? — perguntou João, com a voz fraquejando.

— Pode me chamar de Maxwell. Eu sou o ditador. Seria terrivelmente rude não me apresentar, não?

— O que você quer de mim? — perguntou o professor, simplesmente querendo morrer.

— Quero que saiba que você vai se divertir muito na sala de tortura pelos próximos anos. E, aliás... saiba que sua amiga só falava de você quando tiramos aquele leão de cima dela.

— Como?

— O leão começou o serviço, mas nós ajudamos um pouco. Você não tem ideia do quanto ela pedia por *sua* ajuda... Enfim, ela está na cela vizinha. Vamos ver qual de vocês dois morre primeiro. Aproveite a estadia, professor Águia — a voz do ditador parou de falar, e Águia foi deixado sozinho contemplando o nada.

///

— Ditador? — exclamou o general Antony, entrando no enorme e escuro escritório no topo do Supremo Palácio. Uma estranha e pesada música eletrônica tocava ao fundo. A única luz vinha de uma mesa bem no canto, onde um visor holográfico de computador de última geração iluminava o ditador, que parecia estar analisando um mapa da Amazônia e olhando fichas de políticos e militares ao mesmo tempo.

— Acho que o Yago seria um bom novo vice, mesmo que não tenha as manias idiotas do André... A verdade é que eu já estava cansado da incompetência dele. Yago ou outro seria melhor. Ou talvez até mesmo você seja, Antony. Quem sabe?

O subordinado bateu continência.

— Ditador, eu estava discutindo com o subtenente Ryan, o coronel Pafúncio e o major Seabra, e chegamos à conclusão que vir conversar com você seria inevitável. Como vossa Excelência sabe, o exército bolivariano ganhou moral com a morte de André. Há exatos treze meses nós havíamos retomado metade de Rio Branco, a Normandia, na província de Roraima, e o norte do Amapá. Há seis meses, lutávamos na fronteira de Roraima, do Acre e no sul do Amapá. Hoje, as tropas colombianas, peruanas e venezuelanas estão dominando quase todo o norte do estado, enquanto os bolivianos estão há menos de trinta quilômetros de Manaus. Só temos cinco cidades resistindo no Amapá e duas divisões colombianas desembarcaram em Marajó. Maxwell, estamos perdendo. As nossas tropas estão desmoralizadas pelos ataques terroristas dos lobos, a morte do André, o sambódromo, Tiradentes, a Capela, o Barra3, o Neocangaço... Eles precisam de motivação para lutar, e não há como nós termos motivação quando os bolivarianos estão mais fortes do que nunca.

O ditador respirou fundo e refletiu por alguns instantes.

— Tenho duas coisas que podem motivá-los bastante. Te contaram o que houve com os lobos?

— O BOPE e a PM de elite trucidou eles, estou por dentro.

— Não fomos só nós. Duas pessoas ajudaram. Um é Tomás Foradine. — O líder exibiu uma foto do homem e um raio X de um cérebro em 3D na tela holográfica. — Ex-fotógrafo, tirou fotos de Tiradentes, era pra ter sido deletado, mas de alguma forma falhamos em eliminá-lo. Então, parece que sumiu e reapareceu um tempo depois, literalmente como o líder

dos lobos. Encontramos ele desmaiado no meio de um bosque completamente queimado em Aparecida e o prendemos. Depois, quando o BOPE do Nordeste invadiu a espelunca deles na Chapada Diamantina, encontraram um monte de cabeças decapitadas e corpos. Eu vi o vídeo holográfico, foi... foi nojento. Então, verificamos as câmeras de segurança do lugar, havia várias instaladas. O mesmo cara de Aparecida matou todos, um por um com uma faca, soníferos, um martelo e uma pistola silenciada. E, no final, ele pegava um caça e decolava, o mesmo caça que atacou vários prédios no Rio, Aparecida e mais dezesseis cidades por todo o Sudeste, matando pelo menos 7 mil pessoas. Esse cara ia envenenar São Paulo inteira com um gás se não tivesse caído em Aparecida. Por isso, buscamos mais informações sobre ele e os lobos. A base principal ficava no mar, era um navio gigante, onde escravizavam centenas, talvez milhares de pessoas.

— O almirante Sérgio me falou que tinha ouvido lendas sobre um navio africano grande e cheio de escravos, mas não achei que fosse de verdade.

O ditador exibiu fotos dos destroços naufragados do Clemente na tela holográfica, ao lado do raio X do cérebro.

— Sim, pois é. Tomás Foradine, sozinho, deu um jeito mirabolante e afundou o navio. E havia pelo menos 3 mil pessoas lá, em um ambiente com câmeras e guardas. Ele pode ser só um fotógrafo, mas parece que tem um dom de devastação gigantesco. Mandei uma equipe da divisão dos submarinos verificar, eles conseguiram encontrar um megacomputador ainda em funcionamento no que parecia ser uma pequena sala de controle, chamada de “Receiver’s Control Room”, sala de controle do receptor, Recrutador, sei lá. Enfim, olhamos o computador, e havia vídeos de como ele se escondeu, matando várias pessoas, até conseguir pegar armas e armaduras avançadas e matar todo mundo. Sério, é impressionante. Mandei fazer um exame lá na central da PM de Aparecida, e parece que as regiões do cérebro dele relacionadas a empatia, autocontrole, medo e até mesmo a sentir dor estão muito, muito danificadas. Estamos falando de um cara que mata sem motivo nenhum, consegue roubar identidades e não sente dor.

— Um autêntico sociopata.

— Também, mas, principalmente uma oportunidade de vitória sem precedentes para o exército. Imagine o estrago que esse cara faria se fosse

lutar no território inimigo. Sozinho por aqui ele matou pelo menos 10 mil.

— Ele vai virar militar? Não quero combater ao lado de um doido desses.

— Não, ele vai literalmente pro território inimigo. Um avião o está levando para Bogotá neste exato momento. Vamos jogá-lo lá e então assistir o circo pegar fogo. Talvez os colombianos tenham que voltar para combatê-lo.

— Não duvido. Não seria a primeira vez que uma nação inteira coloca polícia e exército para perseguir um só homem. Pablo Escobar fez isso em 1980 e 1990.

— Pablo até que é bem parecido com esse cara, mas não matava seus próprios parceiros se eles fossem leais.

— E a outra pessoa?

— O outro? — O ditador exibiu a câmera de segurança do professor Águia, que estava ao lado de um pequeno buraco na parede que lhe permitia tentar falar com Jéssica.

— Quem é esse? — perguntou Antony.

— O professor de história terrorista do Barra3, Roquefort e Tiradentes, de rosto novo. Ele faria qualquer coisa por ela. Vai ser fácil convencê-lo a nos ajudar. E, de quebra, teremos um supersoldado e um cobaia para testarmos as sinapses artificiais desenvolvidas no Inferno, quem sabe se além de andar ele não fica mais rápido.

— Parecem duas ótimas ideias.

— E são. Veja, nós deletamos todos os inimigos internos e logo deletaremos os externos. Quem ficará no meu caminho depois disso? Nosso leão está indo em direção a um futuro glorioso, general.

///06/04/2056

Águia acordou com uma batida na porta da sua cela. Era o ditador em pessoa.

— Ainda nem amanheceu, a tortura diária é só de tarde...

— Vim te fazer uma proposta irrecusável.

Table of Contents

1.

[DELETE](#)

2.

[///29/05/2053](#)

3.

[///27/12/2053](#)

4.

[///20/01/2054](#)

5.

[///11/03/2054](#)

6.

[///12/03/2054](#)

7.

[///18/03/2054](#)

8.

[///21/03/2054](#)

9.

[///23/03/2054](#)

10.

[///04/04/2054](#)

11.

[///29/05/2054](#)

12.

[///13/07/2054](#)

13.

[///15/07/2054](#)

14.

[///21/07/2054](#)

15.

[///15/07/2054](#)

16.

[///18/07/2054](#)

17.

[///25/07/2054](#)

18.

[///01/08/2054](#)

19.

[///03/08/2054](#)

20.

[///05/08/2054](#)

21.

[///06/08/2054](#)

22.

[///11/08/2054](#)

23.

[///12/08/2054](#)

24.

[///13/08/2054](#)

25.

[///18/08/2054](#)

26.

[///20/08/2054](#)

27.

[///21/08/2054](#)

28.

[///29/08/2054](#)

29.

[///02/09/2054](#)

30.

[///06/09/2054](#)

31.

[///07/09/2054](#)

32.

[///10/09/2054](#)

33.

[///02/09/2054](#)

34.

[///10/09/2054](#)

35.

[///11/09/2054](#)

36.

[///11/09/2054](#)

37.

[///10/08/2049](#)

38.

[///22/09/2054](#)

39.

[///23/09/2054](#)

40.

[///24/09/2054](#)

41.

[///23/09/2054](#)

42.

[///24/09/2054](#)

43.

[///01/10/2054](#)

44.

[///04/10/2054](#)

45.

[///12/10/2054](#)

46.

[///11/10/2054](#)

47.

[///12/10/2054](#)

48.

[///14/10/2054](#)

49.

[///17/10/2054](#)

50.

[///19/10/2054](#)

51.

[///22/10/2054](#)

52.

[///23/10/2054](#)

53.

[///24/10/2054](#)

54.

[///26/10/2054](#)

55.

[///29/10/2054](#)

56.

[///30/10/2054](#)

57.

[///02/11/2054](#)

58.

[///04/11/2054](#)

59.

[///06/11/2054](#)

60.

[///08/11/2054](#)

61.

[///09/04/2048](#)

62.

[///10/04/2048](#)

63.

[///27/10/2054](#)

64.

[///28/10/2054](#)

65.

[///01/11/2054](#)

66.

[///04/11/2054](#)

67.

[///07/11/2054](#)

68.

[///02/11/2054](#)

69.

[///29/10/2054](#)

70.

[///05/11/2054](#)

71.

[///10/11/2054](#)

72.

[///12/11/2054](#)

73.

[///08/11/2054](#)

74.

[///11/11/2054](#)

75.

[///14/11/2054](#)

76.

[///16/11/2054](#)

77.

[///17/11/2054](#)

78.

[///13/07/2049](#)

79.

[///20/11/2054](#)

80.

[///21/11/2054](#)

81.

[///23/11/2054](#)

82.

[///25/11/2054](#)

83.

[///22/11/2054](#)

84.

[///23/11/2054](#)

85.

[///25/11/2054](#)

86.

[///26/11/2054](#)

87.

[///05/09/2054](#)

88.

[///26/11/2054](#)

89.

[///27/11/2054](#)

90.

[///28/11/2054](#)

91.

[///29/11/2054](#)

92.

[///30/11/2054](#)

93.

[///01/12/2054](#)

94.

[///28/11/2054](#)

95.

[///30/11/2054](#)

96.

[///01/12/2054](#)

97.

[///03/12/2054](#)

98.

[///04/12/2054](#)

99.

[///05/12/2054](#)

100.

[///16/07/2036](#)

101.

[///13/11/2037](#)

102.

[///06/12/2054](#)

103.

[///17/12/2054](#)

104.

[///01/12/2054](#)

105.

[///06/12/2054](#)

106.

[///09/12/2054](#)

107.

[///10/12/2054](#)

108.

[///13/12/2054](#)

109.

[///15/12/2054](#)

110.

[///13/12/2054](#)

111.

[///14/12/2054](#)

112.

[///05/09/2054](#)

113.

[///14/12/2054](#)

114.

[///24/12/2054](#)

115.

[///22/12/2054](#)

116.

[///24/12/2054](#)

117.

[///25/12/2054](#)

118.

[///26/12/2054](#)

119.

[///25/12/2054](#)

120.

[///27/12/2054](#)

121.

[///14/02/2055](#)

122.

[///02/05/2055](#)

123.

[///30/06/2055](#)

124.

[///20/09/2055](#)

125.

[///13/10/2055](#)

126.

[///17/11/2055](#)

127.

[///20/11/2055](#)

128.

[///25/12/2055](#)

129.

[///12/01/2056](#)

130.

[///14/01/2056](#)

131.

[///03/02/2056](#)

132.

[///15/02/2056](#)

133.

[///29/05/2053](#)

134.

[///12/01/2053](#)

135.

[///16/02/2056](#)

136.

[///20/02/2056](#)

137.

[///17/02/2056](#)

138.

[///21/02/2056](#)

139.

[///19/02/2056](#)

140.

[///24/02/2056](#)

141.

[///25/02/2056](#)

142.

[///24/02/2056](#)

143.

[///25/02/2056](#)

144.

[///27/02/2056](#)

145.

[///01/03/2056](#)

146.

[///03/03/2056](#)

147.

[///13/03/2056](#)

148.

[///15/03/2056](#)

149.

[///05/03/2056](#)

150.

[///08/03/2056](#)

151.

[///09/03/2056](#)

152.

[///11/03/2056](#)

153.

[///21/03/2056](#)

154.

[///11/03/2056](#)

155.

[///26/03/2056](#)

156.

[///11/03/2056](#)

157.

[///12/03/2056](#)

158.

[///13/03/2056](#)

159.

[///14/03/2056](#)

160.

[///15/03/2056](#)

161.

[///14/03/2056](#)

162.

[///27/03/2056](#)

163.

[///28/03/2056](#)

164.

[///29/03/2056](#)

165.

[///30/03/2056](#)

166.

[///05/04/2056](#)

167.

[///06/04/2056](#)

Index